THE TIKTOK SENSATION



LIZ TOMFORDE

AVISO

A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

SINOPSE

Kai

Sou pai solteiro e arremessador titular da equipe de Chicago na MLB.

Não tenho opção, mas não quero ajuda para criar meu filho.

Cada uma das babás anteriores durou apenas algumas semanas antes que eu as dispensasse.

Agora, meu treinador está se esforçando para contratar a única pessoa que não posso demitir – sua filha.

Miller Montgomery é a última mulher por quem eu deveria me apaixonar. Muito selvagem, muito jovem e muito desapegada.

Chicago é apenas uma parada rápida para ela. Pensei que estaria contando os dias até ela partir, mas o verão parece curto demais quando começo a pensar em para sempre.

Miller

Como chef de confeitaria de alto nível, e recentemente ganhando o prêmio de maior prestígio do meu setor, estou desesperada para provar que o mereço. Mas com o novo título vem uma nova pressão, e não consigo criar uma sobremesa nova e inspiradora para salvar minha vida.

Com apenas dois meses para voltar aos trilhos, eu deveria estar me concentrando na cozinha, mas, em vez disso, deixei que meu pai me convencesse a usar meu tempo livre para ser babá do filho de seu craque.

Kai Rhodes se esqueceu de como se divertir, e estou ansiosa para refrescar sua memória. Mas quando ele e seu filho começam a me fazer sentir em casa, tenho de lembrar a ambos que minha estadia em Chicago termina com o verão.

Além disso, sempre fui de fugir, e a última coisa que quero é ser pega.

PLAYLIST

Caught Up – USHER 3:44

Wild – Carter Faith 3:36

Juice – iyla 3:27

Save Me The Trouble – Dan + Shay 3:20

3:15 (Breathe) – Russ 3:03

Wild as Her – Corey Kent 3:18

Lil Boo Thang – Paul Russell 1:53

Lovely – Arin Ray 2:57

Best Shot (Acoustic) – Jimmie Allen 3:12

Miss Shiney – Kaiit 3:11

Stay Down – Brent Faiyaz 3:26

Come Over (Cover) – JVCK JAMES 2:21

Grateful – Mahalia 3:05

I Just Want You – JAEL feat. Alex Isley 4:00

Snooze – SZA 3:21

If You Let Me – Sinéad Harnett feat. GRADES 3:51

Until The End Of Time – JVCK JAMES /

Justin Timberlake 5:22

BRB – Mahalia feat. Pink Sweat$ 3:37

My Boy (My Girl Version) – Elvie Shane 3:25

So Gone – Vedo 3:01

CAPÍTULO 1

Kai

— Você só pode estar brincando comigo, Ace. — Monty deixa o relatório de avaliação em sua mesa no quarto do hotel. — Você o demitiu em um dia de jogo? Que diabos está planejando fazer com o Max esta noite? É sua noite em campo.

Fiz questão de trazer meu filho para essa reunião, em parte porque não tinha mais ninguém para tomar conta dele e em parte porque sabia que Monty ficaria furioso por eu ter demitido outra babá, mas ficaria menos furioso com o sorriso rechonchudo de Max olhando para ele.

— Não sei. Vou dar um jeito.

— Nós já *tínhamos* uma solução. Não havia nada de errado com o Troy.

Como se não houvesse nada de errado com Troy. Depois do meu treino matinal com o médico da equipe e a equipe de treinamento, relaxando meus ombros para o início desta noite, voltei para o meu quarto e encontrei meu filho com uma fralda que já devia ter sido trocada há horas. Acrescente isso às semanas que ele passou como *fanboy* dos meus companheiros de equipe, em vez de se concentrar em seu trabalho, e pronto.

— Não era a opção certa — é tudo o que digo em resposta.

Ele exala um suspiro longo e derrotado e Max ri da frustração do meu gerente de campo.

Monty olha para ele do outro lado da mesa, inclinando-se. — Você acha isso engraçado, garoto? Seu pai está me deixando grisalho.

— Acho que é só você, meu velho.

Meu filho de quinze meses sorri para meu treinador enquanto está sentado em meu colo, cheio de gengivas e dentes de leite. Monty deixa de agir como um cara durão como eu sabia que ele faria, porque Max é o ponto fraco dele. Ele é o ponto fraco de toda a equipe, mas especialmente do homem sentado do outro lado da mesa neste quarto de hotel.

Emmett Montgomery, ou Monty, como o chamamos, não é apenas o gerente de campo do *Windy City Warriors,* time da MLB de Chicago, mas também é pai solteiro. Ele nunca me contou os detalhes de como sua família surgiu, mas eu ficaria chocado se a situação dele fosse tão absurda quanto a minha. Isto é, a menos que ele também tenha deixado uma ex-namorada atravessar o país, quase um ano desde a última vez que a viu, apenas para soltar a bomba sobre ser pai e ela não querer nenhum envolvimento, antes de deixá-lo como pai solteiro de um bebê de seis meses.

Tento não tirar vantagem de Monty, sabendo que ele e toda a organização se esforçaram para fazer com que minha nova situação familiar funcionasse, mas quando se trata do meu filho, eu me recuso a fazer concessões sobre quem cuida dele enquanto estou trabalhando.

— Vou falar com Sanderson — ofereço, referindo-me a um dos treinadores da equipe. — Ele ficará na sala de treinamento a noite toda. Posso deixar Max lá. Contanto que ninguém se machuque, a sala ficará silenciosa. Ele pode dormir.

Monty esfrega o polegar e o indicador nas sobrancelhas. — Kai, estou tentando aqui. Estou fazendo tudo que posso por você, mas isso não vai funcionar a menos que você tenha alguém para cuidar do bebê em que todos possamos confiar.

Monty só usa meu primeiro nome quando quer que eu leve suas palavras a sério. Caso contrário, ele e toda a equipe me chamam pelo apelido: *Ace*.

Mas *levei* suas palavras a sério. São as mesmas que ele tem pregado para mim nos últimos três meses, desde o início da temporada. Já passei por cinco

babás. E a razão para isso é porque, bem... não tenho certeza se *quero* fazer isso funcionar.

Não tenho certeza se quero mais jogar beisebol.

A única coisa que tenho certeza é que quero ser o melhor pai possível para Max. Neste momento de minha vida, aos trinta e dois anos e depois de dez anos na liga principal, nada mais me importa.

Um jogo que eu adorava, que considerava como minha existência inteira, agora vejo como um tempo longe de minha família.

— Eu sei, Monty. Vou resolver isso quando voltarmos para Chicago. Prometo.

Ele exala outro suspiro derrotado. — Se o seu irmão também não estivesse na minha lista, você seria o maior pé no meu saco, Ace.

Eu reviro meus lábios, tentando não sorrir. — Estou ciente.

— E eu trocaria você se não fosse tão talentoso.

Não posso deixar de rir dessa, porque ele está falando besteira. Sou um dos melhores arremessadores da liga, sim, mas independentemente do meu talento, Monty me adora.

— E se você não gostasse tanto de mim — acrescento por ele.

— Saia daqui e vá falar com Sanderson sobre cuidar de Max esta noite. — Levanto-me da cadeira, colocando meu filho no meu quadril antes de me virar para sair do quarto de hotel. — E Max — Monty chama meu filho, que não consegue responder a ele. — Pare de ser tão fofo o tempo todo para que eu possa gritar com seu pai de vez em quando.

Reviro os olhos, aproximando-me para falar com meu filho. — Dê adeus para Monty e diga que ele está ficando mal-humorado e meio feio com a idade.

— Eu tenho quarenta e cinco anos, seu idiota, e você provavelmente não terá

essa aparência daqui a treze anos.

Max ri e acena para meu treinador, sem ter ideia do que estamos falando, mas ele ama Monty tanto quanto Monty o ama.

— Oi! — Max grita do outro lado da sala.

Perto o suficiente.

— Oi, cara. — Monty ri. — Vejo você mais tarde, ok?

Nunca pensei que seria tão próximo de um técnico como sou de Monty. Antes da última temporada, eu estava jogando pelo Seattle Saints, o time para o qual fui convocado e no qual passei os primeiros oito anos da minha carreira. Eu respeitava a equipe de lá e gostava bastante do gerente de campo, mas nosso relacionamento era apenas profissional.

Então, na última temporada, minha agência independente me levou a Chicago, unicamente porque meu irmão mais novo está no time – é titular do Warriors, e eu sentia falta de jogar com ele. Quando conheci Monty, gostei dele imediatamente, mas nossa relação de trabalho se tornou mais familiar quando Max entrou em minha vida no último outono. Não tenho palavras para agradecê-lo pelo que ele fez por mim. Foi por causa dele, por entender o tipo de sacrifício que é necessário para ser um pai solteiro, que essa situação deu certo.

Ele disse aos executivos da equipe que meu filho viajaria comigo nesta temporada e que não aceitaria um não como resposta. Sabendo que se ele fosse negado, eu estaria me aposentando mais cedo. Eu me recuso a ficar sem meu filho durante metade do ano, quando sua própria mãe o abandonou aos seis meses de idade. Ele precisa de alguém constante e estável em sua vida, e não permitirei que algo tão trivial como um jogo seja o motivo pelo qual meu filho não tenha isso.

Eu provavelmente deveria parar de demitir todos que contratamos para poder tornar a vida de Monty um pouco mais fácil, mas isso é uma conversa diferente.

Meu irmão, Isaiah, corre pelo corredor e entra no elevador logo atrás de nós. Seu cabelo castanho claro e desgrenhado ainda tem o formato que a cama em que ele dormiu lhe deu. Estou acordado há horas, entre acordar com Max e fazer meu treino matinal, mas aposto um bom dinheiro que ele acabou de sair da cama.

E aposto a minha vida que ainda há uma mulher nua nela.

— Ei, cara — ele diz. — Oi, Maxie — acrescenta ele, dando um sopro na bochecha do meu filho. — Aonde é que vocês vão?

— Tenho que implorar a Sanderson para cuidar dele esta noite durante o jogo.

Isaiah não diz nada, simplesmente espera que eu explique.

— Eu demiti Troy.

Ele ri. — Meu Deus, Malakai. Deixe um pouco mais aparente que você não quer que esse acordo funcione.

— Troy era um merdinha e você sabe disso.

Isaiah encolhe os ombros. — Quero dizer, eu prefiro que suas babás tenham peitos e uma forte vontade de dormir comigo, mas, além disso, ele não era terrível.

— Você é um idiota.

— Max... — Isaiah se volta para meu filho. — Você não quer uma tia? Diga ao seu pai que sua próxima babá precisa ser uma mulher, solteira, entre vinte e trinta anos. Bônus se ela ficar linda com a minha camisa.

Max sorri.

— Que não se importe de ser mãe de um homem de trinta anos — acrescento. — Não se importe com um apartamento nojento. Que saiba cozinhar e limpar, já que você é literalmente um homem-criança e se recusa a fazer isso.

— *Mmm*, sim, ela parece perfeita. Fique de olho em alguém exatamente como... — As portas do elevador se abrem. — ... *ela*.

A atenção do meu irmão está voltada para frente quando chegamos ao saguão.

— Merda, perdi o andar do Sanderson. Droga — eu corrijo. — Não diga *merda*, Max.

Meu filho está distraído demais para me ouvir xingar enquanto mastiga os dedos e observa o tio. Esse tio permanece parado no meio do elevador, atônito.

— Isaiah, você vai sair ou não?

Uma mulher entra no elevador, ficando entre mim e ele, o que torna seu súbito estado de choque um pouco mais óbvio. Garotas bonitas tendem a deixá-lo estúpido.

E essa é realmente bonita.

Os cabelos cor de chocolate escuro caem sobre a pele bronzeada, coberta por uma intrincada tatuagem preta. E há muita pele. Ela está usando uma regata ou sutiã por baixo de um macacão cortado, com coxas grossas saindo pela bainha desfiada. Essas coxas não têm o mesmo trabalho artístico que cobre seu braço e ombro.

— Oi — Isaiah finalmente fala, todo atordoado e distraído.

Ao chegar atrás dela, dou uma leve palmada em sua nuca, porque a última coisa que ele precisa é de outra mulher em outra cidade para mantê-lo ocupado. Eu vivi a vida que ele está vivendo atualmente e agora tenho um bebê de quinze meses no meu quadril para provar isso. Preciso da responsabilidade adicional de meu irmão mais novo seguindo meus passos como preciso de um tratamento de canal para me divertir.

— Saia do elevador, Isaiah.

Ele balança a cabeça, acenando e andando de costas para o saguão. — Tchau

— ele diz com corações nos olhos, e não para mim ou para meu filho.

A mulher no elevador simplesmente levanta uma de suas duas Coronas em despedida.

— Andar? — ela pergunta, com voz rouca e profunda, antes de lubrificar a garganta com um gole de cerveja. Ela passa por mim, pressionando o andar de onde acabei de sair, antes de olhar para trás, por cima do ombro, para ver minha resposta.

Seus olhos são verde-jade e profundamente brilhantes, uma minúscula argola de septo de ouro brilha logo abaixo da ponta de seu nariz, e agora entendo por que meu irmão se transformou em um adolescente atordoado, porque de repente eu também estou.

— Devo apenas adivinhar? Posso pressionar todos, se você quiser, e poderemos fazer uma longa e agradável viagem de elevador juntos.

Max estende a mão para ela, finalmente me trazendo de volta à realidade, como se eu nunca tivesse visto uma mulher bonita antes.

Torço o quadril para evitar que ele enrosque os dedinhos no cabelo dela de um jeito que parece muito divertido agora, mas essa mulher não está apenas bebendo uma cerveja às 9h de uma quinta-feira, ela está bebendo duas.

Limpo a garganta e pressiono o andar de Sanderson.

A *Srta. Double Fisting on a Weekday*[1] joga o cabelo por cima do ombro enquanto retoma seu lugar no elevador ao meu lado. Independentemente de suas bebidas matinais preferidas, ela não cheira a álcool. Ela cheira a bolo e, de repente, fiquei com vontade de comer doce.

Em minha periferia, eu a vejo olhando para Max com um pequeno sorriso.

— Você tem um filho fofo.

Você tem tudo fofo, é o que quero dizer em resposta.

Mas não faço isso porque, desde o outono passado, esse não sou mais eu. Não tenho mais o luxo de flertar com todas as mulheres bonitas que encontro na rua. Não tenho a chance de beber uma cerveja às 9h, não posso levar uma mulher aleatória de volta ao meu quarto de hotel sem trocar nomes, com a intenção de nunca mais vê-la, porque os quartos do hotel estão cheios de berços, cadeiras de alimentação infantil e brinquedos.

Eu especialmente não preciso lançar declarações de flerte para *esse* tipo de mulher. Não é preciso ser um leitor de mentes para saber que ela é selvagem.

— Ele fala? — ela pergunta.

— Ele?

Ela ri sozinha. — Eu estava me referindo a você. Então, você simplesmente tem o hábito de ignorar as pessoas que falam com você?

— Oh, não. — Max vai agarrá-la novamente e eu me afasto ainda mais para impedi-lo de agarrar uma estranha. — Desculpe. Obrigado.

Meu filho passa seu corpo pela minha cintura, continuando a esticar seus dedos gordinhos em direção a ela, tentando pegá-la ou a uma de suas cervejas, não tenho certeza.

A mulher ri para si mesma novamente. — Talvez ele saiba que você precisa de uma dessas.

Ela me oferece sua segunda Corona.

— São 9 da manhã

— E?

— E é quinta-feira.

— Também somos julgadores, pelo que vejo.

— Responsável — eu corrijo.

— Jesus — ela ri. — Você precisa de algo mais forte que uma Corona.

O que preciso é que este elevador se mova um pouco mais rápido, mas ela pode estar no caminho certo. Eu preciso de uma cerveja. Ou dez. Ou algumas horas rolando com uma mulher nua. Não me lembro da última vez que fiz isso. Com certeza isso não aconteceu desde que Max entrou na minha vida, e isso foi há nove meses.

— Papai. — Max aperta minhas bochechas antes de apontar para a mulher novamente.

— Eu sei, amigo.

Eu não sei merda nenhuma.

Tudo o que sei é que meu filho não para de tentar se livrar do meu corpo para chegar até ela. O que é estranho, porque em geral Max não gosta de estranhos e, mais ainda, não se sente muito confortável com mulheres.

A culpa é do fato de quem o deu à luz o ter deixado para ser criado por um pai solteiro, um tio imprudente e um time de jogadores de beisebol desordeiros. A única presença de uma mulher próxima é a noiva do meu amigo, mesmo assim, ele levou um minuto para ser afetuoso com ela.

Mas por alguma razão, ele está interessado nessa.

— Vamos, Max — eu exalo, reajustando-o. — Você tem que parar de se contorcer.

— Eu sei que é estranho oferecer, mas posso segurá-lo se você quiser-

— Não — eu respondo.

— Nossa.

— Quero dizer, não, obrigado. Ele não se dá bem com mulheres.

— Pergunto-me de onde ele tirou isso.

Lanço a ela um olhar aguçado, mas ela apenas levanta os ombros e toma outro gole.

Max ri novamente. Literalmente do nada. Esse garoto está estranhamente interessado nela, e essa viagem de elevador está demorando demais.

— Você herdou o sorriso da sua mãe? — ela pergunta a ele, inclinando a cabeça e admirando-o. — Porque não acho que seu pai saiba fazer isso.

— Engraçada.

— Vou fingir que não foi sarcástico e que você realmente tem senso de humor.

— Ele não tem mãe.

O espaço fica estranhamente silencioso, como normalmente acontece quando digo essas quatro palavras. A maioria das pessoas fica preocupada por ter ultrapassado os limites porque a mãe dele faleceu tragicamente, não porque ela não me disse que estava grávida e apareceu seis meses após o parto para virar meu mundo de cabeça para baixo antes de partir.

Seu tom provocador muda imediatamente. — Oh, Deus, eu sinto muito. Eu não quis dizer...

— Ela está viva. Ela simplesmente não está por perto.

Posso ver fisicamente o alívio tomar conta dela. — Oh, bem, isso é bom. Quero dizer, isso não é *bom.* Ou talvez seja bom? Quem sou eu para dizer? Inferno, esse elevador está demorando uma eternidade. — Ela bate a palma da mão na boca, os olhos indo para Max. — Quero dizer, meu Deus, droga.

Isso finalmente me faz rir, um pequeno sorriso deslizando pelos meus lábios.

Ela suaviza um pouco. — Ele *sorri.*

— Ele sorri muito mais quando não está sendo repreendido por uma estranha em um elevador enquanto ela toma cerveja logo depois de acordar.

— Talvez ela não tenha dormido. — Outro estalo casual de seus ombros.

Querido Deus.

— Talvez eles devessem parar de falar de si mesmos na terceira pessoa, como dois idiotas pretensiosos.

O elevador finalmente abre no andar que ela precisa.

— Talvez ele devesse relaxar de vez em quando. Ele tem um garoto fofo e um sorriso ainda mais fofo quando mostra isso. — Ela levanta sua Corona para mim antes de beber o resto e sair do elevador. — Obrigada pela carona, Querido Daddy. Foi... interessante.

Isso foi.

CAPÍTULO 2

Miller

Eu adoro manteiga. Imagine ser a pessoa que criou o maior presente de Deus para a humanidade. Eu poderia beijá-los por sua descoberta. Com pão? Perfeição. Derretida em uma batata assada? O céu. Ou meu favorito, assada em meus famosos biscoitos de chocolate.

Agora, você pode estar pensando que é um biscoito de chocolate, são todos iguais. Errado. Completamente errado. Posso ser conhecida em todo o país por minha capacidade de melhorar o desempenho do programa de sobremesas de um restaurante que busca uma estrela Michelin, mas gostaria que um desses restaurantes sofisticados dissesse *'que se dane'* e me deixasse fazer um maldito biscoito de chocolate para o cardápio deles.

Eles venderiam tudo. Todas as noites.

Mas mesmo que me deixassem inventar um clássico como esse, a receita é minha. Vou emprestar minha criatividade e minhas dicas e técnicas. Inferno, vou até criar um menu completo de sobremesas frescas e inspiradoras para um restaurante que tem uma lista de espera de um ano por uma mesa. Mas as receitas clássicas, aquelas que aprimorei nos últimos quinze anos, aquelas que fazem seu corpo derreter em um suspiro assim que o açúcar toca sua língua, lembrando você de casa, essas são minhas.

De qualquer maneira, ninguém está pedindo essas receitas. Não é por elas que sou conhecida.

Mas tenho quase certeza de que a única coisa pela qual serei conhecida é o colapso mental que estou prestes a ter no meio desta cozinha de Miami,

simplesmente porque nas últimas três semanas não consegui para criar uma única sobremesa nova.

— Montgomery — grita um dos cozinheiros de linha. Ele, por algum motivo, não sente necessidade de me chamar pelo título, então não me preocupei em saber o nome dele. — Você vai sair conosco depois do nosso turno hoje à noite?

Não o honro com contato visual enquanto limpo minha estação de trabalho e rezo para que o suflê no forno passe sem afundar. — Vou presumir que você esqueceu que meu título é Chef — digo por cima do ombro.

— Docinho. Você acabou de fazer bolos. Não estou chamando você de Chef.

Como se um disco fosse arranhado, toda a cozinha fica em silêncio, cada cozinheiro congelando com suas ferramentas nas mãos.

Já faz um tempo que sou desrespeitada na minha profissão. Sou jovem e, aos vinte e cinco anos, não é fácil estar numa cozinha cheia de adultos, normalmente homens, e dizer-lhes o que estão fazendo de errado. Mas nos últimos anos, conquistei uma reputação que exige respeito.

Há três semanas, ganhei o prêmio *James Beard*, a maior honra em meu setor, e desde que fui eleita a melhor chef confeiteira do ano, meus serviços de consultoria foram bem agendados. Agora estou sentada em uma lista de três anos de cozinhas nas quais passarei uma temporada, incluindo esta temporada em Miami, corrigindo seus programas de sobremesas e dando-lhes a chance de ganhar uma estrela Michelin.

Então sim, ganhei o título de Chef.

— Você vem, Montgomery? — ele começa de novo. — Vou comprar uma cerveja ou algo assim com um guarda-chuva que você provavelmente vai gostar. Algo doce e rosa.

Como esse cara não está percebendo o fato de seus colegas de trabalho

estarem implorando silenciosamente para que ele cale a boca está além da minha compreensão.

— Eu conheço outra coisa doce e rosa que eu não me importaria de provar.

Ele só está tentando me irritar, fazer a única mulher que trabalha na cozinha explodir, mas ele não vale meu tempo. E, felizmente para ele, meu cronômetro emite um sinal sonoro, chamando minha atenção de volta ao meu trabalho.

Ao abrir a porta do forno, sou recebida por um calor abrasador e mais um suflê afundado.

O Prêmio *James Beard* é apenas um pedaço de papel, mas, de alguma forma, o peso dele me oprimiu. Eu deveria estar grata e orgulhosa por ter ganhado um prêmio pelo qual a maioria dos chefs luta a vida inteira, mas a única coisa que senti desde que o ganhei foi uma pressão paralisante que fez com que minha mente ficasse vazia, tornando-me incapaz de criar algo novo.

Não contei a ninguém que estou lutando. Estou muito constrangida para admitir isso. Todos os olhares estão voltados para mim mais do que nunca e estou me debatendo. Mas não haverá como me esconder daqui a dois meses, quando eu aparecer na capa da edição de outono da revista *Food & Wine*, e tenho certeza de que a única coisa que o artigo terá a dizer é o quanto os críticos estão tristes por verem mais um novo talento incapaz de atingir seu potencial.

Não posso mais fazer isso. Por mais embaraçoso que seja admitir, não consigo lidar com a pressão no momento. É apenas um pouco de exaustão, uma rotina criativa. Como um bloqueio de escritor para um chef de confeitaria. Isso vai passar, mas com certeza não vai passar enquanto eu estiver trabalhando na cozinha de outra pessoa com a expectativa de ensinar meu ofício a outros.

De costas para a equipe, para que não vejam minha mais nova falha, coloco o ramequim de suflê no balcão e, assim que o faço, uma mão pousa na minha cintura, e todos os pelos do meu pescoço se eriçam em alarme.

— Você ainda tem dois meses aqui, Montgomery, e conheço uma boa maneira de passar o tempo. Uma maneira de fazer com que o pessoal daqui goste de você. — O hálito quente do cozinheiro de linha roça minha nuca.

— Tire sua mão de mim — eu digo friamente.

As pontas dos dedos dele cravam na minha cintura e parecem meu ponto de ruptura. Preciso me afastar deste homem e desta cozinha. Preciso me afastar de *todas* as cozinhas.

— Você deve se sentir solitária, viajando pelo país do jeito que faz. Aposto que em cada cidade que visita, encontra um amigo para mantê-la aquecida naquele seu furgãozinho.

Sua palma desliza pela parte inferior das minhas costas, indo em direção à minha bunda. Eu agarro seu pulso, virando meu corpo e dando uma joelhada nas bolas dele, com força e sem um segundo de hesitação.

Instantaneamente, ele desmaia de dor, um gemido patético escapando dele.

— Eu disse para você *tirar* a porra da sua mão de mim.

A equipe fica em silêncio, deixando os gritos do colega ecoarem nos eletrodomésticos de aço inoxidável enquanto ele permanece curvado. Parte de mim quer fazer algum comentário sobre a pequena presença de seu pênis em meu joelho, mas suas ações deixam claro que ele já está compensando demais.

— Ah, vamos lá — digo, desabotoando meu casaco de chef. — Levante do chão. Você parece patético.

— Curtis. — Jared, o chefe de cozinha, vira o corredor em estado de choque, olhando para seu cozinheiro de linha. — Você está demitido. Levante-se e saia da minha cozinha.

Curtis, como aprendi o nome dele, continua segurando as bolas e rolando no chão.

— Chef Montgomery. — Chef Jared se vira para mim. — Sinto muito pelo

comportamento dele. Isso é completamente inaceitável. Eu prometo a você que esse não é o tipo de atitude que estou adotando aqui.

— Acho que terminei aqui.

Por uma série de razões, *terminei*. O cozinheiro de linha que nunca mais será contratado em um restaurante sofisticado foi simplesmente a palha que quebrou as costas do camelo, mas sei em meus ossos que não ajudarei em nada no menu do Chef Jared neste verão.

E eu com certeza não preciso que os outros saibam que estou lutando. Esta indústria é acirrada, e logo que os críticos descobrirem que uma chef sofisticada, e uma ganhadora do *James Beard*, está se afogando, eles começarão a circular como abutres, gritando meu nome em cada um de seus blogs de culinária, e eu não preciso dessa atenção agora.

O chef Jared se encolhe ligeiramente, o que é estranho. O homem é reverenciado no mundo alimentar e tem o dobro da minha idade. — Eu entendo completamente. Garantirei que você seja paga por todo o contrato, incluindo os próximos dois meses.

— Não. Não precisa fazer isso. — Eu aperto sua mão. — Eu só estou indo.

Curtis ainda está no chão, então ofereço a ele um simples dedo médio enquanto saio, porque sim, sou uma confeiteira premiada que às vezes ainda age como uma criança.

Como se a minha incapacidade de fazer o meu trabalho não fosse suficientemente sufocante, quando saio, a humidade do final de junho me sufoca. Não sei o que estava pensando quando concordei em passar o verão trabalhando em uma cozinha no sul da Flórida.

Pulando rapidamente em minha van parada no estacionamento dos funcionários, ligo o ar-condicionado no máximo. Eu amo essa van. Foi completamente reformada por dentro e por fora, com uma nova camada de tinta

verde escura no exterior e minha pequena cozinha no interior.

Moro aqui enquanto viajo pelo país a trabalho, com o cabelo solto e sem nenhuma preocupação no mundo. Depois, quando chego aos meus destinos, ligo o modo trabalho e passo os meses seguintes com as tatuagens cobertas, sendo chamada de *Chef* durante dez horas do meu dia.

É a estranha justaposição que chamo de minha vida.

E se formos honestos, não foi exatamente o que me vi fazendo. Certa vez, sonhei em ter minha própria padaria, fazendo todos os famosos biscoitos, barras e bolos que fazia para o meu pai na adolescência. Mas tive a sorte de ser retirada da escola para treinar com um dos melhores confeiteiros de Paris, seguido de outro estágio na cidade de Nova York.

Minha carreira decolou a partir daí.

Agora, são tortas pequenas, mousses que a maioria das pessoas não consegue pronunciar e sorbets que todos nós gostamos de fingir que são mais gostosos do que sorvete. E, embora haja partes do mundo da alta gastronomia que pareçam pretensiosas e ridículas, agradeço por ter sido esse o caminho que a vida me levou.

Minha carreira é impressionante. Eu sei disso. Trabalhei horas a fio para ser notável, para atingir essas metas quase inatingíveis. Mas agora que já alcancei a maioria delas, estou flutuando sem direção, procurando a próxima meta para perseguir.

E é exatamente isso que minha mente caótica tem me lembrado nas últimas três semanas. Ou eu mantenho o sucesso ou passo rapidamente pela porta sempre giratória que nomeia o mais novo e mais badalado chef do ramo.

Com a mente em turbulência, entro na rodovia em direção ao hotel do meu pai assim que minha agente liga.

Atendo pelo Bluetooth. — Olá, Violet.

— O que diabos aquele idiota fez para que você, dentre todas as pessoas, desistisse de um trabalho antes da hora? O chef Jared me ligou para pedir desculpas e tentou encaminhar três meses de salário para você.

— Não aceite esse cheque — digo a ela. — Sim, o funcionário dele é um babaca idiota, mas a verdade é que eu não teria sido de nenhuma ajuda para ele neste verão.

Ela faz uma pausa na linha. — Miller, o que está acontecendo?

Violet é minha agente há três anos e, embora eu não tenha muitos amigos devido ao meu estilo de vida agitado, considero-a um deles. Ela gerencia minha agenda e organiza minhas entrevistas. Quem quiser escrever sobre mim em seu blog de culinária ou me consultar em seu cardápio deve passar por ela primeiro.

E embora haja muito poucas pessoas com quem posso ser honesta sobre o que estou lidando, ela é uma delas.

— Vi, você pode me matar, mas acho que vou tirar folga o resto do verão.

Se a rodovia de Miami não fosse tão barulhenta, você poderia ouvir um alfinete cair.

— Por quê? — Seu tom é frenético. — Você tem o maior trabalho da sua carreira no outono. Você tem capa reservada para a revista *Food & Wine*. Por favor, não me diga que você está desistindo disso.

— Não. Meu Deus, não. Ainda estou fazendo isso e estarei em Los Angeles quando meu próximo trabalho começar, eu só... — Merda, como posso dizer a ela que sua melhor cliente está enlouquecendo? — Violet, não consigo criar uma sobremesa há três semanas.

— Quer dizer que você não teve tempo? — ela assume. — Porque se você está precisando de mais tempo para aperfeiçoar as receitas do artigo, eu posso entender.

— Não. Quero dizer que ainda não fiz algo que não tenha se desmanchado

no processo ou queimado no forno. Seria cômico o quanto sou ruim no meu trabalho se eu não estivesse à beira de um colapso mental por causa disso.

Ela ri. — Você está brincando comigo, certo?

— Violet, uma criança de cinco anos com um Forno *Easy Bake* poderia fazer uma sobremesa melhor do que a minha agora.

A linha fica em silêncio mais uma vez.

— Violet, você ainda está aí?

— Estou processando.

Pegando a saída para o hotel do meu pai, espero que ela fale.

— Tudo bem — ela diz, acalmando-se. — Ok, está tudo bem. Está tudo bem. Você vai aproveitar os próximos dois meses para respirar e se recompor, então vai para o *Luna's* em primeiro de setembro.

O *Luna's* é o restaurante da Chef Maven onde irei prestar consultoria no outono. Maven fez um seminário quando eu estava na faculdade de gastronomia e eu estava ansiosa para ter a chance de trabalhar com ela, mas ela deixou o ramo logo depois de nos conhecermos. Ela se tornou mãe, depois voltou ao mundo da gastronomia abrindo um restaurante com o nome de sua filha e me pediu para ajudá-la com o cardápio de sobremesas. A entrevista para a revista *Food & Wine* será realizada em sua cozinha em Los Angeles, e eu não poderia estar mais animada com a oportunidade.

Pelo menos, eu *estava* animada até que tudo virou uma merda.

— Você estará no *Luna's* no dia primeiro de setembro, certo, Miller? — Violet pergunta quando eu não respondo.

— Eu estarei lá.

— Tudo bem — ela exala. — Eu posso resolver isso. Você está comemorando seu novo prêmio passando o verão com a família e está ansiosa

para voltar à cozinha em setembro. Meu Deus, os blogs e os críticos vão me encher o saco com isso, perguntando onde diabos você está. Tem certeza de que seu pai não está doente? Eu poderia usar isso.

— Jesus, Violet — eu rio, incrédula. — Ele está perfeitamente bem, graças a Deus.

— Ótimo. Esse homem é lindo demais para morrer tão jovem. — Finalmente Violet ri pelo fone.

— Nojenta. Eu tenho que ir.

— Diga ao papai Montgomery que eu disse *olá*.

— Sim, eu não farei isso. Tchau, Vi.

O *Windy City Warriors*, time profissional de beisebol de Chicago, está na cidade há alguns dias. Meu pai tem sido o gerente de campo, que é essencialmente o técnico principal, nos últimos cinco anos. Antes disso, ele trabalhou com o time da liga secundária depois de ser contratado em nossa faculdade local no Colorado.

Emmett Montgomery subiu rapidamente na classificação do beisebol. Como ele merecia. Ele já estava no caminho certo para se destacar no esporte quando tudo mudou para nós. Ele desistiu de tudo para se tornar meu pai, incluindo sua carreira próspera, recusando-se a deixar seu trabalho de treinador local até que eu me formasse no ensino médio e saísse para fazer minhas próprias coisas.

Ele é um dos bons. Na verdade, eu diria que ele é o melhor.

Temos sido apenas nós dois na maior parte da minha vida e, embora você ache que eu saí de casa aos 18 anos para abrir minhas asas, eu realmente fiz isso para que ele pudesse. Eu sabia naquela época, assim como sei agora, que assim que eu parasse de me mudar, ele se prenderia a qualquer cidade em que eu me estabelecesse para ficar perto de mim. Portanto, para o bem dele, não parei de viajar desde que saí de casa aos 18 anos e não tenho planos de parar. Ele abriu

mão de tudo por mim. O mínimo que posso fazer é garantir que ele não desista de mais nada.

Paro em uma loja de conveniência e pego duas Coronas, uma para mim e outra para ele, antes de trocar minha calça de cozinha e sapatos antiderrapantes por um macacão e chinelos. Tiro minha camisa de mangas compridas, recoloco minha argola de septo em seu devido lugar e pego a vaga de estacionamento mais distante da entrada do impressionante hotel em que meu pai está hospedado.

Mesmo depois de vê-lo treinar nas ligas principais nos últimos cinco anos, ainda não consigo me acostumar a vê-lo assim. Nunca tivemos coisas sofisticadas ou caras ao longo dos anos. Ele não ganhava muito dinheiro como técnico universitário e tinha apenas vinte e cinco anos quando se tornou meu pai. Em muitos aspectos, crescemos juntos.

Na maioria das vezes, ele me dava macarrão com queijo da caixa, porque não era muito competente na cozinha. Por isso, quando eu tinha idade suficiente, assumi o controle desse departamento, aprendendo a cozinhar e descobrindo meu amor pela confeitaria. Eu ficava radiante sempre que o impressionava com uma receita nova, o que, sejamos honestos, acontecia todas as vezes. Ele é sem dúvida o meu maior fã.

Mas vê-lo aqui, prosperando, fazendo o que mais ama e sendo tão bom nisso que já tem um anel da *World Series*, deixa-me infinitamente orgulhosa de como ele se saiu bem sem a minha presença.

Quero deixá-lo igualmente orgulhoso, especialmente depois de tudo o que ele sacrificou por mim, e tenho a oportunidade de fazê-lo. Depois de ser uma das mais jovens dentre os agraciados com o Prêmio James Beard, fui convidada para uma matéria de oito páginas na revista *Food & Wine*, incluindo a capa e três receitas inéditas que não consigo encontrar inspiração para criar. Tudo isso acontecerá em dois meses, quando chegarei a Los Angeles para meu próximo

projeto.

Sem pressão alguma.

Torço a tampa de uma das cervejas para engolir as expectativas altíssimas que coloquei em mim mesma quando o elevador se abre no andar do saguão. Os dois homens lá dentro não saem, então deslizo entre eles.

O que está à minha esquerda tem cabelos castanhos claros e o que parece ser a incapacidade de evitar que sua mandíbula fique aberta.

— Oi — ele diz, e não sei o que ele tem, mas quase posso garantir que esse cara joga para meu pai. Ele é um pouco alto, de constituição atlética e parece recém-fodido.

A escalação do meu pai tende a investir tanto nas mulheres que eles levam do campo para casa quanto no próprio jogo.

— Saia do elevador, Isaiah — diz o homem à minha direita, e embora sim, ambos são objetivamente bonitos, este é ofensivamente atraente.

Ele está usando um boné virado para trás, óculos de aros escuros e uma criança pequena nos braços com um boné combinando, pelo amor de Deus. Eu tento ao máximo não olhar muito de perto, mas posso ver o cabelo escuro espalhando-se pelas pontas, os olhos azul-gelo emoldurados por aqueles óculos. Barba se inclinando sobre o queixo, gritando *homem mais velho*, e só isso é minha criptonita.

Então você adiciona o garoto fofo que ele carrega no quadril e está quase implorando para eu babar.

— Tchau — diz o homem à minha esquerda enquanto sai do elevador, deixando-me com os dois garotos bonitos à minha direita.

— Andar — pergunto, tomando um gole de minha cerveja enquanto digito o número do andar do quarto do meu pai.

Não há nenhuma chance de ele não ter me ouvido, mas ainda assim, *Querido*

Daddy não responde.

— Devo apenas adivinhar? — eu pergunto. — Posso pressionar todos, se você quiser, e poderíamos fazer uma longa viagem de elevador juntos?

Ele não ri, nem sequer abre um sorriso, o que é uma bandeira vermelha, se você me perguntar.

Seu garotinho me alcança, e eu nunca fui de bajular crianças, mas este é especialmente fofo. Ele é feliz, e depois da manhã que tive, uma criança sorrindo para mim como se eu fosse a melhor coisa que já existiu é surpreendentemente o que eu preciso.

Suas bochechas são tão rechonchudas que seus olhos quase desaparecem de seu sorriso radiante enquanto seu pai continua a me ignorar, digitando ele mesmo o número do andar.

Bem, tudo bem então. Isso deve ser divertido.

* * *

A viagem de elevador mais longa da minha vida me fez concluir que o homem lindo com quem andei tem um pau gigante na bunda. E quando chego ao quarto do meu pai e bato, não poderia estar mais agradecida pelo nosso breve encontro ter terminado.

— O que você está fazendo aqui? — meu pai pergunta, seu rosto se iluminando. — Achei que não iria ver você de novo nesta viagem?

Eu seguro as duas garrafas de cerveja com falsa excitação, uma vazia e outra ainda cheia. — Eu larguei meu emprego!

Ele me olha com preocupação, ampliando a abertura de seu quarto. — Por que você não entra e me conta por que está bebendo às 9h...

— *Estamos* bebendo — eu corrijo.

Ele ri. — Parece que você precisa dessa segunda mais do que eu, Millie.

Atravessando o quarto, sento-me no sofá.

— O que está acontecendo? — ele pergunta.

— Eu sou péssima no meu trabalho. Eu nem gosto de cozinhar agora, porque sou muito ruim nisso. Quando você me ouviu dizer que não gosto de cozinhar?

Ele levanta as mãos. — Você não precisa justificar isso para mim. Quero que seja feliz e se esse trabalho não estava deixando você feliz, estou feliz que tenha desistido.

Eu sabia que ele diria isso. E sei que quando eu disser a ele que meus novos planos de verão consistem em dirigir pelo país e morar na minha van para tomar um pouco de ar fresco e ter uma nova perspectiva, ele dirá que está feliz por mim, embora haja preocupação presente seu tom. Mas não estou incomodada com sua preocupação. O que estou preocupada em ver é decepção.

Nos vinte anos em que ele é meu pai, ele nunca mostrou isso, então não sei por que procuro isso constantemente. Mas eu trabalharia pra caramba e ficaria em todas as cozinhas miseráveis pelo resto da minha vida se isso significasse que eu poderia evitar decepcioná-lo.

Tenho autoconsciência o suficiente para saber que tenho uma necessidade inata de ser a melhor em qualquer meta ou objetivo que estou perseguindo. No momento, não sou a melhor e não quero dar a ninguém a oportunidade de me ver falhar. Especialmente ele. É por ele que busco a perfeição em minha carreira, o que contrasta fortemente com a atitude selvagem, desapegada e de seguir o fluxo que tenho em relação à minha vida pessoal.

— Você parou para sempre? — ele pergunta.

— Oh, Deus, não. Estou tirando o verão para recuperar meu ânimo. Voltarei e estarei melhor do que antes. Só preciso de espaço sem olhares curiosos para me recompor e me dar um pouco de descanso.

Seus olhos brilham de excitação. — Então, onde você vai passar as férias de verão?

— Eu não tenho certeza. Tenho dois meses e meu próximo trabalho é em Los Angeles. Talvez eu dirija com calma até a Costa Oeste e veja alguns pontos turísticos ao longo do caminho. Treinar na minha cozinha sobre rodas.

— Viver na sua van.

— Sim, pai — eu rio. — Morar na minha van e tentar descobrir por que cada sobremesa que tento criar desde que ganhei aquele maldito prêmio foi um desastre completo e absoluto.

— Toda sobremesa não é um desastre. Tudo o que você fez para mim foi fenomenal. Você está sendo muito exigente consigo mesma.

— Biscoitos e bolos básicos são diferentes. É a parte criativa que está me dificultando.

— Bem, talvez o problema seja a parte criativa. Talvez você precise voltar ao básico.

Ele não está no mundo da comida como eu, então ele não entende que um biscoito de chocolate não vai funcionar.

— Você sabe — ele começa. — Você poderia passar o verão em Chicago comigo.

— Por quê? Você estará na estrada metade do tempo trabalhando e, quando estiver em casa, estará no campo.

— Venha para a estrada comigo. Não estamos no mesmo lugar por mais de alguns dias desde que você tinha dezoito anos e sinto falta da minha garota.

Não tive feriado, fim de semana ou mais de uma noite livre em sete anos. Tenho trabalhado sem parar e me matado na cozinha e, mesmo esta noite, o time do meu pai tem um jogo na cidade. Nunca me ocorreu tirar a noite de folga para ir assistir.

— Pai...

— Não estou disposto a implorar, Miller. Seu pai precisa de um tempo de qualidade.

— Acabei de passar três semanas em uma cozinha cheia de caras, um dos quais estava praticamente me implorando para registrar uma queixa de assédio sexual no RH. A última coisa que quero é passar o verão perto de outro time cheio de homens.

Ele se inclina para frente, braços tatuados apoiados nos joelhos, olhos arregalados. — Como é?

— Eu cuidei disso.

— Cuidou como, exatamente?

— Com uma joelhada nas bolas. — Tomo um gole casual da minha cerveja. — Exatamente como você me ensinou.

Ele balança a cabeça com uma pequena risada. — Eu nunca ensinei isso a você, sua pequena psicopata, mas gostaria de ter ensinado. E agora estou ainda mais inflexível quanto a você vir para a estrada comigo. Você sabe que meus rapazes não são assim.

— Pai, eu estava planejando... — Minhas palavras morrem na minha língua quando olho para ele do outro lado do sofá. Olhos tristes e suplicantes, cansados até. — Você se sente sozinho em Chicago?

— Não vou responder a isso. É claro que sinto sua falta, mas quero que você venha passar alguns meses comigo porque também sente minha falta. Não porque você se sente obrigada a isso.

Não me sinto obrigada. Não nesse aspecto, pelo menos. Mas tudo o que faço, de alguma forma, é uma tentativa de apagar a culpa que tenho pela nossa situação. Para pagar uma dívida que ele pagou ao desistir de toda a sua vida por mim quando tinha apenas vinte e cinco anos.

Mas eu estaria mentindo se dissesse que também não sinto falta dele. É por isso que garanto que todos os meus trabalhos coincidam com as suas viagens. Eu escolho cozinhas em grandes cidades com times da MLB onde meu pai trabalhará. Então é claro que sinto falta dele.

Um verão com meu pai parece bom, e se a minha presença por perto o deixará feliz, é o mínimo que posso fazer depois de tudo o que ele fez por mim.

Exceto que há um problema.

— Não há como a gerência permitir isso — lembro a ele. — Ninguém no time ou equipe está autorizado a ter familiares com eles enquanto viajam.

— Há um membro da família que pode viajar com a equipe nesta temporada. — Um sorriso malicioso desliza por seus lábios. — Eu tenho uma ideia.

CAPÍTULO 3

Kai

Monty: *Deixe Max com Isaiah e volte para o meu quarto. Precisamos conversar.*

Eu: *Vou deixar Max para que você possa gritar comigo?*

Monty: *Sim.*

Eu: *Legal, legal. Com certeza irei correndo para isso.*

— Encontrei uma nova babá para Max — é a primeira coisa que ele diz antes mesmo de eu fechar a porta atrás de mim.

Huh? Sento-me na mesa do quarto de hotel de Monty, olhando para ele confuso. — Como? Despedi Troy há uma hora.

— Eu sou muito bom, e você vai contratá-la, porque claramente tem um péssimo gosto por babás, já que não para de demitir todos eles, então estou assumindo o cargo.

— Ela?

— Minha filha.

Meus olhos se voltam para a foto emoldurada ao lado dele. É a mesma foto que ele tem em seu escritório em Chicago. A mesma foto que ele coloca em sua mesa em todas as cidades que visitamos.

Eu sabia que a garota da foto era filha dele, isso estava claro, mas embora ele e eu sejamos próximos, ele nunca me contou muito sobre ela. Sempre presumi que era porque ele se sentia culpado por deixá-la e viajar a trabalho tanto quanto

nós. Isso, ou ele sabe que falar sobre a filha de quem sente falta só vai reafirmar o que eu já acredito – que é quase impossível fazer esse trabalho como pai solteiro.

A garota da foto não pode ter mais de treze ou quatorze anos. Ela está naquela fase estranha que todos nós tivemos no início da adolescência, com aparelho e acne. O cabelo escuro está penteado para trás em um rabo de cavalo apertado, a viseira protegendo seu rosto e uma camiseta amarela brilhante com o número quatorze centralizado na frente. Jogadora de softball, com as mangas muito grandes apertadas com uma espécie de faixa em cada ombro. Uma luva de arremessador repousa sobre um joelho enquanto ela posa para a foto da temporada.

Monty *teria* uma filha jogadora de softball.

— Ela está livre durante o verão e quero que ela viaje conosco — continua ele.

Faz sentido, ela estará fora da escola no verão.

— Sim, mas Monty, é do meu filho que estamos falando.

— E da minha. — Suas sobrancelhas se levantam, desafiando-me a dizer algo contra esse plano. — Não é uma pergunta, Ace. Estou lhe dizendo que isso está acontecendo. Estou cansado de você descobrir algo errado com cada pessoa que contratamos. Estamos fazendo verificações de antecedentes de alguém novo a cada poucas semanas, e mudar os nomes nos quartos de hotel e nos manifestos dos aviões está se tornando um pé no saco para os coordenadores de viagens. Ela é a nova babá de Max, e a melhor parte é que ela é minha filha e você não pode demiti-la.

Merda.

— Ela só estará livre até setembro, então teremos que encontrar outra pessoa para terminar a última parte da temporada, mas cruzaremos essa ponte quando

chegarmos lá.

É claro que não há como escapar disso. Devo a ele tudo o que ele fez por Max e por mim, e ele sabe disso.

Se tiver que deixar meu filho com alguém que não sou eu, acho que essa não é a pior solução possível. Esta é uma babá que provavelmente é muito jovem para se importar com um bando de jogadores profissionais de beisebol, e seu pai provavelmente olhará para ela como um falcão sempre que ela não estiver cuidando de Max, o que tira essa responsabilidade dos meus ombros.

O que são dois meses? *Apenas o dobro do tempo que passei sem despedir alguém.*

— Ela pode dirigir? — eu pergunto.

Suas sobrancelhas franzem em confusão. — O quê?

— Tipo, se algo acontecer com Max enquanto eu não estiver por perto, ela pode levá-lo ao hospital?

— Sim...

Ok, isso é bom. Ela tem pelo menos dezesseis anos. Essa foto provavelmente já tem alguns anos neste momento.

— Ela é responsável?

— Ela é... — Ele hesita. — Ela é responsável no trabalho.

Resposta estranha.

A porta do hotel faz aquele barulho quando a fechadura elétrica é aberta por um cartão-chave. Por cima do meu ombro, cabelos escuros aparecem primeiro enquanto uma mulher entra de costas, usando a bunda para abrir a porta.

Cabelo chocolate. Bainha desfiada do short. Coxas grossas.

Ela se vira e a *Srta. Double Fisting* do elevador está no quarto de hotel do meu treinador. E ela está com as mãos ocupadas de novo, só que desta vez com

dois copos de café.

Ajusto meus óculos no rosto para ter certeza de que estou vendo isso corretamente. Olhos verdes se conectam com os meus.

— Você. — A palavra sai em parte fervilhante, em parte em choque.

Ela suspira, seus ombros caindo. — Tive a sensação de que seria você.

Huh?

— Ace, conheça minha filha, Miller Montgomery. A nova babá de Max.

Minha cabeça vira em sua direção. — Você está brincando comigo.

— Miller, Kai Rhodes. Você cuidará do filho dele neste verão.

— Absolutamente não — interrompo rapidamente.

Miller revira os olhos, entregando ao pai um dos dois cafés.

Como isso é possível? Ela com certeza não tem treze ou quatorze anos. Ela é uma mulher adulta que bebe cerveja e aparentemente não dorme. A acne foi curada há muito tempo, deixando a pele bronzeada e impecável, e seu aparelho criou dentes perfeitamente retos em uma boca que diz o que quer.

Ela parece uma Miller, no entanto. Aquela coisa de moleca selvagem que ela tem com seu macacão cortado e tatuagens.

— Ela não está cuidando do meu filho.

Miller se senta ao meu lado e aponta para mim com o polegar, lançando ao pai um olhar que diz: *esse maldito cara.*

Monty ri – traidor.

— Vocês dois já se conheceram, pelo que vejo.

— Sim, ela estava tomando cerveja no elevador às 9h.

— *Querido Deus.* — Ela joga a cabeça para trás, e aquela voz rouca misturada com a maneira sexual que meu cérebro interpretou essa frase fez meu

pau me trair. — Elas eram Coronas. Você sabe o teor de álcool nelas? Essa é a forma de hidratação de algumas pessoas.

— Eu não ligo. — Eu enfrento o pai dela. — Não vou deixar alguém assim cuidando de Max.

— Relaxe, Querido Daddy. — Ela toma um gole casual de seu café – ou melhor, de seu chá com leite chai, de acordo com a etiqueta em seu copo de papel.

— Não me chame assim.

— Tomei uma cerveja para comemorar minha saída do emprego esta manhã. Você está agindo como se eu estivesse usando cocaína no corrimão do elevador, o que sim, agora que estou dizendo isso em voz alta, percebo que parece estranhamente específico, mas garanto que nunca fiz isso.

Volto-me para Monty. — Esta é sua filha?

— A primeira e única — diz ele com orgulho.

— Quantos anos você tem?

— Vinte e cinco.

Eu não sabia que Monty se tornou pai tão jovem. Isso o coloca com... vinte anos quando ela nasceu? Droga. Achei que isso era difícil aos trinta e dois anos.

— Quantos anos *você* tem? — ela pergunta.

— *Eu* estou fazendo as perguntas aqui. Estou tentando descobrir se vale a pena arriscar a segurança do meu filho só para contratar você e tirar seu pai do meu pé.

— E estou tentando descobrir se vale a pena arruinar meu verão passando os próximos dois meses trabalhando para um cara com um pau gigante na bunda.

— Estou sendo responsável. Eu não tenho um pau na minha bunda.

— Provavelmente esteve alojado aí e por tanto tempo que você esqueceu que

estava dentro de você.

— Miller — Monty interrompe. — Você não está ajudando.

— Você tem alguma experiência com crianças?

— Crianças adultas, sim.

Lanço um olhar aguçado para Monty. — Não sabemos se Max vai gostar dela. Você sabe como ele é com as mulheres.

— Ele estava praticamente se jogando em mim no elevador. Acho que estamos bem nesse departamento.

— Tenho certeza de que ele estava indo atrás de suas garrafas. Elas se parecem muito com as dele.

— Você não vai superar as cervejas, não é?

— Não.

— Ok. — Monty bate palmas. — Isso vai ser interessante.

— Você fuma? — Essa voz dela sugere que sim.

— Não, mas parece que você pode me levar a fumar se for assim que vai ser o resto do verão.

— Miller — Monty interrompe como um pai severo interrompendo uma briga entre seus filhos. — Obrigado pelo café. Você pode me dar um minuto com Kai?

Miller suspira, amarrando rapidamente seus longos cabelos castanhos em um nó no topo da cabeça, dando-me uma visão melhor da obra de arte em seus braços e ombros. É principalmente um intrincado trabalho de linha que compõe uma manga de flores. Quase como os contornos de uma página para colorir.

Max vai gostar disso.

— Está bem. — Ela se levanta, levando seu chai com ela, aquele doce aroma de sobremesa flutuando nela novamente antes de se virar para mim. — Mas,

para que você saiba, estou fazendo isso como um favor. Então, tente ser menos idiota com isso, certo? Até mais, *Baby Daddy*. — Ela para na porta, a mão na maçaneta enquanto inclina a cabeça em contemplação. — Ou devo dizer, *Baseball Daddy?* Oh, sim. Muito melhor. *Baseball Daddy*!

Ela nos deixa sozinhos com isso.

Balanço minha cabeça em descrença. — Sua filha é desequilibrada.

— Ela é a melhor, não é? — O peito de Monty ronca com minha irritação.

— Você não pode estar falando sério sobre isso. Não tem como ela ser a pessoa certa para cuidar de Max.

Ele se recosta na cadeira, as mãos tatuadas cruzadas sobre a barriga. — Não estou dizendo isso apenas porque sou tendencioso, mas você teria sorte em tê-la. Ela pode ser minha filha selvagem e não saber o que é um filtro, mas quando se trata de trabalho, ela é a pessoa mais motivada que conheço. Ela fará tudo pelo seu filho.

Eu jogo minha cabeça para trás. — Vamos lá, cara. Vamos levar isso a sério.

— Estou falando sério. Confie em mim, Kai. Eu conheço minha filha. Se, por algum motivo, ela lhe der um motivo *válido* para demiti-la, eu até me oferecerei para fazer isso. Essa é a quantidade de fé que tenho nesta situação.

Permanecendo em silêncio, olho para ele, procurando por qualquer sinal de besteira.

Posso não conhecer Miller, posso não confiar nela, mas confio em Monty tanto para minha vida quanto para a de meu filho. E sei que ele nunca colocaria Max em risco, mesmo que esta situação o beneficie.

Não acredito que estou pensando em deixá-lo me convencer disso, mas devo a ele. — Ela tem direito a um strike — eu digo, segurando um único dedo para reiterar.

— Trocadilhos de beisebol, Ace? Você é melhor que isso.

— Cale-se.

Ele estende a mão para apertar a minha. — Um strike e ela está fora!

— Ok, já é muito.

Coloco minha palma na dele, mas antes que eu possa me afastar, ele aperta ainda mais, desejando meu contato visual.

— Vou dar um conselho a você, filho. Se a conheço, ela fará com que você se divirta muito neste verão, tanto você quanto Max, mas nem pense em se apegar a ela.

Minhas sobrancelhas se contraem em confusão. — Você não viu essa interação? — Eu liberto minha mão, apontando para a porta pela qual Miller saiu.

— Eu vi, e estou lhe dizendo isso, não como pai dela, mas como seu amigo. Ela irá embora quando o verão terminar. Amo minha filha até a morte, mas ela é uma desertora e a última coisa que ela quer é ser pega.

Monty já deveria me conhecer bem o suficiente para saber que a última coisa que *eu* quero é que ela fique. Na verdade, se não fosse pelo fato de Max estar crescendo rápido demais, eu já estaria desejando que o verão acabasse.

— Confie em mim, Monty. Você não tem nada com o que se preocupar.

Ele cantarola, não convencido.

De pé, coloco minha cadeira no lado oposto de sua mesa. — Vejo você no campo.

Estou quase saindo pela porta quando ele me para.

— E Ace — ele grita. — Mantenha seu pau dentro das calças. Todos nós sabemos o quão fértil você é, e eu sou muito jovem e muito atraente para alguém me chamar de vovô.

— Jesus Cristo — eu bufo, saindo do quarto dele.

CAPÍTULO 4

Kai

Max faz um som confuso que eu conheço como significando “petisco” enquanto aponta para a cozinha do meu quarto de hotel.

Eu o ajusto no meu quadril. — Você quer um petisco?

Ele aponta para a cozinha novamente.

— Você pode dizer *petisco?* — eu pergunto, mas ele continua apontando nessa direção.

Pego seu sabor favorito de purê de frutas, desfazendo a tampa e deixando-o se alimentar enquanto o carrego pelo meu quarto, arrumando tudo antes que Miller venha cuidar dele pela primeira vez.

— Isso é bom, petisco?

Ele bate seus pequenos lábios.

Ele ainda tem poucas palavras em seu vocabulário, mas é incrível quando consigo entendê-las. É até incrível vê-lo se alimentar sozinho, embora já faça isso há meses. Pode parecer patético, mas as pequenas mudanças que vejo nele à medida que ele aprende e cresce são os momentos mais emocionantes da minha vida cotidiana.

E, assim que isso acontece, tenho que afastar o desapontamento e as perguntas persistentes, imaginando os momentos que perdi nos primeiros seis meses de sua vida, quando eu nem sabia que ele existia.

Eu provavelmente deveria colocá-lo no chão. Deixá-lo relaxar em sua cadeira alta ou algo assim, mas eu sempre sou um pequeno carente em dias de

jogos. Odeio saber que vou deixá-lo para trás pelo resto do dia. Sinto falta do jantar com ele e da hora de dormir. Então, sim, eu sou um pouco melindroso nas tardes em que tenho que ir ao campo.

Uma batida na porta e me pego dando uma olhada no meu quarto, certificando-me de que está tudo bem antes de atender a filha do meu técnico. Só que, quando abro a porta, não é a Miller que está me esperando do outro lado. É o meu irmão.

— O que você está fazendo aqui? — eu pergunto enquanto ele entra.

— Ouvi dizer que a nova babá é gostosa. — Ele olha ao redor do meu quarto de hotel, procurando por ela, eu acho. — E uma mulher, *obrigado*, porra.

— Não fale palavrão na frente do meu filho.

Quem estou enganando? Max está sendo criado por um time de beisebol. Ele já ouviu coisas piores.

— Desculpe, Maxie — diz Isaiah. — Obrigado, caramba. Melhor, pai?

Reviro os olhos.

— Então, onde ela está?

— Como você sabe sobre ela ou que ela é gostosa?

— Então, ela *é* gostosa? Na verdade, eu não sabia disso. Eu estava querendo *investigar.*

Isaiah senta-se no pequeno recanto da cozinha, com os pés apoiados no banco ao lado daquele onde está sentado. Costumo ficar com os quartos maiores na estrada porque tenho outra pessoa morando comigo, e todas as coisas do Max são consumidas em qualquer espaço disponível que eu tenha. Além disso, há sempre um quarto adjacente conectado ao meu para a babá de Max ficar. Agora que Troy se foi, está vazio, mas Miller ficará lá enquanto eu estiver no jogo desta noite.

— Ela não é *gostosa.*

— Oh, meu Deus — diz meu irmão, acusatoriamente. — Você vai transar com a nova babá, não é? Tão clichê, cara.

— Não, eu não vou. E você também não, porque ela não é apenas a nova babá de Max, mas também filha de Monty.

Cada músculo do corpo de Isaiah congela. — Você está brincando comigo. Monty tem uma filha gostosa? Qual a idade dela?

— Vinte e cinco.

— E ela é boa com crianças?

— Duvidoso. Ela é como um maldito furacão, mas Monty é inflexível quanto a contratá-la, então não tenho escolha. — Isaiah assente em compreensão. — Como diabos você sabe sobre ela? Acabei de conhecê-la.

— O bate-papo em grupo da equipe está disparando. — Ele segura o telefone e eu ajusto meus óculos para olhar para ele. — Você deveria tirá-lo do modo silencioso de vez em quando.

Travis: *Ouvi dizer que a nova babá do Max é uma mulher. Porra, finalmente, Ace.*

Cody: *Troy era fofo, mas sua substituta é ainda mais fofa. Acho que a vi no corredor mais cedo. Eu não me importaria que ela fosse minha babá. Que me alimentasse. Que me colocasse na cama. Medisse minha temperatura também.*

Isaiah: *Ela não é enfermeira, seu idiota.*

Cody: *Eu já falei que a quero como minha companheira de assento no avião.*

Travis: *Que diabos? Esse é o meu assento.*

Cody: *Espere até vê-la. Você vai entender.*

Isaiah: *Você pode ficar com o assento do avião. Eu fico com todo o resto.*

Uma estranha sensação de aborrecimento me invade, porque ela é a filha de Monty e a nova cuidadora de Max. Ela não está aqui para eles. Eles estão agindo como uma matilha de cães famintos atrás de um único osso quando, na verdade, têm um bufê em todas as cidades que visitamos.

Eu sei. Eu também costumava ter um bufê.

— Ok. — Eu o afasto do banco. — Você precisa sair antes que ela chegue aqui.

— De jeito nenhum. Pelo menos um dos Rhodes precisa causar uma boa impressão e você está muito estressado e mal-humorado ultimamente para fazer isso.

— Se há um Rhodes em quem posso contar que causará uma boa impressão, com certeza não será você. Max fará isso. — Minhas sobrancelhas se estreitam. — E eu não sou mal-humorado, seu idiota.

Estou apenas *cansado.* Cansado de fazer tudo sozinho. Cansado de sentir que não estou fazendo o suficiente.

— Sério? — Isaiah pergunta com uma risada bufante. — Porque você costumava ser o cara mais feliz que eu conhecia, mas eu não saberia dizer quando foi a última vez que o vi se divertindo de verdade. Antigamente, você era mais paquerador do que eu, e surpreendentemente mais brincalhão. Quando foi a última vez que você deixou esse lado aflorar?

— Há outras maneiras de se divertir além de transar em todas as cidades.

É como assistir ao mesmo vídeo no YouTube de animais de fazenda cantando e dançando repetidamente. Ou brincar de esconde-esconde atrás de um guardanapo por uma hora seguida, na tentativa de fazer Max parar de chorar durante a dentição. Minhas novas definições de diversão.

— Sim, mas esse jeito é o *mais* divertido. — Um sorriso malicioso surge em seus lábios.

Aos vinte e poucos anos, eu era um paquerador fervoroso e fazia minhas loucuras, mas as responsabilidades entraram em minha vida novamente, mudando minhas prioridades. O lado paquerador aparece ocasionalmente, quando estou sozinho em eventos de trabalho, mas então a lembrança de quem está me esperando em casa me traz de volta à realidade e reprimo meu antigo eu.

Mas não vou entrar nessa conversa com meu irmão mais novo agora porque, por mais que eu o ame, ele nunca entenderá. Nossa adolescência foi terrível, mas ele não faz ideia do quanto foi difícil, porque eu o protegi de tudo. É o que eu faço. Eu cuido de minhas responsabilidades.

— Você está se sentindo bem? — eu pergunto.

— Huh?

— Você parece doente. Talvez você deva cancelar esta noite. Ficar em casa. Cuidar do meu filho.

Ele revira os olhos. — Diz o cara que joga uma vez a cada cinco dias.

— Exatamente. E olha quanto eu ganho por isso. Eu sou *essencial.*

Isaiah dá uma risada. — Eu sou o *shortstop*. Jogo todos os jogos. Há mais quatro arremessadores titulares esperando por sua noite.

— É por isso que eu deveria me aposentar mais cedo. Os Warriors ficarão bem sem mim.

Seus olhos castanhos se estreitam. — Você está apenas correndo em círculos na esperança de que um de seus argumentos seja aceito, não é?

— Vale a pena tentar.

— Se a filha de Monty for parecida com ele, ela será ótima com Max. Com o que você está tão preocupado?

Uma batida na porta soa, interrompendo a conversa.

— Você verá.

Isaiah se vira para mim com um sorriso travesso. — Quem é? — ele grita com uma voz cantante.

Cale a porra da boca, eu pronuncio para ele sem som.

— Não xingue na frente do meu sobrinho.

— Sua pessoa favorita em Miami — Miller diz do corredor.

— Voz sexy — sussurra Isaiah, e fico irritado por ele ter notado.

Ele abre a porta, apoiando-se casualmente no batente e bloqueando minha visão da garota no corredor, mas vejo sua coluna enrijecer antes de sua cabeça se virar para mim, queixo caído e grandes olhos castanhos.

Eu conheço esse cara melhor do que ele mesmo, então não é difícil entender que ele está se perguntando silenciosamente por que eu não contei a ele que Miller é a garota por quem ele se apaixonou no elevador esta manhã.

— Isaiah, Miller. Miller, Isaiah. Meu irmão.

— Compre um, ganhe um. Divertido — ouço ela dizer, mas ainda não consigo vê-la, por que meu irmão está congelado na entrada.

— Eu sou o tio — ele finalmente deixa escapar.

Ela ri, um som profundo e gutural que vai direto para o meu pau. — Eu juntei isso da coisa toda do irmão.

— Isaiah, mexa-se.

— Sim. Bem-vinda. Entre. — Ele a conduz para dentro como se fosse seu quarto para recebê-la. — Posso pegar alguma coisa para você? Água? Um lanche? Meu número?

Ela o ignora completamente.

Assim que ele sai do caminho, ela aparece, ainda usando aquele macacão curto e não tenho certeza do que há de tão fascinante para mim em suas coxas, mas elas são grossas e musculosas, do tipo que se adquire com anos jogando

softball.

E não consigo parar de imaginar como elas ficariam alegremente apertadas em volta da minha cintura. Ou, melhor ainda, em meu rosto.

Mas então me lembro que estou pensando na filha do Monty e tenho de fechar os olhos para não olhar para ela.

— Você está bem, *Baseball Daddy*?

Isaiah gargalha.

Meus olhos se abrem para encontrá-la olhando para mim como se houvesse algo muito, muito errado comigo, e claramente há se eu estiver olhando para *essa* mulher *daquele jeito.*

Ela é quase certificável.

— Sim. — Eu limpo minha garganta. — Este é Max. — Aceno com a cabeça em direção a ele, movendo meu quadril para que ele possa vê-la melhor.

— Oi, Max — diz Miller, com os olhos suavizando.

Aquela atitude de garota selvagem que vi esta manhã está mais calma agora, talvez pelo bem de Max ou talvez pelo meu, não tenho certeza, mas um pouco da minha hesitação sobre esta situação se dissipa.

Max cora, enterrando a cabeça na curva do meu pescoço, tirando seu boné no processo. Ele está sendo tímido, muito diferente de seu desespero para chegar até Miller esta manhã, mas ele não tem medo dela do jeito que tem com a maioria dos estranhos. Acho que ele simplesmente está ciente da atenção dela e, embora aja como se não o fizesse, ele gosta disso.

Mas há uma parte de mim que ama que meu filho me queira, independentemente da garota bonita chamando seu nome.

— Ele está sendo tímido.

— Tudo bem, Max. Costumo causar esse efeito nos meninos.

Meus olhos se voltam para Isaiah. Caso em questão – meu irmão, que está congelado como uma estátua na cozinha, silencioso, mas hipnotizado.

— Devemos mostrar a Miller todas as suas coisas? — eu pergunto ao meu filho.

Max estende a mão para usar o boné para cobrir suas bochechas rosadas, mas ele está no chão, então seu sorriso tonto fica bem óbvio atrás de seu braço.

— Vamos, Bug. — Pego sua bolsa vazia, colocando-a no balcão da cozinha antes de colocá-lo de pé.

— Bug?

— É o apelido dele. A primeira vez que o vi, ele estava usando um macacão coberto com uma estampa pastel de insetos. Então, Bug meio que ficou preso.

Com as mãos de Max no ar, seguro cada uma delas com as minhas, deixando que ele me use para se equilibrar enquanto dá passos lentos e instáveis para a cozinha.

— Ele ainda não está andando sozinho?

Minha cabeça se volta para Miller, procurando um olhar de julgamento para acompanhar sua declaração, mas não há nenhum. Na verdade, nada em seu tom também era de julgamento.

É uma coisa minha pensar que os outros estão julgando minhas habilidades parentais ou a progressão do meu filho. Ele tem quinze meses. Talvez ele devesse estar andando. Talvez ele devesse ter mais palavras em seu vocabulário. Eu não sei, porra. Para ser sincero, não *quero* saber, porque estou fazendo o meu melhor. Estou falhando como pai? Possivelmente. Mas ele está saudável e estou tentando.

— Ainda não. Mas isso vai acontecer a qualquer momento. — Volto minha atenção para Max enquanto ele continua a dar passos trêmulos para dentro da cozinha, não deixando que ela veja a preocupação em meu rosto de que estou

estragando toda essa coisa de ‘pai’.

— Isso é legal. Estou feliz por não ter que me preocupar com ele fugindo de mim — ela ri.

Olhando para ela, eu a pego observando meu filho com um sorriso suave. Ela não está nos julgando.

Ela não está me julgando.

— Mas ele engatinha muito bem. — Soltando as mãos, Max imediatamente se dobra no chão antes de começar a engatinhar. — Ele ficará de joelhos a maior parte do tempo.

— Como todos os homens deveriam estar.

Isaiah faz sua presença conhecida com uma risada infantil. — Eu gosto dela — diz ele.

— Bem, pelo menos um dos meninos Rhodes gosta.

— Dois — eu interrompo.

Um lampejo de confusão e talvez um pouco de esperança toma conta de seu rosto.

— Max.

Ela dá uma risada, e esse maldito som é tão frustrantemente sexy para mim que tenho que limpar a garganta e me afastar dela.

— Números de emergência — digo, apontando para a lista anexada à geladeira. — Meu. Coordenador de viagens da equipe. Recepção do hotel. O hospital local...

— Você adicionou 9-1-1.

— São números de emergência.

— Acho que já entendi isso.

Continuo descendo a lista. — Seu pai.

— Tenho esse também.

Isaiah coloca seu corpo entre nós, com a caneta estendida. — O meu — diz ele, enquanto escreve seu número na parte inferior, dez vezes maior do que os demais. — Mande uma mensagem a qualquer hora. Ligue para mim. Emergência, não emergência. — Ele me bloqueia virando as costas para mim, o braço apoiado na geladeira para criar uma barreira que ela não consegue ver atrás. — Sou o favorito do Max e tenho a sensação de que serei o seu também.

Miller ri. — Sedento.

Bem, isso é novo. Estou acostumado com as mulheres se apaixonando pelo jeito encantador e fácil de playboy do meu irmão.

Isaiah não se move, mantendo seu corpo entre os nossos. — Gosto de me chamar de ansioso.

— Ressacado. Desidratado — ela continua.

— Desesperado — acrescento por ela.

— Ei. — Isaiah levanta um único dedo. — Se eu não estivesse conquistando nada, deixaria que me chamasse de desesperado, mas estou indo muito bem nesse departamento, então eu diria que estou *entusiasticamente disponível.*

— Parece que você se mantém bastante ocupado, então. Não há necessidade de tentar ficar com a filha do seu treinador, certo? Acho que ele não gostaria muito disso. — Miller inclina a cabeça.

Isaiah enrijece, sua voz se transformando em um sussurro. — Por favor, não conte ao seu pai.

— Então, por favor, não torne isso embaraçoso para mim enquanto estou cuidando do seu sobrinho.

Ok, talvez os três Rhodes gostem dela.

— Você ouviu a mulher. — Eu o conduzo até a porta. — Pare de assediá-la e vá embora para que Max possa conhecê-la.

— Mas eu quero conhecê-la! — ele diz enquanto eu o empurro para fora da sala.

Fecho a porta atrás dele, voltando para a cozinha. — Sinto muito por ele.

— Fui muito direta?

— Não. Um pouco de rejeição é bom para seu ego crescido, mas ao rejeitá-lo você provavelmente o fez se apaixonar por você. Então, boa sorte com isso.

— Ótimo — ela diz antes de encontrar Max sentado a seus pés, olhando para ela.

Ela se agacha, ficando o mais na altura dos olhos possível. — Oi, Bug.

Max sorri e eu me encosto na parede, observando-os.

— O que você diz? Quer ficar comigo enquanto seu pai está trabalhando? Podemos assistir ao jogo dele e tirar sarro de como sua calça é apertada.

— Você assistirá?

— O jogo? Ou sua bunda?

— Ambos.

Os verdes de Miller disparam em minha direção por cima do ombro.

Merda. O velho eu apareceu sem pensar, dois segundos depois de dar um aviso ao meu irmão por dar em cima dela.

Um sorriso malicioso surge em seus lábios, mas ela não responde totalmente à minha pergunta. — Sim, assistirei.

— Merda. *Droga* — eu me corrijo. — Você provavelmente tem ingresso. Talvez você deva ir ao jogo. Passar um tempo com seu pai depois. Vou chamar o Sanderson da equipe para cuidar dele.

— Tudo bem. — Ela me dispensa, claramente não percebendo o fato de que eu preferiria que Sanderson cuidasse dele esta noite. Confio bastante nele e assim o Max estará no campo onde estou. — Parece que estarei por aqui durante todo o verão. Muito beisebol para assistir.

Sim, veremos isso.

Parte de mim quer prepará-la para o fracasso, dar ao pai dela um motivo para demiti-la, mas o fracasso dela só prejudica Max no longo prazo.

Bem na hora, quando esse pensamento de desaprovação passa pela minha mente, Max estende as mãos para Miller segurá-lo. Ela o segura com facilidade, e ele se enterra em seu ombro, algo que ele nunca faz com estranhos, muito menos com uma mulher qualquer.

Meu filho olha para mim com um sorrisinho nos lábios, como se estivesse me dizendo silenciosamente que, apesar de meus esforços, ela vai ficar.

* * *

Tirando o boné, eu me dou um tempo entre os arremessos, passando o polegar sobre a pequena foto de Max que mantenho presa na faixa interna.

Travis pede uma mudança, mas eu o dispenso. Tive sorte o suficiente para que esse cara não tivesse passado pela minha última mudança. Não vou arriscar de novo.

Duas eliminações e a terceira está chegando daqui a dois arremessos. Fim da sétima entrada e estamos ganhando de 3 a 1 de Miami. Essa jogada me irritou. Perdi a concentração e arremessei direto para a área do batedor, onde o segunda base do Miami mandou a bola voando para as arquibancadas além do campo direito.

Felizmente, não havia outros corredores nas bases, mas essa foi a última vez

que pensei na porra da Miller Montgomery enquanto estava no campo.

É a primeira noite dela com Max e, pelo vislumbre que tive dela esta manhã, presumo que também será a última. Não há como ela não estragar tudo.

Travis, meu apanhador, muda sua decisão, dando-me o que eu queria – uma bola rápida de quatro pontos. Preciso que essa rodada termine. Sem corredores desnecessários nas bases, sem tempo extra gasto em sequências de arremessos. Apenas para cima e para baixo. Três rebatidas. Três eliminações.

Acenando com a cabeça, endireito meu corpo e alinho meus dedos sobre os cadarços da bola em minha luva. Respiro fundo e faço minha mecânica, lançando uma bola rápida alta e externa. Alta e externa o suficiente para que o rebatedor gire e erre, ganhando meu segundo strike.

Ele está irritado consigo mesmo, e eu adoro isso. Posso ver a frustração até mesmo do monte. E quando Travis me dá o próximo arremesso, sei que ele vai ficar muito irritado quando eu conseguir meu último strike com um *slider*.

É semelhante à minha bola curva, mas meu *slider* é mortal. Esta é apenas a segunda temporada em que Travis é meu receptor, mas ele sabe que é assim que eu gosto de terminar uma entrada. É eficaz e, neste momento, preciso de eficiência para poder voltar ao banco de reservas e ver como está meu filho.

Como um relógio, o rebatedor bate quando a bola faz uma curva descendente, cortando para dentro.

Três strikes. Três eliminações. O tempo acabou.

Travis me encontra no meio do caminho entre o *home plate* e o monte dos arremessadores, conectando sua luva de apanhador à minha. — Droga, Ace. Você vai machucar minha palma com essa velocidade. Como está o braço?

Eu curvo meus ombros. — Ainda está bom.

Eu acrescentaria que tenho pelo menos mais uma partida, mas não me atreveria a falar isso em voz alta. Superstições e tudo o mais.

— Isto é o que eu gosto de ouvir.

— Vamos, mano! — Isaiah corre de sua posição entre a segunda e a terceira base, batendo na minha bunda com a luva. — O que deu em você esta noite?

Eu corro constantemente até o banco de reservas com eles. — Estou pronto para o fim do jogo. Gostaria que isso acontecesse o mais rápido possível.

— Puta que pariu — ele ri. — Isso é por causa da Hot Nanny[2]?

— O que diabos você disse, Rhodes? — Monty grita quando passamos por ele, indo para a escada até o banco de reservas, onde recebo tapas na bunda, palmas nos ombros e elogios intermináveis pelo lançamento desta noite.

— Nada. Acho que não disse nada. — Ele olha em volta. — Não, também não ouvi nada.

— Ótimo. Eu gosto muito mais de você quando você não fala. — Ele dá uma palmada na parte de trás da minha cabeça. — Bom arremesso, Ace.

Balançando a cabeça, encontro o primeiro membro da equipe que não está ocupado.

— Sanderson — grito para um de nossos treinadores enquanto me sento no encosto do banco, alto o suficiente para ter uma visão do campo. — Você está com seu telefone?

Seus olhos saltam para os meus nervosamente, provavelmente porque ele sabe que não deve falar com um arremessador entre as entradas. Na verdade, normalmente não falo nada, e meus companheiros sabem que não devo perder meu foco quando me sento no banco, mas esta noite é a exceção.

Sete entradas abaixo, o que torna esta a sétima mensagem que envio para Miller. Só que não posso fazer isso, porque há muitas câmeras focadas em mim no banco de reservas.

— Envie uma mensagem para mim — eu grito antes de recitar o número de Miller que memorizei esta tarde.

— O que deveria dizer?

— Fazendo check-in. Pergunte a ela como Max está e lembre-a de que ela pode trazê-lo aqui se estiver tendo problemas com ele. Você poderá pegá-lo, certo?

— Ace! — Monty grita. — Pare de mandar mensagens para minha filha e concentre-se no maldito jogo.

— Ei, foi você que não apenas criou uma pessoa totalmente louca, mas também a contratou para cuidar do meu filho. Isso é culpa sua.

Um esboço de sorriso aparece em seus lábios.

Sanderson limpa a garganta. — Ela mandou uma mensagem de volta. — Ele lê em seu telefone sem absolutamente nenhuma inflexão na voz. — Ela diz: *"Diga ao Kai que, se ele não me deixar em paz, vou alimentar o filho dele com todo o açúcar que encontrar neste hotel, sentá-lo na frente de uma tela para que ele sofra uma lavagem cerebral com o que quer que seja um Cocomelon, e depois deixá-lo resmungando para lidar com Max a noite toda"*.

— Não é engraçado. — Vou pegar o telefone dele.

— Ace — Monty diz sob a palma da mão para que pessoas de fora não possam ler seus lábios. — Câmeras.

Exalando um suspiro resignado, eu digo: — Mande uma mensagem de volta e diga que ela está demitida.

Monty ri baixinho.

Sanderson segura seu telefone para eu ler enquanto as mensagens continuam chegando.

Miller: *Fui demitida no terceiro e no sexto turnos também! Este deve ser um novo recorde.*

Miller: *Diga a ele que sua mudança deveria fazer com que ele fosse*

demitido. Essa foi feia.

Miller: *Ah, e diga também que sua calça de beisebol não está favorecendo em nada sua bunda.*

Miller: *Na verdade, não minta. Sua mudança, porém, não é mentira. Realmente foi feia.*

— Jesus — eu bufo, balançando a cabeça. — Basta perguntar a ela se meu filho está vivo.

O telefone de Sanderson toca. — Vivo.

Um pequeno peso sai do meu peito. Sete entradas perdidas, faltam duas.

— Mal posso esperar para conhecê-la — ouço Travis gritar do banco, conversando com meus companheiros de equipe.

— Já era hora de Max arranjar uma Hot Nanny — diz meu irmão.

— Já era hora de *termos* uma Hot Nanny. Nós merecemos isso — acrescenta Cody, nosso jogador de primeira base. — Isso é muito mais emocionante para os meninos do que para Maxie.

Monty se vira para atacar meus companheiros de equipe, mas eu o venço.

— Cuidado — eu digo do meu assento isolado. De pé, minha jaqueta cai do ombro enquanto projeto minha voz alta o suficiente para ser ouvida do outro lado do banco de reservas. — Vou dizer isso apenas uma vez, então ouçam. É melhor ninguém tentar nada com ela. Eu não dou a mínima se vocês acham que ela é um presente de Deus para esse time, ela não está aqui para ajudar nenhum de vocês. Então deixem que este seja o único aviso de que se vocês mexerem com ela de alguma forma que a faça se sentir desconfortável ou indesejável, vocês responderão a mim. Acham que Monty é assustador quando se trata da filha? — Eu rio condescendentemente. — Nem queiram saber como eu serei se vocês mexerem com o meu, e mexer com Miller, ou com qualquer um que esteja cuidando do meu filho, é a mesma coisa que mexer com Max, então não tentem,

porra.

Afundando no topo do banco, cubro meu ombro novamente com minha jaqueta para mantê-lo aquecido.

O banco de reservas está assustadoramente silencioso, provavelmente porque meus companheiros ficaram chocados ao me ouvir falar. As regras e superstições tácitas do beisebol não são brincadeira – você não mexe com elas, mas garantir que Max está bem é mais importante do que qualquer superstição.

— Sim! — meu irmão grita, quebrando o silêncio constrangedor. — Só Ace pode fazer com que ela se sinta indesejada, não é mesmo, treinador?

— Isaiah, pare de ser tão idiota e suba. Você será o próximo a rebater.

— Sim, senhor!

Ele troca o boné pelo capacete de batedor, saindo correndo do banco de reservas para o campo, enquanto eu sento e espero que esse maldito jogo acabe.

CAPÍTULO 5

Miller

— Max, ali está seu pai. — Aponto para a tela da televisão do outro lado da sala.

Ele grita e bate palmas, os olhos arregalados de excitação.

— Seu pai é o melhor jogador de beisebol de todos os tempos?

Seus olhos azuis crescem e brilham, então vou interpretar isso como a versão de um sim de Max.

— Eu me pergunto quem vai dar a notícia a Babe Ruth e Willie Mays[3]?

Ele ri, embora eu saiba que ele não tem ideia do que estou perguntando.

Nas últimas horas com ele, aprendi que sou a pessoa mais engraçada que já existiu e se ele continuar rindo de tudo que tenho a dizer, vou precisar de uma verificação de ego quando o verão acabar.

Quando meu pai propôs a ideia de eu ser babá do filho de seu arremessador, fiquei hesitante. Nunca passei muito tempo com uma criança antes e, claro, existem alguns grandes medos de não ser boa nessa função, mas o que há de diferente nesse trabalho em comparação com todos os outros é que, não importa se eu sou a melhor ou não, estou ajudando diretamente meu pai. Outros objetivos pelos quais me esforço são impressioná-lo, tranquilizá-lo de que estou fazendo algo na minha vida depois que ele desistiu da dele. Mas isso sou eu tendo a oportunidade de facilitar a vida dele.

Max continua olhando para seu pai na TV enquanto ele está em algum tipo de engenhoca que o mantém em pé e nivelado com o balcão para que ele possa caminhar comigo enquanto eu preparo seu jantar. Ele pega seu copo com

canudinho de água, bebendo enquanto eu corto um pedaço de abacate e algumas torradas, colocando-os em sua mesinha de comida para que ele possa comer e fazer a bagunça que quiser.

Não tenho certeza se de repente ganhei talento para trabalhar com crianças ou se Max é o garoto de quinze meses mais fácil que existiu, mas ele está realmente aumentando minha confiança aqui. À sua maneira, ele responde às minhas perguntas, desde que a resposta seja sim ou não. Ele comeu a comida que coloquei na frente dele e ficou totalmente entretido com o castelo de blocos de madeira que fiz antes.

Como se eu já não estivesse convencida de que Kai era o problema, e não as babás em si, passar a tarde com Max está provando meu ponto de vista. Eles têm uma organização inteira da MLB atendendo sua nova família, mas estou começando a sentir que talvez Kai não esteja tão ansioso para fazer essa situação funcionar.

Minha atenção é atraída de volta para a televisão. No topo do oitavo tempo e os Warriors já têm duas eliminações. O número vinte e um está no monte, deslumbrante naquele uniforme azul royal. Ele se inclina sobre seu queixo pontiagudo, lábios perfeitamente proporcionados e sobrancelhas carnudas. Ele deve estar usando lentes de contato no momento, mas seus óculos habituais realmente contribuem para aquela *vibe* ‘certinho, mas fodível’ que ele emana. Aparentemente, sósias de Clark Kent me atraem.

Kai se esquiva de uma jogada e depois de outra antes de aceitar a terceira opção que o apanhador lhe dá.

Reviro os olhos. Fico feliz em saber que não sou a única pessoa com quem Kai gosta de discordar.

Ao se levantar, aquele corpo alto e magro se estica, lançando uma bola curva que é surpreendentemente rápida para o tipo de arremesso, mas ela se move tanto sobre a base que não há como negar que é uma bola curva. E é uma bola

feia também.

Terceira rebatida. Terceiro fora.

— Max, por que você não me disse que seu pai era tão bom?

Ele bate os lábios em volta do pedaço de abacate antes de sorrir para mim, todos os dentes de leite verdes.

— Papai. — Mais uma vez, ele aponta o dedo coberto de abacate para a tela enquanto uma câmera dá um zoom em Kai correndo para fora do campo.

O cara é irritantemente agradável aos olhos. Seu boné está puxado até a testa, mas o azul do boné faz seus olhos penetrantes brilharem mesmo daqui.

— *Kai Rhodes está tendo uma temporada incrível* — diz um dos locutores ao fundo. — *Ele parece melhor aos trinta e dois anos do que aos vinte e dois.*

Presumo que estejam falando sobre o talento dele, mas não há como negar que Kai Rhodes parece muito bom aos trinta e dois anos.

Outra voz interrompe. — *Eu diria que aqueles fãs em Chicago estão se sentindo muito sortudos agora. Ele assinou com o Warriors na última temporada para jogar com seu irmão uma última vez antes de se aposentar nos próximos anos, mas com a forma como ele está jogando ultimamente, a aposentadoria é a última coisa em que alguém está pensando. E eu presumo que isso nem está no radar de Kai.*

O garotinho ao meu lado, com cabelo castanho escuro e olhos azuis, olha para a tela com admiração enquanto seu pai entra no banco de reservas. Kai não apenas parece um super-herói, mas acho que ele pode realmente ser um para seu filho.

Você pode ver isso na maneira como Max olha para o pai. Na maneira como Kai olha para ele. Aposto um bom dinheiro que Kai pensa em se aposentar todos os dias.

— Max — eu digo, chamando sua atenção de volta para mim e para sua

comida. — Eu fiz algo para você.

Sou experiente o suficiente para saber que a crosta é um *não* difícil para a maioria das crianças, portanto, ao cortá-la, tornei-a um pouco mais atraente transformando seu pedaço de pão branco em uma torrada em formato de cachorro.

Veja como estou usando minhas habilidades na cozinha no primeiro dia de trabalho. *Quem diabos precisa de cortadores de biscoito?*

— Au! Au! — Max late, apontando para o pão.

— Você gosta de cachorrinhos?

Ele bate na torrada com excitação antes de arrancar um pedaço e colocar o pão na boca.

Fico feliz em saber que ainda estou endividada com a escola de confeitaria, quando consegui esse tipo de reação cortando um pão comprado na loja no formato de um Labrador.

Apoio os cotovelos no balcão para chegar ao nível dele. — Max, o que você acha que há de errado comigo?

Droga. Pergunta carregada para uma criança de quinze meses. Acho que realmente estou enlouquecendo.

Ele não responde, continuando a mastigar o pão e o abacate. Mal sabe ele que há pessoas em certas partes do mundo dispostas a pagar vinte e cinco dólares ou mais por uma torrada de abacate e ele está aqui amassando-a no tapete muito antes de chegar à boca.

Eu reformulo minha pergunta. — Você acha que vou recompor minha vida até o final do verão?

Ele olha para mim com olhos brilhantes.

— Você acha que vou voltar a cozinhar e parar de falhar na cozinha?

Ele ri.

Meus olhos se estreitam. — Você acha que vou descobrir novas receitas?

Ele estala os lábios enquanto mastiga antes de me dar seu maior sorriso.

— Uau. — Eu me endireito. — Passar um tempo com você vai ser excelente para minha autoconfiança. Você sabia disso?

Ele grita e eu rio, afastando seu cabelo dos olhos. — Tudo bem, homenzinho. Com certeza continuarei formulando minhas perguntas para que goste de suas respostas.

Meu telefone toca no balcão. A oitava vez em oito entradas.

Desconhecido: *Esse é o Sanderson... de novo. Ace quer saber como Max está.*

Não posso deixar de revirar os olhos para o número desconhecido que acompanha a pergunta exata que recebi durante todas as sete entradas anteriores. Kai é ridículo, levando esses pobres funcionários à sua insanidade superprotetora.

Eu: *Ótimo. Ele está dormindo muito bem depois do uísque que coloquei na mamadeira dele.*

Desconhecido: *Oh, tudo bem. Bem, hum... Ace quer que eu diga que você está demitida.*

Eu: *Esquisito. Já fui demitido três vezes esta noite, mas ainda estou no hotel com o filho dele.*

Desconhecido: *Tenho certeza de que ele entrará em contato novamente no nono.*

Eu: *Tenho certeza de que ele vai.*

Quando concordei com esse trabalho, não estava totalmente convencida de que estava pronta para passar o verão cuidando de alguém que não fosse eu, mas

disse sim porque é quase impossível dizer não para meu pai. Qualquer convencimento que eu precisava foi solidificado por Max e como é fácil conviver com ele, mas o estilo parental excessivamente preocupado de seu pai está me fazendo questionar minha decisão.

Minha atenção se volta para o garotinho que está uma bagunça completa coberto de abacate.

— Max, seu pai é o pai mais autoritário de todos os tempos?

Ele grita e de agora em diante, tomo isso como um *sim definitivo.*

— Isso foi o que eu pensei.

CAPÍTULO 6

Kai

Ainda com a maior parte do meu uniforme, corro pelo corredor até meu quarto de hotel. O mais silenciosamente possível, entro no lugar escuro, o aparelho de sons do Max encobrindo qualquer som que eu faça enquanto corro para o berço dele.

Ele está bem. Na verdade, eu diria que ele está melhor do que bem, dormindo profundamente em um pijama aconchegante com seu bichinho favorito em seu punho, sobre o qual eu nem contei a Miller.

Não sei por que não contei a ela sobre o pequeno conforto em forma de raposa pelo qual ele é obcecado. Max não dorme sem essa coisa, mas, embora eu esteja feliz por ele estar descansando um pouco, não posso mentir e dizer que estou completamente feliz por ela aparentemente ter se saído bem sem a minha orientação.

Seguindo a luz que se filtra pela fresta sob a porta adjacente, bato os nós dos dedos contra a parede entre o quarto de Miller e o meu.

— Entre — ela diz alto o suficiente para eu ouvir.

Abrindo a porta, encontro-a sentada no colchão, com as pernas cruzadas, atenção na TV. A babá eletrônica de Max fica na mesa de cabeceira, onde ela pode ver como ele está enquanto assiste ao Food Network no mudo.

— Isso faz sentido para você se não consegue ouvir? — Faço um gesto em direção à TV, mas Miller não olha em minha direção, mantendo os olhos na tela.

— Faz muito mais sentido com o som desligado. Eu só queria ver como eles fizeram a *frittata*. Não preciso da história de que a bisavó deles tinha uma granja

de galinhas, o que os inspirou a criar esse prato para os filhos no primeiro dia de aula, sabe?

— Não tenho ideia do que você está falando.

Hipnotizada pela mulher na televisão, ela mal olha para mim para me acenar antes de dar uma olhada dupla, seus olhos voltam para o meu corpo.

— Você ainda está de uniforme?

— Tive que vir correndo até aqui e ter certeza de que meu filho ainda estava respirando.

— Você mandou mensagens a noite toda. Relaxe um pouco, Baseball Daddy. — Ela se concentra novamente na tela, mas então suas sobrancelhas franzem e sua atenção encontra a minha novamente. — Sabe, essa coisa de controle rígido está tornando muito difícil me imaginar cuidando de Max durante todo o verão.

Cruzo os braços sobre o peito. — Isso deveria me deter?

Seus olhos se estreitam. — Para alguém que diz que gosta tanto do meu pai, você está determinado a dificultar o trabalho dele, hein? Você age assim com qualquer pessoa que se aproxima de um raio de três metros de seu filho, ele desiste ou você o demite, apenas para ele se curvar para fazer tudo de novo por você.

Bem... merda. Isso é irritantemente perceptivo.

E porque odeio que ela esteja me criticando no primeiro dia, eu desvio. — Se ele é tão importante para *você,* onde você esteve? Jogo para ele há um ano e meio e presumi que você fosse uma criança, não uma mulher adulta, porque nunca apareceu antes.

— Não estou por perto *porque* ele é importante para mim.

Balanço a cabeça como se entendesse. — Isso não faz sentido.

— Emmett Montgomery desistiria de seu apartamento, de seus sonhos e de

sua carreira se isso significasse que ele poderia morar perto de mim. O trabalho me mantém ocupada, impede-me de ficar muito tempo no mesmo lugar, então nos vemos na estrada algumas vezes por ano. Esta é a primeira vez na minha vida adulta que tenho tempo livre e ele me quer por perto. Eu devo a ele, então você poderia parar de dificultar tanto o pagamento?

— O que você quer dizer com você deve a ele?

Ela me acena. — Talvez uma manhã possamos ficar bêbados juntos e eu explicarei para você então. — Miller pega o telefone da mesa de cabeceira e o estende para eu ver. — Veja este vídeo do Max. Veja como ele está feliz.

Na pequena tela do telefone, é exibido um vídeo do meu filho fofo sentado no sofá, apontando para a tela da televisão, onde ele pode me ver lançando. Ele nunca foi a um dos meus jogos e, pelo que sei, esta pode ser a primeira vez que ele me vê jogar. A repetição constante de *'Dadda'* faz meu peito doer fisicamente enquanto ele me observa fazer algo que amei durante toda a minha vida, mas tudo isso muda no final do vídeo, quando o vejo abraçando sua nova babá.

Posso sentir meu rosto cair junto com meu estômago. Ele nunca se sentiu tão confortável com outra pessoa tão rapidamente, nunca teve uma mulher em sua vida que quisesse abraçar.

Isso me assusta pra caralho.

Porque por mais que Miller tenha me assustado hoje, o que mais me assombra é como Max reagirá daqui a dois meses, quando ela se for, se isso é o quanto ele gosta dela no primeiro dia.

Ela continua a percorrer foto após foto dele, Max sorrindo tanto quanto sua boquinha permite, e quando ela termina a apresentação de slides, sem dizer uma palavra, volto para o meu quarto.

— É isso? — ela pergunta.

Eu fico de volta em seu espaço. — O que mais você quer que eu diga?

— Não sei. Que tal: Obrigado, Miller. Não estou surpreso que meu filho já ame você, porque você é a pessoa mais fácil de se conviver, ou talvez você pudesse tentar me conhecer. Qualquer coisa, mesmo.

— Eu não quero conhecer você.

Qual é o sentido quando ela vai embora em breve?

Sua cabeça se afasta com as minhas palavras. — As malditas habilidades sociais vieram com a paternidade ou você nasceu assim?

Não digo nada, continuando a apoiar o ombro na porta que leva do quarto dela ao meu.

— Você percebe que você é o problema aqui, certo? Seu filho é fácil.

Mais uma vez, não respondo.

Ela não precisa me dizer isso. Tenho autoconsciência suficiente para saber que o problema sou eu. Sei que sou excessivamente protetor. Sei que Max é fácil, mas ele também é minha única família além do meu irmão, e eu sou a dele. Ele é tudo o que tenho.

Miller solta um suspiro cansado, e parece que ela está cansada de mim. — Você simplesmente não vai responder? Legal. Precisa de mais alguma coisa? — Ela aponta para o meu corpo. — Você tem alguma terapia pós-jogo que precisa fazer antes de eu encerrar a noite?

— Não, já terminei.

A mentira escapa facilmente da minha língua. Meu corpo vai pagar por lançar na oitava entrada sem cuidar do meu ombro, cotovelo ou pulso esta noite. Eu deveria nadar à meia-noite ou passar a próxima hora na sala de treinamento, deixando-os me guiar nos alongamentos e exercícios de mobilidade. Em vez disso, peguei o primeiro ônibus para sair da arena sem sequer entregar meu uniforme ao pessoal do equipamento.

Miller ri e não tem humor. — Deus, você finalmente diz alguma coisa e é besteira.

Eu deveria ter pensado melhor antes de mentir para ela sobre minha rotina pós-jogo. Ela foi criada por um treinador de beisebol.

Ela se levanta da cama, entregando a babá eletrônica como um sinal físico de que terminou a noite. — Eu tinha planejado interpretar a porra da Mary Poppins neste verão, mas não tenho como lidar com você por dois meses. — Ela casualmente pega suas coisas ao redor do quarto. — Eu pensei que poderia fazer isso. Max é ótimo, mas você... — Ela balança a cabeça. — Você não é.

O que ela está fazendo? E para onde ela pensa que está indo? Durante todo o meu jogo, eu esperava que ela fizesse alguma merda para que eu pudesse demiti-la, mas agora ela está indo embora por vontade própria.

E tudo em que consigo pensar é no garotinho do quarto ao lado, que está dormindo profundamente depois de passar o dia feliz com essa garota que vai embora por minha causa.

Eu me coloco na frente dela, entre ela e a porta. — Para onde você está indo?

— Para o mais longe possível de você. Toda essa coisa de pai solteiro autoritário foi meio excitante no começo, mas agora... — ela move o olhar para cima e para baixo pelo meu corpo — ... isso é exaustivo.

Ela dá um passo para o lado, alcançando a porta do corredor, mas eu a acompanho, bloqueando a saída.

— Por favor, mova-se.

— Para onde você está indo? — eu pergunto novamente. — Está tarde.

Ela joga a cabeça para trás por um momento para se recompor. — Tenho uma casa alugada que preciso arrumar para poder dirigir até Chicago amanhã.

— Oh. — Bem, isso é um bom sinal. Ela está voltando para minha cidade. — Então, vejo você no domingo? Na minha casa.

Ela solta uma risada, mas com muita frustração. — Primeiro, você não quer que eu cuide do seu filho. Agora, você quer. Decida-se, Rodhes. Qual é?

Ótima pergunta. Ela acha que tenho alguma ideia do que estou fazendo? Quero que Max esteja seguro. Quero ser *eu* quem irá mantê-lo seguro, mas não posso estar com ele 24 horas por dia, 7 dias por semana. Quero que ele seja feliz, mas também não quero que ele fique com o coração partido quando essa mulher for embora daqui a dois meses.

Tiro o boné da cabeça, passando a palma da mão frustrada pelo couro cabeludo antes de virá-lo, com a aba para trás. — Eu não sei, Miller.

— Oh, meu Deus. — Ela joga as mãos para cima. — Estou cansada de você. Saia daí.

Ela corre para o meu outro lado para chegar à porta. Sem pensar e sem palavras, estendo a mão para impedi-la, mas ela se move para um lado e eu movo para o outro rápido demais, de modo que minhas duas mãos pousam em seus seios, em vez de no destino pretendido – a segurança de seus braços.

Nós congelamos perto da porta, minhas mãos segurando-a.

Os olhos de Miller se voltam para as minhas mãos e depois para mim. Ela faz uma pausa, sem dizer nada, até que finalmente limpa a garganta. — Você vai mantê-las aí a noite toda, ou...

— Merda. — Afasto minhas mãos, deixando-as repousar ao meu lado, formando-as em punhos para resistir a tocá-la acidentalmente novamente, porque, puta merda, ela é boa de tocar.

Minha pele está zumbindo; meus nervos estão em chamas. Quase esqueci como era o corpo de uma mulher, como era delicioso sentir o peso na palma da minha mão. Meus dedos estão formigando para lembrar novamente.

Deus. Quão patético sou eu que um agarramento acidental de peitos é a maior ação que já vi em mais de nove meses?

— Você precisa tocá-los de novo? — Miller pergunta e é quando minha atenção se volta para ela que percebo que meus olhos estão percorrendo todo o seu corpo, pensando, fantasiando. — Se tocar meus seios faz você relaxar, por favor, fique à vontade.

— Desculpe... eu... foi um acidente.

— Você está agindo como se nunca tivesse tocado em um par de seios antes. Você tem um filho. Eu espero que tenha havido algum seio agarrado na noite em que você fez o garotinho.

— Tenho certeza de que houve, é só... desculpe.

Miller suaviza, não tentando mais escapar, mas agora me sinto como um velho tarado parado na frente de sua porta, recusando-me a deixá-la sair depois de assediá-la sem permissão.

Eu me movo para o lado, dando-lhe um caminho a seguir, e sem palavras, ela o faz.

— Vejo você em Chicago? — eu pergunto desesperadamente antes que ela saia pela porta.

Miller faz uma pausa por um momento antes de voltar. — Kai — ela exala, sua voz toda gentil e posso dizer apenas pelo tom que não vou gostar da resposta que estou prestes a receber. — Tenho muita coisa acontecendo neste verão, coisas com as quais estou estressada demais. Não consigo lidar com o seu estresse, além do meu próprio. Achei que poderia fazer isso pelo meu pai, queria fazer isso por ele, mas acho que não vai dar certo. — Ela me oferece um sorriso apaziguador. — Você tem um filho incrível. Para o bem de vocês dois, espero que você aprenda a soltar as rédeas.

Porra.

Há tantas perguntas que quero fazer. Por que ela está estressada? O que posso fazer para fazê-la mudar de ideia?

Depois, há a outra parte dessa equação: Monty.

Deus, meu irmão estava certo. Eu sou um idiota mal-humorado, porque quem mais arruinaria isso para Monty, entre todas as pessoas? Ele tem sido tão bom para mim e para a minha família e tudo o que queria era passar o verão com a filha.

E meu filho. *Porra.* Meu filho gostou dela.

Quantas noites eu fiquei acordado, preocupando-me com o que ser criado por um time de beisebol só de homens iria fazer com ele? Ele realmente gostou de uma mulher pela primeira vez em sua curta vida, sentiu-se confortável com ela, e minhas próprias besteiras a assustaram.

Observo Miller sair pelo corredor, vejo-a entrar no elevador, e fico me perguntando como há apenas algumas horas eu estava desejando que ela fosse embora e agora que ela se foi, estou desesperado para que ela fique.

CAPÍTULO 7

Miller

— Pai, você não precisa arrumar o sofá. Estou dormindo na minha van esta noite.

Curvando-me para alcançar os dedos dos pés, estico as costas, precisando de algum alívio depois da viagem de vinte horas. A última coisa que quero fazer depois de tanto tempo sentada é dormir no sofá. O colchão da minha van é muito mais confortável.

— Você pode ficar na minha cama — ele insiste.

— Eu não vou dormir na sua cama.

— E você não está dormindo em sua van no centro de Chicago.

Solto um suspiro resignado. — Podemos resolver isso mais tarde?

— Tudo bem. Como foi sua viagem?

— Ótima. Fácil.

— E quanto tempo você vai ficar na cidade?

Eu sabia que isso aconteceria, mas qualquer coisa que eu tenha a dizer, ele não vai querer ouvir. Eu só decidi dirigir de Miami até Chicago para acalmá-lo, mas meus planos originais de seguir lentamente para a Costa Oeste estão de volta. Ele vai passar a maior parte dos dias no campo ou em outras cidades para jogos, então qual é o sentido de ficar sentada em Chicago se não estou viajando com ele para ajudar Max?

Ele percorre a cozinha de seu apartamento, retirando alguns ingredientes, embora saiba que dois minutos depois de começar a cozinhar, serei eu quem

assumirá. Emmett Montgomery é ótimo em muitas coisas. Cozinhar não é uma delas.

— Quer falar sobre o que aconteceu na outra noite? — ele pergunta.

— Não.

— Ok. Vamos conversar sobre isso de qualquer maneira.

— Kai é demais — eu rapidamente deixo escapar. — Aquele cara não tem a menor calma.

As costas do meu pai vibram em uma risada enquanto ele fica em frente ao fogão, quebrando ovos em uma panela.

Sem hesitar, eu sigo.

— Melhor focar em ser treinador — digo a ele, pescando algumas cascas de ovo antes de cozinharem nas claras.

— Você deveria estar grata por eu ser péssimo na cozinha. É a razão pela qual você está fazendo algo tão incrível com sua vida. A capa da revista *Food & Wine,* Millie? Incrível.

Sua voz transborda orgulho como sempre, mas tento não pensar muito no artigo ou no prêmio que acabei de ganhar. Preciso voltar para a cozinha e praticar sem ninguém respirando no meu pescoço.

Provavelmente é melhor que Kai seja muito difícil de ajudar. Tenho outras coisas nas quais preciso me concentrar.

Pego a espátula dele, assumindo oficialmente o controle. — Podemos conversar sobre outra coisa além de panificação?

— Claro. Vamos falar sobre Kai.

— Tranquilo.

— O que aconteceu na outra noite?

Lanço a ele um olhar incisivo. — Só quero que você saiba que tem um

péssimo gosto para pessoas, porque seu jogador favorito é o pior. Ele me disse que não queria me conhecer depois que eu passei o dia inteiro cuidando do filho dele.

Em seguida, passou a ligar para o meu telefone inúmeras vezes, mas não ouvi as mensagens de voz. Presumo que tenham sido forçadas pelo meu pai e não preciso ouvir suas desculpas forçadas.

Pegando algumas frutas da geladeira, corto-as, ficando de olho em nossos ovos enquanto jogo algumas fatias de pão na torradeira, voltando a cuidar dele do jeito que fazia na adolescência.

— Ele é um pouco protetor — meu pai admite.

— Eufemismo do ano.

— E ele está acostumado a fazer tudo sozinho. Ele praticamente criou o irmão e é apenas dois anos mais velho que Isaiah.

Espere. O quê?

Minha atenção se volta para ele, mas rapidamente a evito. Ele adora Kai e, por minha própria mesquinhez, não quero saber o motivo.

— Ele está sofrendo muita pressão, Miller. Ele é o único pai de Max e talvez seja o melhor arremessador que eu já vi, quanto mais treinado. A vida na MLB é quase impossível de ser vivida quando se é pai solteiro.

Sem saber, essas palavras caem no meu peito, pesando. Eu as carrego há anos, muito consciente do que ele abriu mão por mim.

Meu pai também estava nas ligas principais antes de eu chegar, mas, ao contrário de Kai, logo que se tornou pai solteiro, ele deixou a liga. Ele se estabeleceu em uma pequena cidade no Colorado. Foi treinador em uma faculdade de merda com um orçamento quase inexistente. Ficou quando as ofertas maiores começaram a chegar. Criou-me sozinho. Estava em casa todas as noites. Ia a todos os eventos escolares e a todos os meus jogos de softball.

Durante todo esse tempo, ele era talentoso o suficiente para ganhar milhões de dólares jogando um esporte que amava. Mas, em vez disso, ele desistiu de tudo por minha causa.

— Ele precisa da sua ajuda, Miller. Ele não sabe como pedir isso e não tenho certeza se ele sabe como aceitar, mas se há alguém que pode abrir caminho com força, esse alguém é você.

Eu começo a rir. — Não tenho certeza se esse é o elogio que você pretende, pai.

— Não quero que ele desista e se aposente mais cedo.

Os golpes continuam chegando. Ele não quer que Kai desista de sua vida por Max da mesma forma que ele teve que desistir de sua vida por mim.

Limpando a garganta, preparo nosso café da manhã e o encontro à mesa. — Onde está a mãe de Max?

— Não faço ideia. No outono passado, pouco antes dos playoffs, ela apareceu do nada, deixou Max na casa de Kai e alguns dias depois fugiu da cidade. Não queria relação com o filho dela.

— *Merda* — eu exalo.

— Ele tentou se aposentar no dia seguinte — continua meu pai. — Veio ao meu escritório, contou-me o que aconteceu e perguntou que tipo de multas ele teria que pagar por romper o contrato antes do tempo. Estávamos prestes a entrar nos playoffs e ele estava pronto para sair sem mais nem menos. — Ele estala os dedos. — Sem hesitação em assumir toda essa nova responsabilidade.

Isso faz com que eu não goste dele um pouco menos. E isso faz com que seu estilo parental superprotetor e irritante faça muito mais sentido. Max não tinha ninguém e de repente Kai se aproximou, pronto para ser tudo para ele.

Isso me lembra o homem sentado à minha frente à mesa.

— Não posso passar o verão com alguém assim, pai. Ele é insuportavelmente

tenso. O cara não tem ideia de como relaxar.

— Ele é um bom homem, Miller. Bom coração, cuida da família. Ele só precisa de um lembrete de que às vezes também precisa cuidar de si mesmo. E se há alguém que sabe se soltar e se divertir, é você. Talvez isso passe para ele.

— Você quer que eu me esfregue nele?

— *Passe,* Miller. Eu disse *passe para ele*.

Eu estalo meu ombro. — Eu gosto mais da minha versão.

— Millie — ele começa, pousando o garfo. — Por favor, por mim, dê a ele outra chance. Kai precisa de sua ajuda. Ele pode não dizer isso, pode não perceber ainda, mas você será boa para ele. Ambos.

Foda-se minha vida. Este homem, que desistiu de tanto por mim, sabe que não posso dizer não a ele.

— Você quer que eu me force a entrar na vida deles quando ele me disse que não queria saber nada sobre mim?

— Sim.

Eu solto uma risada. — Vou pensar sobre isso.

Um momento de silêncio se passa entre nós, palavras não ditas pairando no ar antes de meu pai finalmente quebrar o silêncio e pronunciá-las em voz alta.

— Se você decidir ficar, divirta-se. Faça com que ele se divirta, cuide do menino, mas não esqueça que você vai embora no final do verão, ok? Kai tem os pés no chão e é apegado, e tem um bom motivo para ser assim. Mas você, minha garota, é a pessoa mais sem compromisso que conheço.

— Você está cheio de elogios hoje, não é? — eu brinco, mas ele está certo. Eu sempre saio, sabendo que não terei que lidar com a dor da saudade de casa quando for. Pelo menos para qualquer um, menos ele.

— De certa forma, Kai tem sorte — continua ele. — Ele não precisa da mãe

de Max, e Max não se lembrará dela quando for mais velho. Mas os riscos são muito maiores quando há crianças envolvidas. Cuide deles, mas não dê a eles alguém de quem sentir falta.

Ele está pedindo muito a uma garota que, até dez minutos atrás, estava pensando em deixar a cidade o mais rápido possível.

— Pai, essa foi uma maneira muito longa e prolongada de você me dizer para não fazer sexo com seu arremessador.

— Bem, meu jeito parecia muito mais poético do que isso, mas sim, *não faça sexo* com meu arremessador.

CAPÍTULO 8

Kai

— Max! — Indy exclama assim que abre a porta de sua nova casa.

— Kai também — eu a lembro com uma risada.

— Sim, sim. — Ela estende as mãos para meu filho. — Você também.

Max estende a mão para ela, então eu o entrego antes que ela o cubra de beijos na bochecha, e sigo o som doce da risada do meu filho para dentro de casa.

— Ei, cara — Ryan diz quando o encontramos na cozinha. — Obrigado por ter vindo mais cedo.

Coloco minha mão na dele, a outra o rodeando em um abraço. — Obrigado por ter me recebido mais cedo.

— Bem, você é o único que está em temporada no momento. Achei que deveríamos atender à sua agenda.

Ryan Shay é o capitão do Devils, time da NBA de Chicago. Compartilhamos o mesmo agente, e ele foi o primeiro atleta que conheci na minha nova cidade quando me mudei para cá há dezoito meses. Até esta primavera, quando ele e eu compramos casas no subúrbio, também dividíamos o mesmo prédio de apartamentos no centro da cidade.

Somos amigos desde que nos conhecemos, mas foi só quando Indy, sua recente noiva, entrou em sua vida que nos tornamos *bons* amigos. Ele era assumidamente reservado, não queria deixar ninguém se aproximar muito antes dela. Não tenho certeza se ele tinha algum amigo de verdade além da irmã gêmea, mas desde que ele e Indy estão juntos, ele está sempre recebendo pessoas

em sua nova casa.

E todos os domingos à noite, os dois fazem jantares de família com convidados que incluem sua irmã gêmea, Stevie, e o noivo dela, Zanders, zagueiro titular do time de Chicago na NHL. O companheiro de linha do Zanders, Rio, está sempre presente, assim como meu filho e eu. Os outros rapazes às vezes trazem alguns de seus companheiros de equipe e Isaiah vem junto se não tiver outros planos.

Ao contrário do meu irmão, fico ansioso pelos jantares de domingo durante toda a semana, porque, mais do que qualquer outra pessoa em Chicago, sinto que essas pessoas me entendem.

Zanders e Stevie estão grávidos, e Ryan e Indy estão tentando ter seu primeiro filho. Eles estão sempre animados com a presença de Max em casa e não sinto que estou atrapalhando a festa porque tenho meu filho de quinze meses comigo, como me sinto às vezes com meus colegas de time.

— Oi, Maxie — diz Ryan enquanto Indy dá a volta na ilha da cozinha para que seu noivo diga *olá* ao meu filho também.

Eles estão tentando engravidar há alguns meses, sem sucesso, então estou feliz em dar a eles todo o tempo que quiserem com Max. Eles regularmente pedem para ser babá, e Indy é a única mulher com quem Max se sente confortável em ficar.

Bem, ela *era* a única mulher. Antes de Miller.

— Com quem vocês vão jogar esta noite? — Ryan volta para o fogão.

— Cincinati.

— E Isaiah? — Indy pergunta, empurrando Max pela cozinha.

— Tenho quase certeza de que ele ainda está na cama da pessoa em que pousou ontem à noite. As manhãs de domingo normalmente são proibidas para ele.

E o café da manhã em família normalmente é proibido, a menos que eu tenha um jogo no domingo à noite. Eles têm uma coisa estranha sobre o café da manhã que gostam de guardar para si, mas abriram uma exceção hoje.

— Seu tio é um pequeno playboy? — Indy pergunta ao meu filho, o que o faz rir. — Sim, ele é. Ele é um playboy, hein?

— Você está falando de mim, Ind? — Ouço quando a porta da frente se fecha.

— Não, Zee, nem tudo é sobre você.

— Boa sorte em convencê-lo disso — diz Stevie, com a mão na barriga.

— Olá, minha linda e radiante melhor amiga. — Indy abraça sua futura cunhada, enquanto segura meu filho no colo.

— Se por radiante você quer dizer com fome e mal-humorada o tempo todo, sim, sou *muito* radiante.

— A mais radiante — diz Zanders com um beijo no topo de seus cachos.

Depois de dizerem olá, as meninas levam meu filho para o quintal para brincar ao ar livre enquanto eu fico com Ryan e Zanders na cozinha.

— Como está Max? — Ryan pergunta, servindo canecas de café para nós três.

— Bem. Ele está bem. Ele tem sido um campeão nesta temporada com viagens e morando meio período em um quarto de hotel. Ele é fácil. Tenho sorte.

Bebo metade da minha caneca e a devolvo a Ryan para reabastecê-la.

Sua sobrancelha arqueia, preenchendo-a novamente. — Todos nós amamos Max, mas esta é provavelmente a única vez que você pode reclamar por ser pai solteiro. Então, vamos ouvir. Além de você estar claramente exausto.

Ele devolve meu café.

— Por favor, não me peça para reclamar com você, entre todas as pessoas,

quando você e Indy estão se esforçando tanto para se tornarem pais.

— Kai, todos nós temos nossas merdas. Só porque estamos lidando com nossas próprias coisas, não significa que não possa ouvir sobre as suas. Além disso, estamos nos divertindo tentando.

Hesitando, olho para os dois. Parece estranho reclamar da pessoa que você ama mais do que sabia que seu coração era capaz de amar. Max é a melhor coisa que já me aconteceu, mas ser pai solteiro ainda é a tarefa mais difícil que já tive.

— Ele mijou em mim outro dia — admito. — Estou falando de tudo em mim. Pingou na minha camisa enquanto eu tentava trocá-lo. Tenho quase certeza de que atingiu o teto e borrifou as paredes.

— Jesus. — Os olhos de Zanders se arregalam.

— Apenas espere, Zee. Você pode querer repensar seu desejo de ter um menino.

— Vocês *deveriam repensar* o desejo de um menino — Ryan interrompe. — De jeito nenhum precisaremos de outro de você correndo por aí.

— Também amo você, irmão — acrescenta Zanders com um sorriso e um dedo médio.

— Pelo menos ele é fofo — diz Ryan, olhando pela janela enquanto meu filho brinca com sua noiva e irmã. — Meio que compensa a coisa de mijar no ar.

— Ele é muito bonito, mas o garoto tem o pior gosto para entretenimento. Sua última obsessão é um desenho sobre uma salada de frutas dançantes. Um monte de frutas e vegetais têm olhos e bocas, mas não falam, só dançam ao som de música rave. Juro por Deus que quem criou isso estava tomando ácido na época. Sempre que passa na TV, sinto-me como se estivesse em um sonho febril.

O rosto de Zanders se contorce de horror.

— Tentei desligá-lo e ele gritou até que voltei a ligá-lo. Os rabanetes estavam mexendo.

— Como um rabanete mexe? — Zanders pergunta, com a caneca nos lábios.

— Eu não sei, cara. Eu não sei, porra. — Eu balanço minha cabeça. — E na semana passada tive que registrar quantas vezes ele cagou. Eu literalmente tive que escrever. A primeira coisa que eu pensava todas as manhãs era na merda desse garoto, porque ele não fazia há alguns dias.

Um pequeno sorriso se espalha nos lábios de Ryan, mas ele tenta disfarçar com sua caneca de café; o tempo todo Zanders me encara como se eu tivesse dito a ele que alguém chutou seu cachorro.

— E a hora do cochilo. Esses cochilos são os momentos mais sagrados do dia. Se um dos caras do time tentar atrapalhar o horário de sono dele, eu vou perder a paciência com ele. Estou falando de ‘usar suas bolas como um saco de pancadas’. Ele fica infeliz se não estiver dormindo direito, e esses são os únicos momentos do dia em que tenho meu próprio tempo sem me sentir culpado.

— Você se sente culpado? — Zanders pergunta.

— O tempo todo. — Eu exalo um longo suspiro.

Zanders pega minha caneca e adiciona uma dose saudável de Baileys ao meu café.

— O que você está fazendo? Tenho um jogo esta noite.

— Você está no banco de reservas esta noite e precisa disso — diz ele, adicionando um toque em sua caneca e na de seu futuro cunhado.

Ryan cutuca meu ombro. — Você sabe que Indy e eu estamos sempre aqui para ajudá-lo. Sempre que você precisar de um descanso. Conte conosco.

— Eu não deveria querer uma pausa, no entanto. Tive uma pausa durante os primeiros seis meses de sua vida.

— Jesus, Kai — Ryan exala. — Você não pode se punir por isso. Você não tinha ideia de que ele existia. Você não tem equilíbrio em sua vida. *Papai* é apenas um dos seus títulos.

— E o outro é *arremessador inicial.* Meu tempo é dividido entre o beisebol e ele, e quando estou focado em um em vez de outro, sinto-me constantemente culpado porque o outro não tem toda a minha atenção.

Merda. Fale sobre vômito de palavras. Tento não reclamar porque não tenho muito do que reclamar. Max é a melhor parte da minha vida, mas não vou mentir e dizer que não estou cansado. Estou cansado de me preocupar o tempo todo, cansado de me perguntar se estou bagunçando tudo.

— Sabe — Ryan começa com uma pequena risada. — Por uma fração de segundo, quando apresentei você a Indy pela primeira vez, fiquei tão preocupado que ela gostasse de você. Você costumava ser muito parecido com ela. Um raio de sol ambulante. Mal sabia eu que seis meses depois você estaria tão mal-humorado quanto eu.

— Eu não estou mal-humorado — afirmo em um tom que parece muito mal-humorado. — Estou exausto. Tornei-me pai solteiro no início da baixa temporada do ano passado. Consegui lidar com isso quando o beisebol não era um problema, mas agora... se eu pudesse me aposentar mais cedo...

— Não.

— Cale a boca — acrescenta Zanders.

— Você não vai se aposentar mais cedo — continua Ryan. — Para a sua idade, você está surpreendentemente no auge de sua carreira. Não está desistindo. Só precisa descobrir como pedir ajuda e aprender a aceitá-la. Como estão as coisas com o Troy?

Eu desvio meus olhos dos dele. — Eu o demiti.

Parando apenas por um momento, ele dá uma gargalhada. — Claro que você fez isso. — Abrindo a janela da cozinha que dá para o quintal, ele grita: — Blue! Kai demitiu a babá!

Ouço seus passos correndo dentro de casa. — Foi antes ou depois de quarta-

feira?

— Quinta-feira, eu acho. Por quê?

— Droga!

Ryan gargalha. — Obrigado por isso.

— O que estou perdendo aqui?

— Indy e eu apostamos quando você iria demiti-lo. Tinha a sensação de que seria esta semana. Ela apostou na primeira metade da semana, eu apostei na segunda.

— Vocês estão fazendo apostas sobre os serviços de cuidados com o Max agora? Legal.

Stevie segue Indy para dentro, segurando as mãos de Max acima de sua cabeça para ajudá-lo a andar. — O que o vencedor ganha?

— Blue me deve um boquete. — Ryan sorri enquanto toma seu café mais uma vez.

— Nojento. — Stevie faz uma careta.

Indy joga o cabelo por cima do ombro. — A piada é sua. Mal você sabe, eu gosto de fazer boquetes em você.

— Sim, eu nem sei. Não tem como eu saber disso, hein?

Ryan dá a volta na ilha da cozinha para pegar Max, ele e Indy estão apaixonados por ele. Zanders se junta a Stevie para arrumar a mesa, com ele não tão sorrateiramente tocando-a de vez em quando.

Por mais que eu me sinta ligado a esses caras, sendo todos nós atletas profissionais estabilizados, ambos têm pessoas com quem podem se apoiar. Outra pessoa para ajudar a diminuir o fardo. Felizmente, eles nunca entenderão o que significa passar por coisas difíceis sozinhos. Mas talvez pior do que isso seja passar pelas coisas boas e não ter alguém com quem comemorar esses

momentos. Ninguém mais ouviu a primeira palavra de Max. Ninguém mais viu a primeira vez que ele engatinhou.

E, nesse momento, observando os quatro, eu não poderia me sentir mais sozinho.

Isto é, até que o outro rapaz muito solteiro do grupo entra pela porta.

— Cheguei! — Rio DeLuca, colega de time de Zanders, irrompe pela casa com seu *boombox* no máximo, fazendo sua grande entrada. — O que eu perdi?

— Kai demitiu outra babá — Ryan explica antes de jogar meu filho no ar, pegando-o no meio da risada.

— Sim, bem, já era hora. Já se passaram o quê, duas semanas desde que ele foi contratado?

— Quatro.

— Um recorde para você, Kai?

É mesmo? Uau, não tenho certeza.

— Eu já contratei outra pessoa. Ela ficou cuidando de Max em Miami.

Convenientemente, deixo de fora o fato de que ela também se demitiu, mas minha tendência de demitir qualquer pessoa às pressas está rapidamente se tornando a piada favorita de todos.

— Ela? — Stevie pergunta.

— Ela.

Rio desliga seu aparelho de som. — Quem é *ela?* E *ela* é solteira?

Ela é? Não faço ideia se Miller está solteira. Eu soube que ela não mora em nenhum lugar fixo, então não consigo imaginar como ela poderia fazer um relacionamento funcionar, mas talvez seu parceiro seja nômade como ela.

— Não tenho certeza, na verdade.

— Digamos, hipoteticamente, que ela seja muito solteira. Muito *disponível* — continua Rio. — Ela estaria a fim de mim?

— Não.

— Nossa, Kai. Responda um pouco mais rápido da próxima vez.

— Quero dizer, eu não sei. Ela é filha do meu treinador, então acho que é melhor que ninguém na minha vida... — eu movimento o olhar pelo ambiente — ... tente descobrir.

— Filha do treinador, Kai? — Indy tem um sorriso conhecedor. — Interessante. Eu amo esse enredo.

— Nada disso é interessante, sua romântica incurável.

— Esperançosa — ela corrige, apontando para Ryan. — O novo termo é *romântica esperançosa.*

— Sim, bem, seja qual for o tipo de cenário que você esteja criando na sua cabeça agora sobre mim e a nova babá, deixe-me acabar com isso. Monty a contratou sem que eu soubesse e não pude dizer não.

— Besteira — Ryan late. — Você nunca deixou que algo como agradar ao seu treinador fosse o motivo pelo qual você se compromete quando se trata de Max. Você gosta dela.

— Não, eu não. Eu meio que não a suporto, mas não importa de qualquer maneira, porque ela já se foi.

A casa inteira está sem palavras mais uma vez.

— O que diabos há de errado com você? — Ryan pergunta, quebrando o silêncio. — Você tem um jogo esta noite. O que você vai fazer com Max?

Levanto uma sobrancelha sugestiva para ele e sua noiva.

— Oh, não. Não olhe para nós assim. — Indy acena com as mãos para mim. — Nós amamos o Max, mas não estamos facilitando para você. O que havia de

errado com essa garota? Você não gostou da maneira como ela respirava? Ela era muito simpática? Você não concordou com a cor favorita dela?

— Max já gostava muito dela.

Ela também é tentadora demais para ficar colada ao meu lado durante todo o verão, mas deixo essa parte de fora.

Indy pisca para mim sem saber o que fazer. — Você é ridículo. Você precisa ligar para ela e trazê-la de volta para cá.

Eu já liguei. Logo depois que ela saiu. Não tive a chance de explicar que ela fez um trabalho *muito* bom com meu filho, mas, mesmo que ela me desse a oportunidade, seria patético admitir que o meu comportamento em relação a ela se deve ao fato de Max ter ficado tão à vontade com ela que me deixou nervoso. No único dia em que Miller esteve com ele, ele estava mais satisfeito do que nunca com qualquer babá, e eu estraguei tudo porque tive medo. Medo de ela se aproximar, mas ainda mais medo de ela ir embora.

— Eu tentei — admito. — Cerca de quinze vezes, mas ela está me ignorando.

— Ah, você *vai* mesmo dormir com ela. — Zanders ri. — Sexo com ódio ou sexo de reconciliação. Um dos dois.

— Não, eu não vou.

— Não, ele não vai — acrescenta Rio. — Porque se Kai ficar com alguém, eu serei o único solteiro que restará, e eu me recuso a ser o velho, triste e solteiro. Bem, além do Isaiah, mas ele não conta. Ele gosta de ser solteiro.

— Rio — Indy murmura. — Você ainda é um bebê, mas quando envelhecer, poderá vir morar conosco e nós cuidaremos de você. Ryan preparará o café da manhã para nós e você poderá ser nosso terceiro parceiro platônico.

— Eu não vou preparar o café da manhã para ele — Ryan interrompe.

— E eu não sou a terceira opção de ninguém. E nem me provoque sobre

morar com Ryan Shay, Ind. Isso vai se transformar muito rapidamente em uma situação de duas rodas, e você não será uma delas.

Ryan solta uma risada baixinho.

— Tudo bem, vamos comer. Eu tenho que ir para casa. Espero que Monty consiga convencer Miller a me dar outra chance antes do jogo desta noite.

— O nome dela é Miller? — Stevie pergunta, sentando-se à mesa, esticando as pernas e esfregando a barriga. — Ela parece fofa.

Ela é fofa. Da mesma forma que um tornado é fofo. Ou uma matilha de leões famintos. *Muito fofa.*

— Oh, meu Deus — Rio adverte meu silêncio. — Ele nem tentou negar! Serei o único que restará. Vou ter que me mudar para a casa da minha melhor amiga e envelhecer com o maldito Ryan Shay.

Zanders faz um prato para Stevie enquanto todos nos sentamos. — Você não parece tão chateado com isso.

Rio estala os ombros. — Nunca disse que estava.

Todos se reúnem ao redor da mesa e eu pego a cadeirinha que guardo para Max aqui antes de me sentar também. Meus amigos se revezam para alimentar meu filho ou entretê-lo. Seus olhos azuis estão brilhantes enquanto ele ri e sorri para o grupo de atletas profissionais que fazem caretas para ele.

E, embora, sim, às vezes eu me sinta muito sozinho perto dessas pessoas, eu não poderia ser mais grato por elas terem me puxado para o seu grupo e me dado um lugar em Chicago que me faz sentir em casa.

CAPÍTULO 9

Kai

Faltando cinco minutos para as três da tarde, um Mercedes Sprinter verde-floresta aparece na minha garagem. Além do fato de eu já saber quem é, porque o segurança no portão da frente teve que me ligar para liberá-la, esta van grita Miller.

Assim como a maneira como ela está tocando música nos alto-falantes e dirigindo um pouco rápido demais para o meu gosto. Uma maldita van móvel. Aposto que essa nômade também mora nela.

Fiquei surpreso quando recebi a ligação dizendo que ela estava aqui, mas estou grato por ela ter voltado.

Miller estaciona, sai do lado do motorista e dá a volta pela frente.

— Que diabo é isso? — pergunto, com os braços cruzados, encostado em um pilar na minha varanda.

— Essa velha garota? — Ela orgulhosamente dá um tapinha no capô. — É minha van.

— Você tem uma van.

— Sim. Também moro nela, às vezes.

— Claro que você mora.

Ela acompanha minha postura, apoiada em seu carro com os braços cruzados, com um sorriso nos lábios. Tenho certeza de que ela adora a satisfação de saber que pode me irritar com algo tão simples como não ter uma residência permanente, mas eu realmente não tenho a menor ideia de como alguém pode

viver tão desapegado.

O braço bronzeado e cheio de tatuagens de Miller brilha sob o sol do início de julho, com o brilho da luz refletindo em seu piercing no septo. A nova babá de Max ainda não entendeu o conceito de uma camisa de verdade porque, mais uma vez, ela está usando apenas um tipo de tecido sem alças como sutiã, quase como um maiô. É delicado e quase não existe, mas a cor laranja-ferrugem fica bem por baixo do macacão de brim.

— Macacão de novo, hein?

Ela está usando um diferente, e desta vez ele é largo e longo, cobrindo suas coxas com as quais costumo sonhar acordado.

— Eles são fáceis.

— Você sabe quem mais usa macacões? — Aponto para a babá eletrônica em minha mão, onde Max pode ser visto dormindo.

Ela dá uma risada. — Cale-se.

— Mas, falando sério, esses parecem ser os mais chatos de tirar.

— Então, você está pensando em tirá-lo de mim?

— Não...

— Pelo menos me leve para dentro primeiro, *Baseball Daddy*. Estamos em público.

Não consigo evitar o pequeno sorriso que surge em meus lábios enquanto inclino meu ombro no pilar, grato por ela estar disposta a brincar comigo depois do que aconteceu na outra noite.

Miller sobe os degraus que levam até minha varanda, passando por mim em direção à porta da frente, mas eu gentilmente agarro seu pulso para impedi-la, puxando-a para trás até que seu peito esbarre no meu.

Minha voz é baixa e sincera. — Desculpe. Sobre a outra noite.

Seu olhar mergulha em meus lábios por uma fração de segundo, mas percebo o movimento. Percebo especialmente como ela lambe os próprios lábios depois de olhar para os meus. — E?

— E obrigado por voltar. Agradeço o que você está fazendo por nós. Por mim.

— E?

— E... você é boa com Max.

— E?

Que diabos? — E... não sei o que mais você quer que eu diga, mas sinto muito por ter sido superprotetor com ele. É que ele é tudo que tenho.

Os ombros rígidos de Miller caem. — Lembra daquela vez que você agarrou meus peitos?

— Está bem. — Alcançando-a, agarro a maçaneta para conduzi-la para dentro. — Ótima conversa, Miller.

Ela coloca a mão na minha, parando-me, seu tom ficando sério. — Esse foi seu único aviso, Rhodes. Se me tratar como se minha presença fosse um fardo para o seu verão novamente, sairei por esta porta e nunca mais voltarei.

Um pequeno sorriso surge em meus lábios. — Sim, senhora.

— Não sorria. Você está velho demais para sorrir. Você com certeza terá rugas só de fazer isso uma vez.

Balançando a cabeça, o sorriso cresce enquanto abro a porta da minha casa para ela.

Ela entra primeiro e, por trás, eu a observo enquanto ela dá a primeira olhada em minha casa. Comprei esta casa há alguns meses, portanto, ainda há algumas caixas escondidas em vários cantos, mas, no geral, já nos mudamos. A casa tem um bom tamanho. Perfeita para mim e Max. Não tenho certeza se Chicago é o

nosso lugar de longo prazo, mas gosto da ideia de escolher um lugar e criar raízes. Especialmente agora que tenho um filho. Quando ele tiver idade suficiente para começar a estudar, não pretendo mudá-lo.

Deus, esse pensamento é deprimente. Ele tem apenas quinze meses e já sinto que estou perdendo muito tempo. O que vou fazer quando ele estiver velho demais para viajar com o time? Será que ele já estará na escola? Eu o deixarei em Chicago quando viajar a trabalho e contratarei outra pessoa para criá-lo?

Eu quero estar envolvido. Eu quero ser um bom pai. Quero que ele esteja cercado pelo amor incondicional de sua família. A última coisa que quero é que ele sinta o peso de muitas responsabilidades ainda muito jovem, como eu senti.

Quero que a vida dele seja leve. Pelo menos, de uma forma razoável. Quero que ele aprenda a trabalhar duro, a conquistar coisas em sua vida. Mas as coisas importantes, não como encontrar uma maneira de ir para a escola quando você mora do outro lado da cidade, descobrir de onde virá sua próxima refeição ou falsificar a assinatura do seu pai em uma papelada, porque você não quer que ninguém saiba que você e seu irmão mais novo moram sozinhos. Sim, meu filho nunca saberá o que é isso.

Contornando o corpo de Miller, eu a encaro no hall de entrada. — O quarto do Max fica no final do corredor. Vou deixar você conhecer por conta própria quando ele acordar do cochilo, mas a parte principal da casa é por aqui. — Com as mãos nos bolsos, aceno em direção ao lado oposto da casa. — Venha[4].

— *Deus* — ela geme, com a cabeça caindo para trás. — Mal posso esperar para ouvir você dizer isso no quarto.

Jesus.

Eu não saberia por onde começar a entender como funciona a mente dessa mulher, como ela faz essas conexões. Ela gosta de me desequilibrar, de me provocar. Mas esta é a minha casa. Sou eu quem manda aqui e estou cansado de ver essa garota de 25 anos me fazer sentir como um adolescente desorientado

que não tem resposta para a *menina bonita* que faz as afirmações mais absurdas.

Em vez de recuar ou balançar a cabeça para ela, como normalmente faço, dou um passo em direção a ela, invadindo seu espaço antes de me inclinar para manter minha voz baixa, mas clara. — Se você é uma péssima ouvinte no quarto como é na vida real, Miller, posso prometer uma coisa: você não teria permissão para *gozar*.

Aqueles lábios bonitos se abrem, intensificando os olhos de jade.

— Dois podem jogar este jogo, Montgomery. Agora vamos lá. — Aceno com a cabeça em direção ao outro lado da casa mais uma vez.

Seus lábios se contraem, contendo um sorriso. — Se você continuar falando assim, Kai, vou deixar de lado a parte do beisebol e passarei a chamá-lo apenas de *Daddy*.

Eu solto uma risada, um sorriso espelhando o que está na boca de Miller.

Seus olhos acompanham meu rosto enquanto ela fica a poucos centímetros de mim. Parece apenas um pouco sexual, mas ainda mais satisfeito. Como se ela estivesse orgulhosa de si mesma por me fazer rir.

— Obrigado por me ajudar com ele hoje — acrescento, precisando expressar um pouco do meu agradecimento por ela ter voltado antes que ela possa deixar os cinco centímetros que nos separam.

Ela balança a cabeça, seguindo atrás enquanto eu a conduzo pelo outro lado da casa. O quarto de Max fica no canto mais distante, feito propositalmente na esperança de que ele consiga dormir apesar de qualquer barulho que esteja acontecendo na parte principal.

— Meu quarto fica naquele corredor, assim como um quarto de hóspedes. Sala de estar. Sala de jantar — continuo, recitando os espaços abertos à medida que passamos por eles. Virando o corredor, saímos da sala principal da família. — Aqui é a cozinha, e se você vier por aqui, encontrará...

Paro no meio do caminho, não ouvindo mais os pés calçados com sandálias de Miller batendo contra a madeira. Ela está de costas para mim, com os olhos voltados para a cozinha.

— Esta é a sua cozinha? — ela pergunta.

— Sim.

— Kai, é impressionante.

É mesmo? Acho que sim, com suas bancadas de madeira maciça e eletrodomésticos novinhos em folha. Há muito espaço de armazenamento, armários brancos e acabamentos pretos. Mas eu nunca dei muita importância a isso, porque eu, pessoalmente, nunca a uso.

— Foi o que o empreiteiro escolheu, mas funciona.

— Funciona? — ela pergunta com uma risada ofegante. — Esta é a cozinha dos meus sonhos. Isso é um forno de convecção?

— Eu não faço ideia.

Ela sai do lugar, optando por explorar, as mãos percorrendo os botões elétricos. — É.

Miller continua abrindo armários e gavetas, porque é claro que ela o faz. A mulher não saberia o que é um limite se tropeçasse e caísse em cima de um.

Ela abre quase todas as gavetas antes de seguir para a geladeira. Está embaraçosamente vazia, mas acabei de voltar de uma viagem, então vou atribuir a falta de mantimentos à viagem e ignorar o fato de estar exausto demais para pedir uma entrega de comida ou até mesmo ir ao supermercado.

— Kai Rhodes — Miller se engasga. — Essa cerveja está na sua geladeira?

— Ela ainda estará aí quando eu chegar em casa, ou devo esperar que você vá tomar?

Miller olha para o fogão para verificar a hora. — Provavelmente estará aí. Já

passa das três. Tarde demais para meus hábitos de beber. — Ela fecha a geladeira, apoiando-se no balcão ao lado dela. — Você se importaria se eu pegasse sua cozinha emprestada esta noite?

Eu dou de ombros. — Vá em frente. Apenas tente não queimar minha casa. E eu, ah... claramente não tenho muito com que cozinhar.

— Eu não vou cozinhar, mas vou mandar entregar alguns produtos de supermercado. Vou abastecer seu estoque também.

Depois de como a tratei naquela noite, imaginei que teria que ficar de joelhos para fazê-la cuidar do meu filho novamente, mas ela está sendo surpreendentemente... diferente... *agradável. Que diabos Monty disse a ela?*

— Quero dizer, você obviamente pagará por isso — ela continua.

— Obviamente — eu rio. — Eu apreciaria isso. Eu não tive tempo. Há um cartão de emergência que você pode usar naquela gaveta. — Aponto para a pequena gaveta perto de seu quadril. — Bem como todos os números de telefone que você precisa. O pediatra do Max, o hospital local, o número do meu amigo Ryan está aí se precisar de ajuda. Ele mora a dez minutos daqui. Também expus a rotina noturna de Max. Ele está comendo alimentos normais agora, como você sabe desde a última vez que cuidou dele, mas se ele lhe causar algum problema enquanto você o coloca para dormir, você pode dar-lhe uma mamadeira. Eu já preparei para você. Apenas adicione água.

— Tão organizado, Baseball Daddy. Aposto que você é uma daquelas pessoas que sabe onde está a certidão de nascimento, não é?

— Você não? Miller, isso é algo que você definitivamente deveria saber a localização.

Esta mulher, que será responsável pelo meu filho durante os próximos dois meses, não consegue nem localizar um pedaço de papel extremamente importante.

Max gosta dela. Ela é filha de Monty.

— Vou precisar que você diga algo tranquilizador agora, porque estou prestes a deixar um humano em suas mãos e não estou tendo muita fé.

— Sou engraçada.

Posso sentir um lado da minha boca puxando para cima. — Isso deveria ser reconfortante?

— Também sou muito boa no pôquer.

— Bem, felizmente meu filho de quinze meses não tem muito dinheiro.

Ela desliza as palmas das mãos contra o balcão. — E eu fico bem na sua cozinha.

Tento me conter, mas foda-se, gosto de discutir com essa mulher. — Isso você fica.

Não há dúvida aí. Miller fica muito bem na minha cozinha quando me permito olhar.

— Seu namorado sabe que você é uma paqueradora?

— Ah, vamos lá, Kai. Você é melhor que isso. Seja direto. Pergunte-me se estou solteira. — Há um sorriso malicioso em seus lábios, um sorriso que grita que ela gosta de flertar comigo tanto quanto eu com ela.

Há algo em Miller, algo tão feroz em sua personalidade, que meu instinto sabe que a lealdade está profundamente enraizada nela. Então, não, ela não estaria flertando comigo se tivesse namorado.

— Não há necessidade de perguntar. Já tenho minha resposta.

— Oh, mesmo? E qual é?

Sinto falta de me soltar e flertar com uma mulher bonita, lembrando como a vida costumava ser leve, e Miller torna muito fácil fingir que ainda tenho a liberdade de ser aquele homem.

Mas eu não quero, porra. Tem uma criança no quarto ao lado me lembrando disso.

Limpo a garganta, sem responder à pergunta dela. — Chame a segurança no portão da frente quando as compras chegarem aqui. Eles virão e as deixarão.

Ela olha ao redor da sala. — É chique aqui, Baseball Daddy.

— É seguro.

— Fico feliz em saber que não preciso me preocupar com a entrada de algo perigoso.

Ela pode não precisar se preocupar, mas eu preciso. Porque com Miller Montgomery, filha do meu treinador, parada na minha cozinha assim, temo que algo muito perigoso já tenha acontecido.

* * *

Esses assentos são os piores.

Antes de assinar meu contrato no ano passado, eu deveria ter alterado que o *bullpen* precisava de cadeiras mais confortáveis. Oito entradas e meia e minha bunda está dormente enquanto espero e observo meu time tirar o W em casa.

Isaiah está jogando pra caramba. Sua defesa é firme e travada. Ele acertou um *home run* de duas corridas no quarto e outro duplo no sétimo, trazendo uma corrida e dando aos Warriors uma vantagem confortável. Eu ia convidá-lo para ir lá em casa depois do jogo para tomarmos uma daquelas cervejas que podem ou não estar na minha geladeira, mas com o bom desempenho que ele está tendo, o Sr. Popular está prestes a receber muita atenção que ele não vai querer deixar passar.

Não é que eu não seja um jogador de equipe, mas odeio dias de bullpen. Além dos quarenta arremessos que faço para deixar meu braço solto e ativo entre

as partidas desta semana, não faço nada aqui além de observar.

Ficamos sentados em algum lugar fora da linha de falta durante todo o jogo, quando eu poderia estar sentado em casa, passando tempo com meu filho. É aí que as coisas ficam difíceis para mim. Em minhas noites de início de jogo, consigo justificar o tempo fora, mas em noites como essa, gostaria que Max estivesse aqui também.

Com meu boné nas mãos, passo o polegar distraidamente sobre a foto de Max. É um hábito, mas também um bom lembrete de que, quando o trabalho se torna excessivo, nada disso realmente importa. Ele importa.

Eu amo o jogo, realmente amo, mas amo meu filho muito mais e não sei como encontrar esse equilíbrio.

Talvez se a mãe dele não o tivesse abandonado da forma como o fez, eu estaria lidando com tudo isso muito melhor. Talvez eu fosse mais tolerante. Mas, na maioria das vezes, sinto que preciso compensar demais, ser pai e mãe e esperar que Max não perceba as falhas.

— Ace. — Um de nossos arremessadores substitutos me dá um tapinha nas costas. — Eu gosto dessa coisa de não trabalhar. Você acha que pode jogar mais oito entradas na sua próxima partida?

Rindo, eu me recosto na cadeira, cruzando os braços. — Vou tentar o meu melhor.

Sentando-se ao meu lado, ele me oferece um pouco de salgadinho, mas eu recuso, segurando minhas sementes.

— Seu irmão vai ficar insuportável depois desta noite.

— Deus — eu exalo. — Nem me fale.

E logo em seguida, após o jogo, na sala de treinamento, com a música alta, meu irmãozinho entra como o arrogante que ele é.

Isaiah desabotoa lentamente o uniforme ao som da música, a camisa com seu

número dezenove caindo sobre seus pés ainda com as chuteiras. — Cheguei, baby!

Deitado em uma mesa de treinamento enquanto esfrego meu ombro, observo, tentando o meu melhor para não rir. Mas é muito difícil não fazer isso quando ele tem toda a sala ao seu lado, torcendo por ele enquanto ele se despe ao som da música, animado com nossa vitória e seu jogo em particular.

— Rhodes, você está na minha mesa esta noite — diz Kennedy, uma das fisioterapeutas. — Estou massageando você.

Isaiah para no meio da dança, seus olhos se arregalando de excitação porque, bem, ele é apaixonado por Kennedy.

— Kenny... você está falando sério? — Ele a segue até a mesa dela como um cachorrinho doente de amor.

— Sim. Tire a roupa e suba.

A atenção do meu irmão se volta para mim, com a boca aberta, mas sorrindo ao mesmo tempo. Kennedy raramente se oferece para trabalhar em Isaiah, porque o garoto pode ser um tremendo pé no saco.

Olhando para mim, ele aponta para ela e depois para si mesmo, como se ela não tivesse ideia de quão obcecado ele é por ela.

Não posso deixar de rir dele do outro lado da sala, mas então o polegar do meu médico crava-se no meu manguito rotador e tira o sorriso do meu rosto.

— Isso faz parte da minha recompensa por ter jogado bem? — Isaiah pergunta a Kennedy enquanto ele se despe, seu short caindo no chão. — De quanto estamos falando aqui com essa massagem?

— Meu Deus, Rodes. — Kennedy se afasta dele o mais rápido possível, cobrindo os olhos. — Deixe seu maldito short de compressão. Este não é esse tipo de massagem. — Ela espia para mim. — Ace, o que diabos há de errado com seu irmão?

— Eu gostaria de saber, Ken.

Isaiah usa as duas mãos para cobrir rapidamente seu pau enquanto fica nu ao lado da mesa de treinamento de Kennedy. — Bem, você disse para me despir e eu fiquei animado.

Aponto para o que ele está cobrindo. — Claramente.

A sala inteira cai na gargalhada. Isaiah veste o short e pula na mesa com a barriga para baixo e as panturrilhas expostas.

— Eu apenas pensei — ele continua. — Finalmente, minha Kenny vai perceber que sou o cara certo para ela. Depois de todos esses anos e de toda essa tensão, bastou um home run de duas corridas para ela abrir os olhos.

A voz de Kennedy não tem inflexão. — Não há tensão.

Isaiah sorri, olhando para ela por cima do ombro. — Querida, há tensão. Você poderia cortá-la com uma faca. Você verá um dia, Kenny. Você vai querer um homem de verdade, e eu *sou* um homem de verdade.

O cotovelo de Kennedy atinge a panturrilha direita de Isaiah.

— Oh, puta merda! — ele grita, mordendo a mesa acolchoada para abafar o som. Ele solta um gemido estrangulado, sua voz embargada. — Kenny! Kenny!

— É isso, querido. Deixe sair como um homem de verdade.

A sala inteira está histérica enquanto meu irmão egoísta se derrete na mesa, contorcendo-se para se afastar dela. — Você gosta de me machucar? — ele pergunta, sentando-se e saindo do alcance dela. — Mal você sabe que eu gosto de dor. Algumas podem até me chamar de masoquista no quarto.

Kennedy está se esforçando ao máximo para conter o sorriso. Eles trabalham juntos há três anos e meu irmão fez o possível para levá-la para a cama. Não funcionou. Porém, a garota costumava ter um diamante no dedo anular esquerdo, e nesta temporada ela não tem, então, quem sabe, talvez isso tenha reacendido sua determinação.

— Se você gosta tanto de dor, volte para esta mesa. — Ela dá um tapinha na almofada.

— Kenny, você teve um longo dia. Estou bem. Não quero que você trabalhe muito.

Ela ri, balançando a cabeça e indo embora. — Covarde.

Meu médico continua a esticar meu braço enquanto falo com meu irmão. — Você vai levá-la a desistir um dia.

— Não — diz Isaiah, a voz ficando mais alta enquanto ele caminha até a minha mesa, olhando para mim. — Ela está apaixonada por mim. Ela não tem absolutamente nenhuma ideia, mas ela está. E, claramente, estou apaixonado por ela.

— Claramente. Desde que você exibe uma garota nova em sua cama todas as noites enquanto fica nos mesmos hotéis que ela.

Isaiah levanta os ombros. — Temos um entendimento.

Eu rio.

— Estou surpreso que você tenha ficado no PT. Achei que você estaria correndo para casa para afastar Max da Hot Nanny.

— Sim, bem, estou tentando *afrouxar as rédeas* a pedido de Miller.

— Estamos aceitando pedidos de Miller agora? Interessante.

— Ela não é tão ruim, eu acho.

As sobrancelhas de Isaiah se erguem, um sorriso malicioso nos lábios. — Ela não é tão ruim, hein? Quem é você e onde está meu irmão mais velho e autoritário?

Eu uso minha mão livre para mostrar meu dedo médio para ele.

— Sabe, eu estava pensando, talvez eu devesse ir a sua casa hoje à noite. Ver como Miller está bem. Se ela não gostar da sua casa, ela pode ficar na minha.

Kennedy passa balançando a cabeça.

— Como amigo — acrescenta Isaiah rapidamente para ela ouvir. — Como amigo, Kenny!

— Você é um idiota e ela não vai ficar na minha casa.

— Mas as babás de Max sempre moraram na sua casa.

— E as outras babás de Max não tinham um pai com quem pudessem dormir e que morasse a trinta minutos de distância.

Elas também não se pareciam com Miller, não falavam como Miller, nem me faziam querer flertar de volta toda vez que abriam a maldita boca. Além disso, elas não deixaram minha mão de arremesso fazer trabalho extra enquanto estava no chuveiro, porque flashes de suas coxas grossas e olhos verdes não deixam meus malditos devaneios.

CAPÍTULO 10

Miller

Meu corpo salta quando a porta da frente é destravada, o batedor em minha mão batendo na tigela de metal quando eu o deixo cair.

Perdi a noção do tempo. Aparentemente, estou na cozinha há horas, desde que coloquei Max na cama, mas o tempo voou quando me perdi em algum lugar entre a manteiga, o açúcar e a farinha. A cozinha de Kai está um desastre. Eu pretendia limpar tudo quando ele chegasse em casa, mas isso com certeza não vai acontecer agora. Observo no monitor enquanto ele verifica seu filho dormindo antes de sair do quarto, vindo direto para mim.

Eu me pergunto o quão chateado ele vai ficar. Aposto que ele vai ficar com o rosto todo vermelho, sobrancelhas franzidas e olhos arregalados e gelados. *Perturbado Kai* é o meu favorito, e parece que faço um trabalho maravilhoso em tirar esse lado dele.

Mas eu aproveitaria muito mais esse momento se não estivesse tão nervosa.

Nada está funcionando. Tentei quatro novas receitas esta noite e todas foram um desastre sem esperança. As compras que eu pedi? Elas se foram, além daquelas que comprei para abastecer a despensa e a geladeira de Kai. Nem mesmo uma cozinha deslumbrante e de última geração pode despertar minha criatividade. Minha última esperança é o cheesecake de crème fraiche no qual estou trabalhando, mas mesmo isso parece desanimador.

— O que diabos aconteceu? — A voz de Kai está cheia de pânico.

Virando-me, tento limpar um pouco da farinha do meu avental, mas não adianta. Estou coberta. — Como foi seu jogo?

— Foi bem. — Kai não faz contato visual comigo; em vez disso, sua atenção continua vagando pela cozinha desastrosa.

A longa expiração que me deixa sopra uma mecha de cabelo na frente dos meus olhos, mas ela cai de volta no meu rosto. — Eu sou péssima no meu trabalho.

Ele faz uma pausa em sua leitura confusa, seu rosto suavizando. — Bem, meu filho está vivo e você não incendiou a casa... ainda. Eu diria que você está bem.

— Essa pode ser a coisa mais legal que você já me disse, mas não. Não este trabalho. Não cuidando de Max, mas meu verdadeiro trabalho. Eu sou péssima nisso.

Só então, o cronômetro do forno emite um sinal sonoro. Usando o pano de prato jogado por cima do ombro, retiro a assadeira e encontro minha guarnição queimada até ficar crocante.

— Que se dane minha vida. Isso deveria ser um *sesame* preto.

— Parece que você acertou em cheio. Definitivamente está preto.

Meus olhos se estreitam para o gigante jogador de beisebol que parece muito bom, apoiando um ombro na geladeira e me observando.

— Não é nem mesmo a sobremesa principal. É só uma guarnição. Eu não consigo nem acertar a guarnição. O que há de errado comigo? — Jogo a assadeira no balcão.

Eu não sou uma chorona. Não me apego o suficiente para chorar, mas estava se formando um apego pelo que pensei que seria a receita para me tirar da rotina. Com a cabeça caindo para trás, fecho os olhos, tentando engolir minha decepção.

Isto é, até sentir dois braços longos e musculosos me engolirem inteira num abraço. Meus olhos se abrem para encontrar uma camiseta cinza bem esticada sobre o peito onde meu rosto está enterrado.

— Está tudo bem — ele diz, suavemente. É falado de uma forma que ele poderia dizer essas palavras ao filho se ele caísse e batesse a cabeça. É suave e constante e funciona muito bem no meu cérebro caótico.

Eu me derreto nele, meus braços deslizando ao redor de sua cintura magra. — Você cheira bem.

Seu peito ronca contra minha bochecha. — Tomei banho depois do jogo desta vez.

— Isso significa que você confia em mim com seu filho?

— Não me pergunte isso, Montgomery. Você está em um estado frágil e eu teria que mentir para você para não me sentir mal.

— Kai?

— Humm?

— Por que você está me abraçando?

Ele exala, meu corpo se movendo contra o dele com o movimento. — Não sei. Você parecia que precisava de um. Disseram-me que sou um consertador, então acho que foi instinto.

Ele pode estar no caminho certo, porque tenho a sensação de que se houvesse algo que pudesse me consertar, seria o timbre profundo de sua voz acompanhado por seu controle estável.

— O que está acontecendo? — ele pergunta gentilmente, esfregando a mão nas minhas costas nuas.

— Eu sou uma piada. Ninguém vai me contratar novamente. Eles vão me tirar da capa, tudo porque não consigo fazer uma maldita guarnição para um queijo branco de leite de cabra, que é basicamente apenas uma guarnição por si só. Não consigo nem fazer uma guarnição para a guarnição! Eu nem tinha chegado ao cheesecake ainda.

Ele faz uma pausa, claramente sem palavras. Quando ele finalmente as encontra, ele me pergunta: — Bem, se estamos sendo sinceros aqui, quem diabos quer queijo de cabra como sobremesa, afinal?

Eu rio em seu peito. — É tão bom que você tenha entendido isso de alguma forma.

— Quer me explicar por que a babá tatuada sem filtro está falando como se fosse dona de um restaurante com estrela Michelin?

Afastando-me de seu aperto, sinto imediatamente falta da garantia. Com apenas aquele simples abraço, eu entendo um pouco do que meu pai gosta tanto em Kai. Ele é sólido. Ele é estável.

— Desculpe. — Aponto para a camisa dele, que agora está tão coberta de farinha quanto eu. — Não possuo um restaurante com estrela Michelin, mas ajudo as cozinhas a conquistá-las.

Por trás dos óculos, posso ver a confusão.

— Sou contratada como funcionária terceirizada. Os chefs me contratam por três meses seguidos para ir às suas cozinhas e preparar seus programas de sobremesas, geralmente na esperança de ganhar uma estrela. Alguns chefs são excelentes tanto no menu de jantar quanto nas sobremesas, e alguns simplesmente não têm jeito para doces. É aí que eu entro.

— Então, Miami...

— Eu estava trabalhando em uma cozinha lá, mas continuei estragando tudo. Decidi tirar o verão de folga para me preparar para meu próximo projeto. É o meu maior até agora.

— E qual é essa capa com a qual você está tão preocupada?

— A capa da revista *Food & Wine*. E presumo que a manchete terá algo como... — faço um gesto na minha frente, como se estivesse soletrando — ... *Miller Montgomery. Não consegue cozinhar por nada.*

Ele acena em compreensão. — É cativante. Acho que vai vender bem.

Um pouco da minha frustração interna me deixa com a risada que borbulha em meus lábios. Como um tiro no peito, percebo que eu poderia gostar de Kai. Especialmente se ele continuar agindo de forma charmosa e solidária, em vez de ser autoritário com o filho.

— Bem, se isso conta para alguma coisa, estou completamente impressionado.

— Ah, que bom. — Eu deixo cair meus ombros. — Espero um trecho de você na minha entrevista. *"O arremessador de beisebol de Chicago se pergunta quem diabos iria querer queijo de cabra como sobremesa, mesmo assim fica impressionado"*.

— Texas, na verdade.

— Humm?

— Eu sou do Texas. Austin, para ser mais específico.

É algo tão pequeno. Um fato tão minúsculo no grande esquema de tudo, mas ouvir Kai compartilhar informações de boa vontade além do lanche favorito ou da rotina de sono de seu filho tem um peso que eu não esperava.

— Garoto do campo, hein?

A imagem mental dele em Wrangler, muito parecida com a maneira como ele usa sua calça de beisebol, está fazendo todo tipo de coisa com minha imaginação.

— Miller.

— Humm?

— Você está me sexualizando em sua mente agora, não está?

— Absolutamente.

O canto de seus lábios sobe.

— Seus pais ainda estão no Texas?

Ele começa a juntar os pratos que eu baguncei, ignorando completamente minha pergunta. — Por que você não vai? Vou limpar isso. Não quero que Monty me dê uma bronca amanhã no treino porque você o acordou quando chegou em casa tarde demais. Obrigado pela sua ajuda esta noite. Espero que Max tenha sido bom para você.

— Ele foi um anjo. Eu realmente não tenho ideia de onde ele herdou isso.

As costas de Kai vibram, mas ele não me dá a satisfação de ouvir sua risada.

— E para que você saiba, não vou ficar na casa do meu pai.

Parado perto da pia, os olhos de Kai se voltam para os meus por cima do ombro.

— Vou ficar na minha van, na garagem dele.

— Centro da cidade?

— Sim.

— Não.

Uma risada incrédula me escapa. — Com licença?

— Você não vai ficar em uma garagem no centro de Chicago, Miller. Você pode ficar no meu quarto de hóspedes.

— Não, obrigada.

— Miller. — Seu tom morde. — Não brigue comigo sobre isso.

Reviro os olhos. — Você pode ser pai, mas não é o meu.

— Precisa que eu ligue para o seu para que ele possa dizer o quão louca você está?

— Sério, Kai? Você vai ligar para o meu pai e me denunciar? Estou um pouco velha para isso, você não acha?

— Se isso é o que é preciso para mantê-la segura, então sim. Você está sendo ridícula. Fique no meu quarto de hóspedes ou durma no sofá dele. Por que você moraria na porra do seu carro?

Porque isso me mantém desapegada. É o meu próprio espaço, com rodas que podem me levar para longe de qualquer coisa ou de alguém. Minha carreira não é propícia a relacionamentos. Amo meu pai, mas me recuso a me apegar por tê-lo tão perto. Ele precisa que eu fique longe para que ele possa viver a vida que sempre deveria viver antes de eu nascer.

Kai tira as mãos da pia e as seca em uma toalha. — Você vai me dizer do que se trata?

— Não.

— Legal. — Ele acena com a cabeça. — Boa conversa.

A tensão da nossa discussão começa a se dissipar quando um sorriso surge em meus lábios.

— Não me faça rir agora. Estou chateado com você. — Ele aponta um dedo acusatório para mim. — Tenho muito espaço no meu quintal lateral. Se você está tão decidida a viver no seu carro, pelo menos vai estacionar lá? Tenho água e conexões elétricas, e então eu saberia...

— Está bem.

Suas sobrancelhas se erguem, surpreso por eu ter desistido tão rápido, eu acho. — Sim?

— Sim.

— Ótimo. — Ele exala um longo suspiro, voltando-se para a pia. — E só para você saber, a única razão pela qual me importo com isso é porque seria muito difícil conseguir uma nova babá neste final de temporada. Não tem absolutamente nada a ver com você como pessoa. Eu só quero deixar isso claro.

Aquele sorriso que eu estava tentando esconder está totalmente exposto

agora. — Encantador.

— Agora me ajude a limpar o tornado que passou pela minha cozinha enquanto você me conta mais sobre esse trabalho que você é tão péssima.

Usando o pano de prato mais próximo, eu o enrolo, batendo contra sua bunda.

— Boa tentativa, Miller. Mas é tudo músculo. Eu não senti nada.

Ocupando o espaço ao lado dele, eu seco enquanto ele lava, e não menciono que ele tem uma máquina de lavar louça perfeitamente boa a meio metro de distância, porque gosto de ter uma desculpa para ficar. Ele escuta atentamente enquanto divago sobre meu trabalho, fazendo perguntas detalhadas de acompanhamento, e é então que percebo que ele está fazendo exatamente o que pedi.

Ele está me conhecendo.

Eu já havia aceitado que ficaria para o verão, mas quando estamos em sua cozinha, limpando juntos, parece que é o momento em que Kai aceita também que eu fique.

* * *

O sorriso do meu pai brilha sob seu boné de beisebol enquanto ele nos leva ao aeroporto. É o mais feliz que o vejo, reafirmando que tomei a decisão certa de passar o verão perto dele.

Estou estacionada do lado de fora da casa de Kai há uma semana, mas vou até a casa do meu pai todas as manhãs para que possamos tomar café da manhã juntos. É um compromisso suficiente para ele, já que não vou ficar no seu apartamento.

— Isso é legal — diz ele. — Parece como nos velhos tempos, quando você

era uma garotinha e vinha treinar comigo e ficar no banco de reservas.

— Porque você me subornava com sorvetes.

— Valeu a pena o investimento. — Ele olha para mim, seus olhos castanhos melancólicos, como se estivesse revivendo toda a minha infância. — Senti sua falta, Millie.

Aperto seu ombro. — Senti sua falta também, pai.

Meu telefone toca no meu colo com outro número não salvo. Para ser sincera, a maioria dos números do meu telefone não são salvos e são desconhecidos. Qual é o objetivo? Não fico num lugar tempo suficiente para salvá-los.

Desconhecido: *Você e Monty estão a caminho?*

Eu: *Quem é?*

Desconhecido: *Sério, Miller? Você está cuidando do meu filho há uma semana e ainda não salvou meu número no seu telefone?*

Eu: *Vou precisar que você restrinja um pouco mais. Poderia ser qualquer um, na verdade.*

Desconhecido: *Eu sou o cara que fica devastador em sua calça de beisebol. Palavras suas, enviadas para mim ontem à noite. Role para cima em suas mensagens.*

Eu: ...

Desconhecido: *Sou o cara de quem você está roubando água e eletricidade.*

Eu: *Baseball Daddy?*

Desconhecido: *Você está a caminho?*

Eu: *Sim, entrando no estacionamento agora.*

Desconhecido: *Ótimo. E Miller?*

Eu: *Sim?*

Desconhecido: *Salve meu número no seu telefone. Você está presa comigo por um tempo.*

— Por que você está tão sorridente? — Meu pai ri.

Eu rapidamente viro meu telefone para esconder a tela no meu colo. — O quê?

Seus olhos castanhos brilham, um sorriso de conhecimento tentando irromper em seus lábios, mas eu o ignoro, saindo do carro do lado de fora do terminal privado do aeroporto internacional O'Hare.

O avião está cercado por equipes de manutenção que guardam as bagagens, coordenadores de viagem da equipe conferindo o manifesto e fotógrafos tirando fotos para a mídia social da equipe.

E bem ali, na base da escada da aeronave, estão Kai e Max.

Kai está usando o boné para trás hoje, dolorosamente bonito em uma camiseta e short que corta acima dos joelhos. É a primeira vez que vejo suas pernas e não tenho certeza do que estava esperando, ou se estava esperando alguma coisa na verdade, mas elas são grossas, bem torneadas e musculosas.

Não sabia que as panturrilhas de um homem podiam ser sensuais, mas aqui estamos.

E ele tem... isso é uma tatuagem na coxa aparecendo além da bainha da bermuda? Quem poderia imaginar que o Kai rabugento tivesse alguma tatuagem?

Meu pai fica atrás para falar com um dos pilotos. Um rapaz da fila pega minha bagagem para mim e Max se joga em cima de mim assim que chego perto o suficiente.

— Aí está o meu cara — eu rio. — Senti sua falta, Bug.

Ele ri, suas mãos gordinhas percorrem meu rosto, tocando suavemente meu anel de septo. Finjo morder seu dedo e sua risada explode, caindo em meu ombro antes que ele comece a traçar a tatuagem ali. Aprendi rapidamente que é a coisa favorita dele enquanto o seguro.

Encontro Kai encostado na escada, com as mãos nos bolsos e nos observando. — Oi.

Seus olhos azuis são suaves. — Oi.

Meu pai se aproxima e se junta a nós. — Ei, Ace.

Kai limpa a garganta, ficando ereto. — Monty — diz ele, com a mão na sua e o braço jogado nas costas.

Olhos gelados se voltam para mim por trás dos óculos enquanto ele abraça meu pai.

— Você esperou que eu embarcasse, querido? — Meu pai dá um tapinha nas bochechas com a palma da mão. — Tão gentil da sua parte.

— Quem dera, meu velho. Eu estava esperando sua filha para que meus colegas de equipe não a comam viva quando ela chegar ao fundo do avião.

Meu pai se vira para mim. — Você não quer se sentar na frente com a comissão técnica?

— Para que eu possa assistir você repassar o filme do jogo durante todo o voo? Não, eu estou bem.

— Tudo bem. — Jogando um braço sobre meus ombros, ele beija o topo da minha cabeça. — Divirta-se, Millie. Vejo você em Houston.

— Você não vai avisá-la sobre os garotos? — Kai pergunta enquanto meu pai começa a subir as escadas. — Dizer a ela para ficar longe deles?

Reviro os olhos para o lançador.

— Você conheceu minha filha? Eu deveria ter avisado os meninos sobre *ela.*

Ela pode cuidar de si mesma.

Com isso, meu pai sobe as escadas e embarca no avião.

— Você ouviu isso? — eu pergunto. — Posso cuidar de mim mesma.

Kai pega minha sacola, que está cheia dos meus livros de receitas favoritos, deslizando-a pelo meu braço e carregando-a para mim enquanto eu carrego seu filho. — Eu só não quero que nenhum deles mexa com você, *Millie.*

Eu levanto um único dedo. — Você não tem permissão para usar esse nome.

Durante a semana passada, consegui que ele abrisse alguns sorrisos, mas ele não mostra nenhum agora. Ele simplesmente acena em direção às escadas da aeronave com um pouco de preocupação gravada em suas feições.

Não tenho ideia de por que ele está sendo tão estranho. Kai já deveria saber que não tenho problemas em cuidar de mim mesma. São apenas alguns garotos do beisebol. Qual é o problema?

— Alerta de Hot Nanny! — um deles grita assim que subo a bordo.

Da parte de trás do avião, onde os jogadores estão sentados, vinte e cinco pares de olhos espiam o corredor ou por cima do assento à sua frente, sorrisos largos e entusiasmados.

Oh.

Ainda segurando Max, paro ali mesmo no corredor para que todos me vejam. — É com isso que você está preocupado? — pergunto a Kai por cima do meu ombro.

— Crianças, literalmente.

Levanto minha mão em um pequeno aceno para a parte de trás do avião. — Miller — eu digo, apresentando-me. — *Hot Nanny* também funciona.

— Não, não funciona — diz Kai, alto o suficiente para que toda a equipe possa ouvi-lo.

Seguimos pelo corredor do avião, passando por meu pai, que está simplesmente balançando a cabeça para mim, mas com um sorriso estampado na boca.

Os assentos da frente são ocupados por todos os homens que trabalham na equipe, até... isso é uma mulher?

Ela parece minúscula nesse assento de avião, vestida com legging preta, tênis de corrida e uma blusa de malha da equipe. Seu cabelo é do mais belo tom de castanho, caindo ao redor dos cotovelos, mas não consigo ver seu rosto porque ele está enterrado em seu celular no momento.

Ela está olhando para a foto de uma mão? Um anel? Não tenho certeza.

— Oi — eu digo, parando em seu assento e chamando sua atenção para mim. — Eu sou Miller.

Estendendo minha mão que não segura Max, ela a aperta com cautela, olhando em volta confusa.

— Estou feliz por não ser a única mulher aqui — continuo enquanto Kai espera pacientemente atrás de mim. — Qual o seu nome?

Ela está cética, suas bochechas sardentas tingidas de rosa. — Kennedy. Sou uma das fisioterapeutas.

— Kennedy — repito. — Estou ansiosa para pintarmos os dedos dos pés uma da outra, sincronizando os ciclos. Você sabe, todas as coisas que nós, meninas, gostamos de fazer.

— Jesus — Kai exala atrás de mim.

Kennedy finalmente abre um sorriso acompanhado por uma pequena risada. — Sim — ela diz. — Estou ansiosa por isso.

Aceno em direção ao telefone dela. — Lindo anel.

Seu sorriso desaparece. — Isso é.

E com isso, Kai me leva para a parte de trás do avião.

Depois da fila de saída, cabeças me seguem enquanto passo por cada um deles, a atenção saltando de mim para Max e para seu companheiro de equipe.

— Foi você quem eu ouvi, Isaiah? — Kai pergunta atrás de mim quando chegamos ao lugar de seu irmão.

Isaiah está com um sorriso travesso. — Não sei do que você está falando.

— O nome dela é Miller — ele repreende. — Comece a usá-lo.

— Miller — diz Isaiah, arrastando meu nome e dando tapinhas no assento ao lado dele. — Guardei um lugar para você.

— Eu também! — O homem do outro lado do corredor salta, sentando-se ansiosamente. — Eu sou Cody. Primeira base. — Ele estende a mão e eu a aperto.

— Desculpe, Miller — diz outro cara, sentando-se ao lado de Cody. — Este lugar está ocupado. A propósito, meu nome é Travis. Apanhador.

— Trav! — Cody o empurra. — Saia daqui.

— Parece que você está sentada comigo. — Isaiah dá um tapinha no assento vazio ao lado dele novamente para que eu me sente.

Sem palavras, Kai desliza a mão grande pela minha cintura, puxando-me para uma fileira atrás de todos eles. — Você está comigo, Montgomery.

Eu gosto demais do jeito que isso soa. Quase tanto quanto estou gostando da forma como seu braço parece pesado e possessivo em volta da minha cintura.

— Tudo bem. Então eu pego Max. — Isaiah estende as mãos para o sobrinho, que essencialmente catapulta seu corpo para chegar até ele. — Eu sou sua pessoa favorita de todos os tempos?

Max ri, mostrando seus dentes de leite.

Cody entra no corredor. — Maxie! Achei que era o seu favorito.

— Engano de vocês! — outro jogador grita. — Senti a sua falta!

A equipe cerca o assento de Isaiah, totalmente fascinada pelo filho de Kai, e eu não poderia estar mais feliz em ver o quanto esses caras o amam.

É uma situação estranha ter um bebê viajando com uma equipe de atletas profissionais. Os horários são difíceis, a estrada pode ser uma fuga para alguns caras, e sei que a organização mudou bastante a programação de viagens para atender os Rhodes. Em pouco tempo, eu me sinto estranhamente protetora com aquele garotinho, e ver esse time bajulá-lo instantaneamente faz algo no meu peito.9

A parte traseira do avião é claramente para Max. Um berço está ancorado no chão com cortinas opacas empurradas contra a fuselagem, prontas para serem puxadas ao redor dele enquanto ele dorme. E ele ainda tem sua própria área de recreação no lado oposto do corredor.

Os Warriors realmente fizeram de tudo para fazer isso funcionar.

— Este é o nosso lugar. — Kai aponta para a fileira atrás de seu irmão, um lado vazio, o outro com um carrinho amarrado no assento do corredor. — Max é muito bom em dormir nos voos. Se for um voo diurno, esta é a área de recreação dele. — Kai aponta para o lugar vazio em frente ao berço. — Não sinta que precisa ficar com ele no avião. Estarei com ele e se precisar fazer uma filmagem com os treinadores ou algo assim, Isaiah pode observá-lo.

— Mas eu gosto de cuidar dele.

A atenção de Kai se volta para mim. — Está bem. Eu só não quero cansá-la com ele.

— Eu não me sinto assim. Gosto de passar tempo com ele.

Kai não diz nada, simplesmente olha para mim com uma suavidade que só o vi usar perto do filho. — Ok.

— Por favor, tomem seus lugares. A porta de embarque está fechando. — A

voz da comissária de bordo ressoa no sistema de PA.

Isaiah vai entregar seu sobrinho, mas Kai aponta para o chão acarpetado do corredor.

— Coloque-o de pé. Vamos ver se ele quer dar alguns passos. — Kai se agacha e estende as mãos, esperando que Max dê os primeiros passos para alcançá-lo.

Em vez disso, Max agarra o apoio de braço como se sua vida dependesse disso antes de cair para trás. É claramente sua hora de dormir, porque Max não chora muito, mas assim que cai no chão, ele começa a chorar.

— Tudo bem, Bug — diz Kai, pegando-o no colo para acalmá-lo. — Vamos conseguir na próxima vez.

Ele o balança, esfregando suas costas até Max sugar ar suficiente para se acalmar. Leva apenas alguns minutos e, assim que o choro para, Kai o amarra em seu transportador para a decolagem antes de deslizar para o assento vazio ao lado dele. Eu pego a fileira livre em frente a eles com uma vista perfeita para ver o jogador de beisebol sorrir para seu filho, Max parecendo igualmente apaixonado, olhando para seu pai com olhos cansados e marejados.

Kai leva a mão do filho aos lábios, salpicando beijos na palma da mão, finalmente arrancando uma risadinha doce do garoto tipicamente feliz.

Nunca pensei em ter filhos antes, mas ficaria chocada ao encontrar uma mulher cujos ovários *não* façam todo tipo de cambalhota vendo Kai Rhodes sabendo exatamente o que fazer para que seu filho se sinta melhor.

CAPÍTULO 11

Kai

Assim que meu irmão está acomodado em meu quarto, fecho suavemente a porta do hotel atrás de mim, esperando não acordar Max. Quase bati na porta entre o meu quarto e o de Miller para pedir a ela que ficasse com ele por mais uma hora antes de encerrar a noite, mas quando voltei do jogo, ela estava com o nariz enfiado em seus livros de receitas e laptop, em busca de inspiração, tenho certeza.

Na semana passada, depois que ela me contou sobre seu trabalho, pesquisei o nome dela no Google. Surpreendentemente, eu não tinha feito isso antes. Suponho que por ela ser filha de Monty e já saber que ela era mais do que eu poderia suportar, não achei que houvesse muito mais para eu encontrar.

Eu estava errado.

A Internet estava repleta de seu nome. *Impressionante* não é uma palavra forte o suficiente para descrever a carreira de Miller Montgomery. Suas realizações são inéditas para alguém de sua idade. Ela apareceu em artigos, ganhou prêmios de prestígio, trabalhou com alguns dos maiores nomes de seu setor antes de se tornar um deles. Mas foram as fotos que me chocaram mais do que qualquer coisa. Ela com um casaco branco de chef, cabelo preso em um coque penteado para trás. Sem piercing no nariz, tatuagens cobertas. Ela estava dificilmente reconhecível da garota que conheci no elevador algumas semanas atrás.

Ela aparece todos os dias com um macacão diferente, normalmente com os pés descalços, mas depois de ver seu lado profissional online, há uma parte de mim que se sente privilegiada por Max e eu termos o lado menos conhecido de

Miller, não importa o quão selvagem possa ser.

Ela gosta do meu filho. Meu filho gosta dela e isso *me faz gostar* um pouco mais dela.

Depois do meu último jogo na estrada, menti sobre não precisar me refrescar. Desta vez, não posso. Eu lancei na sétima entrada esta noite e meu ombro está gritando. Duvido que consiga pegar Max com meu braço de arremesso amanhã.

Indo para o último andar do nosso hotel em Houston, pego algumas toalhas e saio para a piscina da cobertura, precisando dar algumas braçadas para refrescar meus músculos. Já é tarde, passa da meia-noite, e a piscina está fechada ao público, mas isso nunca me impediu antes. Vivo pela paz de nadar sozinho depois de um jogo.

Só que esta noite, não estou sozinho.

O vapor da banheira de hidromassagem vizinha sobe atrás dela, mas ela fica sentada com os pés balançando na piscina. É uma noite quente de julho e a lua de verão fornece luz suficiente para contorná-la. Miller em um biquini. Um pedaço de tecido verde-floresta sem alças cobre seu peito, e sua parte inferior está puxada tão alto sobre seus quadris, que cada centímetro de suas coxas que eu tanto gosto fica exposto.

Ela é deslumbrante, todos os tons de terra e pele tatuada brilhando sob o luar.

Abrindo o portão, faço bastante barulho para que ela saiba que não está mais sozinha.

— Arrombamento e invasão, Rhodes? Não é muito responsável da sua parte.

— Talvez eu tenha um lado selvagem que você não conhece.

Ela dá uma risada calorosa. — Sim. Ok.

Mal ela sabe, o pré-pai Kai era tão selvagem quanto ela.

— Achei que você estaria em seu quarto procurando inspiração em um

daqueles livros de receitas com os quais está viajando.

Ela acena em direção à lua de verão logo acima da linha da cidade ao longe. — Isso parece muito inspirador.

Ela não está errada. É impressionante aqui.

Tanto a vista quanto a garota que eu não deveria estar olhando.

Deixo minhas toalhas em uma espreguiçadeira próxima e observo Miller enquanto ela começa a se levantar, puxando as pernas para fora da água, meus olhos vagando por cada centímetro daquela pele molhada.

— Aonde você está indo?

Ela aponta para o hotel. — Dando a você a piscina. Achei que iria querer isso para si mesmo.

— Você deveria ficar.

Ok... não tenho ideia de por que sugeri isso.

Ela hesita, mas não me responde. Simplesmente retoma seu assento, os dedos dos pés pintados de vermelho mergulhando de volta na água.

Puxando minha camiseta por cima da cabeça, eu a jogo na cadeira antes de ajustar o cós do meu calção. Observo os olhos de Miller, do outro lado da piscina, acompanhando cada curva da minha barriga e do meu peito, e somente o brilho das luzes sob a água me permite ver isso.

Já faz tanto tempo. Há tanto tempo que não noto a atenção de uma mulher em mim. Faz tanto tempo que não me olham de uma forma que me faça sentir como um homem e não apenas como o pai de alguém. Eu me animo sob seu olhar, meu peito se expande com a atenção.

— Você tem tatuagens. — É uma afirmação, mas sua voz contém um pouco de surpresa no tom.

Olhando para minhas costelas e coxa, noto a tatuagem que ela está

estudando.

— Sempre pensei que você estava me julgando pelas minhas.

Porra. Eu estava? Talvez estivesse, mas não era que ela tivesse tatuagens ou um anel de septo ou qualquer coisa na sua aparência. Presumi que se uma mulher algum dia cuidasse do meu filho, ela seria uma doce senhora com talento para artesanato e jardinagem. Não esperava uma bombinha desbocada que também é durona na cozinha.

— Não. Eu gosto das suas. Elas combinam com você.

Os lábios de Miller tremem.

— Mas bebendo às 9 da manhã? Eu estava julgando você por isso.

Ela ri e sua risada rouca é a última coisa que ouço antes de mergulhar de cabeça no fundo da piscina. Nado até a parte rasa onde ela está sentada antes de sair da água e me encontrar cerca de trinta centímetros à frente dela, passando a mão pelo cabelo para tirá-lo do rosto.

— Meu Deus, Kai. Não é de se admirar que você tenha um filho. Só de olhar para você assim, qualquer mulher ficaria grávida.

Eu solto uma risada. — Não vamos brincar com o fato de alguém ficar grávida de novo, por favor. Estou fazendo um péssimo trabalho ao criar um. Não conseguiria lidar com outro.

Ela se senta mais reta. — Do que você está falando?

É tarde demais para entrar nessa conversa. Estou muito cansado. Muito dolorido. Minha mente está exausta demais para pensar em qualquer coisa que não seja soltar meu ombro e cair na cama. Terei de me levantar com Max em algumas horas, mas o biquíni verde-escuro de Miller, molhado e colado em cada fenda de seu corpo, deixa-me ansioso para passar a noite toda só olhando para ela.

A filha de Monty. A filha de Monty, que é linda pra caralho.

Com isso, eu me afasto da água e nado o comprimento da piscina novamente, esticando meu ombro e esperando que a distância entre nós me ajude a esquecer como essa mulher é linda.

Mas, com os olhos fechados, ela é tudo o que consigo ver e, quando volto a respirar na parte rasa e a encontro sentada ali, apoiada nas palmas das mãos, sei que a imagem não sairá da minha mente por muito tempo.

— Você já deveria saber que me ignorar não vai me fazer esquecer, Kai. — Seu tom é uniforme e confiante. — Você é um pai fantástico. E se alguém precisa contar a você, serei eu quem fará isso.

Não acredito nela, mas não adianta discutir. — Obrigado.

— Quem está cuidando dele agora?

— Isaiah.

— Onde está a mãe dele?

Uma risada assustada me escapa e eu deslizo para baixo da água por um momento para me orientar. — É um pouco tarde para essa conversa, não acha? — é o que digo quando volto.

— Não. Acho que é o momento perfeito.

Eu me afasto dela, andando e abrindo caminho pela água. A vista é deslumbrante daqui de cima, toda a cidade abaixo de nós. A noite está quente, a água é calmante, e essa mulher quase nua deixa meus lábios bem soltos.

— Seattle, eu imagino. Mas não tenho certeza.

Antes que eu perceba, ouço um pequeno barulho quando Miller entra na água atrás de mim. Ela nada até onde estou antes de sair e se sentar na borda, forçando-me a olhar para ela.

Forçando. Eu rio sozinho. Parece que é um privilégio ver Miller Montgomery molhada em um biquíni.

Sua voz é mais suave do que normalmente é. — O que aconteceu?

A água escorre por seu corpo, parte dela caindo entre seus seios, e minha atenção está presa. Ela também sabe disso e, como uma espécie de hipnotizadora sexual, ela se aproxima um pouco mais e pergunta novamente: — O que aconteceu com a mãe de Max?

— Você está usando seu corpo para me distrair?

— Está funcionando?

Esfrego a palma da mão no meu rosto porque, *sim*, está funcionando. Um pouco bem demais, porra. — Ela era uma pessoa com quem eu estava saindo casualmente quando jogava em Seattle. Eu a conheci em um restaurante local que a equipe frequentava. Ashley era nossa garçonete. Nunca foi nada sério, e acabou assim que assinei contrato com o Chicago. Era apenas um caso, ou assim eu pensava. Eu me mudei para o Meio-Oeste no outono e, cerca de um ano depois, ela apareceu no meu apartamento com meu filho de seis meses nos braços.

— Ela nunca contou que estava grávida? — As sobrancelhas de Miller estão franzidas, a raiva é evidente.

— Ela não soube até depois que eu já tinha ido embora. Mas não, não acho que ela planejava me contar.

— Eu a odeio.

Eu rio. — Eu não.

— Como você poderia não odiar?

— Porque ela realmente acreditava que estava fazendo a coisa certa, por mais equivocada que fosse. Ela não queria que eu pensasse que ela estava tentando me prender ou roubar meu dinheiro, então planejou fazer isso sozinha, mas seis meses depois ela percebeu que não queria ser mãe. Foi quando ela apareceu.

Miller zomba. — Vou guardar rancor por você, já que está sendo sensato e razoável. Isso é foda, Kai. Você perdeu seis meses inteiros.

— Eu sei que sim, e penso nesses seis meses todos os dias da minha vida. O que perdi, o que Max aprendeu sem mim por perto. Eu não a odeio, mas estou com raiva dela por não ter me contado sobre ele antes. Quando ela apareceu em Chicago, não tive dúvidas de que seria eu quem o criaria.

— E você tinha certeza de que ele era seu? Assim, sem mais nem menos?

Levantando as sobrancelhas, espero que ela ligue os pontos. Max tem meus olhos azulados, meu cabelo escuro. Não há dúvidas de que ele é meu.

— Tudo bem. — Ela ri, levantando as mãos. — Pergunta estúpida.

— Já perdi tanto, tenho medo de errar mais.

O espaço fica assustadoramente silencioso, o silêncio gritante.

— Desculpe — digo. — É tarde demais para me aprofundar em você.

— Nunca é tarde para ir fundo em mim, Baseball Daddy.

Uma risada assustada explode em meus lábios, quebrando a tensão. — Você é ridícula.

Ela sorri e eu gosto demais disso. Quero olhar para ela, dizer muitas coisas quando ela me olha desse jeito. Então, em vez disso, mergulho na água e nado até senti-la em meus calcanhares, seguindo o mesmo caminho na piscina.

Saindo no fundo, eu ando até que ela chega à superfície também. — Que diabos está fazendo?

— Seguindo você por essa maldita piscina até você me contar o resto.

— O resto de quê?

— O resto da história. Porque você não confia em ninguém com seu filho. Porque você não confia em mim. — Ela usa os braços e as pernas muito mais do que o necessário, apenas para ficar de pé na água. — Além disso, não sou uma

grande nadadora, então se eu me afogar, isso ficará na sua consciência para o resto da vida.

— Eu confio em você.

Ela para, aqueles olhos verdes se arregalando antes de começar a afundar lentamente.

— Tudo bem, Michael Phelps. — Estendendo a mão, envolvo um braço em volta de sua cintura e a puxo para meu corpo. — Não há necessidade de sacrificar sua vida aqui. Eu falarei.

Nossas pernas se enroscam debaixo d'água, nossas peles deslizam uma contra a outra. A água está bastante quente, mas sinto arrepios percorrerem a espinha de Miller sob a palma da minha mão. A mão serpenteando em torno de seu quadril, suas pernas em volta da minha cintura, os olhos mergulhando lentamente em meus lábios, porque estão muito próximos dos dela.

Limpo a garganta, nadando de volta à parte rasa.

Quando alcanço a altura que ela consegue ficar de pé, ainda não a solto. Quando ela tenta tirar as pernas dos meus quadris, eu aperto ainda mais. A sensação do corpo dela é boa. Boa demais. Eu realmente não tenho ideia de quanto tempo faz desde que tive um corpo de mulher no meu, mas não quero que isso acabe ainda.

— Você confia em mim? — ela sussurra.

— Eu acho que sim.

— Por quê?

— Deus, não tenho ideia. Você é como um touro em uma loja de porcelana, então talvez eu esteja completamente louco.

Lentamente, eu a levo de volta para a borda, deixando-a sentar-se, mas não saio. Fico de pé entre suas pernas abertas, as palmas das mãos apoiadas no concreto que as sustenta.

— Faça suas perguntas.

— Por que você demitiu cada uma de suas babás? — Ela não hesita, mas eu sim.

Minha cabeça cai, as coxas de Miller bem na minha frente, e tenho que fechar as mãos para não as tocar.

— Posso dizer por quê? — ela pergunta baixinho. — Acho que você quer parar de jogar beisebol. Acho que você está tão preocupado em perder os grandes momentos, que o cuidador de Max será o primeiro a vivenciá-los. Acho que você está tão preocupado com o que perdeu que está desesperado para não perder mais.

Inalando pelo nariz, recuo na água, porque estamos muito perto e ela está vendo demais.

— Eu sei como é perceber a ausência de seus pais — digo a ela. — No dia em que fui convocado, Isaiah era o único na multidão para mim, e foi a mesma coisa quando chegou a vez dele. Eu também fui o único ao lado dele quando ele tirou sua carteira de motorista ou quando teve seu coração partido pela primeira vez. Um pai ausente é última coisa que serei. Não perderei as coisas importantes e, mais ainda, não quero perder os momentos cotidianos e insignificantes. Eu quero todos eles.

O silêncio cai sobre nós enquanto Miller entra na água, seu pé roçando minha perna.

Seu comportamento tipicamente confiante torna-se suave. — Onde estavam seus pais?

— Minha mãe morreu.

— A minha também.

Meus olhos se voltam para os dela enquanto ela se senta na borda.

— Câncer — ela diz.

— Acidente de carro.

— E seu pai?

Tudo bem, isso é demais para esta noite. — Longa história.

Ela parece entender minha necessidade de mudar de assunto. — Você precisa se divertir um pouco em sua vida.

Um sorriso surge com as memórias. — Acredite em mim, meus vinte anos foram muito divertidos. Depois que Isaiah se estabeleceu na liga, eu vivi. Fui estúpido e imprudente e não preciso voltar a isso agora que tenho um filho para criar.

— Você não precisa voltar, mas poderia encontrar um equilíbrio entre aquela época e agora. Agora, você está todo mal-humorado... — ela abaixa a voz e me imita — ... *eu detesto jogar beisebol e as pessoas que cuidam do meu filho.*

— Eu não odeio beisebol. Eu adoro isso, na verdade. Simplesmente odeio que isso me afaste de Max.

— E as pessoas que cuidam do seu filho?

Minha boca se contrai. — A ser determinado.

Ela ri, dando um tapa no meu peito com as costas da mão, mas eu a seguro antes que ela possa se afastar. — Quantos anos você tinha quando sua mãe morreu?

O tom no ar muda novamente.

— Cinco.

— Nossa — eu exalo. — Eu não sabia que Monty era tão jovem quando perdeu a esposa.

— Oh, eles nunca foram casados. Na verdade, eles só namoravam há cerca de um ano quando minha mãe morreu. — Miller escorrega da borda e entra na água entre meu corpo e a lateral da piscina. — Ele não é meu pai biológico.

O quê?

Ela nada para longe de mim, mas como ela disse, ela não é uma boa nadadora, então não vai longe. Ela esteve me perseguindo na piscina a noite toda, mas pela primeira vez, sou eu quem está determinado a pegá-la.

— Continue falando — insisto quando ela chega ao topo da água.

— Ele me adotou. — Ela enxuga as gotas de água do rosto. — Um dia antes de ela morrer, minha mãe pediu que ele me adotasse. Era uma coisa ridícula pedir isso a ele. Ele tinha vinte e cinco anos e jogava beisebol profissional. Eu era simplesmente filha da namorada dele, mas ele fez isso mesmo assim. Minha mãe era mãe solteira, ela me criou sozinha até então. Meu pai biológico foi uma coisa de uma noite. Monty me adotou, mudamos meu sobrenome para o dele porque ela queria. Ele deixou a liga e conseguiu um emprego como treinador universitário para cuidar de mim, porque eu não tinha mais ninguém. É a coisa mais altruísta que alguém já fez por mim e me sinto péssima por isso.

Estou congelado no lugar, parado na parte rasa da piscina, atordoado pela vulnerabilidade que Miller nunca demonstrou ao meu redor. Ela usa o humor para dissipar situações tensas, mas não está fazendo isso agora, porque Monty merece um momento de reconhecimento. Ela quer que eu entenda o quão bom ele é. Como ele é importante para ela.

Eu amo esse cara.

— Ele está preocupado que você se aposente da mesma forma que ele — ela continua.

É algo em que penso diariamente. Isso tiraria muito do estresse que carrego. Claro, eu estaria desistindo de uma carreira que amo, mas seria para fazer um trabalho que amo ainda mais.

— Não — ela sussurra. — Acredite no filho de alguém que desistiu exatamente daquilo que você está pensando em desistir. Max viverá com essa

culpa pelo resto da vida.

É por isso que ela voltou na semana passada. Deve ter sido isso que Monty disse a ela para me dar outra chance.

— Miller, estou exausto. O tempo todo, porra.

— Deixe-me ajudá-lo. Deixe-me ajudá-lo a encontrar o equilíbrio.

Ela fala sério sobre isso, sobre a culpa que carrega. Mas por quê? Eu conheço Monty. Eu sei o tipo de homem que ele é. Ele desistiria de tudo pela filha, da mesma forma que eu. Como ela não entende isso? Existe um tipo diferente de amor que surge em sua vida quando você tem um filho. Monty não sacrificou sua carreira, ele simplesmente mudou de rumo pelo quanto amava aquela garotinha. Tanto que ele leva a foto do softball dela para todos os jogos fora de casa, para que possa colocá-la em sua mesa para vê-la.

Seus olhos saltam entre os meus, implorando, mas antes que eu possa responder, a luz ofuscante de uma lanterna percorre seu rosto.

— Ei! — um segurança grita. — A piscina está fechada!

Virando-me, uso meu corpo para cobrir o de Miller, de costas para ela, em parte para tirar a luz de seu rosto, mas principalmente porque me sinto muito possessivo ao vê-la neste pequeno traje verde e não tenho planos de compartilhar a vista.

Ela cai na gargalhada atrás de mim.

— Desculpe por isso! — Eu mantenho minhas mãos para cima, fora da água. — Nós sairemos.

Miller continua a rir.

— Eu responsabilizo você por isso, Montgomery. Aqui estou, passando *uma* noite com você e já me metendo em problemas.

— Confie em mim — ela ri. — Tenho planos de colocar você em muito mais

problemas do que isso.

É exatamente com isso que estou preocupado.

CAPÍTULO 12

Kai

Estávamos na estrada, fazendo rondas para jogar contra os times do Texas. Não tivemos um dia de folga desde que saímos de Chicago e não tive oportunidade de falar a sós com Monty. Os garotos são turbulentos descendo o túnel em direção ao campo, mas enquanto o time se prepara para o aquecimento, eu entro sorrateiramente no escritório do técnico visitante.

— Ei, Ace — diz Monty, mal olhando para mim enquanto fica em pé em sua mesa, folheando relatórios de aferição. — Com o que posso ajudar?

Fechando silenciosamente a porta atrás de mim, dou a volta em sua mesa e, sem dizer uma palavra, puxo-o para um abraço.

Ele fica parado por um momento com as mãos cheias de papéis, mas eu não o solto. Eventualmente, ele os deixa cair em sua mesa e retribui o abraço. — Você está bem?

Sim. *Não*. Como posso dizer a ele o quanto estou impressionado e ao mesmo tempo irritado? Como posso expressar o quão grato estou pelo que ele fez por Miller sem parecer apegado pra caralho à sua filha?

Afastando-me, empurro-o no peito. — Foda-se.

Monty ri, erguendo as mãos em sinal de rendição. — Estou recebendo alguns sinais confusos aqui, cara.

— Você me convenceu a não me aposentar quando fez exatamente a mesma coisa pela mesma maldita razão.

Os olhos castanhos de Monty suavizam, seu peito se move em uma expiração. — Ela disse a você.

— Sim, ela me contou, e você também deveria.

— Sente-se.

Irritado, faço o que ele diz, sentando-me na cadeira do outro lado da mesa.

Monty se recosta na cadeira, juntando os dedos sob o queixo. — Eu não contei a você porque você e eu não somos iguais.

— Somos exatamente iguais nesse aspecto, Monty. Você se aposentou para cuidar da sua filha. Por que não posso?

— Porque eu não era você, Ace. Eu não tinha o seu nível de talento. Eu não tinha a sua idade. Não tive o tipo de ajuda que você tem. Por que você acha que fui tão inflexível quanto à organização fazer isso funcionar para você? Eu sei o quão difícil isto é. Porra, Kai, eu sei o que você está passando, mas você não está sozinho nisso. *Eu* estava.

Merda.

— Eu não contei porque você está procurando um motivo para se aposentar — ele continua. — Eu não ia dar um a você. Se você não gostasse mais de jogar, eu o ajudaria a fazer as malas agora mesmo, mas eu vejo isso. O olhar que você tem nas noites em que está arremessando. O quanto você gosta de estar com Isaiah novamente. Você ainda ama o jogo.

— Você também. Claramente. Caso contrário, você não teria treinado nos últimos vinte anos. Então por que *você* saiu se amava tanto?

— Porque Miller tinha cinco anos e tinha acabado de perder a mãe.

Meus olhos se dirigem para a foto emoldurada em sua mesa. Uma Miller pré-adolescente em sua camisa amarela de softball com um número quatorze gigante em seu uniforme. Sabendo o que sei sobre a mulher agora, meu peito dói com o que ela passou quando era tão jovem.

Tirando o boné, meu polegar passa pela foto de Max que mantenho ali.

Monty suspira com resignação. — Ela estava no jardim de infância e havia perdido o único parente que conhecia. Ela precisava de mim.

— Você se arrepende de ter desistido? É por isso que você não quer que eu faça o mesmo?

— Nem por um segundo. Eu precisava dela tanto quanto ela precisava de mim, mas era diferente para mim e Miller do que para você e Max. Eu estava procurando uma direção naquele momento da minha vida e sou um treinador muito melhor do que já fui como jogador.

Meus olhos ficam colados na foto dela.

— Você tem a ajuda que eu nunca tive. Você e Max têm tantas pessoas por vocês. Seu irmão, eu, toda essa equipe.

Miller, acrescento silenciosamente.

Pelas semanas em que ela está aqui, posso ver o quanto ela é protetora com Max, o quanto ela já se importa com ele, mas não vou dizer isso em voz alta para o pai dela ouvir.

— O que vai adiantar desistir? Manter você em casa para garantir que Max seja feliz? Sabe o que faz uma criança feliz? Ver seus pais realizarem seus sonhos. O beisebol ainda é seu sonho, eu sei que é. Pare de vê-lo como inimigo e permita-se aproveitá-lo. Tudo isso – o time, as viagens, os torcedores. Quando isso acabar, acabou.

Mantendo meus olhos na foto de Miller, suas palavras ressoando em minha mente. Como ela não quer que Max sinta a culpa que ela sente, como ela quer me ajudar a encontrar um equilíbrio entre os dois amores da minha vida.

— Kai, olhe para mim.

Faço isso e encontro Monty do outro lado da mesa.

— Eu amo você e seu filho. Você sabe disso. Você é o melhor arremessador que já tive no meu elenco, mas eu não pediria para você ficar se não achasse que

seria a coisa certa para vocês dois. Quero que você tenha a oportunidade que nunca tive. Você tem um monte de gente ao seu lado.

Para alguém que sempre se sentiu sozinho nas responsabilidades, sem nunca ter mais ninguém em quem confiar, não é fácil ver a ajuda ao meu redor. Mas está ali. Não há uma única alma nesta equipe que não se esforce por mim ou por meu filho. Tenho tendência a chafurdar na autopiedade, dizendo a mim mesmo que estou sozinho nisso, mas não estou.

Eu concordo. — Às vezes, esqueço de olhar.

— Bem, você passou muitos anos procurando e não encontrou nada, então não culpo você, mas esse não é mais o caso.

O silêncio permanece entre nós.

— Você está bem? — ele pergunta.

— Sim.

Ele aponta para o campo. — Ótimo. Vá colocar sua bunda no bullpen.

Rindo, eu me levanto enquanto ele faz o mesmo. Quando ele pega minha mão para apertar, ele a puxa, puxando-me para o outro lado da mesa para me abraçar, mas quando saio, ele me impede.

— Ace, por que aquele abraço quando você chegou?

Mantenho seu contato visual, certificando-me de que ele ouça minhas palavras. — Por cuidar de Miller quando ela precisava. Você é um bom homem, Monty.

— Ah, merda — ele respira, rindo baixinho. — Você está ficando mole comigo.

— Eu não posso evitar. Algo estranho acontece com suas emoções quando você tem um filho.

— Nem me fale. — Monty balança a cabeça, esfregando os olhos com o

polegar e o indicador, tentando ser discreto. — Saia daqui. Preciso me recompor para poder ir lá e fingir que sou muito mais durão do que realmente sou.

* * *

— Está mais quente que a bunda de Satanás — meu irmão reclama enquanto aquece o braço ao meu lado, jogando a linha de falta para Cody.

Faço o mesmo, esticando o ombro e arremessando a 25% da velocidade para um dos outros arremessadores titulares que estarão comigo no bullpen esta noite.

— Não sinto falta do Texas por vários motivos — digo. — Mas essas temperaturas de merda estão bem no topo da lista, se não forem o motivo número um.

Isaiah pega a bola, segurando-a enquanto se vira para mim. — Você já se sentiu estranho voltando aqui?

Eu não poderia me importar menos em estar de volta ao meu estado natal. Tanto Seattle quanto Chicago parecem mais em casa do que este lugar. Passei minha adolescência trabalhando enquanto estava aqui, tentando fazer com que meu irmão entrasse na faculdade com uma bolsa de estudos, descobrindo uma maneira de treinarmos e estudarmos, tudo isso enquanto esperava fazê-lo sentir o amor e o apoio que nosso pai não conseguia fornecer.

Mantenho minha bola na luva, de frente para ele. — Não. Você?

— Não é estranho, mas sinto falta disso. Tenho boas lembranças de quando cresci e joguei bola aqui.

Eu juro que é aquela coisa de pai que eu estava falando, deixando-me todo emocionado, mas há uma onda de alívio que flui através de mim sabendo que meu irmão mais novo pode olhar para trás, para aquela época de nossas vidas, com nostalgia. Achei que isso iria foder com ele. Achei que *criá-lo* iria acabar

com ele, mas ele parece estar bem.

Saindo do meu lugar, jogo um braço sobre seu ombro e apalpo sua nuca. — Sim, cara. Tivemos bons momentos aqui, hein?

— Ei, Rodhes! — alguém grita nas arquibancadas que se enchem rapidamente. — Sua bunda fica bem com essa calça de beisebol!

O sorriso de Isaiah aumenta enquanto ele investiga a multidão atrás de mim. Seguindo sua linha de visão, encontro a dona daquela voz rouca vestindo aquele macacão cortado, óculos escuros e segurando meu filho.

Deus, ela parece bem. Em um mar de azul royal e vermelho, ela é toda jeans e tons terrosos.

Mas o que ela está fazendo aqui? O jogo está prestes a começar e ela está com Max de macacão como uma espécie de canguru. Quando olho um pouco mais de perto, posso vê-lo vestindo a versão mini da minha camisa que o time comprou para ele, com braços e pernas cobertos de protetor solar.

Meu irmão se vira para mostrar a bunda, olhando para ela. — Essa coisa velha?

— Você não — ela grita de volta, acenando com a cabeça em minha direção. — Estou falando do pai solteiro gostoso ali! Número vinte e um.

— Ele? — Isaiah pergunta, apontando o polegar para mim. — Ele é velho demais.

— Sou dois anos mais velho que você, seu idiota.

— O que posso dizer? — Miller grita para o campo. — Eu tenho uma queda por caras mais velhos! — Ela pontua isso com um assobio de admiração em seus lábios.

Meu sorriso é dolorosamente grande enquanto cobre meu rosto, em parte porque Miller me chamando de gostoso na frente do meu irmão faz algo estúpido para o meu ego, mas principalmente porque Max está aqui e nunca foi a

um dos meus jogos.

Corro até eles enquanto estão na primeira fila, atrás da barreira entre o campo e os torcedores.

— O que vocês estão fazendo aqui? — Max se vira para olhar para baixo enquanto se senta com o macacão de Miller, seu sorriso fofo e de bochechas rechonchudas me encontrando. — Oi, Bug!

— Achei que você gostaria de ter Max por perto, visto que você está no bullpen hoje.

Meus olhos se voltam para os dela. — Onde está sentada?

Ela aponta para um assento fora da linha de falta, o primeiro na lateral do bullpen. Um local onde eu posso ver os dois jogando.

— Como diabos você conseguiu esse lugar?

— Conheço alguém que trabalha para a equipe.

Minha cabeça aponta para o campo onde Monty está na frente do banco de reservas, mas ele olha para frente, usando óculos escuros e mascando chiclete como se não estivesse apenas olhando para cá.

Max estende a mão para mim. — Papai!

— Oi, homenzinho! Senti sua falta esta manhã.

Miller solta uma das alças do macacão e o puxa para fora.

— Você parece um canguru usando-o assim.

— Mas como uma canguru gostosa, certo?

Ela passa Max para mim por cima da barreira enquanto eu fico em silêncio, sem responder a sua pergunta que me colocará em apuros. Porque sim, ela carregando meu filho por aí, mesmo que ela esteja fazendo isso de um jeito estranho de Miller, é uma das coisas mais sexys que eu já vi.

— Aí, está o meu cara. — Dou alguns beijos em sua bochecha. — Você é

meu pequeno canguru?

Ele ri.

— Olhe para você de camisa — digo, passando a mão suavemente nas costas dele, onde está nosso sobrenome. — Você está pronto para o jogo, hein?

Max cai no meu ombro, enterrando a cabeça na curva do meu pescoço e tirando o minúsculo boné de beisebol da cabeça. Pego Miller observando-o – *nós* – com um sorriso suave.

— Max-um-milhão! — Isaiah exclama. — Você está aqui para ver seu tio dominar totalmente o campo?

Meu irmão tira meu filho de mim, levando-o para o campo e exibindo-o para o resto dos garotos. Max sorri enquanto toda a minha equipe o adora, como se não tivéssemos um jogo profissional no qual precisamos nos concentrar em menos de uma hora.

Com as mãos apoiadas na barreira entre o campo e as arquibancadas, observo Isaiah segurar o sobrinho no quadril, correndo com ele pelas bases, apenas para ser cumprimentado pelo resto do time no *home plate.*

Meu coração dói fisicamente, mas não é por causa do tempo ausente ou dos momentos perdidos com meu filho. É porque pela primeira vez desde que Max entrou na minha vida, sinto que poderia ter tudo.

Uma pequena mão pousa na minha enquanto ela a apoia na barreira acolchoada, e eu olho para cima para encontrar Miller me observando.

— Ele nunca veio a um dos meus jogos antes — digo a ela, minha voz um pouco rouca. — Obrigado por trazê-lo, Mills.

Uma única sobrancelha se levanta. — *Mills,* hein?

— Não tente estragar o momento com humor, Montgomery. Eu chamo você do jeito que eu quiser.

— Sim, Papa.

A mulher ao lado dela tosse com a mão fechada, lembrando-nos que ela está ali.

— Baseball Daddy, quero dizer.

Eu simplesmente balanço minha cabeça para ela.

Aprendi rapidamente que Miller não é muito boa com momentos sentimentais, então, em vez de dizer qualquer coisa a esse respeito, ela simplesmente aperta minha mão. Eu aperto de volta, nós dois conversamos silenciosamente no estádio lotado. Ela me dizendo que está cumprindo sua promessa de me ajudar a encontrar equilíbrio em minha vida e eu finalmente aceitando ajuda.

— Vou mostrar a ele o banco de reservas. — Eu me inclino, pegando o boné de Max, mas enquanto ando para trás, mantenho minha atenção nela. — Não vejo você usando o número vinte e um. Onde está sua camisa?

— Eu sou mais uma garota quatorze.

Seu número de softball.

Fico de boca fechada para não deixar escapar que já olhei muitas vezes aquela foto dela na mesa do pai e conheço bem a referência.

— Se você vai começar a vir aos meus jogos, é melhor eu ver Rhodes nas suas costas e não estou falando do meu irmão.

— Isso é algum problema de atleta que você tem? Precisa ver uma garota com sua camisa?

O meu velho lado sedutor, que mantive escondido e trancado na maior parte do tempo desde que Max entrou na minha vida, está ansioso para se libertar.

Eu estalo meus ombros. — Gosto de ver garotas bonitas com minha camisa. Gosto de tirar isso delas também.

Os lábios de Miller se abrem, um sorriso chocado e satisfeito aparecendo nos cantos. — Bem, com esse tipo de promessa, com certeza usarei na próxima vez.

Meu peito se enche de uma risada que ela não consegue ouvir, porque estou muito longe agora, e embora os comentários flagrantes de Miller tenham como objetivo me irritar e não tenham garantias por trás das palavras, não posso negar que eles me fazem sentir como o meu antigo eu, aquele que era feliz e leve, sem o peso de mais responsabilidades do que uma pessoa poderia suportar sozinha.

Só que o melhor de tudo é que meu filho está aqui e ainda me sinto assim.

* * *

A sala de treinamento fica lotada depois do jogo, porque além do voo para casa, finalmente temos folga amanhã. A maioria dos rapazes fará o tratamento hoje à noite para não precisar se encontrar com um fisioterapeuta da equipe na manhã anterior ao voo. Eu sou um desses caras, ansioso para dormir o máximo que meu filho permitir, então, com uma faixa de exercícios amarrada em um poste, eu a afasto, dando um leve trabalho ao meu manguito rotador.

Normalmente, eu sairia correndo daqui, especialmente depois de uma derrota, na esperança de voltar ao hotel a tempo de colocar Max para descansar durante a noite, pronto para aqueles momentos perdidos, mas pela primeira vez em toda a temporada, não sinto necessidade de fazer isso.

Porque pude vê-lo durante todo o jogo.

Sentado no colo de Miller, ele acenava para mim no bullpen a cada poucos minutos até desmaiar no terceiro turno, dormindo contra o peito dela. Tenho quase certeza de que meu filho estava babando em cima dela, mas ela não parecia perturbada. Ela simplesmente esfregou as costas dele enquanto ele cochilava, reaplicando protetor solar em seu corpinho quando chegava a hora, e mantendo um miniventilador nele durante todas as nove entradas.

Eu pude estar lá quando ele acordou, aclimatando-se ao ambiente, e quando ele olhou para a garota que o tinha nos braços, aquele sorriso sonolento floresceu.

Ele a ama. É óbvio na maneira como ele olha para ela, na maneira como ele a alcança quando ela está perto. Ela traz a ele um conforto que ele estava sentindo falta, e ela igualmente me traz o mesmo, sabendo como eles se dão bem.

— Kenny, por favor — meu irmão implora, seguindo sua fisioterapeuta favorita, deslizando entre as mesas para ficar em seus calcanhares.

— Eu não estou trabalhando em você.

— É literalmente seu trabalho trabalhar em mim.

Kennedy o ignora, enrolando gelo no joelho de Cody.

— Kenny — ele choraminga como a criança que tende a ser.

— Sanderson está livre. Ei, Sanderson! — ela grita. — Rhodes precisa de algum trabalho.

— Não...

— O que está doendo? — ele pergunta, aproximando-se.

Os olhos do meu irmão se arregalam. — Nada.

Kennedy cai na gargalhada atrás dele. — Vamos, Isaiah. Diga a ele o que você queria que eu fizesse.

Sanderson levanta as mãos. — Juro por Deus, se você disser seu pau, vou desistir imediatamente.

— Jesus Cristo — eu bufo, balançando a cabeça porque, bem, tenho quase certeza de que era exatamente isso que meu irmão estava prestes a dizer.

— Não. Deus, não. É minha bunda.

— Seus *glúteos* — Kennedy corrige.

— Meus *glúteos.*

— Suba. — Sanderson dá um tapinha na mesa. — Vamos dar uma olhada.

Isaiah lança um olhar mortal para Kennedy e prende sua atenção enquanto ele sobe na mesa de Sanderson, de bunda para cima.

Ela mostra um sorriso satisfeito quando Sanderson começa a trabalhar com o cotovelo nos glúteos do meu irmão, mas quando Isaiah começa a dar instruções genuínas ao treinador e a fazer sons de desconforto, o rosto de Kennedy desaba.

— Isaiah, você está realmente sofrendo? — eu pergunto.

— Sim. O que você achou, eu estava pedindo para Kenny trabalhar em mim só para ela tocar minha bunda?

— Sim — diz a maior parte da sala em uníssono.

— Vocês todos são péssimos, mas não, só acho que ela é boa no que faz.

— Ei — Sanderson repreende.

— Você também, cara.

Meu irmão fica tenso na mesa de dor, todo o seu corpo fica rígido enquanto Sanderson dá uma cotovelada no músculo glúteo.

Kennedy observa de cima dele por um momento antes de colocar a mão na parte de trás do ombro de Isaiah, sem seu tom de provocação. — Eu pegarei você da próxima vez, Rhodes.

— Graças a Deus, porque da próxima vez preciso que massageie meu pa-

— Você sempre me faz arrepender.

Ele espreita a cabeça para fora da mesa, lançando a ela um sorriso atrevido.

Uma batida soa na porta da sala de treinamento antes de Miller entrar, de olhos fechados. — Todo mundo decente? — ela pergunta antes de abrir um olho para ver toda a equipe um pouco vestida. — Que droga.

Ela segura as duas mãos de Max acima de sua cabeça, deixando-o usá-la para se equilibrar enquanto pratica seus passos vacilantes na gigantesca sala aberta.

— Veja esses grandes passos! — Isaiah diz, sentando-se na beirada da mesa.

— Bom trabalho, Maxie! — Travis, meu apanhador, entra na conversa.

Correndo para a porta, fico de cócoras a apenas alguns metros de distância dele, estendendo as mãos. — Vamos, Max. Vamos ver isso.

Espero, torcendo para que este seja o momento em que ele finalmente ganha confiança para dar os primeiros passos.

Quando Miller o solta, ele faz uma pausa, vacilante pra caralho, e quando tenta dar o primeiro passo sozinho, ele simplesmente cai de bunda para trás, sua fralda suportando o peso do impacto antes de ficar de joelhos, rastejando até mim tão feliz consigo mesmo como se fosse a caminhada.

Eu rio, pegando-o. — Boa tentativa, Bug. Estamos chegando lá.

Miller está parada na porta, toda sexy e brilhando por causa do sol que ela pegou, e de repente uma vontade irresistível de beijá-la toma conta de mim. Ela é tão bonita e tão ridícula às vezes, mas vê-la com Max hoje, e saber que ela o trouxe para que eu pudesse ter as duas coisas que amo em um só lugar, fez eu me sentir muito apegado à garota que apenas algumas semanas atrás eu teria perdido.

— Encontrem-me no saguão às oito — anuncia Cody. — Monty, feche os ouvidos — acrescenta ele, dirigindo suas palavras ao meu treinador que acabou de entrar. — Vamos ficar bêbados esta noite, rapazes. Talvez alguns de vocês possam até ter sorte. Vamos dançar e não voltaremos para o hotel até o sol nascer.

— Não sei de nada — diz Monty, tapando os ouvidos antes de dar um beijo rápido na cabeça da filha e entrar no escritório adjacente.

— Kenny, você vem? — A voz de Isaiah contém muita esperança.

— Não.

— Legal. Legal. — Ele admira Miller. — Hot Nann...

Seus olhos encontram os meus, e nem preciso dizer nada para ele saber que, se terminar essa frase, vou chutar a bunda dele.

— *Miller* — ele corrige. — Você vem?

A atenção de Miller se volta para mim. — Você vai?

Aceno com a cabeça em direção ao meu filho, deixando isso falar por mim.

Ela se volta para meu irmão. — Acho que vou ficar para trás.

Gosto muito da ideia de que ela quer ficar porque nós vamos. Mas ela tem vinte e cinco anos e tenho certeza de que este verão longe do trabalho não será nada como ela havia imaginado. A última coisa que quero é que ela fique ressentida conosco.

— Você deveria ir. Tudo o que você fez neste verão foi perseguir meu filho de quinze meses. — Aceno com a cabeça em direção ao meu irmão. — Isso não seria muito diferente.

— Foda-se muito. — Ele adiciona dois dedos médios para um efeito dramático.

Max ri de seu tio.

— Ótimo — eu digo sem expressão. — Mal posso esperar para ele adicionar *foda* ao seu vocabulário limitado.

— Tudo bem. Vou ajudá-lo a dormir com Max durante a noite — diz Miller.

— Eu cuido dele. Você deveria ir.

— Ouça Ace — Travis fala. — Você deveria vir conosco, Miller.

Minha cabeça vira na direção dele, não gostando do jeito que ele disse o nome dela, tão suave e melancólico assim. Travis é um cara legal, um bom companheiro de equipe, mas não preciso que ele fale desse jeito com a babá de

Max. Também não preciso que ele olhe para ela desse jeito, como se ela fosse a garota mais bonita que ele já viu.

Ela é, mas ele não deveria estar percebendo.

Minha atenção então encontra meu irmão, com o sorriso mais diabólico no rosto.

Que diabos é esse olhar?

Miller se vira para mim. — Tem certeza de que não se importa?

Porra.

Eu engulo o arrependimento. — Sim.

— Kennedy — ela diz. — Tem certeza de que não quer ir?

Kennedy hesita, o que é surpreendente. Ela nunca saiu com a equipe, não querendo confundir os limites entre trabalho e diversão. Algo com que nenhum dos homens da equipe jamais teve que se preocupar.

— Vou passar — ela finalmente decide. — Obrigada pelo convite.

Isaiah zomba. — Eu sempre convido você e você nunca me agradece pela oferta.

Kennedy o ignora completamente.

— Você também vai, Ace — diz Monty, saindo de seu escritório. — Tenho vontade de ficar com esse carinha e esta noite parece ser a oportunidade perfeita.

— Não, tudo bem. Eu vou voltar com ele.

Monty levanta as sobrancelhas como se estivesse me lembrando silenciosamente da conversa que tivemos hoje mais cedo.

Encontre o equilíbrio. Aproveite enquanto ainda tem.

Eu olho dele para sua filha.

Há uma inclinação perversa em seus lábios. — Você deveria *vir*.

Eu me engasgo com minha própria saliva, porque Miller disse com tanta insinuação, seria impossível não entender o significado alternativo.

— Nojento pra caralho — Monty murmura.

— Vamos parar de xingar na frente do meu filho.

— Sim, pare de xingar, Monty — grita Isaiah.

Monty lhe lança um olhar perigoso.

— Quero dizer... você deveria dizer o que quiser, senhor.

Meu treinador tira meu filho de mim. — Vou ficar com o Max hoje à noite, quer você saia e se divirta ou não.

Ao ver meu filho totalmente satisfeito com o homem que o adora desde que ele entrou em minha vida, olho para Miller. Seus olhos verdes estão arregalados e expectantes, aguardando a minha resposta.

Pela primeira vez, não sinto que estou perdendo nada, porque fiquei com ele o dia inteiro. Não me sinto culpado por querer me divertir com meus colegas de equipe. A única culpa que tenho é pelo fato de a filha do meu técnico estar ocupando um pouco demais do meu espaço cerebral ultimamente.

— Ok — eu digo, olhando diretamente para ela. — Eu irei.

O sorriso malicioso desaparece.

— Vamos! — Cody entra na conversa. — Papai está saindo! Porra, finalmente!

Há uma enorme quantidade de barulho e aplausos, sendo muito exagerados para uma equipe que acabou de perder o último jogo de uma série na estrada, mas eu não saio com os rapazes desde o verão passado.

A energia na sala de treinamento é louca, enquanto os rapazes arrumam suas coisas, querendo voltar para o hotel o mais rápido possível, mas eu mantenho meus olhos em Miller, que está ali, infinitamente orgulhosa de si mesma por ter

me tirado daqui para sair à noite.

CAPÍTULO 13

Kai

Minha mão coçava para bater na porta entre o meu quarto e o de Miller, querendo caminhar até o saguão com ela, querendo aparecer na frente dos meus colegas de equipe juntos na esperança de que eles entendessem que ela está fora dos limites esta noite.

Ela está sempre fora dos limites.

Para *eles* e para *mim*.

Em vez disso, assim que Monty se instalou em meu quarto para cuidar de Max, desci sozinho para o saguão, forçando-me a esperar por ela lá, enquanto fingia não ser afetado pela perspectiva de ter uma noite longe de casa ou do hotel com a garota em quem, irritantemente, não consigo parar de pensar.

Todo o time parece já estar aqui, bebendo cervejas e muito animado por ter uma noite de folga sem precisar estar no campo amanhã. Encontro Isaiah em um sofá e, assim que minha bunda bate na almofada ao lado dele, ele está segurando uma cerveja nova, com a tampa já estourada.

— Nunca pensei que isso fosse acontecer de novo — diz Isaiah, tilintando sua garrafa na minha. — Você vindo conosco.

— É uma vez só.

Ele não diz nada, simplesmente leva a cerveja aos lábios, mas posso sentir as palavras não ditas que ele está morrendo de vontade de dizer girando ao nosso redor.

— O quê?

— Eu simplesmente acho interessante que a noite em que você decide se juntar a nós seja a mesma noite em que Miller está.

— Não há nada de interessante nisso.

— Sério? Porque eu achei especialmente interessante como, de repente, depois que o Travis a convidou, você também topou.

Encontro o nosso apanhador saindo com Cody e alguns outros colegas de time. Gosto muito do Trav, ele é um cara legal e um bom jogador de beisebol. Ele também tem vinte e seis anos, muito mais próximo da idade do Miller do que eu, e não tem outra pessoa com quem se relacionar a cada minuto do seu dia.

Não me surpreende que ele possa se interessar por ela. Acho que qualquer um se interessaria se a conhecesse, mas detesto que, se o interesse do Travis fosse recíproco, faria muito sentido.

— Ele gosta dela? — pergunto o mais casualmente possível, tomando um gole da garrafa.

— Você se incomodaria se ele gostasse?

Olho de soslaio para meu irmão. — Responda à pergunta.

— Responda a minha.

Revirando os olhos, olho para frente mais uma vez. — Isso só me incomodaria porque ela está aqui por Max. Não quero que isso a impeça de cuidar do meu filho.

Meu irmão dá uma risada. — Oh, meu maldito Deus. Você está tão cheio de merda. — Ele esfrega a mão no rosto para esconder seu sorriso incrédulo. — Não coloque isso em Maxie. Eu vi o jeito que você estava olhando para ela na arquibancada hoje.

— Eu não estava olhando para ela. Eu estava olhando para o meu filho.

— Você pode mentir para qualquer pessoa, inclusive para si mesmo, mas não

tente me enganar. Eu conheço você desde o dia em que a nossa maravilhosa mãe me abençoou, e há muito tempo não o vejo olhar para uma mulher como olha para a Miller. Inferno, talvez nunca.

Que se dane minha vida. Eu achava que meus olhares demorados eram discretos, mas não posso mentir e dizer que não me pego olhando para ela sempre que ela está no mesmo cômodo que eu. A maneira como ela é com Max, a estranha justaposição dela como pessoa – polida e organizada na cozinha e imprudente e selvagem fora dela – me faz querer aprender tudo o que há para saber sobre ela. Não é ruim o fato de ela ser deslumbrante e suas afirmações descaradas sobre minha aparência me fazem sentir igualmente desejado.

Tento salvar a mentira de qualquer maneira. — Ela se dá bem com meu filho. Então, sim, é claro que gosto de vê-los juntos, mas é só porque Max está feliz.

— Eu faço Max feliz. Monty faz Max feliz, mas não vejo você olhando para nós como se quisesse nos encostar na parede.

— Que nojo, Isaiah.

— Só estou dizendo que não há problema em admitir que você pode estar interessado em mais do que as habilidades de babá de Miller.

Eu balanço minha cabeça. — Não importa. Ela está indo embora.

Em minha direção, o sorriso atrevido de Isaiah se abre. — Porra, eu sabia. — Sua voz não é nada baixa. — Porra, eu *sabia* disso. Fico feliz em saber que as joias da família Rhodes ainda estão funcionando, porque fiquei preocupado por um minuto.

— Você pode, por favor, calar a boca? — Olho em volta para ter certeza de que ninguém mais o ouviu. — Eu não dormi com ela, Jesus.

— Bem, vá em frente. Você mesmo disse que ela está indo embora.

Tomo outro gole da minha cerveja. — Terminamos de falar sobre isso.

— Acho que ela também gosta de você.

Isso chama minha atenção. — Você acha?

Ele gesticula para mim. — Essa coisa de pai inseguro não combina com você.

— Não estou sendo inseguro.

Estou completamente inseguro.

— Estou sendo realista. Miller é jovem e bem-sucedida. Ela não fica parada por muito tempo. Estou me aproximando da aposentadoria e tenho um filho que sempre será minha prioridade. Mulheres assim não gostam de caras como eu.

Os olhos de Isaiah estão arregalados e sem piscar. — Sua vadiazinha chorona. Você precisa transar e encontrar um pouco do que sobrou de você quando Max surgiu em sua porta. Nunca pensei que veria o dia em que teria de ser o motivador pessoal de Malakai Rhodes, mas aqui vamos nós. — Ele se senta mais ereto. — Em primeiro lugar, ter Max é um bônus, não um impedimento...

— Eu nunca disse que ele é um impedimento.

Meu irmão levanta a mão para me impedir. — Sei que você não fez isso, mas está pensando que outras mulheres podem vê-lo dessa forma. Nós não damos a mínima para essas mulheres. Há pessoas por aí, como a Hot Nanny que está morando no seu quintal, por exemplo, que consideram o fato de você ser pai como um grande sinal de positivo. E a questão da aposentadoria – você é um atleta profissional. É claro que você está perto da aposentadoria. Todos nós estamos. Você está fazendo parecer que está na casa dos setenta anos e prestes a assinar um cartão AARP[5]. Você costumava ter garotas caindo aos seus pés. Lembre-se de quem você é. Você é Kai Rhodes, arremessador titular e sexy pra cacete.

Eu levanto minha sobrancelha para ele.

— E só estou dizendo isso porque, sem a cor dos olhos e os óculos, você se parece muito comigo. Vamos lá, cara. Lembra da minha namorada do baile, que

só disse sim para mim porque queria andar na mesma limusine que você?

— Krista?

— Kaitlin. — Ele suspira, os olhos voltados para o teto. — Quem eu achava que era o amor da minha vida até perceber que ela estava apaixonada pelo meu irmão mais velho, assim como todas as outras garotas que eu queria no ensino médio.

— Você encontra um novo amor para sua vida a cada duas semanas.

Ele me acena. — Tudo o que estou dizendo é que haveria uma horda de mulheres que ficariam felizes em tirar você do período de seca autoinfligido.

— Não preciso de uma horda de mulheres.

— Claro que você não precisa. Porque só está interessado em uma.

Eu o afasto, minha voz baixa. — Ela é filha do Monty.

Só então, as portas do elevador se abrem no andar do saguão e, como o ímã em que ela se tornou, minha atenção a encontra assim que ela entra na sala. Aquele cabelo escuro está enrolado, caindo sobre as tatuagens que comecei a memorizar, e em vez do macacão típico de Miller, jeans escuro funciona como uma segunda pele, tão apertado que posso ver cada músculo em suas coxas. Uma regata de cor creme mergulha entre seus seios, seus lábios normalmente nus estão pintados de vermelho e seus olhos estão fixos em mim.

— Ela parece uma criança para você? — Isaiah pergunta, tentando chamar minha atenção, mas isso não faz nada para tirar meus olhos dela. — Eu não penso assim. Ela parece uma mulher adulta que sabe exatamente o que quer. — Ele dá um tapinha na minha perna enquanto se levanta do sofá. — E isso, meu irmão, seria você.

Miller mantém seu olhar verde jade preso ao meu do outro lado da sala e isso faz todo tipo de coisa na minha cabeça e no meu pau. Se eu pudesse tirar os olhos dela, imagino que encontraria alguns dos meus colegas de equipe olhando

para ela também. Não que eu pudesse culpá-los, ela está deslumbrante e aquele vermelho ao redor de seus lábios me faz sonhar acordado em vê-lo espalhado em volta do meu pau.

Mas então Travis se aproxima para lhe oferecer uma cerveja, desviando sua atenção da minha e ganhando um de seus sorrisos.

— E sim — diz Isaiah, andando de costas para se juntar ao resto dos rapazes. — Para responder à sua pergunta. Trav está interessado.

Maldito inferno.

— Vamos! — Cody grita no saguão. — Os carros chegaram.

Miller diz algo para meu apanhador, o que faz com que Travis se junte ao resto da equipe do lado de fora, mas ela permanece parada, ficando para trás. Levanto e faço o mesmo, esperando o saguão ficar vazio.

Os olhos de Miller percorrem meu corpo com calma até que finalmente se conectam com os meus. — Oi — ela diz, levantando os lábios pintados de vermelho.

— Olá.

— Você parece gostoso.

Não pensei muito em meu jeans e camisa de botão enquanto me arrumava, mas agora estou categorizando isso como uma roupa que preciso repetir o mais rápido possível.

— Você também não está nada mal, Montgomery.

Eufemismo da porra do ano. Ela sempre está bonita. Com o macacão, o jaleco de chef ou essa calça jeans pecaminosamente justa. Passei nosso tempo com ela tentando não notar.

Um brilho cintilante surge naqueles olhos verdes, uma leve cor se insinua em suas bochechas. Ela puxa o lábio inferior entre os dentes e, *porra*, se eu não

quiser arrancá-lo de lá e mordê-lo eu mesmo. Isso não faz sentido. Ela é selvagem, livre demais para o meu gosto. Sem falar que ela é filha de Monty. Não suporto a metade das coisas que saem dessa boca, mas, por algum motivo, não consigo parar de imaginar o gosto dela.

— No momento, considero '*nada mal*' como seu maior elogio até agora. — Sua cabeça se inclina. — Como foi com Max na hora de dormir?

A mudança repentina na conversa me faz fazer uma pausa. Não sei por que, mas não esperava que ela perguntasse sobre meu filho, principalmente quando ela tem folga para sair e festejar com a equipe.

— Ele apagou rapidamente. Acho que o campo o desgastou da melhor maneira possível.

Seus lábios se curvam em um sorriso. — Nós nos divertimos no seu jogo.

— Ei! — Isaiah chama de fora. — Kai, saindo! *Hot Nanny*, vamos!

Lanço a ele um olhar de desaprovação do outro lado do saguão. — Eu juro que vou matá-lo se ele continuar chamando você assim.

Miller estala os ombros. — Pelo menos alguém está disposto a me chamar assim.

Ela se vira e vai direto para a saída.

Os lembretes de Isaiah ressoam em minha mente, assim como as palavras flagrantes de Miller. Eu sempre ignorei seu flerte, atribuindo isso ao seu amor por me irritar. Mas não quero mais ignorar isso. Por uma noite, quero fingir que posso ser o cara que consegue conquistar uma mulher como ela, o cara que não tem cem responsabilidades em casa pesando sobre ele.

Por uma noite, não quero pensar sobre de quem ela é filha, e com certeza não quero pensar sobre ela partir em menos de dois meses.

Meus passos engolem os dela, perseguindo-a. Alcançando Miller em busca da maçaneta da porta, eu puxo, mantendo-a fechada com meu peito nas costas

dela e meus braços prendendo-a em ambos os lados.

Baixo meus lábios até sua orelha. — É isso que você precisa ouvir, Miller? Que eu acho você gostosa? Você realmente precisa me ouvir dizer que não consigo tirar os olhos de você quando está na sala, ou você finalmente percebeu isso?

Seu corpo enrijece e, por trás, vejo sua garganta se mover em um longo gole. — Não. Eu gosto de ver você se martirizar por querer olhar para mim. É muito mais satisfatório saber que eu o irrito do que saber que eu o excito.

Uma pequena risada ressoa em meu peito. — Bem, para minha frustração, você, Miller, é excelente em ambos.

CAPÍTULO 14

Miller

Violet: *Como está a folga? Está progredindo na cozinha? Como estão indo as receitas?*

Eu: *A folga está ótima.*

Violet: *E as respostas para minhas outras perguntas?*

— Um bar de dança em linha? — Isaiah reclama assim que passamos pela porta. — Cody, que diabos, cara?

O sorriso de Cody está radiante como o de uma criança no Natal, observando o gigantesco salão. A pista de dança é apropriadamente do tamanho do Texas, com uma banda ao vivo no palco em frente a ela. Para onde quer que olhe, sou bombardeada por jeans, flanela e botas de cowboy, incluindo o par novo nos pés de Cody.

— Não é um bar de dança em linha. É apenas um bom e velho bar country. — Ele respira fundo pelo nariz, comum sorriso ridiculamente animado nos lábios enquanto se dirige direto para o bar. — Vamos, rapazes.

Eles o seguem.

Antes que eu possa sair da entrada, uma mão enorme pousa no meu quadril, as pontas dos dedos agarrando o jeans. Instintivamente, eu sei que é Kai, principalmente devido ao aperto possessivo que combina com a *vibe* que ele está emitindo desde que saímos do lobby do hotel.

— Será que todo mundo faz o que ele diz? — eu pergunto enquanto o time se aglomera no topo do bar mais próximo.

— Ele é o planejador. Sempre tem um plano para nosso tempo livre. Ele alugou um barco quando estávamos em Tampa. Um show da Broadway em Nova York. Uma viagem às Cataratas do Niágara quando estávamos em Toronto. E um bar country em Dallas, aparentemente.

Virando-me, eu o encaro. — E onde você estava durante todos esses passeios?

— No hotel com Max.

— Mas não esta noite.

Por trás dos óculos, os olhos azuis de Kai vagam pelo meu rosto antes de mergulharem nos meus lábios. — Não. Não essa noite.

— Ace! — grita um dos caras, segurando um copo cheio até a borda com um líquido âmbar.

— Porra — Kai murmura, olhando por cima do meu ombro para o bar. — Não posso tomar shots

— Não. Tenho certeza de que, aos trinta e dois anos, seu fígado geriátrico não aguentaria.

— Você está me chamando de velho ou está tentando me provocar?

— Ambos. — Começo a andar de costas em direção ao bar. — Outra noite você me disse que tinha uma tendência selvagem. Eu quero vê-la. Vamos lá, Baseball Daddy, é hora de encontrar a outra metade do equilíbrio que prometi a você: *a diversão*.

Ele vagarosamente vem em minha direção, mas suas longas pernas se movem muito mais rápido que as minhas. Com um único dedo enfiado no cós da minha calça jeans, ele não apenas me impede de me afastar dele, mas também me puxa de volta até que meu peito bata no seu.

Oh, não tenho dúvidas que esta noite será divertida.

Ele umedece o lábio inferior com um deslizar escorregadio da língua. — De que tipo de diversão estamos falando aqui?

Jesus. Estou tentando me controlar, realmente estou, mas tudo que consigo pensar é em escalar seu corpo gigante como uma árvore.

Ele ri do meu estado congelado, desenganchando o dedo para virar meus quadris de volta para o bar. — Vamos, Mills. Mostre-me como os jovens se divertem.

— Deus, você é um *Boomer*[6] de trinta e dois anos, não é?

— Orgulhosamente.

Quando chegamos ao bar e nos juntamos a seus companheiros de equipe, Travis ocupa o lugar ao meu lado, e posso sentir o aborrecimento irradiando do corpo de Kai enquanto ele fica atrás de mim.

Mal sabe ele que Travis já me disse no saguão do hotel que os rapazes estavam planejando irritar Kai hoje à noite, convenientemente nunca permitindo que ele ficasse sozinho comigo, e quem sou eu para interromper a interação da equipe, por mais estranha que seja.

— Kai — chama Isaiah, segurando dois shots.

Ele suspira, mas sai para se juntar ao irmão.

— Whisky de canela. — Travis me entrega um dos copos.

Um arrepio me percorre ao pensar nisso. É uma daquelas bebidas que *não vou nem tocar* depois de vomitar meus miolos com ela no meu aniversário de 21 anos. Mas há um sorriso nos lábios de Kai, uma leveza nele enquanto ri com o irmão, então que se dane, por esta noite, o uísque de canela será minha bebida preferida.

Ele queima ao descer, e preciso de tudo em mim para não me engasgar, mas então pego Kai olhando diretamente para mim enquanto ele toma o seu, e me recuso a deixá-lo saber que estou sofrendo.

Há apenas um caso em que consigo me ver engasgando na presença de Kai Rhodes, e com certeza não é por causa da bebida.

Ele dá um passo à frente, passando o polegar no canto dos meus lábios para pegar uma gota de bebida. — Você está bem? Estava tão confiante há apenas um minuto. Você não vai vomitar, vai?

Eu estalo meus ombros. — Espero que mais tarde.

Ele balança a cabeça – seu movimento típico quando eu digo algo que o pega desprevenido. — Você está flertando comigo, Montgomery?

— Estou flertando desde que nos conhecemos. Você vai começar a flertar de volta?

— Miller — Isaiah interrompe antes que eu possa obter a resposta de Kai. — Posso ter essa dança, por favor?

Quando concordei com isso, não percebi que *ficaria* tão irritada com a falta de tempo sozinha com o jogador. Mas Kai deve saber que não importa qual dos seus companheiros seja, não tenho interesse em mais ninguém aqui. Tenho pensado demais em um pai solteiro para ter espaço no meu cérebro para qualquer outra pessoa.

O sorriso de Isaiah é de expectativa, então eu concordo, colocando minha mão na dele para permitir que ele me leve à pista de dança com alguns de seus outros colegas de equipe.

— Não tenho ideia de como dançar música country — grito por cima da banda ao vivo.

— Nem eu. Acho que todos vamos parecer idiotas, mas por que não, certo?

Sorrindo, olho para ele apenas para cometer o erro de voltar minha atenção para o bar.

Kai parece letal, já com uma cerveja na mão, e o sorriso que eu estava exibindo desaparece quando percebo seu olhar. Ele me segue, seus olhos descem

até onde minha mão está na mão de seu irmão, antes de levar a cerveja aos lábios.

Nós nos juntamos à multidão para a próxima música.

— Aqui está a coisa. — Isaiah passa um braço por cima do meu ombro e me puxa para perto, falando em meu ouvido. — Eu não gosto de você.

Eu solto uma risada.

— Quero dizer, não me entenda mal, isso seria diferente se eu achasse que tinha uma chance sequer, mas, do jeito que está, gosto das minhas bolas bem onde elas estão, e Monty já me assusta o suficiente. Meu irmão mais velho, no entanto...

Nossa atenção o encontra no bar, com o queixo tenso.

— Kai é provavelmente o único cara da equipe que poderia passar um tempo com você sem que Monty enlouquecesse. E acho que ele gosta de você. Todos nós achamos isso, mas ele já não faz um bom trabalho em ir atrás do que quer. Ele tende a se sentar e cuidar de todos os outros, então... eu apenas pensei...

— Você vai obrigá-lo a agir?

Ele dá de ombros. — Nós, homens, somos criaturas simples. O ciúme faz maravilhas. Pensei em levá-la para dar uma volta, deixar que alguns dos rapazes dançassem uma ou duas músicas e talvez conseguíssemos fazer com que o irmão menos atraente dos Rhodes fosse egoísta por um momento e defendesse o que quer. E eu só o estou envolvendo nisso porque, e *me corrija se eu estiver errado*, você também o quer.

Eu não o corrijo. — Travis já me contou o que vocês planejaram.

— Então, você está dentro?

Quando a música começa, dou mais uma olhada na direção de Kai. Eu não estava mentindo quando disse que ele estava gostoso, e o ciúme que ele está demonstrando agora só aumenta isso. É claro que meu pai me avisou para não

dar a ele alguém de quem sentir falta, mas Kai sabe que vou embora em menos de dois meses e, mesmo assim, ele está me olhando desse jeito. Talvez o que ele queira seja um pouco de diversão sem compromisso com a babá pelo resto do verão.

— Em primeiro lugar, seu irmão é mais gostoso que você.

Isaiah ri.

— Mas, sim, estou dentro.

Com um sorriso sorrateiro nos lábios, Isaiah me gira antes de me puxar de volta enquanto a música toma conta da multidão na pista de dança.

* * *

Seis músicas depois, concluí que os jogadores do meu pai são surpreendentemente bons de pé. Dancei com seis deles, sendo Cody o mais fluido, como se o par de botas de caubói novinhas em folha em seus pés de repente lhe desse a capacidade de dançar música country em ritmo acelerado.

Todos os jogadores vieram até aqui, seja para dançar comigo ou com outra pessoa, e há o Kai, ainda no bar, com uma visão perfeita de mim e de seus colegas de equipe.

— Droga — Travis diz ao meu lado, com as mãos nos quadris para recuperar o fôlego. — Achei que ele já estaria aqui. Eu sou um apanhador; meus joelhos estão uma merda. Não posso dançar com você a noite toda.

— Acho que talvez vocês o tenham interpretado errado. Ele não parece se importar, o que vai contra o propósito desta pegadinha.

— Não. — Travis lança um olhar de volta para o bar. — Ele mudou quando Max chegou. Agora ele gosta de fazer o papel de mártir. Ele nunca deixaria nenhum de nós dançar com você se essa fosse a última temporada.

A música muda para algo lento enquanto os casais começam a formar pares novamente.

— Ah, merda. — Travis desliza a mão na parte inferior das minhas costas para me puxar para ele. — Juro por Deus, se Ace me odiar depois disso, vou dar um soco na cara de Isaiah por ter tido essa ideia.

Por cima do ombro, encontro Isaiah sentado a uma mesa, os olhos arregalados e entusiasmados saltando de nós para o bar. Eu me recuso a olhar para lá. Isso foi divertido no começo, mas agora é meio estranho tentar incitar um cara a agir quando ele claramente não planeja fazer isso.

Quando Trav nos vira, imediatamente pego Kai saindo do bar, ficando de pé antes de vir direto para a pista de dança.

A cada passo que ele dá, seus olhos estão presos nos meus do outro lado da sala, mas quando ele chega à pista de dança, ele não vem interromper. Em vez disso, ele se dirige ao irmão, que está sentado a uma mesa nos arredores, inclinando-se para falar em seu ouvido.

Os olhos de Isaiah se arregalam quando ele olha para a porta da frente.

— O que está acontecendo? — pergunto a Travis, acenando atrás dele para os irmãos Rhodes.

Ele segue minha linha de visão e depois segue a de Isaiah.

— Oh, merda — ele sussurra, conduzindo-me para a mesa que Isaiah ocupou a noite toda. — O que eles estão fazendo aqui?

Os olhos de Kai se fixam na mão de Travis em minhas costas enquanto ele toma um gole de sua cerveja, com os cotovelos casualmente apoiados na mesa alta à sua frente.

Quero lhe dar um tapa. Também quero muito beijar seu rosto bonito e estúpido, mas será ele quem terá de fazer algo a respeito. Passei as duas últimas semanas dizendo o quanto me sinto atraída por ele.

— Eles vão jogar a rodada contra o Texas amanhã. — Isaiah volta para a pista de dança. — Cody!

O jogador da primeira base está no meio da dança com um cara bonito usando um chapéu de caubói preto, e ele atira punhais em direção a Isaiah pela interrupção.

Mas então Isaiah faz um gesto em direção à porta novamente e instantaneamente Cody está na mesa com seus colegas de equipe. — Dean Cartwright está aqui? Eles não poderiam ter escolhido um bar diferente?

— O que está acontecendo? — Olho em volta dos quatro em busca de uma resposta.

— O papai aqui deu uma surra naquele ali... — Isaiah aponta para um grupo de homens com constituição física estranhamente semelhante àqueles com quem estou — ... no ano passado, quando jogamos em Atlanta.

— Eu não bati nele. — Kai toma outro gole de sua garrafa, os olhos fixos nos centímetros que me separam de seu apanhador.

— Você abandonou os bancos depois de dar um gancho de direita na mandíbula do Dean que o fez cair de bunda no chão.

— Foi o seu braço de arremesso, Ace. Você sabe quanto dinheiro isso vale?

Kai estala os ombros. — Ele mereceu.

— O que ele fez? — Os olhos de Kai finalmente se levantam para encontrar os meus com a minha pergunta.

Ele não responde imediatamente, então Travis aparece do meu lado.

— Cartwright deslizou ilegalmente para dentro da base enquanto eu estava cobrindo a base. Ele me derrubou pelos joelhos. Foi sujo e me tirou do jogo pelo resto da partida.

Minha cabeça volta para Kai. — Você deu um soco nele por isso?

— Claro que não. — Ele toma um gole de sua garrafa. — Eu o acertei com um arremesso na próxima vez que ele rebateu. Esperei que ele me atacasse na base do arremessador e então dei um soco nele.

Eu dou uma risada porque, bem, Kai fazer algo assim parece totalmente fora do normal.

Um sorriso discreto aparece por trás de sua garrafa. — Isso foi antes de Max.

Ah. Claro que foi. Ele me disse que era um homem diferente, mas gosto de ver esse pouco de fogo nele. E a maneira como sua mandíbula flexiona quando sua atenção cai na distância mínima que resta entre mim e Travis me diz que ele ainda está ali.

A mesa é pequena, o bar está lotado. Eu não estou mais perto de seu apanhador do que ele está de seu irmão, então mesmo que eu goste desse lado dele, ele está sendo realmente dramático.

Travis salta da mesa. — Vou pegar outra rodada para nós.

Cody e Isaiah viram as costas para nós, encarando a pista de dança mais uma vez para se divertir observando cada mulher que passa, mas Cody também faz o mesmo com alguns cowboys. Kai aproveita a oportunidade para deslizar pela mesa para o meu lado agora desocupado.

Ele se apoia nos antebraços, tomando um gole de cerveja, e não olha para mim quando tenta dizer casualmente: — Travis é um cara legal.

Aqui vamos nós. — Sim. Ele é.

Ele balança a cabeça, ainda se recusando a olhar na minha direção. — Perto da sua idade também.

— Bem, isso é uma pena. Como eu disse hoje cedo, gosto de caras mais velhos.

Seus olhos piscam até os meus. — Ele gosta de você.

Ele é um bom ator.

— Isso incomoda você?

Ele exala uma risada sem humor. — Isaiah me perguntou a mesma coisa.

— E o que você disse?

Kai se endireita novamente, deliciosamente arrogante enquanto fica em cima de mim. — Eu disse a ele que isso só me incomoda porque você está aqui por causa de Max.

— E isso é verdade? Por causa de Max?

O canto do lábio se ergue em um sorriso que ele tenta reprimir. — Se eu fosse dizer a verdade, diria que isso me incomoda o suficiente para que eu passe a noite inteira olhando para você e planejando uma maneira de fazer com que Monty o troque.

Eu solto uma risada, um sorriso em minha boca espelhando o dele. — E você me chama de ridícula.

— Eu tive meus momentos. Eu era um homem diferente antes de Max aparecer.

— Um homem que dá socos em outros jogadores no meio do jogo.

— Um homem que *protege* seu companheiro de equipe.

Eu levanto uma sobrancelha questionadora. — Um homem que agora quer que o mesmo companheiro de equipe seja negociado.

— Bem, todos nós temos nossos limites agora, não é?

— E eu sou o seu?

Seus olhos percorrem meu rosto, mais uma vez pousando em meus lábios. — Eu acho que você pode ser.

Porra, faça um movimento, Kai.

Eu sei que ele quer. Posso ver pela frustração que cresceu durante toda a noite, mas é como se ele tivesse decidido que faria mais sentido se eu gostasse de Travis ou de qualquer um de seus companheiros de equipe com quem dancei, então ele se conteve. E estou preocupada que o joguinho dos meninos de obrigá-lo agir apenas tenha revelado que Kai não é mais egoísta o suficiente para pegar o que quer.

Essa preocupação só aumenta quando Travis retorna à mesa, com os gargalos das garrafas entre seus dedos. Quando ele as coloca na mesa, Kai sai do meu lado, voltando para o lado oposto com seu irmão.

— Então, vamos embora ou ficaremos se Cartwright e seus amigos ficarem aqui? — Travis pergunta.

— Ficaremos. — Isaiah o fixa com um olhar, já com uma leve ofensa em sua fala. — Que se dane esse cara. Ele era um babaca quando éramos crianças jogando futebol e é um babaca ainda maior agora.

— Bem, se vamos ficar, vou dançar. — Cody estende a mão para a minha.

Os rapazes se viram para olhar o arremessador, esperando que ele entre em cena, mas tudo o que ele faz é trocar a cerveja que acabou por uma nova.

* * *

Quando uma música termina e a próxima começa, um dos *outfielders* me gira para o par de braços do próximo companheiro de equipe.

Só que dessa vez quem me agarra não é um dos caras do time. É Dean Cartwright – o jogador de Atlanta.

— Qual o seu nome? — ele pergunta, uma mão na parte inferior das minhas costas e sua boca muito perto da minha orelha.

Engulo em seco, olhando ao redor da pista de dança em busca de um rosto

familiar, mas já bebi bastante e ele está me girando um pouco rápido demais para conseguir dar uma boa olhada em alguém. — Miller.

Um sorriso lento se espalha por seus lábios. — Você não vai me perguntar o meu?

— Eu já sei o seu.

— Imagino.

Seus lábios se espalham em um sorriso lento que eu presumo que a maioria das mulheres classificaria como sexy. Mas o fato de ser excessivamente convencido não me agrada mais. Agora tenho um homem gostoso, mas inseguro, em minha mente, e não consigo pensar em nada mais atraente do que a ideia de ele encontrar sua merecida confiança. Especialmente comigo.

Tento me desvencilhar de sua mão, mas seu aperto só aumenta.

— O que você quer? — eu pergunto.

— Eu só quero uma dança. Fiquei observando você a noite toda e me perguntando o que diabos você está fazendo aqui com os *Windy City Warriors*.

Eu o encaro diretamente nos olhos. — Meu pai é o treinador.

Suas sobrancelhas se levantam. — A filha do Monty? Eu tive uma negociação cancelada porque seu pai não quis me contratar.

— Faz sentido. Ele sempre teve bom gosto.

Sua risada é genuína. — Coisinha sarcástica, hein?

— Posso ir agora? — eu pergunto, tentando mais uma vez, sem sucesso, livrar-me de seu aperto sem causar uma cena.

— Uma dança, Miller Montgomery.

Demoro um segundo, mas me resigno. — Está bem. Mas só se você me disser por que toda a equipe o odeia tanto.

O sorriso dele é traiçoeiro quando começamos a nos mover mais uma vez. —

Eu conheço os Rhodes desde que éramos crianças jogando futebol americano. Posso ou não ter dormido com uma ou duas namoradas de Isaiah no ensino médio.

— Isaiah não tem namoradas.

— Ele costumava ter. E era uma maneira muito fácil de tirá-lo do sério antes de jogarmos.

Não consigo conter minha risada incrédula. — Então você é apenas uma pessoa de merda, hein?

— Sou um competidor. Se algo tão trivial como isso pode fazer com que meu adversário tenha um jogo ruim, a culpa é dele.

— Você é o pior, sabia disso? Espero que o arremesso que Kai acertou em você tenha sido uma bola rápida direto para o saco.

Um sorriso desliza por seus lábios. — Obrigado, boneca.

Minha cabeça gira, procurando o time, e finalmente os encontro todos reunidos em uma mesa, com os olhos fixos em nós.

— O que você está fazendo aqui? — eu pergunto. — Você não tem jogo amanhã?

— Você já sabe minha agenda? Muito gentil de sua parte. Minha meia-irmã está hospedada aqui perto. Achei que poderia tirá-la do hotel esta noite. Talvez você a conheça, na verdade... — A atenção de Dean se volta para trás do meu ombro. — Ah, uau. — Sua mão cai mais para o sul, as pontas dos dedos cobrindo minha bunda. — Eu nunca fui capaz de foder com Ace antes.

— Estou me comportando bem, mas não se atreva a deixar essa mão escorregar mais.

Ele simplesmente sorri. — Eu deveria ter dito que nunca fui capaz de ferrar com Ace até *hoje à noite.*

Huh?

Posso sentir a presença de Kai muito antes de vê-lo. Quando ele chega até nós, ele empurra o peito de Dean na multidão, quebrando o aperto que ele tem sobre mim.

— Tire a porra das mãos dela.

CAPÍTULO 15

Kai

Admito que passei a noite inteira me lamentando como uma vadia. Sei que Isaiah só está me provocando, tentando me forçar a agir como um homem das cavernas, jogando Miller por cima do meu ombro ou algo assim. Mas tudo o que isso fez foi reforçar o que eu já sabia – não tenho o luxo de ser o tipo de homem que ela gostaria de ter.

Um sorriso contagiante está estampado naqueles lábios pintados de vermelho a noite toda. Ela quase não saiu da pista de dança. Ela é divertida e magnética e eu quero que ela me puxe para sua órbita, mas acordarei amanhã e me lembrarei de quem sou. Um pai solteiro sem tempo para andar atrás de uma garota de 25 anos.

Não tirei minha atenção dela. Acompanhei cada movimento seu como um perseguidor obcecado e talvez eu seja mesmo. Meu Deus, estou me sentindo um canalha, mas não consigo evitar.

Eu consegui lidar com Isaiah dançando com ela, porque sabia que ele estava brincando comigo. Na verdade, consegui lidar com a maior parte do time dançando com ela, embora eu observasse com atenção sem pestanejar, certificando-me de que nenhuma das mãos deles caísse muito baixo. Cheguei até a pensar que Travis estava brincando comigo, e uma grande parte de mim está cheia de vontade de matar todos eles por isso.

Mas, em vez disso, irei para casa e cuidarei de minhas responsabilidades.

Dou um tapinha nas costas do meu irmão enquanto o nosso jogador de campo direito se vira com Miller na pista de dança. — Estou indo. Fique de olho

nela para mim e certifique-se de que ela volte para o hotel, ok?

— O quê? — Isaiah se vira em sua cadeira, dando-me toda a sua atenção. — Não vá embora, cara.

— Eu estou bebendo cervejas para evitar que eu diga ou faça algo de que me arrependa, então acho que é hora de ir.

— Porra, Kai. Estávamos brincando. Só queríamos que você deixasse de ser egocêntrico por um segundo e fosse buscar a garota.

Com a palma da mão na bochecha, bato minha mão contra ele. — Amo você. Não faça nada estúpido esta noite. Avise-me quando chegar no hotel em segurança.

Eu cerro meu punho com alguns dos meus outros companheiros de equipe na mesa, dizendo adeus, mas quando me viro para sair, dou mais uma olhada na pista de dança, apenas para ver Dean Cartwright pegar Miller em seus braços.

Você só pode estar brincando comigo.

Com o maxilar pulsando, meu sangue esquenta. Posso senti-lo fluir por todas as veias, correndo em direção aos meus punhos. Eu me controlei desde que me tornei pai, mas tenho certeza de que estou prestes a perder a cabeça publicamente por causa da babá do Max.

Dean está sorrindo como o asno pomposo que é, e não consigo ler a expressão ou a linguagem corporal de Miller. Mas eles estão conversando muito e eu não gosto disso.

— Malakai — avisa meu irmão, arrastando meu nome completo.

— É melhor ele tirar a porra das mãos dela.

Isaiah fica na minha frente. — Não.

Mantenho meus olhos nos dois enquanto me movo em direção à pista de dança. — Só vou dar uma palavrinha.

— Kai, se você estragar sua mão, Monty vai literalmente me matar.

— Eu não vou bater nele.

A mão de Dean que estava em suas costas cai perigosamente mais baixo.

Ok, eu menti. Há uma chance de eu ir para a cadeia esta noite.

Ele continua para o sul, descansando logo acima da bunda de Miller, que parece inacreditável naquele jeans justo.

Não vejo nada ao meu redor além de vermelho, mas de alguma forma mantenho meus passos em uma velocidade casual, mesmo que não haja nada de casual na raiva pura que vibra pelo meu corpo.

— Tire a porra das mãos dela — eu digo, empurrando seu peito para quebrar o contato que ele tem com ela.

Ele apenas exibe um sorriso arrogante enquanto se endireita. — Kai Rhodes. Chocado por vê-lo na rua esta noite. Não deveria estar em casa com seu filho? Não queremos outro pai ausente novamente, não é mesmo?

— Que porra você acabou de dizer? — Eu dou um passo em direção a ele, mas sinto o puxão que Miller dá em minha camisa.

Dean tem sido um problema desde que éramos crianças. Ele nos conhece há tempo suficiente para que eu entenda que ele está se referindo ao meu próprio pai.

— Ou deixe-me adivinhar. Você está aqui procurando uma nova *mamãe* para seu filho.

Desta vez é Miller fazendo um movimento, mas estendo um único braço para mantê-la atrás de mim.

— Oh. — Dean se ilumina, olhando de mim para Miller. — Essa é a nova mamãe do Max? Vamos, Ace, ela é muito jovem para ser forçada a esse tipo de vida com você. Você é melhor do que isso.

— Kai. — Ouço a voz de advertência do meu irmão em algum lugar atrás de mim, mas, sobretudo, meus ouvidos estão cheios de raiva.

Se ele falasse de mim, isso seria uma coisa. Mas do Max? Sem a menor chance.

Eu me aproximo dele, batendo na lateral de sua mandíbula com os nós dos dedos. — Você precisa de outro? Talvez um do lado esquerdo para combinar com os dentes que arranquei do lado direito?

— Kai — meu irmão avisa novamente, mas isso não faz nada para desviar minha atenção.

— Uau, isso foi muito mais fácil do que eu esperava. — Dean ri como o idiota arrogante que ele é. — Seu treinador sabe que você está espumando pela filha dele?

Eu balanço minha cabeça. — Vá se foder. Não é desse jeito. Ela é apenas a babá.

Eu odeio as palavras assim que elas saem da minha boca.

Ele simplesmente ri. — Bom trabalho. Você não pode nem me culpar por essa merda.

Virando-me, espero ainda temer a ideia de encontrar Miller atrás de mim, mas ela se foi. E sei com cada fibra do meu ser que ela ouviu o que eu disse.

Eu vejo um flash de cabelo castanho escuro sobre ombros tatuados ao longe, saindo da sala principal e descendo para o banheiro. — Você é um pedaço de merda — é a última coisa que digo para um Dean muito satisfeito antes de ir atrás dela.

Ela é rápida, mas eu sou mais rápido.

— Miller! — grito alto o suficiente para ela me ouvir, mas ela não diminui a velocidade. — Aonde diabos você está indo?

— Eu sei cuidar de mim mesma — ela grita por cima do ombro. — Eu já tinha isso resolvido muito bem antes de você aparecer e fazer uma cena.

Será que ela está brincando agora?

— Ele agarrou você! — Faço exatamente isso, circulando seu cotovelo para detê-la.

— Eu posso cuidar de mim mesma! — Ela se vira contra mim, com raiva evidente. — Quantas vezes eu tenho que dizer isso? Deus, você me ignora a noite toda e depois faz isso? Você está me dando sinais confusos.

— Ignoro você a noite toda?

Porra, pareceria assim para ela, não é? Mal sabe ela que eu não conseguiria ignorá-la se tentasse.

Soltando-se do meu aperto, ela desce as escadas em direção ao banheiro feminino, mas minhas pernas longas ocupam a distância para ficar na frente dela e impedi-la de ir mais longe. Estou dois degraus abaixo dela, o que nos coloca no mesmo nível dos olhos.

Ela cruza os braços sobre o peito como uma pirralha e foda-se se isso não me provoca de alguma forma. — Você vai me seguir até o banheiro feminino agora? Não sei por que você está tão preocupado. Afinal, sou *apenas* a babá.

Maldito inferno.

Suavizo meu tom. — Eu não queria que isso acontecesse dessa forma. Isso não foi o que eu quis dizer.

— Está bem. Fui eu quem pediu para ver o velho Kai. — Ela se move para passar por mim, mas eu passo na frente dela, bloqueando seu caminho.

— Isso nunca fui eu. Eu acabei de... porra, odiei ver as mãos dele em você. Se você quer conhecer meu velho eu, ele era conhecido por cuidar das pessoas dele, não importava o quão imprudentemente ele fizesse isso.

Minhas pessoas. *Dela.*

Posso ver o momento em que ela junta àquele pedacinho.

— Eu não preciso de ninguém para me proteger. Estou sozinha há muito tempo, assim como estarei sozinha novamente em setembro. Eu posso cuidar de mim mesma.

— Pare de dizer isso.

— Dizer o quê? — ela repete. — Que posso cuidar de mim mesma ou que vou embora logo?

Passo a mão irritada pelo meu cabelo, meu peito ainda arfando de raiva. — Deus, você me deixa louco, Miller. Ele estava tocando você.

— Você sabe quem mais você viu me tocando esta noite? Travis. Cody. Seu irmão. Eu não vi você fazer nada.

Minha mandíbula funciona. — Isso é diferente. Eles são bons rapazes. Se você quisesse... — Balanço a cabeça, incapaz de dizer isso. — Dean Cartwright é a escória. Eu o conheço desde que éramos crianças. Eu não ficaria bem com isso.

— Você acha que preciso da sua permissão? — Ela ri sem humor. — Você não é meu pai. Posso fazer o que quiser *com* quem eu quiser e não preciso explicar nada para você.

As pessoas passam por nós na escada, lançam olhares suspeitos em nossa direção enquanto discutimos no caminho direto para o banheiro.

Meus olhos se estreitam. — E ele é o que você quer?

Ela joga as mãos para cima. — Oh, meu Deus! Você é impossível. Você precisa ir embora. Não sou problema seu para se preocupar.

Virando-se, ela volta por onde viemos, mas eu a paro, prendendo-a contra a parede, nós dois nos encontramos no mesmo degrau. — Sim, você é, porra.

Ela olha diretamente para mim, sem recuar. — Kai, eu *não sou* problema seu.

Minha atenção se volta para seus lábios. — Seja meu problema.

Engolindo em seco, ela inclina a cabeça, testando-me. — Então faça algo que me torne seu problema.

Porra. Estou tão frustrantemente interessado nessa mulher, então faço exatamente isso.

Eu faço dela meu problema.

Não há nada suave ou doce na maneira como minha boca bate na dela, porque não há nada suave ou doce em Miller. Ela me irrita, provoca-me, desafia-me.

E de acordo com a maneira como sua boca cede à minha, ela me *quer.*

Segurando seu rosto, ela cantarola enquanto meus lábios se fecham sobre os dela, como se esse beijo fosse o tipo mais doce de alívio. Eles são macios como travesseiros, exatamente como eu imaginei, e a língua dela. *A porra da língua dela*. Quente, úmida e responsiva quando encontra a minha, arrancando um gemido tranquilizador da minha garganta.

É quase demais. Perfeito demais.

Empurrando-a, pego mais, abaixando-me e tentando roubar o máximo que consigo.

As mãos de Miller estão sobre meus ombros. Ela raspa as unhas na minha pele da maneira mais elétrica, antes de puxar as pontas do meu cabelo como se ela também não se cansasse.

— Porra, Kai — ela sussurra contra mim, suas mãos vagando em apreciação. — Mais.

Eu não poderia contar a última vez que me senti assim. Desejado. *Ansiado.*

Tocado e cuidado.

Corpos estão passando por nós na escada escura, mas eu não poderia me importar menos. Eu coloco meus quadris nos dela, empurrando-a contra a parede, nossas bocas frenéticas enquanto Miller passa uma perna sobre minha coxa para me aproximar.

Porra, a base de seus quadris é perfeita para a minha.

Eu empurro nela, meu pau dolorosamente duro e procurando por fricção, mesmo que seja apenas por causa de um jeans.

Ela é tão bonita. Tão chocantemente *disposta.*

Achei que ela iria lutar comigo, lutar comigo pelo controle, mas Miller é *complacente.*

Tão complacente quando seguro sua bunda e puxo a outra perna em volta do meu quadril também, seus tornozelos cruzando atrás das minhas costas.

Sua cabeça cai para trás contra a parede, expondo aquela garganta esbelta, e aproveito a oportunidade para lamber a coluna, mordendo a pele delicada.

— Deus, sim — ela geme.

Eu chupo e lambo sua clavícula, traçando minha língua sobre as linhas tatuadas que encontram sua pele ali.

— Perfeição, Miller. — Beijo seu queixo, encontrando sua orelha e mordendo-a entre os dentes. — Você tem um gosto doce. Como uma maldita sobremesa.

Ela gira os quadris, esfregando sua boceta e me fazendo ficar incrivelmente mais duro.

Pergunto-me se a boceta dela terá um sabor tão doce como o resto dela.

Tomando sua boca novamente, ela geme pequenos sons doces em meu beijo, e esse som só se aprofunda quando eu corro minha língua para dentro

novamente.

Eu sei que é possessivo e ganancioso, mas é exatamente assim que me sinto agora.

Eu a quero. Eu a quero por muito mais tempo do que ela planeja estar aqui, e se houver alguma parte dela que esteja disposta a me querer em troca, serei egoísta pra caralho e a levarei.

Seu corpo para e, como se pudesse ler minha mente, ela sussurra contra meus lábios. — Kai. — Ela acrescenta um beijo suave em meus lábios, afastando-se para olhar para mim. — Vou embora em breve.

Olhando em seu rosto, eu vejo. O lembrete gentil para que eu não me apegue, porque ela não está se apegando. Ela está me dando uma saída se eu não conseguir lidar com ela, com isso. Mais do que isso.

Como um balde de água fria, funciona.

Estou preocupado com o fato de meu filho se apegar e estou aqui sonhando com cenários ridículos a partir de um maldito beijo.

Expirando, minha testa cai sobre a dela, meus olhos se fecham com pesar. Eu a coloco de pé novamente enquanto ela olha para o meu rosto, procurando minha resposta às suas palavras.

— Preciso voltar para o hotel e verificar Max.

Um suspiro derrotado escapa de seus lábios, mas ela balança a cabeça e me segue para fora do bar.

CAPÍTULO 16

Miller

A viagem de elevador até nossos quartos é silenciosa. Meus lábios ainda estão formigando; minha mente ainda está acelerada. Quero que ele me prenda contra essa parede fria de metal e me faça sentir exatamente como ele fez no bar, mas o fato de que minha pequena advertência foi suficiente para que ele se afastasse, diz que isso não pode acontecer novamente.

Senti isso na maneira como ele me beijou, porque nunca fui beijada daquela maneira – desejada. Necessária. E eu sabia que tinha que lhe dar a oportunidade de desistir de tudo se ele não aguentasse mais.

Como meu pai me avisou, Kai se apega, mas eu... *eu não.*

Ficamos parados na porta de nossos respectivos quartos, cada um de nós demorando um pouco mais para retirar nossos cartões-chave.

— Então... — Kai finalmente deixa escapar.

— Então...

Há um leve puxão no canto de seus lábios, um pouco manchado do meu batom também, mas ele mantém os olhos no cartão em sua mão, girando-o entre os dedos. — Obrigado por uma noite divertida.

Eu solto uma risada. — É assim que estamos chamando?

Esse lindo sorriso agora está direcionado para mim. — Foi bom lembrar do meu antigo eu por um segundo.

Foi mais legal para ele lembrar que não quer voltar à vida que tinha antes de Max.

Ele segura o cartão na porta, com os olhos azuis pesarosos. Pelo beijo? *Talvez*. Por que ele não consegue se separar de suas responsabilidades e se permitir um momento egoísta de diversão? *É possível.*

— Boa noite, Mills.

— Boa noite, Kai.

Ele fica no corredor até que eu entre e, quando a porta se fecha, ouço o barulho do seu fechamento segundos depois.

Lavo meu rosto. Escovo meus dentes. Repasso a noite em minha mente várias vezes.

Não era assim que eu queria que fosse sua primeira noite fora de casa. Eu queria que ele adorasse cada minuto, que se sentisse leve sem a pressão das responsabilidades.

Mas, em vez disso, ele se sentiu responsável por se conter enquanto seus colegas de equipe o importunavam, sentiu-se responsável por me defender quase se metendo em uma briga. E foi responsável o suficiente para interromper nosso beijo, o que só fez com que ele se arrependesse de tudo.

Achei que seria fácil. Pensei que poderia lembrá-lo de seu antigo eu, sem problemas. Mas agora é óbvio que Kai não quer voltar a ser o que era. Puxando meus lençóis para trás, prestes a me arrastar para a cama, soa uma batida em nossa porta adjacente.

Interrompo meus movimentos. *Mas que diabos?*

Ao ficar na porta, meu coração bate forte no peito, sabendo que é ele do outro lado, batendo na porta no meio da noite depois daquele beijo estupidamente ardente.

Será que ele mudou de ideia?

Olho para baixo. Quanto tempo preciso para vestir algo um pouco mais sexy do que a camiseta velha e cheia de buracos com a qual eu estava planejando

dormir? Deus, e meu rosto. Pareço um donut com glacê por causa dos meus cuidados com a pele durante a noite.

Ele bate novamente.

Porra.

Silenciosamente, na esperança de não acordar Max, abro a porta que separa nossos dois quartos.

A escuridão o cerca, mas Kai está parado na porta, sem camisa e com aquelas tatuagens nas costelas e na coxa que me surpreenderam na noite em que as vi na piscina. Vestindo apenas um short esportivo, seus braços estão apoiados no batente da porta.

Eu engulo, o calor se acumulando na minha barriga só de olhar para ele. — Oi.

Seus olhos lentamente percorrem minhas pernas nuas, até encontrarem os meus. — Seu pai está desmaiado na minha cama.

— O quê?

— Seu pai está com a bunda para cima, desmaiado e dormindo no meio da minha cama.

Uma risada brota de mim e os lábios de Kai se curvam com o som. Eu espio em seu quarto para ver, e com certeza, Emmett Montgomery está esparramado no meio da cama de Kai enquanto Max dorme profundamente em seu berço ao lado dele.

— Parece que você conseguiu um amigo para abraçar esta noite.

Kai olha para mim com um olhar impressionado.

— Acorde-o e mande-o de volta para o quarto — sugiro.

— Eu me sinto mal. Ele passou a noite inteira com meu filho e agora ele está... roncando.

— Bem, onde você vai dormir?

Ele mantém sua atenção em mim, esperando que eu junte as peças. Eu sei o que ele está sugerindo, mas pela primeira vez, Kai terá que pedir o que quer, mesmo que seja algo tão pequeno quanto um lugar para dormir.

Ele limpa a garganta. — Você se importaria se eu dormisse na sua cama esta noite?

— Você quer dormir comigo, Baseball Daddy? — Meu tom contém o máximo de insinuação possível.

— Estou usando apenas um short fino agora, então, por favor, não pergunte se quero dormir *com* você enquanto estamos no mesmo quarto que seu pai.

Meus olhos estão brilhando, acenando para o meu quarto. — Venha.

— Miller.

Eu rio. — Sim?

— Por favor, cale a boca.

Ele me segue até o quarto, fechando a porta adjacente, e a *vibe* muda instantaneamente.

Parados no quarto silencioso do hotel, ele sem camisa e eu sem calça, uma consciência avassaladora toma conta de nós dois. Acabamos de dar um beijo sexy e agora estamos prestes a ir para a cama juntos logo depois que Kai interrompeu nosso momento.

Ele coça a nuca. — Qual lado da cama você prefere?

Nós dois olhamos para isso.

— O lado mais distante da porta. Dessa forma, se um assassino entrar, ele matará você primeiro.

Sua cabeça se inclina para trás. — E matar o pai de Max? Você é insensível, Montgomery. — Ele me segue até a cama. — E por que você está brilhando?

Você malhou nos cinco minutos que deixei você no corredor até agora?

Deslizo para baixo das cobertas do meu lado – o lado seguro. — São os meus produtos para a pele, muito obrigada. Você provavelmente deveria comprar alguns. Ouvi dizer que eles têm linhas específicas para peles maduras.

— Mal posso esperar para encher o seu saco quando você tiver trinta e poucos anos.

Só que ele não conviverá comigo nessa época. Ele também não se lembrará de mim.

Kai tira os óculos, colocando-os na mesa de cabeceira antes de apagar as luzes e se esconder sob as cobertas. Seu pé roça o meu e ele permite que ele permaneça ali por apenas um segundo antes de se afastar.

Como se eu já não tivesse consciência da nossa falta de roupa, com a escuridão nos cobrindo, os lençóis nos escondendo, e a nossa pele nua roçando enquanto nos acomodamos, o silêncio está praticamente gritando que estou quase completamente nua com o homem cujo filho estou cuidando durante o verão. Com o homem com quem acabei de dar uns amassos e tentei dar uma encoxada em um banheiro de um bar.

Eu meio que esperava que ele virasse imediatamente as costas para mim e adormecesse, mas ele não o fez. Ele se deita com um braço dobrado sob a cabeça, exibindo cada músculo definido, com os olhos abertos, mas fixos no teto.

E como sou intrometida como o diabo, pergunto: — Seu pai sabe que você está no Texas?

O silêncio, de alguma forma, fica mais tenso. *Ótima pergunta, Miller.*

Passa muito tempo, então eu me ajeito e me viro, tento dormir, esperando que esse cara seja um maluco que talvez durma com os olhos abertos e, portanto, não se lembre dessa pergunta idiota.

— Não — ele finalmente diz em silêncio.

Lentamente, eu me viro para encará-lo, mas não formulo mais perguntas que possam me façam meter os pés pelas mãos.

Ele ri levemente, mas parece um pouco sofrido. — Ele nem sabe que tem um neto.

Mas que diabos?

— Não vejo esse homem desde que tinha quinze ou dezesseis anos. Uma vez que minha mãe morreu... — Ele balança a cabeça.

Parece que ele quer me contar, mas ele se detém, e isso me faz pensar se ele já teve alguém com quem conversar.

— Posso... *posso* perguntar o que aconteceu?

Kai me observa, com um brilho provocador nos olhos. — Era só isso que eu tinha de fazer para finalmente deixá-la nervosa? Falar sobre minha adolescência de merda.

Dou um tapa no peito dele, mas estou grata por ele poder brincar agora.

Ele ri. — Minha mãe já fazia muito do trabalho pesado da família, então, quando ela morreu, em vez de assumir, meu pai bebeu até ficar chapado. Deixou-me responsável pelo meu irmão de treze anos, quando eu ainda era uma criança. Eu ainda nem tinha carteira de motorista.

Jesus.

— Eventualmente, ele se internou em uma clínica de reabilitação e se recuperou, mas nunca mais voltou. Da última vez que soube, ele estava estabelecido em uma cidade a apenas duas horas de onde crescemos e havia se casado novamente.

— Está tudo bem se eu o odiar por você também?

— Um de nós provavelmente deveria.

— Não me diga que você o perdoou? Sou muito mesquinha para o seu nível de maturidade.

— Acho que cheguei a um ponto em que não sinto nada por ele. Isso é bom o bastante para você?

O rosto de Kai está suave, sem linhas de raiva gravadas em suas feições. Que irritantemente razoável da parte dele.

— Isaiah se incomoda com ele, pelo menos?

— Por mim, eu acho. Agora que está mais velho, ele faz comentários sobre como se sente mal por eu ter escolhido uma faculdade perto de nossa cidade natal para poder ajudá-lo a terminar o ensino médio. Coisas desse tipo. Mas eu provavelmente teria feito isso de qualquer maneira. O cara é meu melhor amigo.

— Que fofo.

Ele me fixa com um olhar. — Não me chame de fofo.

Entre nós, encontro sua mão livre e coloco meu polegar no dele, palma com palma, antes de descansar minha cabeça nas costas de sua mão. — Obrigada por me dizer isso.

Ele traça meu rosto com seu olhar, uma melancolia suave tomando conta dele. — Obrigado por ouvir. Eu realmente nunca tive alguém para quem contar isso.

— Você deveria continuar falando. Você tem uma voz sexy, mesmo quando fala sobre seu trauma de infância.

Ele simplesmente balança a cabeça para mim, sorri e continua falando. — Não estou com raiva e não sinto falta dele, mas sinto falta de como nossa família era. Tudo era tão diferente antes da morte de minha mãe, que a parte mais difícil tem sido saber como era uma boa estrutura familiar e não ter mais isso. Estou apenas tentando dar a Max um pouco do que perdi.

E é nesse momento que tudo se encaixa. Kai está mais velho agora. Ele não

quer compensar as festas que está perdendo, nem mesmo a liberdade. Ele não precisa relembrar sua antiga vida. Ele simplesmente quer a família que já teve. Ele quer ser suficiente para Max na esperança de que ele não sinta as lacunas que Kai se convenceu que existem.

— Você é uma boa pessoa, Kai. Você sabe disso?

Ele suspira, exalando uma risada desconfortável. — Não me dê muito crédito agora.

— Estou falando sério. — O que raramente faço.

O quarto está escuro, mas meus olhos se acostumaram à falta de luz, então posso distinguir o azul dele com perfeita clareza, sem os óculos como barreira.

Ele é lindo. Realmente, realmente muito bonito.

Virando-se de lado, ele me encara e mais uma vez seu pé roça o meu, mas desta vez ele não se afasta. Em vez disso, ele cobre meus pés com os dele, enroscando-os entre os lençóis.

— A única vez que pensei em falar com meu pai foi quando descobri sobre Max. Por uma fração de segundo, achei que deveria lhe dizer que ele era avô.

— Mas você não fez isso?

— Não. Não precisava. Monty meio que ganhou esse título logo de cara. Mesmo que Max não o chame assim, seria estranho dar esse título a outra pessoa.

Oh, meu coração.

— Sim — eu exalo. — Meu pai tem um talento especial para conquistar seus títulos quando, para começar, eles não são automaticamente dele.

— Ele é um bom homem.

— O melhor dos melhores.

— Mas ronca como um filho da puta.

Dou uma risada.

A atmosfera no ar muda novamente quando Kai levanta um dedo para colocar delicadamente meu cabelo atrás da orelha. — Quero que Max pense em mim da mesma forma que você pensa nele.

Eu derreto em seu toque. — Ele pensa. Você está fazendo um trabalho muito bom com ele. Sei que você não acredita nisso o tempo todo, mas está. E eu saberia. Eu tenho o melhor pai do mundo.

— Estou preocupado que eu o esteja atrapalhando ao fazer com que ele viaje com o time. Não sei que porra estou fazendo. Tento fingir que sei, mas gostaria de ter as respostas sobre como fazer bem essa coisa de ser pai.

— Eu presumo que todos os pais se sentem assim de alguma forma. Você cercou Max com tanto amor. A equipe o adora. Meu pai o adora. Isso é tudo que você poderia pedir.

Parece que ele quer me beijar de novo e, Deus, eu quero que ele faça isso. Mas então vejo Kai engolir, tirar as mãos das minhas e virar de costas mais uma vez, colocando-as debaixo da cabeça.

Eu espelho sua posição, mas com as mãos cruzadas no colo.

— Você conseguiu terminar algum trabalho? — ele pergunta.

Uau, que mudança de assunto. Eu estava felizmente afastada dessa parte da minha vida nas últimas duas semanas.

— Nada na cozinha, mas estou planejando algumas coisas para quando chegarmos em casa e puder fazer experiências na van.

— Na van? Você tem uma cozinha lá?

— Uma pequena, sim. Ela dá conta do recado.

Um silêncio se instalou entre nós. — Eu pesquisei sobre você na internet na semana passada.

Minha cabeça vira em sua direção, um sorriso provocador em meus lábios. — Na semana passada? Achei que você teria feito isso no segundo em que saí do quarto de hotel do meu pai naquele primeiro dia.

— Sua comida é linda, Miller. É uma obra de arte.

Ele não tem humor em seu tom, não me permitindo rir de um elogio desconfortável.

Desviando minha atenção mais uma vez, encontro o teto. — Costumava ser.

— O que há de diferente agora?

— Eu não faço ideia. De repente, um dia não consegui fazer as coisas mais básicas da cozinha. Coisas que faço desde criança. Nada de novo tem funcionado.

— Você acha que isso tem alguma coisa a ver com o prêmio *James Beard* que você ganhou?

Um sorriso surge em um lado de meus lábios quando olho para ele novamente. — Kai Rhodes, quanto você stalkeou exatamente?

— Apenas o suficiente para descobrir que você é muito importante.

Balanço a cabeça, mas ele apenas continua.

— Você é. O mundo inteiro concorda comigo, então você pode tentar minimizar isso o quanto quiser, mas estou certo. Você sempre quis ser essa grande *chef* de confeitaria?

— Não — digo a ele honestamente. — Mas sempre me vi lutando pela próxima conquista. Para ser a melhor em tudo o que eu assumo. Seja no *softball* quando eu era mais nova ou agora na minha carreira. Sempre busquei alcançar vitórias.

— Por quê?

Eu solto uma risada. — Se eu sei, Deus. É isso que nós, como sociedade,

fomos condicionados a fazer, certo? Continuar buscando a próxima melhor coisa em vez de encontrar gratidão e paz onde estamos.

— Bem, agora que você fez uma pausa, você sente alguma coisa disso?

— Gratidão e paz? — Eu me viro para olhar para ele. — Acho que eu poderia encontrar muita gratidão e paz enquanto estiver na cama com você, Kai Rhodes.

Ele dá uma gargalhada. — Você não tem filtro nenhum, porra.

Sorrio para ele, sentindo um conforto avassalador em contar tudo a ele. Da mesma forma que ele nunca teve alguém com quem conversar, eu também nunca tive.

— A pressão — eu prossigo. — Parece pesada. Quase sufocante. Quando entrei na faculdade de gastronomia, tinha planos de abrir minha própria padaria um dia. Um lugar onde as pessoas pudessem comprar meus biscoitos ou bolos e eu pudesse ver a alegria tomar conta de seus rostos quando dessem a primeira mordida. Mas quando entrei no ramo, essa meta não me pareceu grande ou impressionante o suficiente. Em vez disso, entrei no mundo da alta gastronomia e agora as únicas pessoas que comem minha comida são os críticos ou clientes que pagam uma quantia absurda para isso. Vejo as pessoas analisarem cada pedaço do que eu criei em vez de saboreá-lo e, para ser sincera, está ficando difícil colocar o mesmo amor na minha comida sem duvidar de tudo o que faço, sabendo que ela será julgada em vez de apreciada.

O silêncio no quarto do hotel é insuportável. Kai está a poucos centímetros de mim, mas, mesmo assim, não olho para ele. A vulnerabilidade é uma sensação da qual prefiro me afastar. Meu estilo de vida não é propício para amizades próximas e duradouras. Há muito tempo não preciso ser vulnerável com ninguém e evito a autorreflexão há anos.

Sua mão enorme segura meu rosto, virando meu queixo para encará-lo. — Por que você ainda faz as coisas sofisticadas em vez de simplificar as coisas e

abrir sua própria padaria, como queria?

Eu engulo. — Porque o que eu faço agora está em outro nível. Sim, as horas são ridículas e, com certeza, a pressão de trabalhar em uma cozinha de luxo pode ser paralisante, mas eu fiz um nome por conta própria. Acho que os outros olham para o meu currículo e o consideram impressionante.

Seus olhos procuram os meus. — O que as outras pessoas pensam realmente importa?

Só há uma pessoa cuja opinião sobre mim importa e essa pessoa é o homem do outro lado desta parede. Depois de tudo o que ele fez por mim, ele merece uma filha extraordinária. Uma filha que se destaca em tudo o que faz.

— Você vai cozinhar para mim algum dia? — Kai pergunta quando eu não respondo. — Prometo não julgar ou analisar.

Eu rio. — Primeiro você quer que eu cuide do seu filho, viaje com você e agora preciso cozinhar para você? Deus, o que mais você quer que eu faça?

Seu polegar percorre meu queixo antes de deslizar contra meu lábio inferior. — Eu quero que você me beije novamente.

Oh.

Ele olha para minha boca. — Eu realmente gostei de beijar você, Mills.

Meu corpo se move em direção ao dele sem hesitação e, como uma dança ensaiada, seu braço desliza entre mim e o colchão, puxando-me para mais perto dele. Nossas pernas nuas deslizam uma contra a outra, e ele ergue as suas sobre as minhas para me aproximar mais.

Dou uma lambida em meu lábio inferior, preparada para o que ele quiser que aconteça. — Eu realmente gostei de beijar você também.

— Mas não podemos fazer isso de novo.

E não importa.

— Porque se eu beijar você de novo — ele continua — tenho a sensação de que vou querer fazer isso toda vez que vir você.

Eu me arqueio para ele. — Não vejo problema nisso.

— O problema de eu beijar você é que isso só vai me levar a querer transar com você mais do que eu já quero, e não faço essa coisa de transar sem compromisso como eu costumava fazer.

— Mas a transa sem compromisso é tão divertida.

Ele dá uma risada. — Sim, mas desde que Max...

— Você não faz sexo casual.

— Nada mais na minha vida é casual. Tenho outra pessoa confiando em mim e em minhas decisões agora.

— De novo.

A compreensão o inunda. — Tenho outra pessoa que depende de mim *novamente*, e não tenho margem mental que me permita ser mesquinho. Você mesma disse que vai embora em breve, e já tive muitas pessoas com quem contava que foram embora. Não posso fazer com que eu ou meu filho passemos por isso outra vez.

Claro que ele não pode. Não quando ele está tentando construir um ambiente sólido e estável para Max, enquanto eu simplesmente estou me divertindo de passagem até voltar à minha vida e carreira reais.

— Entendo. — Afasto-me um pouco, dando-lhe espaço na cama.

— Aonde você está indo?

— Dando-lhe espaço. Você acabou de dizer...

— Um homem pode se aconchegar.

Minhas sobrancelhas se erguem. — Aconchegar?

— Sim, *aconchegar.* Ou você nunca ouviu falar do termo?

Faço uma pausa, hesitante.

— Você nunca aconchegou antes? — ele pergunta.

— Não. Eu abraço seu filho. Eu simplesmente nunca...

— Você nunca se aconchegou com um homem antes?

— Podemos parar de dizer a palavra *aconchegar?* Não parece certo vindo de você. Você é enorme, gostoso e disse a palavra *aconchegar* mais vezes nos últimos trinta segundos do que eu em toda a minha vida.

Um sorriso conhecedor surge em seus lábios. — Miller Montgomery, sua mulher fria e desapegada. Venha aqui e aconchegue-se comigo.

— Pare de dizer *aconchegar!*

Ele estende a mão para mim, mas eu me afasto provocativamente.

— Aconchegue-se comigo, Mills.

— Saia de perto de mim! — Eu me mexo no colchão.

Rindo, ele me persegue até que finalmente desisto da minha triste desculpa de tentar fugir dele.

Seu corpo gigante prende o meu e por instinto minhas pernas se abrem ao redor dele. Assim que seus quadris caem nos meus, nossos sorrisos correspondentes desaparecem.

Ele usa os braços para se manter afastado de mim, apenas o suficiente para que eu possa observar sua atenção mais uma vez cair em meus lábios.

— Kai — eu sussurro, meus dedos percorrendo seu abdômen, traçando as cristas intermináveis.

Seu estômago se contrai, inspirando profundamente, e preciso de tudo em mim para não levantar meus quadris e esfregar para sentir exatamente o que estou morrendo de vontade de sentir.

Ele quer me beijar. Eu quero que ele me beije. Também quero muito me livrar das poucas camadas de roupa que separam onde nossos corpos se conectam. Mas posso ver em sua expressão dilacerada que ele está se culpando por me querer e, embora às vezes eu o faça passar por essa tortura porque é divertido, não posso dar a ele alguém para sentir falta. E depois do que ele me contou, fica claro que ele não consegue se manter desapegado como eu.

— Tudo bem — eu digo, quebrando a tensão. — Vou aconchegar você, mas só porque não posso deixá-lo com ciúme do seu filho por causa disso.

Sua testa cai com uma combinação de arrependimento e alívio porque as coisas não pioraram.

Kai vira de costas, com o braço aberto, empurrando minha cabeça para descansar em seu peito. Eu faço isso, colocando meu braço sobre sua cintura.

Isso é novo para mim. Nunca estive em um relacionamento antes e não sou de ficar depois de uma transa, mas assim com ele... surpreendentemente, não odeio isso.

— Você faz todas as mulheres que compartilham sua cama abraçarem você?

— Eu não saberia dizer quando foi a última vez que compartilhei a cama com uma mulher.

Eu olho para cima para descobrir do que diabos ele está falando.

— Eu não poderia contar a última vez que estive com alguém. Muito antes de Max, eu sei disso.

Bem, foda-se. Minha última esperança de um encontro casual morre com essas palavras.

— Eu poderia ajudar com isso, você sabe. Seria um sacrifício, com certeza, fazer sexo com você, mas sou um mártir nesse sentido.

Ele ri. — Eu não preciso da sua caridade.

— Por que não? Eu poderia usar a redução de impostos.

Kai muda completamente de assunto. — Obrigado por levar Max para o jogo hoje. Significou muito para mim.

— Não acredito que nenhuma de suas outras babás o levou.

— Eu nunca pedi a eles. Nunca conversei com nenhum deles por tempo suficiente para pedir.

— Mas você fala comigo.

Seus olhos azuis são suaves. — Sim, Mills. Eu falo com você.

Coloco minha cabeça de volta em seu peito, mais uma vez traçando suavemente as linhas em suas costelas.

— Além de ficar tentado a assassinar meu apanhador — acrescenta Kai com um bocejo — hoje foi um bom dia.

— Todos podem ser dias bons.

Sua respiração fica mais lenta e suas palavras são apenas um sussurro sonolento quando ele diz: — Pelo menos pelas próximas seis semanas.

CAPÍTULO 17

Kai

— Papai.

O doce aroma de açúcar enche meu nariz enquanto respiro fundo.

— Papai.

Meu corpo está derretido no colchão, meus braços cheios de... *Miller.*

Miller está na minha cama, ou melhor, estou na dela.

Inspirando novamente, eu a puxo para mais perto até que todo o seu corpo esteja em cima do meu, com a cabeça enfiada na curva do meu pescoço.

Ela parece o paraíso. Quente e aconchegante. Ela também parece *minha*.

— Papai.

Meus olhos se abrem para encontrar meu filho ao pé da cama, empoleirado no braço de Monty, os dois olhando para nós.

Max está sorrindo. Monty não está.

— *Merda* — eu murmuro.

Sou um homem de trinta e dois anos que foi pego na cama pelo pai de alguém.

— Bem, não tenho certeza de como vou tirar essa imagem do meu cérebro — diz ele secamente.

Miller se mexe ao ouvir a voz do pai, mas não é o suficiente para acordá-la totalmente. Em vez disso, ela se aconchega ainda mais em mim, jogando a perna sobre meus quadris, onde estou com uma forte ereção matinal. Eu não poderia

estar mais agradecido por esta cama de hotel ter um edredom grosso.

— Papai — Max diz novamente, e Monty o coloca no colchão, permitindo que ele rasteje até nós.

— Olá, Maxie. — Minha voz está rouca durante a manhã enquanto ele sobe no meu torso. — Senti sua falta ontem à noite.

Ele se acomoda na minha barriga, com a cabeça apoiada no meu peito, olhando para Miller adormecida. Envolvo um braço em volta de seu corpinho para segurar os dois enquanto ele cautelosamente estende a mão para tocar o anel de septo dela. Seu pequeno toque é suficiente para acordá-la e, quando ela abre os olhos, ela olha diretamente para meu filho, um sorriso sonolento florescendo em seus lábios.

— Bom dia, Bug.

Ele sorri de volta para ela.

Este momento seria muito mais doce, os dois juntos no meu peito, se Monty ainda não estivesse olhando para mim.

— Bom dia, Millie — diz o pai dela.

Miller se vira, percebendo que está aqui. — Mas que diabos, pai? — ela pergunta, cobrindo-se rapidamente com o cobertor, não que haja algo a esconder.

Ela tem sorte de não ter que lidar com uma ereção violenta como eu estou agora.

— Ace — Monty começa, voltando para o meu quarto. — Acho que está na hora de termos uma conversa.

— Acho que não precisamos fazer isso.

— Traga sua bunda aqui!

Miller revira os olhos, caindo para o outro lado da cama e levando Max com ela, fazendo cócegas em sua barriga para mantê-lo ocupado enquanto eu vou

levar uma bronca do pai dela.

Depois de cuidar dos meus assuntos no banheiro, encontro Monty no meu quarto, fechando a porta adjacente atrás de mim.

— Não é o que parece — digo a ele, encontrando uma camisa para cobrir meu peito.

— Eu não dou a mínima para o que parece. O que vocês dois fazem não é da minha conta, mas Ace, ela irá embora em menos de dois meses.

Faço uma pausa no meu caminho. — Por que diabos todo mundo sente a necessidade de continuar me lembrando disso?

— Porque estou cuidando de você.

— Bem, você não precisa fazer isso. Eu só dormi lá porque seu traseiro roncador estava monopolizando minha cama.

Um sorriso aparece em seus lábios.

— Estou falando sério, Monty. Por favor, não perca seu tempo me fazendo aquele discurso de pai superprotetor. Não é necessário.

Ele levanta as mãos. — Não é isso. Eu só queria falar com você, porque Miller tem uma vida para a qual ela está voltando.

— Jesus, eu sei.

— Deixe-me terminar — diz ele. — A Miller tem uma vida para a qual está voltando, uma vida pela qual ela se esforçou muito. Vocês dois são adultos. O que quer que façam em seu tempo livre é entre vocês dois, mas estou pedindo – não, estou *mandando* – que, se chegar um momento em que você quiser pedir a ela que não volte para essa vida, que fale comigo primeiro.

Mas que diabos? Eu nunca pediria isso a ela. Eu sei o que esse verão representa para ela. Ela deixou claro ontem à noite, quando me deu um momento para interromper nosso beijo, que ela está simplesmente de passagem. Ela tem o

sonho de toda a sua vida esperando por ela.

— Não é desse jeito.

Monty dá de ombros. — Tenha isso em mente. Venha até mim se isso mudar para você.

CAPÍTULO 18

Miller

Violet: *Não quero ser a agente chata, mas, por favor, diga que você tem assado alguma coisa. Faltam cinco semanas para que suas receitas sejam entregues à revista.*

Miller: *Começando hoje.*

Violet: *Começando?!*

Cortando a manteiga sobre a panela, mantenho o fogo baixo no meu fogão de uma boca só. É conveniente ter uma minicozinha na minha van, mas as chamas são um pouco irregulares, aquecendo a panela em velocidades diferentes, portanto, embora eu possa dourar a manteiga enquanto durmo, tenho de ir devagar e com calma quando estou fazendo experiências em minha pequena casa sobre rodas.

Estamos de volta a Chicago há alguns dias, bem a tempo de vivenciar a primeira onda de calor do verão na cidade. Na semana passada, estava úmido e chovendo, mas agora está escaldante e miserável, e a van está quente pra caramba, com o fogão e o forno aquecidos. Mas não tenho muita escolha a não ser começar a trabalhar para elaborar essas receitas, especialmente nas raras vezes em que Kai tem um dia de folga do beisebol, como tem hoje.

Max é tranquilo, e não é que eu não possa trabalhar enquanto ele estiver acordado e eu estiver cuidando dele, mas é que não quero. Gosto de estar com ele e prefiro me concentrar no tempo que passamos juntos do que me estressar com minha série interminável de fracassos na cozinha.

Mexendo a manteiga na panela, eu a vejo derreter quando uma batida na porta sacode todo a minha van.

Mas que diabos?

Kai nunca veio para cá. Ele me manda uma mensagem quando está prestes a sair pela porta e precisa que eu entre para cuidar do filho, e não consigo pensar em nenhum outro motivo para ele estar aqui além de...

— Max está bem? — Minhas palavras são apressadas, minha voz misturada com pânico enquanto abro a porta da minha van.

— Ele está bem — Kai diz suavemente, segurando a babá eletrônica na mão. — Tirando a primeira soneca do dia.

Minha expiração está repleta de alívio – uma sensação nova para mim. Nunca fui apegada o suficiente para me preocupar com o bem-estar de outra pessoa, mas conhecer a história de Max, saber que sua mãe não queria estar em sua vida, despertou em mim uma onda de proteção.

Kai está do lado de fora, com os pés descalços na trilha de concreto que vai da casa dele até a minha. Camiseta branca folgada, bermuda que mostra bem as suas pernas. Boné para trás com aqueles malditos óculos. E aquele sorriso, presunçoso e doce – um novo visual para o arremessador.

— Por que essa batida forte? — eu pergunto.

— Não foi forte. Foi normal. Você simplesmente mora na porra de uma van. Mal toquei na porta e ela balançou.

Eu levanto minha sobrancelha, um sorriso malicioso rastejando em meus lábios. — A van é conhecida por balançar. Você deveria entrar e tentar algum dia.

Ele me lança um olhar impressionado. — Por favor, cale a boca.

A atenção de Kai recai sobre meu peito e barriga, lembrando-me que estou vestindo apenas um *bralette* com uma calça fina e larga, sem tocar minha pele

neste calor infernal.

Eu não me escondo. Em vez disso, apoio casualmente o braço no encosto de cabeça do banco do passageiro, apenas me exibindo ainda mais, permitindo que ele olhe, porque gostaria de não fazer isso.

— Com o que posso ajudar?

Kai mostra duas Coronas. — Trouxe para você sua bebida matinal favorita.

— São 10 da manhã...

— Tarde demais para você?

Rindo, pego uma dele. — Não exatamente.

— Posso entrar?

Minha van foi feita para um. Esse sendo alguém menor que um jogador de beisebol de 1,93. — Tenho uma cama, uma minicozinha e uma caixa de leite que uso como assento ou para armazenamento dependendo do dia. Não tenho certeza onde seu corpo grande vai ficar, mas tudo bem.

— A cama parece boa. — Kai abaixa a cabeça, entrando no meu espaço. Ele tem que se dobrar totalmente ao meio para chegar a minha cama, onde ele se deita, com seus longos membros pendurados na borda.

— Você está certo — eu digo, levando minha cerveja aos lábios. — Minha cama parece *muito* boa.

Ele ri, apoiando-se em um cotovelo, tornozelos cruzados enquanto apoia o monitor onde ambos podemos ver Max dormindo dentro de casa.

Kai parece leve hoje. Talvez seja o dia de folga do campo. Talvez seja o álcool que ele está se permitindo desfrutar. Talvez seja o tempo ininterrupto que ele passa com o filho, mas não consigo tirar os olhos dele.

— Sua manteiga está queimando.

Bem, essas palavras são suficientes.

— *Merda.* — Tiro a panela do fogo enquanto a van se enche com aquele cheiro nitidamente excessivo. — Pare de me distrair, parecendo gostoso na minha cama enquanto estou tentando trabalhar. Não queimo manteiga desde que era criança.

Ele cruza um braço sob a cabeça, seu sorriso todo presunçoso antes de levar a cerveja aos lábios.

Kai é um homem bonito. Não tem como ele ignorar esse fato, mas às vezes parece que ele esquece. Nas semanas em que nos conhecemos, meus comentários deixaram de deixá-lo nervoso e irritado e passaram a adicionar um pouco de elegância aos seus passos. Não tenho nenhum problema em estimular o cara durante todo o verão, se é disso que ele precisa.

Desligando o fogo inconsistente, eu me sento na caixa de leite em frente à cama.

— O que você está fazendo? — ele pergunta.

— Eu estava trabalhando em algo novo. Uma torta de avelã e manteiga dourada. Sorvete de baunilha com manteiga. Pera caramelizada. Serão para a temporada no outono, a tempo de o artigo ser publicado, mas... — aponto para a manteiga queimada — ...não fui muito longe.

— Essa parece ser uma tarefa e tanto para esta pequena cozinha.

— Eu fiz sobremesas mais extensas do que essas aqui.

— Talvez você esteja lutando por causa da falta de espaço para criar.

Minha atenção se volta para ele. Deveria ser um crime ser tão bonito e tão intuitivo ao mesmo tempo.

— É por isso que você me trouxe uma cerveja às 10h no seu dia de folga, Kai? Para me fazer descobrir por que sou tão péssima no meu trabalho?

— Não. — Outro gole de sua garrafa. — Uma vez você me disse que a razão pela qual você está aqui neste verão é porque está em dívida com o seu pai. Você

também me disse que explicaria o que isso significa tomando cerveja em uma manhã, então estou aqui para cobrar essa promessa.

— Na verdade, eu disse que se ficássemos *bêbados* juntos uma manhã, contaria a você. Uma Corona não vai resolver.

— Sim, bem... — Ele acena em direção ao monitor. — Eu tenho responsabilidades. Pai solteiro e tudo mais, então uma cerveja vai ter que bastar.

O sorriso em meus lábios desliza lentamente pelo meu rosto antes que eu o cubra com a garrafa em minha mão. Kai Rhodes relaxando em minha van com uma bebida na mão estaria fora do reino das possibilidades apenas algumas semanas atrás, então vou aceitar o meio-termo. Ele fica bem assim.

— Você vai falar, Miller, ou o quê?

— Meu pai desistiu de toda a sua carreira por mim. Toda a sua vida. Devo a ele garantir que farei algo com a minha.

— É disso que se trata? — Ele acena em direção ao fogão.

Não respondo, sem saber se ele está se referindo às minhas escolhas profissionais ou ao fato de ter ficado longe por tanto tempo, trabalhando em cozinhas de todo o país, mas ele está certo em ambos os aspectos.

Kai sai da cama, levando o monitor de Max com ele enquanto se curva e sai da van. Ele estende a mão para mim. — Venha comigo.

Eu olho para ele com ceticismo. — Por quê?

— Porque estou prestes a ter uma insolação nessa porra de van e preciso mostrar uma coisa a você.

— Você é terrivelmente dramático, Baseball Daddy.

Coloco minha mão na dele, os calos de sua palma ásperos contra a minha. Segurei a mão dele na cama na semana passada, mas não me lembro de a diferença de tamanho ser tão cômica. Não é de admirar que ele possa alterar a

trajetória de uma bola de beisebol como se ela não fosse nada. Deve ser minúscula ao seu alcance.

O mais silenciosamente possível, entramos na casa. Os brinquedos e o tapete de Max ocupam toda a sala e eu adoro que Kai não se importe em rastejar sobre eles todos os dias. Esta casa também é a casa do filho dele e ele não está tentando esconder isso.

Há uma infinidade de pratos na pia, que eu me preocupo em lavar amanhã. Pilhas de roupa suja que ele precisa dobrar. Conhecendo-o, ele tentará fazer tudo isso em seu único dia de folga nesta semana, mas eu vou pegar a folga quando ele estiver de volta ao campo amanhã, e tenho certeza de que ele ficará irritado por eu ter ajudado. Ele é orgulhoso assim, quer fazer tudo sozinho.

Kai me coloca na frente dele, nós dois parados na ilha da cozinha, e é aí que eu vejo. Uma batedeira de nível profissional novinha em folha fica no canto do balcão, incluindo um depósito de ingredientes secos com tudo o que eu poderia precisar.

— Você não pode continuar cozinhando em sua van — diz ele. — Está muito quente e você mal consegue se mover lá dentro. Use minha cozinha, mesmo quando eu estiver em casa e você não estiver cuidando de Max.

Entro lentamente no espaço, minha mão percorrendo a batedeira de marfim. — Você comprou isso para mim?

— Bem, você não está sendo paga para cuidar do meu filho; achei que era o mínimo que eu poderia fazer.

Minha cabeça vira em sua direção, uma risada assustada me escapa. — Estou absolutamente sendo paga neste verão. Os Warriors estão me pagando.

— Oh. — Ele estuda minha nova área de trabalho. — Vou devolver tudo isso então.

— Não se atreva. — Eu levanto um dedo acusador, mas tudo o que ele faz é

dar vida ao seu sorriso deslumbrante. — É linda, Kai. Obrigada.

— *Obrigado.* Por cuidar de Max. — Ele faz uma pausa, sua voz mais suave. — Ele realmente gosta de você.

— Bem, o sentimento é mútuo. — Olho de volta para o mixer. — Mas você não precisava fazer isso.

— Você prometeu me ajudar a encontrar meu equilíbrio na vida. Pensei em tentar ajudá-la a encontrar sua alegria.

Meu coração se parte com isso, abrindo-se de uma maneira que não quero. Ele é muito bom, muito gentil. Muito gostoso com aquele boné virado para trás e aquela perna tatuada exposta. *Coxas de homem...* quem saberia que elas eram minha nova criptonita?

— Então, o que vem depois? — Ele casualmente se recosta no balcão, com os tornozelos cruzados. — Depois de sua entrevista com *Food & Wine.*

O que vem depois? Eu não pensei tão longe.

Durante toda a minha vida, prosperei com conquistas. Arremessadora de softball americano no ensino médio. *Check.* A melhor da minha turma na faculdade de culinária. *Check.* Eleita a melhor em minha área ao ganhar a maior honraria do setor. *Check.*

Então, o que vem depois que não há mais marcas de seleção para perseguir?

— Eu... não sei.

— Sua dívida será paga?

— Que dívida?

— A dívida inexistente que você tem com Monty por adotá-la. Foi isso que você quis dizer em Miami, certo? Você sente que deve a ele pelo que ele desistiu por você.

Pelo amor de Deus. É coisa de cara mais velho? Uma coisa de pai solteiro?

Ou sou tão óbvia?

— Eu não sou tão estúpido, Miller. Você o ama, mas nunca está por perto. Foi por isso que você ficou longe? Por que você se sente culpada?

— Você pode não ser tão maduro e intuitivo por uns dois segundos?

Ele se move, aproximando-se. — Miller...

Eu levanto minhas mãos para detê-lo. — Eu apenas... depois de tudo que ele fez por mim, ele merece viver a vida que perdeu.

As sobrancelhas de Kai se apertam. — A vida que ele perdeu? Ele sente *sua falta.*

— Não diga isso.

— É verdade. Ele nunca falava sobre você. Você sabia disso? Ele e eu somos próximos e pensei que você fosse uma criança, porque Monty nunca fala sobre você. Acho que ele sentia tanto a sua falta que o machucava mencioná-la. E agora? Nas semanas desde que você apareceu, ele não calou a boca. Ele está radiante como um maldito idiota. Não há nada para se sentir culpada.

Não respondo porque não preciso ter essa conversa com ele. Não quero ter essa conversa com ninguém, inclusive comigo.

Ele suspira, um tanto derrotado. — Use minha cozinha enquanto estiver aqui. Descubra suas receitas. Aprenda como não queimar a manteiga como uma verdadeira amadora.

— Cale a boca — eu rio, deixando a tensão se dissipar.

— Mas Miller, teremos um problema real se este artigo e prêmio que a deixa tão estressada for devido a alguma culpa equivocada. Como se você devesse ao seu pai o que ele fez e acha que pode retribuir com elogios.

— Eu só quero que ele tenha orgulho de mim. Depois de tudo, ele merece uma filha impressionante.

— Ele tem uma.

Reviro os olhos. — Você me odiava até uns cinco dias atrás.

— Isso é um exagero.

— Desculpe, seis dias atrás.

— Você me assustou.

— Sim — eu rio. — Percebi.

— Não. Quero dizer, com o quanto Max gostou de você imediatamente. Isso me assustou. Estou preocupado com ele se apegando.

Espere. O quê?

Achei que foi a maneira como falava o que pensava ou minha falta de experiência com crianças que assustou Kai no começo. Nem uma vez pensei que ele estivesse preocupado com a possibilidade de eu me conectar com seu filho.

— A primeira coisa que aconteceu na vida de Max foi que a mulher que deveria amá-lo foi embora. Não quero que ele se acostume com as pessoas que ele ama o deixando.

— Mas eu vou partir.

— Foi o que você disse. — Sua expiração é resignada. — Vamos lidar com isso quando chegarmos lá. Por enquanto, quero que ele aproveite ao máximo as viagens com o time e acho que você é a chave para isso. Ele está feliz. Ele está seguro com você. Vamos descobrir o resto em setembro.

Nós vamos lidar com isso. *Nós vamos* descobrir isso. Não só Max.

Sua mão está no balcão bem ao meu lado enquanto ele se apoia nas palmas e, instintivamente, eu a cubro com as minhas. Kai usa o polegar para prender meus dedos, acariciando suavemente a pele ali.

— Por que você está sendo tão gentil comigo?

Ele não olha para mim, apenas olha para nossas mãos. — Eu não tenho a

mínima ideia, Mills.

Mills.

Porra, toda vez que ele usa esse apelido, isso penetra um pouco mais em minhas veias, quebra um pouco mais meu coração.

Kai paira sobre mim, seus olhos azuis gelados se concentrando nos meus antes de caírem na minha boca. Quero tirar aquele boné de beisebol dele e passar as mãos em seu cabelo só para lembrar como é.

— Por que você está olhando para meus lábios?

— Não estou — diz ele, olhando diretamente para eles.

— Você vai tentar me beijar de novo, Baseball Daddy? Achei que isso estava fora de cogitação.

Ele pisca, colocando distância entre nós. — Isso está.

— Oh, meu Deus, Kai. Você iria quebrar sua própria regra e me beijar!

— Não, Miller, eu não ia.

— Achei que fosse *Mills* agora?

Ele balança a cabeça. — Você estraga tudo. Sabe disso?

Não consigo esconder meu sorriso, precisando provocá-lo por isso. — O quanto você se odeia por querer me beijar de novo?

Com as mãos nos quadris, a cabeça de Kai cai para trás em frustração, olhando para o teto. — Acredite em mim, se eu beijar você de novo, será meu último beijo e último recurso para calar você.

— Ok, vou continuar falando então.

Ele me atira punhais.

— Eu amo o quanto você odeia estar atraído por mim.

Kai revira os olhos. — Sim, bem, você e eu.

A babá eletrônica começa a acender, o choro de Max flutuando pelo alto-falante.

Kai vai até o quarto do filho, mas antes que ele possa sair, coloco a mão em seu peito para impedi-lo. — Eu vou.

— Mas é seu dia de folga.

Eu estalo meus ombros. — Eu não preciso de um dia de folga. Vou deixar você sentado aqui pensando no fato de que estava prestes a beijar a filha do seu treinador novamente. — Vou pegar Max, mas antes de sair da cozinha, acrescento mais uma coisa, para que ele saiba que isso não é unilateral. — E cubra suas coxas. Estamos sendo profissionais aqui. Tecnicamente, trabalho para você e nem sabia que tinha uma queda por pernas masculinas até que você apareceu com toda essa pele tatuada e músculos.

— Eu? — Sua cabeça se inclina para trás. — E você? Fico duro só de *olhar* para suas pernas.

Fazemos uma pausa, a cozinha fica em silêncio por um tempo muito longo.

Eu começo a rir, nós dois incapazes de parar de rir como lunáticos um para o outro do outro lado do cômodo. — Somos tão profissionais.

CAPÍTULO 19

Miller

Na semana seguinte, passo quase todas as horas do meu dia na casa de Kai. Seja na cozinha ou com Max, e quando Kai chega do trabalho depois dos jogos para os quais não levo seu filho, encontro maneiras de ficar um pouco mais, mesmo que a inspiração ainda não tenha surgido.

Claramente, é uma coisa minha, se nem mesmo uma cozinha deslumbrante e de última geração com utensílios totalmente novos pode me fazer criar.

Mas hoje é o dia. Posso até sentir isso zumbindo na ponta dos meus dedos. Ontem à noite, enquanto estava deitada na cama, eu a vi em minha mente, visualizei cada passo – minha versão de um flambe de banana desconstruído.

No mundo sofisticado, basta chamar algo de *'desconstruído'* para que o preço dobre automaticamente, o que não faz o menor sentido, se você quer saber, mas não sou eu quem dita as regras.

Certa vez, criei uma sobremesa chamada simplesmente *flavors de banana split*. Servi uma banana split desconstruída espalhada por toda a mesa. Chocolate com avelã em uma ponta e mousse de morango na outra. Você tinha que se esforçar para conseguir uma única mordida, mas a apresentação era impressionante e eu ganhei um prêmio pelo que era essencialmente uma banana split gigante e bagunçada.

Hoje, no entanto, estou fazendo o flambe de banana.

Pelo menos esse era meu plano antes de Max decidir que seu plano era ficar grudado. Ele engatinha tão rápido quanto eu me aproximo do fogão. Eu pretendia trabalhar durante o cochilo dele mais cedo, mas havia tantas coisas em

que Kai precisava de ajuda em casa que eu não queria ignorá-las. Mesmo sabendo que ele com certeza vai ficar irritado, lavei a roupa e posso ou não ter inspirado profundamente uma de suas camisetas usadas.

O cara cheira bem. Processe-me.

Olho para o chão, ao lado de meus pés descalços. — Max, querido, o que foi?

Ele se senta no corredor da cozinha, ambas as mãos estendidas em minha direção. — Nana — ele diz.

Aprendi que qualquer que seja aquele barulho que começa com um som de *N* e termina com um murmúrio, é a versão dele de pedir uma banana. Tenho um monte ao lado do fogão que comprei há alguns dias. Elas estão prestes a ficar marrons, por isso hoje é o dia em que preciso usá-las.

Descascando uma, eu me agacho e dou um pedaço dela. — Aqui está, Bug.

Seus olhos azuis estão brilhando, seu cabelo ainda está um pouco suado da soneca da tarde, mas, caramba, ele é fofo pra caralho.

O fogão está esquentando, mas não tenho como trabalhar nesse tipo de sobremesa com ele tão perto. Visto que um flambe exige que eu ateie fogo, oficialmente encerramos essa ideia por hoje.

Max mastiga sua banana enquanto fica sentado no chão, satisfeito, com o cabelo castanho espalhado.

— Maxie, você quer brincar com seus blocos?

Ele balança a cabeça.

— Devemos talvez sair e soprar algumas bolhas?

Outro não.

— Ok, você só quer ficar comigo na cozinha?

Olhando para cima, ele sorri, com purê de banana nos dentes de leite.

Eu rio, pegando-o. — Tudo bem, meu rapaz. Vamos colocar você para trabalhar então.

Desligo o fogo antes de colocá-lo na pequena engenhoca que o mantém em pé e na altura do balcão.

Inclinando-me sobre meus antebraços, fico no nível dos olhos dele. — O que devemos fazer?

— Nana! — ele brada.

— Você ainda tem sua banana.

— Nana!

— Não posso fazer aquela sobremesa de banana com você na cozinha. As chamas são grandes e quentes e *oooh...* — Faço cócegas em sua barriga só para ouvir sua risada. — Um pouco assustador. Então, temos que pensar em outra coisa com bananas.

— Nana!

Querido Deus. Grande fã de banana hoje.

— Que tal... — Olho ao redor da cozinha em busca de ideias. Bananas, farinha, açúcar. Uma panela Bundt também. Eu o encaro novamente. — Devemos fazer pão de banana?

Isso com certeza não vai contar para nenhum trabalho que preciso fazer, mas há anos não faço algo tão simples como pão de banana.

Max bate palmas.

Acho que estamos fazendo um maldito pão de banana.

Há uma receita antiga flutuando em minha mente, uma que eu costumava fazer para meu pai quando era criança. Este pão é quase como um bolo com o centro úmido e suplementos doces.

Lavando minhas mãos e depois as de Max, coloco o balcão ao lado dele,

deixando-o ver e tocar o quanto quiser. Desmontando a base da batedeira, coloco-a bem na frente dele.

— Tudo bem. Primeiro. Temos que amassar essas bananas.

Eu as descasco e jogo no fundo da tigela, mas Max chega a um ponto para pegar um punhado antes de esmagá-lo na boca.

Eu concordo. — Nunca cozinhei assim antes, mas estou aqui para isso.

Pegando um garfo na mão, pego para ele um bem menor que não faz merda nenhuma, mas pelo menos ele pode sentir que está participando.

Amassamos as bananas. Bem, *eu* amasso as bananas. Max meio que bate o garfo na tigela de metal.

— Excelente trabalho — reitero. — Quatro ovos. — Eu faço essa parte. Não creio que suas mãozinhas conseguiriam agarrar um ovo ainda. — E um pouco de óleo de canola. — Enchendo um dos copos medidores, estendo-o para ele pegar, certificando-me de cobrir sua mão com a minha.

Quero que ele sinta que está fazendo isso. Quem sabe, talvez ele esteja aprendendo. Eu adoraria aprender sobre cozinha com minha mãe, mas ela não estava por perto para me ensinar da mesma forma que a mãe de Max não está aqui para ensiná-lo.

Colocamos o óleo na mistura, perdendo um pouco na bancada ao longo do caminho, então adiciono mais um pouco para garantir.

Fazemos o mesmo com o açúcar e o sal. Adicionando bicarbonato de sódio e um pacote de pudim de baunilha instantâneo. De jeito nenhum eu conseguiria adicionar pudim instantâneo a uma receita de trabalho, mas estamos cozinhando para *nos divertir,* algo que não faço há anos. E é especialmente divertido quando Max joga a farinha na tigela e uma grande nuvem de farinha voa por causa disso, cobrindo-o com uma camada branca.

Ele ri histericamente e não posso deixar de me juntar a ele. Seu cabelo

castanho bagunçado está empoeirado, sua camiseta está coberta, mas há um sorriso gigante em seu rosto enquanto ele tenta sugar ar suficiente para respirar em meio à risada.

— Bug, acho que precisamos comprar um avental como o meu para você.

Ele dá mais uma risadinha, e eu adoro o som. É claro que sua família parecerá um pouco diferente da de seus amigos quando ele chegar à escola. Ele provavelmente perceberá que muitas crianças na TV têm pai e mãe, mas Max tem uma boa família. Ele é feliz e eu não poderia querer nada melhor para ele.

Tiro sua camiseta e o deixo viver sua melhor vida de criança nua antes de acrescentar um pouco mais de farinha à mistura. Carregando-o e a tigela, eu a prendo na base da batedeira e deixo que ele me ajude a ligá-la.

Seus olhos azuis se arregalam e sua boquinha se abre quando ele vê e ouve a batedeira começar a funcionar. Não fico observando os ingredientes. Eu só o observo, porque não me canso de vê-lo experimentar essas coisas pela primeira vez. Há muita alegria em seu rosto doce e eu me sinto da mesma forma.

Feliz e animada enquanto estou cozinhando.

Já era hora de sentir isso novamente.

Normalmente, gosto de nozes quando se trata de pão de banana, mas opto por gotas de chocolate nesta receita. Deixo que ele as coloque à vontade, observando que as duas que ele coloca na massa são equilibradas pelas duas que ele enfia na boca a cada vez.

Coloco a forma Bundt no forno pré-aquecido, com uma estranha sensação de orgulho e ... *alívio* fluindo através de mim, porque eu realmente terminei uma sobremesa que eu tenho uma boa sensação de que não vou estragar durante a próxima hora enquanto ela assa.

Mas então eu me viro e vejo o desastre absoluto que fizemos na cozinha. Max está de volta ao balcão, continuando a comer as lascas de chocolate que

peguei para ele, e não posso deixar de sorrir com a vista.

Meus professores de culinária teriam morrido se minha estação estivesse tão bagunçada na faculdade. Teriam gritado comigo, repreendido. Eu me tornei mais resistente com o tempo que passei no setor de restaurantes. A limpeza e a organização são as regras número um e dois nas cozinhas em que presto serviços. Além da única toalha que mantenho sobre meu ombro, não toco em nada. Meu cabelo é bem preso, meu uniforme é impecável e minha pele é protegida.

Mas tenho um bebê nu aqui, meu cabelo está bagunçado no alto da cabeça e não poderia me sentir mais eu mesma.

Pouco mais de uma hora depois, quando a porta da frente se abre, tenho um pedaço de pão fatiado para nós com manteiga derretendo por cima. Kai entra, após o treino, esgueirando-se por trás de seu filho.

— Você está nu? — ele pergunta, fazendo cócegas na barriga de Max e cobrindo seu rosto de beijos.

Max se mexe em suas mãos, rindo.

— Maxie pelado, o que você está fazendo? — Seu pai o pega no colo, segurando-o contra o peito. Os bracinhos de Max imediatamente envolvem seu pescoço e eu tenho que desviar o olhar para não babar ao ver Kai segurando seu filho enquanto usa aquele maldito boné para trás.

— Olá, Mills — diz ele.

Volto minha atenção para ele. — Oi.

Ele coloca Max em um antebraço incrivelmente cheio de veias quando usa a barra da camiseta para enxugar o suor de verão da testa.

Ele deve estar brincando com isso. Como ele não esteve com ninguém desde que Max apareceu? Tudo o que ele precisa fazer é ficar na porta da frente, abraçar o filho e talvez tirar a camiseta. Todas as mulheres da vizinhança viriam

correndo. É como assistir pornografia de pai solteiro.

— O que vocês fizeram?

— O quê?

Um sorriso irritantemente presunçoso, mas bem-merecido, desliza por seus lábios. — O que vocês fizeram, Miller?

— Pão de banana.

Suas sobrancelhas se levantam junto com um sorriso animado. — Você terminou uma sobremesa nova?

É fofo o quanto ele quer isso para mim. Ele pode não entender os detalhes de tudo isso, especialmente porque está perguntando se vou incluir pão de banana feito com pudim instantâneo em minha pasta *Food & Wine*, mesmo assim é doce.

— Não é nova, mas terminei sem queimá-la, então isso é uma vantagem. Max também ajudou.

— Você ajudou? — Kai pergunta ao filho.

Max decide ser tímido, mas vejo o sorrisinho orgulhoso que ele está exibindo.

— Você quer provar? — eu pergunto.

— Absolutamente. Você já comeu?

— Ainda não.

— Bem, você come um pedaço primeiro, então eu irei.

— Por quê? — Eu rio. — Com medo de que eu esteja tentando envenenar você ou algo assim?

— Não, mas você trabalhou duro em alguma coisa e não fo... estragou no processo. Você deveria provar.

— Gosto de cozinhar para outras pessoas.

E há muito tempo que não cozinho para ninguém além dos críticos. É quase como se eu tivesse esquecido que minha parte favorita da culinária é alimentar as pessoas que amo. Nem sempre sou muito boa em expressar meus sentimentos, então costumo contar a eles através de seus estômagos.

Não é de admirar que nada tenha funcionado ultimamente.

— Max primeiro, porém — eu digo, soprando um pouquinho para prepará-lo para ele.

Ele abre bem a boca para pegar meu garfo e cantarola quando ele atinge sua língua.

— Tudo bem, com essa crítica elogiosa, acho que preciso de um pouco — Kai interrompe.

Eu pego outra garfada para ele.

— Você não vai me alimentar com isso? — Ele tem um sorriso diabólico, mas o meu é muito mais travesso.

— Oh, vou alimentar você. Tudo que você precisa fazer é pedir.

— Jesus — ele ri. — Dê-me o maldito pão de banana.

Não sei por que, mas não lhe entrego o garfo. Em vez disso, eu o guio até sua boca, alimentando-o.

Seus olhos permanecem fixos nos meus, seus lábios envolvendo o utensílio e há algo tão estranhamente erótico em tudo isso.

— Miller. — Ele mastiga, seus olhos se arregalando. — Oh, meu Deus, isso é incrível.

— Realmente?

Isso é o que eu perdi. Ver a pura alegria quando o açúcar atinge a língua de alguém.

— Sim. Esse é o melhor pão de banana que já comi. Eu nem sei se você deveria chamar isso de pão. É mais como um bolo e eu quero comer tudo.

— Uau.

— Não, é sério. Dê-me outra mordida.

Rindo, eu faço exatamente isso, alimentando-o novamente.

Ele geme e caramba se eu não tiver que apertar minhas pernas ao ouvir o som.

— Você tem que experimentar — ele insiste.

Usando o mesmo garfo que estava em sua boca, dou uma mordida. Posso senti-lo me seguindo como se estivesse pensando o mesmo que eu sobre meus lábios estarem exatamente onde os dele estavam.

E *uau*, ele está certo. É bom. É *muito* bom. Acho que pode ser melhor do que a versão que eu fazia quando era mais jovem.

— Você tem razão. — Dou outra mordida antes de beliscar a barriga exposta de Max. — Bom trabalho, Bug.

A grande mão de Kai se curva em volta da minha nuca, atraindo minha atenção para ele, onde encontro seu olhar todo suave. Seu polegar acaricia suavemente o ponto pulsante na lateral da minha garganta antes de me dar um aperto suave. — Bom trabalho, Mills.

Uau. Uma estranha onda de emoção toma conta de mim, dominando meus sentidos.

O que diabos é isso?

Não consigo me lembrar da última vez que me disseram que eu estava fazendo um bom trabalho na cozinha, e Kai disse isso com tanta naturalidade. Com tanta confiança. Isso me faz querer cozinhar mais para poder ouvir isso novamente.

E, sem hesitar, eu concordo com ele. Eu fiz um bom trabalho.

CAPÍTULO 20

Kai

O cheiro quente e doce de açúcar me atinge assim que saio do banho. É o mesmo cheiro que sinto todos os dias desde que Miller fez aquele pão de banana. Ela não parou de cozinhar, mantendo minha casa constantemente cheia de tortas, doces e outras sobremesas frescas, e eu os tenho levado para o campo, precisando tirá-los de casa antes que não possa mais caber em minhas calças de beisebol.

Mas eu amo isto. Adoro vê-la fazer sua mágica na cozinha. É como se ela tivesse sido picada por um inseto e não conseguisse parar. Aparentemente, nada do que ela fez até agora a ajudou com as receitas que ela precisa criar para o artigo *Food & Wine,* mas ela está genuinamente feliz na cozinha novamente, e não posso deixar de notar a diferença em seu rosto desde a primeira noite em que a encontrei lá, perturbada por muitas sobremesas fracassadas.

Enrolando uma toalha na cintura, viro o corredor e encontro Max vestido com um avental minúsculo, sentado no balcão da cozinha de frente para Miller enquanto ela fala com ele colocando pedaços de massa de biscoito em uma assadeira. Ela está toda jeans hoje, de volta ao seu macacão de costume. Percebi que ela só tem quatro ou cinco para trocar, mas esse pode ser o meu favorito, mostrando suas coxas grossas.

Max me pega escutando, fazendo seus olhos azuis brilharem e seu sorriso crescer. Eu deveria voltar para o meu quarto e vestir alguma roupa, mas só quero estar perto deles.

— O que estamos fazendo hoje?

— Biscoitos com gotas de chocolate. — Miller fica de costas para mim, continuando a distribuir cada um.

Segurando as bochechas do meu filho, dou-lhe um beijo na cabeça antes de me aproximar, prestes a fazer o mesmo com a babá, até que, no meio do caminho, eu me dou conta de que estou totalmente fora de mim neste momento.

O que diabos estou fazendo? Muito confortável. Muito confortável.

Felizmente, ela não percebe nada disso enquanto eu cerro as mãos ao lado do corpo.

— Bem, tecnicamente são biscoitos com M&Ms. — Ela aponta para a prateleira de resfriamento, onde uma dúzia de biscoitos estão prontos. — Você pode levá-los para os garotos no treino hoje.

Vou levá-los para meus companheiros de equipe, mas de jeito nenhum eles serão os primeiros a experimentá-los. É uma das vantagens de Miller morar comigo.

Ao meu lado, quero dizer. Morar ao meu lado. Embora eu odeie que ela durma ao ar livre, e já deixei isso perfeitamente claro em várias ocasiões.

Pegando um biscoito da grelha, dou uma mordida e, o que não é nenhuma surpresa, eles são incríveis. — Muito bom, Miller.

Aquele sorriso irrompe em seu rosto enquanto ela continua a trabalhar. Sei que não é o tipo de coisa sofisticada pela qual ela é normalmente elogiada, então o elogio pode parecer sem importância, mas vejo como ela fica orgulhosa ao saber o quanto as pessoas ao seu redor gostam do que ela está fazendo.

Há M&Ms perfeitamente posicionados no topo e, em uma rápida olhada, você presumiria que Max está ajudando com essa parte. Mas tenho certeza, a julgar por suas mãos já pintadas de amarelo, laranja e verde, que os M&Ms que ele está pegando vão direto para sua boca.

Eu o pego do balcão, na esperança de apaziguar a onda de açúcar logo pela

manhã, e finalmente a atenção de Miller se volta para mim pela primeira vez hoje.

Seu olhar começa no braço em que meu filho está pousado, depois desce até onde a toalha encontra a pele nua ao redor dos meus quadris. Eu a vejo traçar minhas tatuagens com sua atenção antes de seus olhos saltarem sobre meu abdômen como se ela estivesse contando cada músculo em seu caminho até meu peito.

— Meus olhos estão aqui em cima, Montgomery.

— Sim, eu sei.

Eu rio. — Já terminou de me examinar?

Com os olhos ela refaz o mesmo caminho. — Se continuar andando por aqui apenas com uma toalha a resposta continuará sendo um sonoro não.

Finalmente, sua atenção encontra a minha, mas tudo o que ela faz é morder o lábio e balançar as sobrancelhas, nunca se esquivando de me dizer o quão atraente ela me acha.

É muito bom ser olhado do jeito que ela olha para mim, especialmente por uma mulher como Miller. Linda, bem-sucedida, poderia ter o homem que quisesse, mas está olhando para *mim.*

— Então, como devo chamá-los quando entregá-los aos meninos? — Eu mudo de assunto. — Biscoito com M&Ms?

Miller tira o cabelo do rosto do meu filho sentado em meu braço. — Nós os chamamos de biscoito *Max & Miller*. O biscoito M&M. Desculpe, Baseball Daddy, mas você está fora dessa.

— Na verdade, eu também sou um ‘M’. Meu nome completo é Malakai, então acho que também conto.

— Seu nome é Malakai?

Eu concordo.

— Malakai Rhodes — diz ela, como se estivesse testando a sensação na língua. — Esse é um bom nome.

É um nome especialmente bom quando ela o pronuncia naquele tom profundo e rouco que espero ouvir todos os dias.

— Acho que estes poderiam receber o nome de vocês dois, então — ela continua. — M&M. Max e Malakai. Isso soa muito bem.

E Miller.

Max, Malakai e Miller.

Mas não digo isso em voz alta porque minha mente já está criando muitos cenários ridículos ao ver essa mulher com meu filho em minha casa, principalmente quando ela não tem vontade de ficar.

* * *

Os domingos sem jogos são sempre agradáveis, mas durante a temporada regular raramente há um dia em que eu não esteja no campo. Hoje é um dia de treino leve, com todos indo ao campo para treinar o que precisam. A maioria dos rapazes pratica um pouco de rebatidas, mas tenho um rebatedor designado que se encarrega dessas tarefas por mim e, com certeza, não sou o cara que vai lançar bolas de 50 a 60 quilômetros por hora sobre o *home plate*.

Normalmente, esses dias são passados correndo, fazendo um pouco de fisioterapia na sala de treinamento, depois de passar por um punhado de sequências de arremessos, tentando voltar para casa o mais rápido possível. Pelo menos, era assim que costumava ser. Mas, no último mês, eu não tive pressa, assisti aos meus companheiros de equipe baterem bola enquanto todos nós conversávamos antes de me dedicar à minha fisioterapia, deixando-a fazer o que

precisa ser feito.

Houve uma mudança. Estou curtindo o jogo novamente, cada parte dele. Estou satisfeito, o que é uma coisa estranha de se sentir depois de me estressar nos últimos dez meses, convencido de que não estava fazendo o suficiente como pai.

Mas Max está feliz. Estou feliz, e há um denominador comum para isso.

— Maldição, Trav — meu irmão diz com desgosto. — Parece que você nunca usou um taco na vida.

— É domingo — Travis grita por cima do ombro enquanto se posiciona na base mais uma vez. — Já passei dessa fase. Estou cansado e pronto para ir para casa.

— Nova regra! Você acerta um *home run* e ganha um biscoito. — Cody segura o recipiente Tupperware cheio de biscoitos de Miller do nosso lado, atrás da gaiola de batedura.

As sobrancelhas de Travis se erguem sob seu capacete antes de apontar o bastão para o campo esquerdo e o próximo arremesso que surge em sua direção é enviado para aquela seção exata. Travis joga seu equipamento de rebatidas e corre para pegar um biscoito, seus olhos revirando com um gemido exagerado quando ele derrete em sua língua.

— Se eu soubesse que a confeitaria da minha filha faria com que vocês batessem assim, eu a teria pedido para me fazer sobremesas durante a noite há anos. — Monty se junta a nós, pegando um biscoito para si.

— Ei! — Isaiah chama. — Você tem que acertar um *home run* para ganhar um biscoito.

Monty olha para meu irmão. — Eu não tenho que fazer merda nenhuma. Eu criei a garota e poderia colocar você no banco se quisesse, Rhodes.

Isaiah aponta para o Tupperware. — Pegue todos os biscoitos que desejar,

senhor.

Cody guarda os biscoitos de Miller, tratando-os como um prêmio sagrado a ser conquistado enquanto o time volta para o *home plate*, observando o próximo rebatedor.

Paro ao lado de Monty. — Você vai parar de assustar meu irmãozinho?

— Não. É assim que nosso relacionamento funciona. Eu amo esse merdinha, mas não preciso que ele saiba disso. — Ele dá uma mordida no biscoito na mão. — Maldição. Quase esqueci como ela é boa nisso.

— Sim — eu exalo. — Por um momento, acho que ela também esqueceu.

Posso sentir o olhar de Monty atingindo o lado do meu rosto enquanto observo o campo, fingindo não estar consciente do pai de Miller me observando.

— O que a fez começar a preparar receitas antigas de novo? — Seu tom está cheio de suspeita.

— Não tenho certeza.

— Por que você não está olhando para mim?

Balanço a cabeça, os olhos na base. — Ainda não tenho certeza.

Monty é meu amigo, mas estaria mentindo se dissesse que ele não é intimidador. Já estou paranoico de que ele vá me acusar de estar muito apegado à filha ou pensar que estou tentando convencê-la a ficar na cidade quando a última coisa que ela quer é compromisso.

— Ace, por que minha filha está cozinhando esse tipo de coisa todos os dias em vez de trabalhar nas receitas do artigo?

Ele claramente não vai deixar isso passar, então, finalmente, eu me viro para encará-lo. — Acho que talvez seja Max.

Monty aperta os olhos confuso.

— Acho que ela gosta de mostrar ao Max o básico, deixando-o ajudar de

alguma forma. Ele está na cozinha com ela todos os dias. — Um sorriso surge em meus lábios. — Ela até comprou para ele seu próprio avental com dinossauros por toda parte. Tenho certeza de que ela voltará a trabalhar em outras coisas em breve, mas por enquanto, eles estão se divertindo fazendo isso juntos.

Um sorriso suave surge no rosto de Monty. — Bom. Isso é o que a deixa feliz, nem toda aquela besteira *frou-frou* que as pessoas pagam para ela fazer.

Huh?

Minha sobrancelha se levanta em compreensão. — Você estava planejando isso?

— Não sei do que você está falando. — Ele dá outra mordida para não falar enquanto fica de frente para o campo, fingindo estudar os rebatedores.

— Você quer que Miller deixe o emprego, não é?

— Eu não disse isso.

— Mas você está pensando nisso.

— Quero que minha filha seja feliz, assim como você quer que o seu seja. Eu acho que ela ficaria mais feliz fazendo esse tipo de coisa todos os dias, em vez de viver no estresse da vida em um restaurante sofisticado? *Sim*. Eu sabia que ela não seria capaz de evitar alimentar as pessoas que ama? *Também sim*. Eu pensei que passar um verão inteiro com seu filho de dezesseis meses a faria voltar ao básico, sabendo que ele não comeria nada daquelas coisas chiques? Talvez eu tenha pensado isso.

Eu começo a rir. — Você é um perturbador de merda, sabia disso?

— Eu sou pai — ele corrige.

Cruzando os braços, nós nos espelhamos, ambos olhando para o campo. — Ela os chamou de biscoitos Max e Miller.

— Hum.

— O quê?

— Não disse nada.

— Você cantarolou.

— Um homem pode cantarolar.

— Esse foi um zumbido suspeito.

— Era um zumbido normal. Você está apenas sendo paranoico e quer encontrar maneiras de continuar falando sobre minha filha.

Eu zombo. — Foi você quem a criou primeiro.

Sua boca se curva ligeiramente para um lado.

— Alerta de Hot Nanny! — Cody grita. — Você nos trouxe mais biscoitos?

Sigo sua linha de visão para encontrar Miller subindo freneticamente as escadas do banco de reservas e entrando no campo com meu filho pendurado no quadril.

Meu coração afunda instantaneamente com a visão.

— O que há de errado? — eu grito. — O que aconteceu? — Corro até ela, encontrando-a rapidamente, embora pareça uma eternidade antes que eu possa colocar minhas mãos em ambos. O pânico percorre minhas veias enquanto verifico meu filho de cima a baixo. — Ele está bem? — Minha atenção se volta para ela, minha palma roçando seu cabelo. — Você está bem?

— Max está bem.

Meu estômago revira de alívio, como se eu tivesse acabado de cair do topo de uma montanha-russa, e preciso deixá-lo nivelar antes de poder falar novamente. — Você está bem? O que está acontecendo?

— Acho que ele está prestes a andar. — Ela ofega, o que me diz que veio correndo do estacionamento até aqui. — Estávamos brincando lá fora, e ele

estava usando o toboágua para se equilibrar quando, de repente, ele se soltou e parecia que ia dar um passo em minha direção, mas eu o peguei antes que ele conseguisse. Acho que eu não deveria ter feito isso. Todos aqueles grupos de mães on-line provavelmente me repreenderiam por isso, e tenho certeza de que todos os seus livros sobre paternidade me chamariam de incapaz, mas eu não podia deixar você perder isso.

Miller está frenética, suas palavras tropeçando sem uma única respiração enquanto ela procura em meu rosto a minha reação, como se ela realmente achasse que eu poderia estar chateado por ela tê-lo impedido.

— *Jesus*. — Virando a aba do meu boné para trás, coloco minha testa na dela, rindo de alívio sem entusiasmo. — Você me assustou pra caralho.

— Você não vai me chamar de desqualificada e se recusar a me deixar cuidar dele pelo resto do verão porque eu o impedi de andar?

Afastando-me, afasto seu cabelo do rosto, colocando-o atrás da orelha. — Se você não está qualificada, eu também não estou. — Minhas sobrancelhas franzem. — E você realmente acha que possuo um livro sobre pais solteiros?

Uma risada borbulha dela.

— Você dirigiu até aqui?

Ela balança a cabeça contra a palma da minha mão enquanto ela descansa em sua bochecha. — Você não pode perder seus primeiros passos.

Maldito inferno.

Agora que a adrenalina está baixando, meu peito dói fisicamente por causa dessa mulher. Ela é boa demais para nós, boa demais para *mim.*

— Maxie! — meu irmão grita, quebrando o feitiço de estar perto dela e me lembrando que toda a minha equipe está assistindo, incluindo o pai de Miller. — O que você está fazendo aqui?

Eu exalo, finalmente olhando para longe dela e de volta para os caras atrás

de mim. — Aparentemente, ele está prestes a andar.

Há um frenesi na placa base. Essa equipe está aqui desde o dia em que descobri que meu filho existia. Eles estão entusiasmados com cada marco, e este não parece diferente.

— Traga-o aqui e vamos ver! — Travis grita em nossa direção.

— Sim, deixe-o se sentir como seu tio, caminhando para casa depois de percorrer as bases!

— Bem, se estamos buscando perfeição — Monty interrompe. — Talvez deixe-o ficar em segundo, já que Isaiah não contornou essa base nenhuma vez nos últimos cinco jogos.

A equipe explode novamente, dando merda ao meu irmão.

— Nossa, Monty. — Isaiah leva a mão ao peito. — Vá em frente e admita que você está obcecado por mim, acompanhando minhas estatísticas dessa maneira.

Um leve sorriso aparece no canto do lábio de Monty.

Miller entrega meu filho para meu irmão antes que ela encontre Kennedy com um aceno adoravelmente animado. Ela toma seu lugar ao lado do pai, e Monty passa um braço sobre seus ombros, ficando juntos para assistir. O resto dos garotos não resiste, deixando seus lugares atrás da gaiola de batedura para criar um semicírculo ao redor do *home plate*.

Eu me agacho logo atrás dele, de frente para a linha da terceira base, quando Isaiah coloca Max no chão, a poucos metros de mim. Meu filho ainda segura firmemente os dedos do meu irmão, usando-os para se equilibrar, mas ele está olhando diretamente para mim, todo bobo com dentes de leite.

— Vamos, Bug, venha. — Eu estendo meus braços para ele. — Venha me pegar.

Isaiah afasta os dedos, mas segura-se por um momento, deixando Max

equilibrar-se antes de se soltar totalmente. Este é normalmente o momento em que Max cai de bunda para engatinhar, mas ele mantém os olhos diretamente em mim, com os joelhos bambos tentando mantê-lo em pé.

Ninguém fala. É um silêncio absoluto em um campo que há poucos momentos estava turbulento como o inferno, com um time de beisebol trocando merda. Agora, eles simplesmente ficam atrás de mim, esperando ansiosamente que um bebê de dezesseis meses faça sua jogada.

— Max. — Faço um gesto com as mãos. — Vamos. Você consegue.

Com as mãos no ar para se equilibrar, ele dá um passo trêmulo com o pé direito para frente. Toca o chão antes que ele faça o mesmo com a esquerda.

Posso sentir o sorriso se alargando em meu rosto. — Aí está. Você está fazendo isso! Continue!

Os meninos atrás de mim estão agitados de excitação. A antecipação parece semelhante à de uma nona entrada importante, quando estamos com nosso melhor rebatedor na base, em busca de uma vitória imediata. Achei que para eles são simplesmente os primeiros passos de uma criança. Mas para mim, é um lembrete não tão gentil de que ele está bem. Ele está crescendo e eu não estou estragando tudo. Então, embora eu estivesse esperando por esse dia há meses, não sabia que os meninos ficariam tão animados quanto eu.

Certa vez, presumi que não tinha ninguém com quem comemorar os bons momentos e não poderia estar mais errado. Eu tive esses caras o tempo todo.

Max está se debatendo como um *João Bobo* que você vê em uma concessionária de automóveis, mas é capaz de manter a estabilidade. Ele dá um passo à frente com o pé direito, cambaleia e se estabiliza antes de trazer o pé esquerdo para frente também.

— Sim, Max! — o primeiro grito ressoa atrás de mim.

— Bom trabalho, Max. — O sorriso no meu rosto está se partindo. — Mais

dois grandes passos e você está aqui.

Deus, meu peito poderia explodir com a quantidade de orgulho que flui através de mim. Ele está fazendo isso. Ele está realmente fazendo isso.

Então seus pezinhos, enfeitados com Vans xadrez, dão mais dois passos na base, direto para o berço dos meus braços estendidos.

A equipe enlouquece atrás de mim.

— Muito bom, Bug! — A risada que expiro é cheia de alívio quando o abraço perto do peito, cobrindo-o de beijos.

Quando estou com ele nos braços, os meninos comemoram mais alto do que jamais ouvi. O barulho é quase ensurdecedor quando eles pulam um sobre o outro, empurrando um ao outro no peito como se tivéssemos acabado de ganhar um jogo enorme ou algo assim.

— Vamos, porra! — Isaiah joga a cabeça para trás, com os braços abertos.

Vou lembrá-lo de xingar na frente do meu filho mais tarde; por enquanto, quero comemorar.

O barulho é demais para ele e o rosto de Max derrete, seu lábio inferior balançando antes de soltar um gemido gigante.

— Oh, amigo — eu acalmo, tentando encobrir minha risada. Eu o puxo para meu peito, passando a mão em seus cabelos. — Tudo bem. Eles estão muito animados por você.

Os aplausos cessam imediatamente. Demora um segundo, mas logo o rosto de Max salta do meu ombro para olhar para todos eles mais uma vez e seu sorriso de bochechas rechonchudas está de volta, embora seus olhos azuis estejam com bordas vermelhas.

Os meninos comemoram novamente, mantendo o volume em um nível menos assustador, e enquanto sufocam meu filho com atenção, olho por cima do ombro, procurando por Miller.

Ela estava com Monty, mas agora ele está sozinho.

— Pegue-o por um minuto — digo ao meu irmão, entregando meu filho. Deslizo para trás da gaiola de batedura e vou direto para o meu treinador. — Para onde ela foi?

Um sorriso irritantemente conhecedor surge em seus lábios. — Ela acabou de sair. Perguntou se o treino havia acabado e disse que achava que você queria levar Max para casa com você.

Antes que ele possa acrescentar mais alguma coisa, vou até o banco de reservas, pulo as escadas e corro pelo corredor de onde ela veio originalmente. Posso ver a bainha desgastada de seu macacão assim que entro no túnel que leva aos escritórios, ao clube e, eventualmente, ao estacionamento.

— Miller! Espere.

Ela se vira enquanto eu continuo a persegui-la, as pontas das minhas chuteiras batendo no chão.

— Aonde você está indo?

Ela joga o polegar por cima do ombro, apontando para o estacionamento. — Para casa.

Casa.

— Quero dizer, para *sua* casa — ela se corrige.

Continuo correndo e assim que consigo alcançá-la, puxo-a para o meu corpo, ambos os braços envolvendo seus ombros. — Você o viu? — eu pergunto, minhas palavras ligeiramente abafadas em seu cabelo. — Você o viu andar?

Ela acena contra mim, seus braços serpenteando em volta da minha cintura. — Ele se saiu tão bem.

— Obrigado. Por trazê-lo para mim. Estou tão feliz por não ter perdido isso.

— Eu prometi a você.

Demoro um pouco mais do que provavelmente deveria, mas não há ninguém por perto para me lembrar de parar de me apegar tanto a essa mulher, então fico, segurando-a em um abraço por mais um momento. Eventualmente eu me afasto, minha mão ainda segurando sua nuca só para me dar permissão para tocá-la de alguma forma. Não sei o que mais há para dizer, mas também não quero que ela vá embora.

— Cody quer que você dê aulas de culinária para ele — é o que digo.

— Realmente?

— Sim. Você sabe como ele é, sempre tentando coisas novas.

— Eu adoraria ensiná-lo! — Há tanta excitação em seu tom, tanta ansiedade em seu rosto.

— Vou avisá-lo. Vocês poderiam fazer isso em casa algum dia.

— Seria ótimo. — Seus olhos verdes brilham sob as luzes fluorescentes do corredor. — O único momento em que posso ensinar as pessoas é nas cozinhas para as quais sou contratada, mas tudo isso envolve muita habilidade. Acho que seria divertido ensinar o básico a alguém. Bem, alguém que não seja Max. — Ela termina com uma risada suave.

Miller está brilhando. Quero dizer, ela está radiante como um maldito bastão luminoso com a perspectiva.

Passo meus dedos pela nuca dela, lembrando a nós dois que ainda a estou tocando. Minha outra mão sobe para segurar sua mandíbula, meu polegar roçando seu lábio inferior enquanto meu corpo se inclina sutilmente sobre o dela.

— Kai — ela sussurra.

— Hum?

— Você vai me beijar?

— Pensando nisso.

— O que aconteceu com sua regra de não beijar mais?

— Querendo quebrá-la.

Ela balança a cabeça, o movimento faz com que meu polegar puxe seu lábio inferior, puxando-o para baixo, e porra, se eu não quero colocar isso em minha boca e chupá-lo.

— Sempre odiei essa regra — diz ela.

Mas antes de decidir o que vou fazer, o túnel se enche de vozes ecoantes de meus companheiros vindos do campo para cá. Miller pega minha mão que estava em seus lábios e dá um beijo casto na parte interna da palma da minha mão antes de soltá-la e cair ao meu lado.

Mantemos nossa atenção um no outro enquanto os corpos passam por nós em direção à sede do clube.

Recebo alguns tapinhas na minha bunda enquanto eles passam, Miller recebe alguns ‘Hot Nanny’ que eu odeio, e meu irmão me dá uma piscadela por cima do ombro enquanto leva Max para o clube com ele.

Coço a nuca, sabendo que preciso ir. — Então... hum, Max e eu não estaremos em casa esta noite. Jantamos em família.

— Ah, com Isaiah?

— Não, com meus amigos, mas por algum motivo chamamos isso de jantar em família. Acontece todos os domingos à noite e vou quando estou na cidade.

— Ok. Bem, divirta-se e vejo você mais tarde. — Ela dá um aperto rápido na minha mão, voltando-se para o estacionamento.

— Ei, Miller. — Ela mais uma vez para mim, e eu estou preso aqui esfregando meu pescoço como um idiota nervoso. — Você gostaria de vir comigo?

Aquele sorriso maroto está de volta. — Em que sentido você está me pedindo para ir com você?

— Tire sua mente de adolescente da sarjeta. Você gostaria de vir para um jantar em família comigo?

— Você precisa de ajuda com Max?

— Não.

Posso vê-la ficando tensa daqui, talvez pensando que meu convite significa mais do que deveria. Na verdade, não tenho ideia do que isso significa além de querer ela lá.

— Se isso faz você se sentir melhor — continuo. — A única razão pela qual quero você lá é para poder provar ao meu pessoal que posso passar um mês inteiro sem demitir uma babá. Não tem nada a ver comigo gostar da sua companhia.

Ela reprime um sorriso. — E quantos do *seu* pessoal estarão lá?

Se ela for, todos eles.

— Cinco ou seis. Mais ou menos, dependendo se Isaiah aparecer. E todos eles presumem que estamos atentos sobre isso.

— Se dependesse de mim, eles estariam certos.

Eu a ignoro de propósito, porque já estou lutando comigo mesmo aqui e sua aprovação constante não está me ajudando a lutar contra esse desejo.

— Eu me divertiria mais se você estivesse lá — acrescento. — Lembra daquela diversão que você me prometeu? Você sabe, porque sou um pai solteiro sobrecarregado e cansado que não sabe como se soltar e tudo mais.

— Tiro barato, Rhodes, mas tudo bem, eu irei com você.

Um sorriso muito satisfeito surge em meus lábios.

— Pare de sorrir. Isso está me assustando. — Ela mais uma vez se dirige

para a saída. — Você está dirigindo. Sou muito melhor como princesa passageira, então me pegue em casa.

Observo enquanto Miller sai, voltando para sua van, e porra, eu amo que o termo *casa* continue escapando de sua boca.

CAPÍTULO 21

Miller

Esta casa é legal. Semelhante à casa de Kai, que fica a apenas dez minutos de distância, mas um pouco maior. Na curta viagem, descobri que os proprietários são um jogador local da NBA e sua noiva, e que também conheceria outro cara que joga no time da NHL de Chicago, assim como *sua* noiva.

Eu estou nervosa.

Hesitei em concordar quando Kai me convidou no estádio, mas esse nervosismo só aumentou durante a viagem até aqui. Conhecer os amigos mais próximos do pai para quem sou babá não parece exatamente o verão sem compromisso que planejei. Na verdade, este jantar parece uma grande coisa.

Ao mesmo tempo, há uma pressão estranha em meu peito, esperando que eles gostem de mim. Não consigo me lembrar da última vez que me preocupei com a aceitação. Nunca fico no mesmo lugar por tempo suficiente para me preocupar se farei amigos ou não, mas isso parece diferente e não sei por quê. Não deveria importar se os amigos de Kai gostam de mim ou não, porque, em menos de um mês, eles não vão se lembrar de mim de qualquer maneira.

Kai abre a porta da frente sem bater, reafirmando o quanto ele se sente confortável com essas pessoas, e eu entro primeiro com Max pendurado no quadril. Mas dois passos no hall de entrada, quando ouço vozes, e paro.

— Vá em frente. — Ele aponta para a parte de trás da casa. — Acho que todo mundo está na cozinha.

Eu não me movo.

— Você está bem?

Eu concordo.

— Miller Montgomery. — Ele se vira para mim. — Você está... *nervosa?*

— Não.

Ele ri. — Oh, meu Deus, você está. A senhorita ‘*agarre meus peitos se isso vai ajudar você a se acalmar’* está nervosa com um jantar em família.

Não posso nem entrar na piada agora. É assim que me sinto.

Seu rosto suaviza. — Eles são pessoas legais, Mills.

Endireito meus ombros, a determinação colocada entre eles. — Tenho certeza que sim. Vamos.

O olhar confuso de Kai queima na minha cabeça, mas não vou revelar que estou nervosa porque não tenho amigos de verdade. Não há necessidade de explicar que a amizade leva à conexão que leva ao coração partido quando inevitavelmente sigo para a próxima cidade. Porque então ele perguntaria por que eu ficaria nervosa se fosse esse o caso e eu teria que tentar descobrir por mim mesma por que quero que os amigos *dele* gostem de mim, entre todas as pessoas.

Sou a primeira a ver todo mundo, parando na entrada da cozinha com Max no colo.

— Oi! — Ele acena para as outras quatro pessoas na sala, mas fico congelada no lugar quando todos os olhares pousam em mim. Então, a mão de Kai encontra minhas costas e uma estranha quantidade de paz toma conta de mim com esse simples gesto.

Mas esse é Kai. Sólido. Confiável. Sempre presente quando você precisa dele.

Mas neste verão, ele precisou *de mim.* Para ajudar com seu filho. Para fazê-lo se soltar. E agora, a situação mudou pela primeira vez em nosso... qualquer que seja a nossa situação.

O grupo de quatro se olha na cozinha, enquanto conversas silenciosas acontecem, antes que um homem alto com uma corrente no pescoço e tatuagens decorando seu braço abra um sorriso atrevido. — Bem, vocês três não são a família mais fofa que já vimos? — Ele termina com alguns golpes na testa direcionados ao homem ao meu lado.

Parecemos muito domésticos, eu segurando Max e Kai carregando a torta de limão e merengue que preparei.

— Miller, certo? — pergunta uma mulher de olhos verde-azulados e cabelos cacheados.

Eu levanto minha mão em um pequeno aceno. — Sim. A babá que ele não teve permissão de demitir e com quem agora está dormindo.

Um homem com olhos igualmente vibrantes se engasga com a bebida.

— Sim. Gosto dela — diz o primeiro homem tatuado.

— Ela está mentindo para vocês — Kai corrige.

Uma mulher loira com passos rápidos vem em minha direção. — É tão bom conhecer você! Meu nome é Indy — diz ela, apontando para trás. — Este é meu noivo, Ryan. Bem-vinda à nossa casa! E essa é minha melhor amiga, Stevie, e seu noivo, Zanders.

Eu gravo mentalmente esses nomes da melhor maneira que posso.

Homem com olhos oceânicos e bochechas sardentas: Ryan.

Mulher com esses mesmos atributos: Stevie.

Tatuagens e corrente: Zanders

E a bola loira de sol: Indy.

— Posso dizer oi para esse carinha? — Ela estende as mãos para Max e ele encontra o caminho para seus braços. — E deixe-me tirar isso de você. — Ela pega a torta de Kai. — Você fez isso, Miller? Parece incrível. Você quer uma

bebida? Eu fiz margaritas! Entre, fique à vontade.

Depois que os cumprimentos são ditos, a sala parece se acalmar, dando-nos um momento para entrarmos.

Mantenho minha voz baixa para que apenas Kai possa ouvir. — Ela parece... amigável.

— Ela vai fazer de você sua... *melhor amiga.* É assim que vocês chamam?

Eu rio. — Eu não sei, porra.

— Bem, ela fará de você sua amiga mesmo se você tentar resistir, então meu conselho é apenas siga em frente.

Uma pequena curva se instala em meus lábios com a ideia disso.

O polegar de Kai faz um círculo na parte inferior das minhas costas com seu jeito naturalmente calmante. — Você se sente um pouco melhor agora?

— Eles nos chamaram de fofos.

— Como eles ousam. — Sua cabeça se inclina para trás. — A última palavra que eu usaria para descrever você é *fofa.*

— Exatamente. Deus, você me conhece tão bem.

* * *

— Stevie, como está indo o centro para cães idosos? — Kai pergunta.

— Tem sido ótimo. Com a parceria da equipe... — ela aponta para Zanders — ... as doações têm sido incríveis e as adoções têm sido consistentes. — Sua sobrancelha se levanta. — Por que pergunta? Você pretende adotar?

Kai ri. — Um dia, eu prometo que vou. Assim que eu me aposentar oficialmente do beisebol, você será minha primeira parada.

— Combinado.

Indy usa o garfo para apontar para a fatia de merengue de limão quase no final em seu prato. — Miller, vou precisar desta receita. Na verdade, acho que vou precisar que você venha me ensinar algum dia. Nunca acertei o merengue.

— Eu adoraria. Ensinar é uma das partes favoritas do meu trabalho.

— Perfeito. — Ela leva a margarita aos lábios com um sorriso. — Faremos disso um dia das meninas. Stevie, você está dentro?

— Absolutamente.

Sento-me na cadeira com um sorriso nos lábios, e a palma da mão de Kai desliza sobre minha coxa por baixo da mesa, apertando-a. Quando minha atenção se volta para seu rosto, ele tem um sorriso suave nos lábios e me lança uma piscadela discreta.

Esta noite foi ótima. Os nervos desapareceram quase imediatamente.

Também ajudou quando Rio, companheiro de equipe de Zanders, apareceu e trouxe o humor. É minha maneira favorita de quebrar o gelo.

Mas tem sido especialmente bom porque Indy e Stevie são garotas legais, e é reconfortante ver o quanto os caras se preocupam com Kai e seu filho. Foi Ryan quem levou Max para cima e o colocou para dormir em um de seus quartos de hóspedes, onde, aparentemente, eles guardam um berço para noites como esta.

— E o casamento? — Kai pergunta a Ryan e Indy. — Como está o planejamento?

Ryan desliza a mão na de Indy, olhando diretamente para ela quando diz: — Ótimo. Estamos chegando perto. 12 de setembro.

— Miller, você ainda estará na cidade? — Indy pergunta, levantando a sobrancelha na direção de Kai. — Kai pode levar uma acompanhante.

— Ok, casamenteira — ele murmura baixinho.

Congelo pela primeira vez à mesa, porque o jantar com os amigos dele já

parecia muito íntimo e comprometido, mas ir ao casamento de um amigo próximo é uma categoria totalmente diferente.

— Não estarei, infelizmente. Parto no final de agosto.

Meus olhos se voltam para Kai e ele não está sorrindo.

— Falando em casamento e maridos — começa Rio, pegando sua segunda fatia de torta. — Miller, você está procurando um?

— Não, ela não está — Kai declara rapidamente ao meu lado.

— Droga, papai, eu só quis dizer por que a torta é tão boa que eu me casaria com ela por isso.

Kai se aproxima de mim, mas fala alto o suficiente para Rio ouvir. — Ele não quis dizer isso por causa da torta.

Rio suspira. — Você tem razão. Eu não quis. Eu só quero encontrar alguém que me ame. Isso é realmente pedir muito?

— Ah, Rio — Indy murmura ao meu lado. — Eu amo você.

— Obrigado, Ind. Pelo menos alguém ama.

— Eu também — Stevie fala.

— Eu também amo você, cara — acrescenta Zanders da cabeceira da mesa.

Rio olha direto para Ryan. — Ryan, e você?

Ryan olha ao redor da mesa, fingindo ter perdido toda a conversa. — Do que estamos falando?

Indy dá um tapa de brincadeira no peito dele e enquanto mais risadas e conversas fluem ao nosso redor, Kai se aproxima e puxa minha cadeira já próxima ainda mais para perto da dele.

— Está se divertindo? — ele pergunta em um tom abafado.

Nós nos inclinamos um para o outro, cada um de nós apoiando as bochechas

nas palmas das mãos e se olhando.

Eu aceno com um sorriso. — Estou. Obrigada por me trazer.

Ele observa meus lábios enquanto eu falo, prendendo o lábio inferior entre os dentes.

— Obrigado por ter vindo. Acho que este é meu jantar de família favorito até agora.

— Oh, é mesmo?

— Sim. Principalmente por causa da torta.

Dou-lhe um tapinha suave no braço.

— E por causa da garota que fez isso.

Ele olha para os meus lábios e eu olho para os dele antes que a porta da frente se abra, quebrando o nosso momento.

— Isaiah? — Kai pergunta, quando seu irmão entra valsando.

— Desculpe, estou atrasado!

Indy se levanta da cadeira. — Estou tão feliz que você conseguiu vir! Deixe-me pegar um prato para você. Nós comemos tacos. Você gosta de tudo?

— Você é um anjo, Ind. Obrigado.

Isaiah dá a volta na mesa, passando o braço em volta de Ryan, Zanders e Rio enquanto cumprimenta a todos, depois dá um beijo na bochecha de Stevie enquanto passa.

— Stevie, você está linda.

— Consiga sua própria garota, Rhodes — Zanders o adverte.

Isaiah se senta do outro lado de Kai. — Trabalhando nisso.

— O que você está fazendo aqui? — Kai pergunta.

— É jantar em família.

— Você não vem a um há semanas. E por que você está tão atrasado?

Isaiah se aproxima mais, para que apenas eu e seu irmão possamos ouvir.

— Você sabia que Kennedy não está mais usando o anel?

— Que anel? — eu pergunto.

— Ken costumava ter um diamante gigante no dedo anelar — explica Kai. — Não esteve lá durante toda a temporada.

— Você sabia? Por que você não me contou? E como diabos eu não percebi até hoje? Eu fico olhando para aquela garota o tempo todo.

— Achei que você tinha visto.

— Bem, eu vi hoje, e agora você está olhando para um homem mudado.

Kai e eu começamos a rir.

— Com licença, estou falando sério sobre isso.

— É por isso que você está aqui — Kai percebe.

— Sou um homem de família agora. Todos esses anos, eu realmente não tive nenhuma chance, porque ela estava noiva, mas agora tenho uma chance.

— *Tecnicamente,* você tem uma chance.

— Isso está acontecendo. A partir de hoje, você está olhando para um homem de uma mulher só. Eu estava apenas ocupando meu tempo todos esses anos, esperando que ela ficasse solteira.

— E por *ocupando seu tempo*, você está se referindo a ocupar sua cama? — eu pergunto.

Ele dá um rápido aceno de cabeça. — Sim, exatamente.

Kai e eu estamos com sorrisos totalmente divertidos, observando seu irmão playboy se transformar em um idiota apaixonado, mas esperançoso.

— Você não pode me culpar por fazer minhas coisas quando ela não estava

disponível, mas agora que ela está solteira... — Isaiah balança a cabeça, apontando para si mesmo. — Homem mudado.

Indy coloca um prato de tacos na frente de Isaiah antes de apertar seus ombros. — Que bom que você está aqui, Isaiah.

— Estarei aqui toda semana!

Eu me inclino para Kai. — Onde fica o banheiro?

Ele aponta para trás de nós. — Naquele corredor. Segunda porta à sua direita.

— Eu já volto.

A casa de Ryan e Indy é deslumbrante, moderna e elegante, mas também com muitos toques de luz. Eu me dedico a observar as obras de arte nas paredes enquanto ando pelo corredor. Vou ao banheiro e, enquanto lavo as mãos na pia, não consigo deixar de olhar para o meu sorriso de criança no espelho, porque esta noite foi divertida. Essas pessoas são divertidas. Não sei dizer qual foi a última vez que jantei em uma mesa em que a conversa era sobre algo diferente de mudanças no cardápio, frutas da estação ou tendências alimentares atuais.

Foi bom ter uma refeição em que eu era simplesmente a Miller em vez de a Chef.

Ao me virar, enxugo as mãos na toalha pequena quando minha atenção se volta para a peça emoldurada de ponto cruz pendurada na parede. O bordado no pedaço de linho é brilhante e feminino. A letra é feita em letra cursiva, usando uma linha rosa escuro e cercada por pequenas flores e corações.

Por favor, não use drogas em nosso banheiro, está orgulhosamente exposto.

Está tão fora de lugar nesse banheiro escuro e mal-humorado.

Eu adoro isso.

No caminho de volta, a conversa continua na sala de jantar, então vou até a cozinha para pegar outra margarita. Por estar na casa de um estranho, eu me

sinto estranhamente confortável o suficiente para me servir. Os amigos de Kai são descontraídos e fáceis de conviver, e é reconfortante ver o quanto eles acolheram tanto ele quanto Max no grupo.

Bato rapidamente no liquidificador para misturar novamente a margarita congelada antes de abrir o armário para pegar um novo copo. Só que a prateleira na altura dos olhos está vazia e os únicos copos disponíveis estão no alto, quase fora do meu alcance.

Levantando-me na ponta dos pés, estico-me o mais alto que posso, com a tensão puxando as alças sobre os ombros e fazendo com que o macacão fique na bunda. Meus dedos tocam a parte inferior da prateleira que preciso alcançar e uso a outra mão para me impulsionar para fora do balcão. Estou bem perto de colocar a mão em um copo quando um braço com veias me alcança.

— Já peguei — Kai diz antes de sua mão parar no copo, nós dois subitamente bem conscientes de nossa proximidade.

Seu corpo envolve o meu por trás, envolvendo cada centímetro da minha pele, e quando ele finalmente tira o copo da prateleira, ele o coloca no balcão, mas não recua. Ele mantém sua postura, apoiando as palmas das mãos contra o balcão de cada lado meu.

Caindo sobre meus calcanhares, cada centímetro de sua frente toca minhas costas. — Obrigada — eu digo de alguma forma.

— Hum-hmm. — Seu peito ronca com um zumbido e eu sinto o ruído em cada nervo do meu corpo.

Minha bermuda está tão enfiada na minha bunda agora, mas nem me importo com o corpo de Kai cobrindo o meu. Dando-lhe permissão para ficar, inclino-me ligeiramente para trás, com a cabeça apoiada no plano largo de seu peito.

Ele inala e fala em um sussurro, com seus amigos na sala ao lado. — Você cheira bem. Doce, ironicamente.

— Como isso é irônico? — Eu rio. — Eu cozinho para viver.

— Porque você gosta de fingir que é toda picante.

Eu sei o que ele está fazendo, tentando quebrar minhas defesas, trazendo-me para um jantar familiar aconchegante depois que seu filho deu os primeiros passos. Ele está me dizendo que sabe que sou mais doce do que aparento. Mas eu permito, deixando-me levar pela ideia de dias simples quando sei que, em breve, voltarei ao caos correndo atrás das listas da vida em uma cozinha estressante.

Perambulando, sua mão passa pela minha coxa nua, com as pontas dos dedos roçando a bainha da minha calça jeans rasgada. Ele segue a linha do tecido, as pontas de seus dedos passando a mão na minha bunda nua antes de puxar o material para baixo para me cobrir novamente.

— Essas malditas pernas, Mills.

Involuntariamente, eu me arqueio para ele. A sensação é boa. Ele cheira bem e estou realmente cansada de sua regra de não beijar.

A mão de Kai se estende sobre minha barriga para manter nosso contato. — Hoje foi um bom dia.

Realmente foi. Simples e bom.

Virando-me, olho para ele, nossos lábios quase se tocando. — Todos podem ser dias bons.

Seus olhos saltam para minha boca.

— Sério? Na minha cozinha? Ao lado da comida? — Ryan está parado na entrada com as mãos cheias de louça suja. — Pelo menos usem um quarto extra. Temos mais três além daquele onde Max está dormindo.

Kai dá um passo para trás e eu me distancio ainda mais. A última coisa de que preciso é que seus amigos comparem a situação deles com a de Kai enquanto eles estão se casando e tendo bebês, e eu estou aqui apenas me

permitindo desfrutar do estilo de vida dele durante minha breve estadia.

— Vocês poderiam dormir aqui, sabe? — Ryan coloca a louça na pia e começa a limpá-la. — Dessa forma você não precisa mover Max.

E, meu Deus, isso parece um casal do caralho, passar a noite na casa dos amigos dele depois de todos jantarmos e bebermos juntos.

Kai rapidamente olha em minha direção, provavelmente notando a expressão de terror absoluto em meu rosto. — Obrigado, cara, mas vamos viajar amanhã, então devemos voltar.

É uma das poucas vezes que fico grata por ele poder ler minha mente.

* * *

Max ainda está desmaiado no ombro do pai quando chegamos à porta da casa deles. Kai a destranca, recuando para eu entrar.

Mas não posso entrar. É quase como se houvesse um campo de força me impedindo de entrar. Depois desta noite, as coisas parecem muito complicadas, muito conectadas para que eu possa entrar com ele.

Passando a mão pelo cabelo de Max, dou um beijo rápido em sua pequena testa.

— Eu vou... — Jogo o polegar por cima do ombro em direção ao portão lateral que leva ao quintal dele. — Só vou para a cama.

— Mills. — O tom de Kai é um tanto suplicante. — Por favor, não durma aí fora.

Deus, esse apelo me atinge bem no coração, quebrando um pouco mais a armadura que o cerca.

E por esse motivo, dou dois passos para trás em direção ao portão lateral e

entro no quintal sem dizer mais nada.

— Miller — ele sussurra-grita. — Você está falando sério?

Entro na van, trancando imediatamente a porta atrás de mim, precisando criar algum tipo de barreira contra os sentimentos domésticos, caseiros e estabelecidos que invadiram meu peito esta noite.

Eu só preciso dormir. Talvez eu dê um passeio amanhã antes do voo e me lembre de que há outros lugares além de Chicago, a cidade da qual partirei dentro de um mês. Só preciso de um pouco de ar fresco para me lembrar quem eu sou, que não me importo com a opinião dos amigos dele sobre mim ou com o fato de que eu realmente gostaria de ver aquelas garotas novamente. Preciso ficar sozinha por um momento, do jeito que estou acostumada a viver.

Sacudindo isso, vou pegar minha escova de dente ao lado da pia, mas não encontro nada.

Isso é estranho. Coloquei-a de volta onde sempre coloco depois de usá-la esta manhã.

Procurando em minha pequena van, não encontro em lugar nenhum. Nem encontro os itens para meus cuidados com a pele, minha pasta de dente, meus malditos chinelos.

Eu: *Você roubou minha escova de dente?*

Baseball Daddy: *Você nem disse boa noite.*

Eu: *Malakai Rodes. Onde está minha escova de dente?*

Baseball Daddy: *Oh, ela me deu o nome completo.*

Eu: *Kai!*

Baseball Daddy: *Da próxima vez, não saia antes de dizer boa noite.*

Eu: *Boa noite. Feliz? Onde está a porra da minha escova de dente? E todas as minhas outras coisas.*

Baseball Daddy: *Acho que vi isso no meu quarto de hóspedes. Não posso ter certeza, no entanto. Você provavelmente deveria entrar e verificar.*

Eu: *Você vai me mudar para sua casa sem pedir? É sério?*

Baseball Daddy: *Eu já disse que não gosto que você durma ao ar livre.*

Eu: *Você é irritante.*

Baseball Daddy: *A porta dos fundos está destrancada.*

Assim que passo pela porta dos fundos, encontro Kai já despido até a cueca boxer, em pé na cozinha, com os tornozelos cruzados e a chaleira elétrica esquentando ao lado dele. — Chá de camomila? É bom para os nervos.

— Acho que odeio você de novo.

Ele simplesmente exibe um sorriso orgulhoso.

Passo por ele em direção ao quarto de hóspedes. — Eu sei o que você está fazendo, Kai. Jantar com seus amigos, trazendo-me para sua casa.

— Eu não estou fazendo nada. Foi o jantar, uma refeição que você faz todos os dias. E grande surpresa, não gosto que você durma ao ar livre. Tudo isso é totalmente casual e racional. Se você está pensando demais, então isso parece um problema seu.

Não tenho energia para discutir sua lógica completamente sensata. Talvez eu esteja pensando demais, mas essa bola estranha não sai do meu peito. Parece saudade de casa, o que não faz sentido. Não tenho uma casa para sentir falta.

O quarto de hóspedes de Kai fica na primeira porta à direita, depois da cozinha, em frente ao banheiro extra. Uma das camisas de seu time está dobrada cuidadosamente sobre o edredom para eu dormir e meus chinelos estão alinhados ao lado da porta. Despindo-me rapidamente, deixo minha calcinha e deslizo sua camiseta pela minha cabeça. Kai é enorme e eu não, então essa camiseta é praticamente um vestido que cai no meio da coxa.

Atravessando o corredor até o banheiro como uma criança, encontro minha escova e pasta de dente em um copo perto da pia e meus itens para cuidados com a pele dispostos no balcão.

Através do espelho, encontro Kai quase nu atrás de mim, braços longos pendurados no topo do batente da porta, sorriso satisfeito nos lábios enquanto me observa escovar os dentes.

— Você é irritante — murmuro, passando pela espuma na minha boca.

— É uma parede. A única diferença entre você ficar na minha casa e fora dela é uma parede. A outra parte, em que você está se convencendo de que, por dormir em um lugar com rodas, isso a manterá separada de todos ao seu redor, é com você.

Eu o prendo com uma carranca através do reflexo. — É minha casa e vou voltar para lá esta noite.

— O *carro* é seu e, se você ficar dentro de casa, poderei finalmente trancar a porta dos fundos novamente.

— Do que você está falando? — Cuspo a pasta de dente. — Por que você não trancou a porta dos fundos?

Ele dá de ombros. — Eu não queria que você ficasse trancada fora de casa caso precisasse... de algo. Não tranquei desde a primeira noite em que você ficou lá.

Meus olhos disparam através do reflexo, encontrando instantaneamente os dele. Parada aqui, com a escova de dente na mão, seu olhar vagueia por mim no espelho, observando a maneira como sua camiseta cai sobre meu corpo.

Kai limpa a garganta. — Estarei na cozinha. — E com isso, ele e seu corpo sem camisa me deixam terminar minha rotina noturna.

Quando eu termino, encontro-o encostado no balcão da cozinha com uma caneca nas mãos. Ele está deslumbrante e sonolento e estou tentando ao máximo

não pensar na única parede que separará a cama dele da minha esta noite se eu ficar no quarto de hóspedes dele.

— Chá? — ele pergunta, segurando sua caneca.

Esse homem de família que usa óculos e criou seu irmão mais novo gosta de chá. Minhas noções originais de que ele era autoritário e rígido não poderiam estar mais longe da verdade. Ele simplesmente se importa demais, ama demais. Ele quase chorou de alegria ao ver seu filho dar os primeiros passos hoje, pelo amor de Deus.

— Estou bem, mas obrigada.

Posso sentir sua expectativa, esperando que eu fuja. Afinal, é minha praia.

Disse a mim mesma que pegaria minhas coisas e voltaria para fora, mas encontro meus pés colados no chão da cozinha. Por mais que eu não queira admitir, vivenciar as alegrias simples da vida de Kai hoje foi a coisa mais divertida que já tive. Aqui estou eu, supostamente mostrando a esse homem como se divertir, quando um jantar de domingo à noite e os primeiros passos de uma criança superam qualquer coisa que eu pudesse imaginar.

Sua atenção cai para a caneca em sua mão enquanto me inclino no balcão em frente a ele. — Por que você estava tão hesitante em encontrar meus amigos? — ele pergunta.

— Não sei.

Seus olhos se voltam para mim. — Não minta para mim. Diga-me o porquê.

Ok, ele me conhecer o suficiente para saber quando estou mentindo é muito chato.

— Eu realmente não tenho muitos amigos.

Ele me lança um olhar, silenciosamente me pedindo para explicar.

— Estou sempre viajando e meus relacionamentos são sempre temporários.

É mais fácil ir para cada nova cidade com essa expectativa já estabelecida. Dói menos ir embora dessa forma.

— Mas esta noite, aqueles eram *meus* amigos. Por que isso foi difícil para você?

Eu balanço minha cabeça. — Pare.

A frustração vibra através de mim. Nós dois sabemos o que ele está fazendo. Ele está arrancando isso de mim, tentando me fazer admitir que me importo. Que *ainda* me importarei quando partir.

— Por que, Miller? Por que você não consegue admitir que queria que eles gostassem de você? Que existem laços aqui em Chicago que tornarão mais difícil para você partir desta vez.

Eu o imobilizo com uma carranca. — Não.

Colocando sua caneca na mesa, ele caminha em minha direção de forma quase predatória. Com os dedos passando pelo meu cabelo, ele o empurra atrás da minha orelha. — Vai ser difícil para você ir embora desta vez, não é?

— Não importa. Estou indo de qualquer maneira.

Suas narinas se alargam levemente com minhas palavras, seus olhos gelados segurando os meus. — Espero que essas palavras tenham queimado ao sair. — A ponta de seu polegar traça meu lábio inferior. — Porque sua armadura é terrivelmente irritante.

— Você também é.

Sua atenção está colada na minha boca. — Por favor, não durma lá fora — ele implora suavemente. — Eu não durmo bem sabendo que você está lá.

Sua mão cai na minha garganta e eu engulo em sua palma.

— Diga-me que você vai ficar — ele continua.

Realmente não sobrou nenhum argumento. Eu aceno, sem fôlego. — Eu vou

ficar.

— Ótimo.

Inclinando meu queixo apenas com os nós dos dedos e o polegar, ele levanta meu rosto e pressiona sua boca na minha. É suave e íntimo. Um pouco hesitante, mas só até me arquear e encontrá-lo ansiosamente. Com um pouco mais de confiança, sua mão desliza pela minha nuca, os dedos entrelaçados em meu cabelo enquanto ele me beija.

— O que foi isso? — eu pergunto, procurando por ar.

— Eu gosto de você vulnerável, Mills.

— Bem, não se acostume com isso. Isso foi uma coisa única.

Ele ri. — Então é melhor eu fazer valer a pena.

Sua boca está na minha, desta vez com urgência. Ele agarra meu quadril, pressionando-se instantaneamente contra mim, e eu o encontro ali, rolando contra ele enquanto ele veste apenas uma cueca. Kai solta um gemido desesperado em minha boca, o som enviando calor entre minhas pernas, e estou aqui querendo fazer tudo ao meu alcance para ouvi-lo novamente.

Ele morde meu lábio inferior. — O que eu falei sobre essas malditas pernas?

— Que você fica duro só de olhar para elas? — A confirmação está pressionando minha barriga.

Seus dedos roçam minhas coxas, levantando a camisa para vê-las melhor.

— Foi você quem não me deixou nenhuma calça para vestir — lembro a ele.

Um sorriso malicioso surge em sua boca. — Eu sou um homem inteligente.

Kai me levanta sobre o balcão. A superfície fria dá um choque em meu corpo, e arrepios se espalham por minhas pernas, que se abrem instantaneamente ao redor dele. Convidando-o a se aproximar, coloco meus braços sobre seus ombros largos enquanto ele passa minha camiseta pelos meus quadris para expor

minha calcinha encharcada.

— *Porra* — ele xinga quando olha para baixo para ver. A cabeça caindo para trás e os olhos voltados para o teto, ele solta um suspiro profundo. — É por isso que eu não deveria beijá-la.

— Por quê? — Continuo brincando com o cabelo da nuca dele, movendo meus quadris no ar, precisando de alguma coisa. — Porque cada coisinha que você faz me deixa molhada?

— *Jesus* — ele geme. — Porque, agora, tudo que consigo pensar é em foder você.

— Então pare de pensar nisso e faça.

Ele ri sem humor. — Você é um problema, Miller. — Seus olhos encontram os meus novamente, nossos narizes roçando. — O que acontece se eu ficar viciado?

— Então, para nossa sorte, ainda temos um mês para nos entregarmos a esse tipo de vício.

— Você realmente acha que eu poderia desistir de você depois de tudo feito?

Concordo com entusiasmo, na esperança de convencê-lo. — Sou facilmente esquecível.

— Você está um pouco mentirosa esta noite, hein?

Enganchando meus tornozelos na parte de trás de suas coxas, eu o puxo para o berço dos meus quadris. — Só não deixe que isso signifique alguma coisa e nós dois ficaremos bem.

Um lampejo de aborrecimento passa por ele antes que ele desista e sele sua boca na minha.

Inalando, eu o puxo para mais perto, aprofundando o beijo. Meu corpo inteiro está em chamas enquanto suas palmas deslizam sobre a pele levantada

das minhas pernas, agarrando minha bunda, sua língua deslizando facilmente em minha boca.

Ele rola seus quadris nos meus, sua ereção me dando fricção suficiente para que um grito necessitado escorregue da minha garganta.

Kai engole os sons com um gemido rouco de satisfação. — Maldição — ele exala, afastando-se por apenas um segundo. — Quem diria que você pareceria tão bonita quando gemesse?

Eu me arqueio para ele. — Você poderia ter ouvido isso semanas atrás se não fosse tão teimoso.

Suas mãos deslizam por baixo da minha camiseta, as palmas das mãos envolvem minhas costas nuas enquanto percorrem toda a extensão dela. Ele cruza os braços, segurando-me o mais firmemente possível com um beijo que parece íntimo demais para uma transa casual, mas esqueço essa noção quando suas mãos começam a explorar, percorrendo meus quadris e curvando-se sobre meu estômago. Ele mexe em meus mamilos com os polegares, duros e sensíveis para ele.

— Faça isso de novo — imploro, sem fôlego.

Ele o faz, rolando-os antes de prendê-los entre os dedos.

— Você gosta disso? — ele pergunta, embora não precise da confirmação. Acho que ele só gosta de me ouvir pedir.

Eu rapidamente aceno com a cabeça, meus olhos implorando enquanto nossas testas descansam uma contra a outra, respirações rodopiantes compartilhadas entre nós.

Ele sorri maliciosamente. — Você gosta quando eu brinco com seus peitos, Mills?

— *Sim* — sibilo através de outro beliscão que envia uma pulsação direto para o meu clitóris.

— Você acha que eu poderia fazer você gozar só assim?

Antes desta noite, isso teria sido um sonoro *não*. Eu sou o tipo de mulher que precisa de muito aquecimento antes, e se eu gozar. Estamos falando de brinquedos e muita orientação quando, na maioria das vezes, eu termino mais tarde.

Mas se há alguém que poderia me fazer gozar em uma brincadeira com os mamilos, seria esse homem, que tem todo um lado confiante que estou começando a ver.

— Acho que você deveria tentar — sugiro com um beijo.

Ele ri levemente antes de moldar sua boca na minha novamente, nossas línguas se enroscando. Eu o puxo para mais perto, mas cada centímetro de nossos corpos um tanto vestidos já está se tocando, e ainda assim, não é o suficiente. Eu nos quero nus. Eu o quero dentro de mim. Eu o deixaria me foder aqui mesmo neste balcão, onde eu poderia repetir isso em minha mente cada vez que cozinhasse em sua cozinha.

Ele me aperta nas palmas das mãos, rolando meus mamilos entre os dedos enquanto nossas metades inferiores continuam a se contorcer. Minha bunda mal está no balcão com o quão forte estamos transando, meus quadris buscando os dele com cada impulso.

Rapidamente, ele tira uma das mãos da minha camiseta, tirando os óculos embaçados e jogando-os sobre o balcão, mas em vez de recolocar os dedos no meu mamilo sensível, ele segura meu quadril, os dedos machucando minha carne com um toque quase doloroso, mas um aperto desesperado enquanto ele move nossos corpos juntos.

Nós dois olhamos para baixo e nos observamos nos esfregando um contra o outro.

— Porra, Mills. — Sua respiração está difícil. — Você é incrível.

Jogo minha cabeça para trás quando ele puxa meu mamilo entre dois dedos. — Por favor, não pare. Por favor. Por favor.

Estou tão molhada, tão perto. Posso sentir meu corpo pulsando, pronto para gozar só de esfregar seu pau.

Sua mão se curva, segurando minha bunda para me manter no lugar enquanto ele esfrega em mim, seu pau roçando meu clitóris a cada movimento.

— *Sim* — eu gemo. — Sim, Ace. Aí. — O apelido escapa da minha língua sem pensar, mas estou uma bagunça ofegante agora e não posso ser responsabilizada por minhas ações.

— Jesus. — Sua mão bate contra o armário ao lado da minha cabeça, procurando uma alavanca. — Chame-me assim de novo.

— Ace? Você gosta quando chamo pelo seu apelido?

Seu rosto cai na curva do meu pescoço com um aceno de cabeça. — Parece muito vindo de você. Especialmente quando sua boceta está encharcada e esfregando em mim.

Ele continua nos deslizando juntos contra a borda do balcão, beijando meu pescoço e clavícula, mapeando minha mandíbula antes de morder minha orelha.

Cada músculo do meu corpo se contrai com isso, meus quadris se movem instintivamente enquanto ele atinge meu clitóris repetidamente.

Então eu caio, bem no limite. Ainda vestida no balcão da cozinha, gozo por transar a seco e brincar com os mamilos.

Devo acrescentar que transar a seco e brincar com os mamilos é sexy como o inferno.

Quando ele sente meu corpo tenso com um orgasmo, o domínio de Kai sobre mim aumenta, mantendo-se exatamente onde eu preciso dele. Levantando a cabeça do meu pescoço, ele me observa desmoronar.

— Porra, sim — ele sussurra, hipnotizado.

Totalmente fascinado, sua atenção nunca me abandona enquanto eu gemo e abro caminho através dela. Ele observa tão atentamente, como se nunca mais fosse me ver gozar e precisasse memorizá-lo, mas porra, se é assim que meu corpo responde ao dele com nossas roupas, preciso saber como é tocá-lo sem.

Peito arfante, meu corpo inteiro cai quando desço, músculos cansados ficando flácidos e agradecidos por ele estar me segurando em pé. Recuperando o fôlego, caio em seu ombro, brincando sem pensar com o cabelo escuro de sua nuca. Meu corpo se esfrega distraidamente contra o dele, ainda nervoso por causa da minha excitação quando sinto sua ereção deslizar contra a parte interna da minha coxa.

Eu o seguro, acariciando sua extensão com a mão e pronta para todo o resto.

— Miller. — Sua voz é irregular, desesperada. — Pare.

O quê?

Levantando-me de seu ombro, minha respiração ainda está difícil quando meus olhos encontram a protuberância em sua cueca que eu sei que deve ser quase dolorosa neste momento. — Mas...

— Por favor. — Seus olhos azuis gelados estão me implorando. — Tudo o que consigo pensar é em foder você agora, mas você está louca se acha que algo disso poderia ser facilmente esquecível para mim. — Ele balança a cabeça, passando a palma da mão pelo rosto incrédulo. — Acho que estou arruinado simplesmente por vê-la gozar, então, por favor, faça-me um favor e vá para a cama. — Arrumando minha camiseta, ele me dá um último beijo rápido. — E pelo amor de Deus... tranque a porra da porta.

CAPÍTULO 22

Kai

Meu início de semana será amanhã à noite em Boston. Chegamos à cidade esta tarde e Isaiah imediatamente pegou Max e todas as suas coisas, declarando que iria dormir com o sobrinho esta noite.

Embora eu me esforce para passar o máximo do meu tempo livre com meu filho, é bom para nós dois que ele crie seus próprios relacionamentos, especialmente com as pessoas que estarão em sua vida para sempre.

Assim, com minha noite livre, bato na porta entre meu quarto de hotel e o de Miller. Parecendo estar na ponta dos pés, o nervosismo me toma de assalto, pois faz alguns dias que não nos falamos.

Bem, a não ser na noite seguinte ao nosso momento na cozinha. Eu não havia falado com ela o dia todo, então ela se escondeu em sua van naquela noite para dormir. Dez minutos depois, eu entrei, joguei-a por cima do ombro e a coloquei de volta no meu quarto de hóspedes, lembrando-a de que ela não poderia mais dormir do lado de fora.

Pela primeira vez, eu tinha alguém para comemorar os bons momentos comigo. Quando Max deu seus primeiros passos, ela estava lá. E naquela noite, com meus amigos, ela se encaixou perfeitamente. E, claro, havia alguns motivos ocultos naquele jantar.

Quando chegar a hora, quero que seja difícil para Miller ir embora, e não apenas porque gostei de tê-la aqui, mas porque essa é uma das partes mais importantes da vida. Encontrar pessoas que fazem seu coração doer quando elas não estão por perto. Ter um lugar para chamar de lar.

Em vez de Miller se perder na fantasia de que ela ficaria em Chicago, fui eu quem se perdeu. Em que mundo eu deveria simplesmente aceitar que ela vá embora?

Como diabos vou esquecer como é a risada dela? Qual o gosto de seus lábios?

Eu a quero. Porra, eu a quero. Qualquer homem são e hétero aproveitaria a oportunidade de tê-la como parceira de transa sem compromisso, do jeito que ela quiser, mas meu cérebro esqueceu como fazer sexo casual enquanto meu pau reza para que eu me lembre.

Então, sim, estou bravo comigo mesmo, porque não entendo como tê-la, sabendo que um dia, em breve, terei de deixá-la ir embora. E, em vez de amadurecer e dizer isso a ela, recorri à evasão.

Bato em nossa porta adjacente mais uma vez, mas ela ainda não responde.

Tento ligar para o telefone dela, mas sem sucesso.

Encontrando os contatos de Monty e Kennedy, envio a mesma mensagem de texto para eles individualmente.

Kennedy e Miller parecem estar prestes a se tornar amigas, apesar de ela gostar de presumir que não tem nenhuma. Percebo como Miller fica animada sempre que Kennedy está por perto. Ela é a única outra mulher na estrada conosco, então talvez elas estejam se encontrando agora?

Eu: *Você sabe onde Miller está?*

Kennedy: *Não, mas seu irmão não para de me enviar selfies dele e de Max, perguntando se eu quero ir brincar de casinha com ele.*

Ela me encaminha algumas imagens do meu irmão e do meu filho no chão, com os brinquedos. As imagens são claramente a mais nova forma de armadilha da sede de Isaiah. Sua coisa de playboy nunca funcionou para Kennedy, então acho que ele está seguindo o caminho do homem de família e vendo se isso dá

certo.

Eu: *Quer que eu diga a ele para deixar você em paz?*

Kennedy: *Já cuidei disso. Tenho lidado com seu irmão há anos. Quando se trata de Isaiah Rhodes, minha coisa favorita a fazer é humilhá-lo.*

Eu: *Divirta-se com isso.*

Kennedy: *Eu sempre me divirto.*

Em um tópico de texto separado, Monty responde.

Monty: *Por quê?*

Eu: *Resposta estranha. Ela está com você?*

Monty: *Quais são suas intenções com minha filha?*

Ok, ele definitivamente está com Miller. Pegando a chave do hotel, saio do meu quarto e vou em direção ao dele.

Eu: *Essa nova coisa de pai superprotetor não funciona. Ela mora em uma van e você concorda com isso. Ela viaja sozinha por todo o país a trabalho. De jeito nenhum minhas intenções são sua maior preocupação quando se trata dela.*

Monty: *Estou fazendo uma pergunta simples aqui. Tão defensivo, Ace. Já peguei você na cama com ela uma vez. Mais alguma coisa que eu deveria saber?*

Maldito inferno.

Dando algumas voltas no corredor do nosso andar, encontro o quarto de Monty e bato.

— Sim? — ele pergunta, abrindo a porta apenas ligeiramente.

— Miller está aqui?

— Alguma coisa que você queira me contar?

— Pai, pare — ouço Miller repreender ao fundo. Com a mão na porta, ela a

abre totalmente, expondo seu lindo cabelo castanho e seu macacão verde-oliva. — Ele esteve assim o dia todo.

— Isso é porque vocês dois têm agido como estranhos. Algo claramente aconteceu.

Bem... merda.

Miller o ignora, seus olhos traçando minhas roupas, completamente vestido e pronto para sair do hotel. — E aí? Precisa de ajuda com Max?

— Não, ele está com Isaiah esta noite, mas eu estava pensando... — Meus olhos voam para Monty parado atrás de sua filha, grandes braços cruzados sobre o peito. Ele usa dois dedos para apontar para os olhos antes de direcioná-los em minha direção, dizendo que está me observando. — Você pode parar, porra? Isso é estranho, Monty.

Miller se vira, mas ele se comporta de maneira completamente tranquila. — Não tenho ideia do que ele está falando.

Reviro os olhos, redirecionando-os para a beleza tatuada. — Eu queria saber se você gostaria de ir a algum lugar comigo.

— Onde?

— É uma surpresa.

Seus verdes brilham. — Baseball Daddy, você está me convidando para me divertir?

— Algo parecido.

Miller se volta para seu pai. — Você se importa?

— Traga-a de volta até o toque de recolher.

Seus olhos se estreitam. — Em que porra de mundo eu teria toque de recolher? Eu não estava pedindo permissão. Pare de ser estranho. Eu só estava perguntando se você se importa se eu não terminar nosso filme.

— Nove horas em ponto — é a única resposta de Monty.

Nós dois estamos exaustos dele. — Já são nove e meia.

Pegando sua jaqueta jeans do sofá, Miller dá um tapinha no braço do pai. — Você provavelmente deveria ensaiar isso para a próxima vez. Tenho certeza de que poderia fazer melhor.

O sorriso típico que ele usa perto da filha finalmente desaparece. — Sempre quis bancar o pai autoritário que vê sua filha sair para um encontro. O que tornaria isso mais verossímil da próxima vez?

— Não tenho certeza, nunca tive um. — Saindo do quarto do hotel, ela acena rapidamente para o pai. — Vejo você amanhã.

— Amo você, Millie.

— Amo você.

Juntos caminhamos até o elevador. — Nunca teve o quê? — eu pergunto. — Um pai autoritário ou um encontro?

— Nenhum dos dois. — Ela para no meio do caminho, virando-se para me encarar. — Isto não é um encontro, certo?

— Oh, eu conheço você melhor do que isso. Eu não ousaria levar você para um encontro. Isso é muito compromisso para você, Montgomery.

* * *

Quando o nosso carro compartilhado nos deixa no North End de Boston, minha mão imediatamente encontra a parte inferior das costas de Miller, conduzindo-a em direção ao prédio movimentado. Eu preferiria segurar sua mão, entrelaçar nossos dedos, mas tenho que ir devagar com ela, para que não pense demais em tudo.

Uma fila de clientes se espalha do lado de fora e se estende até a esquina e, quando chegamos ao nosso lugar nos fundos, Miller se dedica a examinar os prédios de tijolos vermelhos, tentando entender onde estamos.

Está claro que essa é a versão de *Boston da Little Italy*, com suas bandeiras italianas e luzes penduradas nas ruas de paralelepípedos de prédio a prédio. Há outra padaria do outro lado da rua que é tão movimentada quanto esta, mas Rio me disse que eles só tinham *cannoli* e que eu deveria trazer Miller aqui.

— Vamos comer sobremesa? — ela pergunta enquanto nos aproximamos da entrada. Seus olhos se arregalam comicamente quando ela olha pelas janelas, avistando inúmeras vitrines cheias de doces. — Puta merda, é exatamente assim que meu paraíso se parece.

— *Seu* paraíso, hein?

— Sim, todos nós temos nossas próprias versões. A minha é muito parecida com esta, mas sem todas aquelas caixas de vidro no caminho, mas de alguma forma, as sobremesas ainda estarão sempre frescas. — Ela finalmente interrompe a disputa de olhares com a padaria, voltando sua atenção para mim. — Como seria o seu?

— Pode ser o que quiser?

— Qualquer coisa.

— Bem, não tenho certeza de como seria, mas você estaria lá e toda vez que estivéssemos sozinhos, suas roupas desapareceriam magicamente do seu corpo. Será meu primeiro pedido quando eu entrar no meu céu. Na verdade, será minha parte favorita.

Ela se assusta com uma risada, e para uma mulher que considero engraçada, meu ego cresce a um ritmo estúpido toda vez que ouço isso.

A fila começa a se mover novamente e ela vai na minha frente, cada vez mais perto de entrar. Por trás, envolvo um único braço em volta de seus ombros, o

tamanho das minhas mãos e as veias que as acompanham contradizendo as suaves linhas florais em sua pele bronzeada.

— Desculpe por estar evitando você — eu digo suavemente, minha boca perto de sua orelha.

Ela agarra meu antebraço, apertando-o. — Tudo bem. Você está se desculpando com o açúcar tão claramente que está perdoado.

Damos um passo à frente com a fila, desta vez entrando no prédio, o cheiro de canela e chocolate nos atingindo no segundo em que passamos pela porta. Os lábios de Miller se curvam em um sorriso infantil e é tão lindo e genuíno que não posso deixar de observá-la em vez das intermináveis vitrines de doces, biscoitos e bolos.

— Ok, que lugar é esse? — ela pergunta.

— Você se lembra do meu amigo Rio, que você conheceu na outra noite? Ele é de Boston e me falou sobre esse lugar. A maioria das sobremesas são italianas, mas eles também têm algumas opções francesas e doces tradicionais americanos. Com a minha agenda de viagens, sei que é difícil para você encontrar tempo para trabalhar, e essas sobremesas não são tão sofisticadas como as que você normalmente faz, mas eu estava pensando que talvez você pudesse se inspirar um pouco para essas receitas. Quem sabe, talvez algo lhe desperte uma ideia.

Miller fica parada, sem dizer nada, o que é estranho. A garota é cheia de frases rápidas.

E meu momento de confiança, pensando que era uma boa ideia, voa pela janela. — Ou não precisamos mais pensar em trabalho e podemos simplesmente conseguir algo que pareça bom para levar para o hotel.

— Não — ela diz rapidamente, balançando a cabeça. — Não, isso é... isso é muito atencioso da sua parte. — Seus olhos se voltam para os meus. — Parece a ideia perfeita. Também parece muito com um encontro.

Eu zombo. — Claramente, você nunca esteve em um encontro antes se acha que eles são assim. Esta é uma reunião de trabalho, Mills. Pare de ter ideias. Seja profissional.

Seus olhos se enrugam, seu sorriso retorna enquanto ela encara as sobremesas novamente e avançamos na fila, cada vez mais perto de receber nosso pedido. Parada na minha frente, ela se inclina para trás, descansando distraidamente contra meu peito enquanto continua para olhar as vitrines.

E eu estou sorrindo como uma criança de trinta e dois anos na manhã de Natal, porque houve uma boa quantidade de toques leves para uma reunião de negócios.

— O que você quer pedir? — A voz dela é quase um sussurro, como se fosse um segredo apenas entre nós.

Eu adoro vê-la assim. O sorriso e a empolgação que ela está exibindo agora é como eu a imaginei provavelmente quando era uma garotinha e descobria seu amor pela culinária.

— Bem — eu digo, tirando o papel dobrado do bolso de trás. — Eu fiz uma pequena pesquisa.

— Você fez uma *pequena* pesquisa? — ela pergunta com uma risada. — Você também imprimiu as instruções do Waze para chegar aqui, meu velho?

— Cale a boca.

Seus olhos estão brilhando e seus lábios estão apertados para não rir.

— Como eu disse, fiz algumas pesquisas e fiz uma lista.

— Você fez uma lista. Em um pedaço de papel pautado. Com uma caneta.

— Você vai continuar repetindo tudo o que estou dizendo ou...

— Há um aplicativo de notas no seu telefone por um motivo, Malakai.

— De qualquer forma. — Seguro o papel na nossa frente, meus braços

prendendo-a. — Vamos pegar tudo isso e qualquer outra coisa que você queira experimentar.

Enquanto Miller examina minhas anotações, comparando-as com o que está nas caixas de vidro, continuamos a avançar na fila. Todas as mulheres que trabalham atrás do balcão são pequenas, mais velhas e italianas. Elas também não têm tempo para essas merdas de turistas, esperando que os pedidos sejam feitos assim que o cliente chega até elas. Se houver um atraso e os clientes continuarem a examinar, uma sequência de palavras italianas, presumivelmente xingamentos, ecoa por toda a padaria.

Verifico as caixas de vidro, certificando-me de que não perdi nenhuma sobremesa imperdível. Todas parecem incríveis, e eu pediria uma de cada se tivéssemos espaço em nossa mesa. Mas também fui tão mimado pela padeira que mora em minha casa que esse passeio é mais para ela do que para mim.

— Tiramisu era o favorito da minha mãe — digo, apontando para o bolo italiano quando passamos por ele.

— A mulher tinha bom gosto, pelo que vejo.

— Boa genética também, hein?

Ela ri. — *Ótima* genética.

— Próximo! — a mulher de pele morena e raízes cinzentas grita na caixa registradora.

Miller simplesmente entrega a ela minha lista de sobremesas. — Isso, por favor.

Os lábios da mulher se contraem de uma forma incomum enquanto seus olhos examinam o papel. — Eu gosto de vocês — ela afirma antes de sair para embalar nossas sobremesas.

— Veja — eu sussurro, minha mão contornando sobre o quadril de Miller, os dedos espalhados sobre sua barriga. — Meu trabalho foi útil. De jeito nenhum

teríamos obtido esse tipo de resposta se entregássemos a ela a porra de um telefone.

Ela ri, cobrindo a minha mão antes de gritar: — Podemos adicionar um tiramisu também, por favor?

— É para já!

Miller simplesmente me lança um sorriso conhecedor por cima do ombro enquanto faz um péssimo trabalho para garantir que eu não me apaixone por ela.

* * *

Miller dá um pequeno suspiro feliz. — Essa foi a melhor hora da minha vida.

Quatro caixas gigantes de doces estão sobre a mesa entre nós, ainda completamente cheias, com apenas algumas mordidas em cada sobremesa. Comemos torrone, biscotti, éclair e algo chamada cauda de lagosta que era de outro mundo. Gostaria de continuar comendo, mas estou estufado.

— Qual foi o seu favorito? — eu pergunto.

— Não sei se poderia escolher. Qual foi o seu?

— Não sei se tenho uma sobremesa favorita, mas gostei de ver você dissecá-las todas como um cientista maluco antes de cada mordida.

— Eu estava trabalhando, lembra? Esta é uma reunião de negócios.

— Então... você sentiu alguma faísca?

Seus olhos piscam para mim do outro lado da mesa, um pequeno sorriso brincando em seus lábios, e embora eu estivesse me referindo à inspiração para o trabalho, nós dois sabemos que sempre houve uma faísca entre nós.

Sua atenção volta-se para a nossa mesa de sobremesas. — Eu acho que sim.

— Ótimo. — Agarrando a perna de sua cadeira, eu a puxo, arrastando-a para

se sentar ao meu lado e informando que nossa reunião de negócios está oficialmente encerrada. — Conte-me tudo.

Ela pega um cannoli. — Eu estava pensando em fazer um cilindro de chocolate amargo, como este formato, recheado com um creme de praliné de avelã defumada. — Ela aponta para a fatia de torta de praliné de chocolate. — Semelhante a esses sabores, mas sem a textura pesada. Eu poderia fazer uma decoração de chocolate no prato, enfeitada com um pedaço de açúcar puxado e finalizada com uma bola de sorvete salgado de leite de ovelha. — Ela faz uma pausa para recuperar o fôlego. — O que você acha?

Minha boca fica aberta quando olho para ela.

— Eu sei. Eu sei. Quem diabos iria querer sorvete de leite de ovelha, certo?

— Sua mente acabou de criar isso? A partir do nada?

Pela primeira vez na vida, Miller parece tímida.

— Isso parece incrível, Mills.

— Mesmo?

— Sim. Droga.

— Bem, contanto que eu não estrague tudo quando chegarmos em casa, terei uma receita anotada. Faltam mais duas. — Um sorriso de alívio surge em seus lábios enquanto ela olha ao redor da padaria ainda movimentada. — Obrigada por me trazer. Eu adoro este lugar. Não é divertido ver as pessoas darem a primeira mordida?

Ela está observando alguém experimentar um doce neste momento, mas eu só a estou olhando. Não sinto o mesmo prazer que ela sente, porque não sou criativo. Não tenho um produto para oferecer ao mundo na esperança de que gostem dele, mas, caramba, eu poderia ficar o dia inteiro observando Miller assistindo aos outros comerem.

— Você gostaria de abrir um lugar como este?

Estou ciente de que estou brincando com fogo. Perguntando, de certa forma, se ela algum dia ficaria no mesmo lugar tempo suficiente para isso.

Ela me lança um olhar, deixando-me saber o quão óbvio estou sendo, mas ela segue em frente. — Se você me perguntasse isso há sete anos, a resposta seria um sim muito fácil. Mas agora? Eu não conseguiria ver isso. Trabalho em restaurantes de nível Michelin em todo o país. Recentemente, ganhei um prêmio pelo qual a maioria dos chefs luta a vida inteira e nunca consegue. Tenho uma lista de espera de três anos de cozinhas que querem me contratar. Ganho um bom dinheiro e, mesmo que você não goste quando digo isso, sinto que devo ao meu pai fazer algo importante na minha vida. E, não, as sobremesas não são importantes, mas tento me tornar importante no ramo. Não posso me dar ao luxo de mudar de direção a esta altura da minha carreira. Você não concorda?

Uau. Não sei se Miller já esteve tão vulnerável comigo. Não só para divulgar o que se passa naquela cabecinha linda dela, mas para pedir minha opinião sobre o assunto.

Então, escolho minhas palavras com cuidado. Qualquer coisa muito profunda e pessoal pode fazê-la fugir.

— Não, não concordo nem um pouco com você. Acho que você poderia mudar de direção mais cem vezes em sua vida e nunca estaria presa demais para isso. A vida é sobre encontrar sua alegria, viver de uma forma que traga felicidade para você e para os outros. Então, acho que a verdadeira pergunta é: sua carreira a deixa feliz? Esse emprego é o emprego dos seus sonhos?

Ela faz uma pausa, pensando nisso por um momento. — Eu sou boa nisso, então, sim, é meu sonho agora.

Não é exatamente a resposta à minha pergunta, mas é o suficiente para eu entender. É isso que ela quer da vida. Essa carreira de alto nível em que ela é bem-sucedida, sem nunca ficar em um lugar por muito tempo.

Há coisas que eu gostaria de dizer: Só porque você é talentosa, não significa

que deve isso a ninguém. A única coisa que você deve ao seu pai é encontrar sua felicidade. Mude-se para Chicago. Não deixe Max.

Não me deixe.

Mas eu prometi ao Monty que falaria com ele antes de pedir isso à Miller, e eu me preocupo demais com os sonhos dela para pedir que ela desista deles por mim.

Miller pega o garfo e mergulha no tiramisu, dando uma grande mordida. Ela suspira ao redor dele, como se as bolachas e o chocolate fossem a resposta para todas as suas perguntas. — Qual era o nome da sua mãe?

— Mae.

— Mae — ela diz melancolicamente. — Outro ‘M’.

Eu não posso deixar de sorrir. Eu só a tive por quinze anos, mas ela era a melhor mulher que conheci. — Eu gostaria que ela tivesse conhecido Max. Ele a teria enrolado em seu dedinho gordinho.

— Não somos todos? — Miller concorda, inclinando a cabeça e apoiando o queixo na palma da mão, como se pudesse sentar e conversar comigo a noite toda.

Tem sido bom finalmente ter alguém com quem conversar, mas temo que a solidão será óbvia quando ela se for.

— Como ela era? — ela pergunta.

— Ela era... engraçada. Forte. O tipo de mulher séria que ela tinha que ser, criando meu irmão e eu. Mas também era suave quando se tratava de nós. — Minha mão encontra sua coxa debaixo da mesa, passando por cima do tecido verde-oliva. — Ela era muito parecida com você.

Espero que Miller ceda. Que insista que estou sendo muito sentimental com ela, mas não me importo. É a verdade.

— Estou feliz que Max esteja perto de uma mulher como ela. Como você.

Olhos examinando os meus, eu me mantenho firme, recusando-me a ser intimidado pela casca dura que ela finge usar.

Miller exala e deixa cair a cabeça no meu ombro, a mão deslizando sobre a minha.

Eu considero isso uma vitória. Outro momento de vulnerabilidade para o qual Miller se inclinou em vez de encobrir com humor.

— Qual era o nome da sua mãe? — eu pergunto.

— Claire.

— Claire — repito. — Você sente falta dela?

— Eu realmente não me lembro dela. Eu era tão jovem quando ela morreu, mas sinto falta da ideia dela. Eu realmente nunca soube o que é ter uma mãe.

Uma onda de emoção me atinge como um trem de carga, enchendo minha garganta, tanto por ela quanto por meu filho. Max se sentirá assim? Ele perderá a ideia de uma mãe? Tento ser o suficiente para ele, tento mesmo, mas é difícil ser os dois. O bom e o mau pai. A mãe e o pai. Só há um mês eu finalmente senti como se Max estivesse entendendo tudo e isso porque a mulher ao meu lado entrou em nossas vidas.

— Mas meu pai fez um bom trabalho ocupando esse lugar — ela continua. — Muito do jeito que você está.

Porra. Tenho que olhar para o teto para me manter sob controle, para manter as lágrimas sob controle. Demora um pouco, mas eventualmente consigo engolir o nó na garganta e dar um beijo na cabeça de Miller enquanto ela continua apoiada em meu ombro.

Ela dá outra garfada no *tiramisu*, enchendo a boca, e eu aproveito a pausa para mudar de assunto.

— Provavelmente deveríamos voltar da nossa reunião de negócios — digo enquanto ela se inclina para olhar para mim.

Um pouco de mascarpone permanece em seu lábio inferior, e não consigo evitar limpá-lo com a ponta do polegar, enfiá-lo na boca e sugar os restos que estavam nela.

Ela acompanha o movimento, seus olhos verdes semicerrados.

Miller só concorda com a cabeça, nós dois sabemos que já passou da hora de sair daqui.

* * *

Estou tão acostumado com a Miller sendo a mais ousada, a mais confiante. Confiante o suficiente para fazer um movimento.

Enquanto estamos no elevador, no trajeto até o andar do hotel, estou rezando para que ela faça isso. Estou torcendo por alguma insinuação indecente, ou para que ela pule em cima de mim, porque isso me daria uma desculpa para ceder ao que eu quero.

Eu a quero.

Não há mais como negar; eu quero essa garota mais do que já quis qualquer coisa em minha vida. Claro, eu a quero por mais do que as próximas semanas, mas ela deixou claro que não posso tê-la por mais tempo do que isso. Portanto, a questão é: posso me manter distante o suficiente para não desmoronar completamente quando ela partir?

Ficamos lado a lado no elevador, com tanta tensão silenciosa nessa pequena caixa de metal. Miller não faz nenhum movimento, não diz nada sexual para cortar a tensão. Ela deixa que ela se prolongue, que eu me afogue nela.

Mas nós dois sabemos que não é responsabilidade dela declarar mais uma

vez o quanto me deseja. A bola está em meu campo e, depois de eu ter nos impedido não apenas uma, mas duas vezes, sou eu quem tem de tomar uma atitude. Ela não vai se colocar na posição de ser rejeitada novamente, e eu realmente não acredito que ela tentaria qualquer coisa quando conhece meus temores de me apegar a outra pessoa que está indo embora.

Sua mão está bem ao lado, pendurada a apenas alguns centímetros da minha. Quero prendê-la à parede, apertar o botão de parada de emergência e cair de joelhos. Seria apropriado se eu finalmente fizesse um movimento e fosse em um elevador, já que foi onde tudo começou.

Mas, antes que eu possa fazer isso, as portas se abrem e Miller exala um suspiro de derrota antes de sair e ir direto para o seu quarto andando com um pouco de velocidade. Ela não perde tempo, saca o cartão-chave e o encosta na fechadura. — Boa noite, Kai — ela diz, abrindo a porta. — Obrigada por esta noite. Eu me diverti.

Com isso, ela me oferece um pequeno sorriso, entra e fecha a porta atrás de si, deixando-me no corredor.

Que droga.

Por dentro, estou sozinho. Meu filho não está aqui. A única pessoa por quem sou responsável agora sou eu mesmo e estou realmente cansado de ser responsável.

Quero ser imprudente e impulsivo.

Quero a mulher do outro lado desta parede, e cansei de tentar me convencer de que não quero.

Por que diabos eu hesitei no elevador?

Pela primeira vez, não estou pensando em mais ninguém com esta decisão. Não estou pensando nas minhas responsabilidades. Não estou nem pensando no meu futuro e no quanto isso vai doer quando terminar.

E daí se ela quiser sexo casual? Quer façamos sexo ou não, vou ficar uma bagunça quando ela for embora, então qual é o sentido de nos abstermos do que nós dois queremos?

Eu vou fingir.

Eu vou fingir. Para o bem dela, vou manter tudo casual na superfície, e quando ela partir no final do verão, vou chafurdar e reclamar em particular.

Não posso mais negar.

Então, com a respiração instável atormentando meu peito, levanto a mão para bater na porta entre nossos quartos, mas antes que eu possa fazer contato, ela se abre.

Com a mão na maçaneta, Miller está respirando pesadamente, olhos verdes escuros e um pouco desequilibrados. Ela já tirou o macacão, parada na porta vestindo apenas uma camiseta e uma calcinha.

Eu me permito olhar para ela, porque já passei muitos dias fingindo que ela não é a única coisa que vejo.

Sua atenção se volta para minha mão ainda pendurada no ar, com um pouco de surpresa em seu rosto. — Por que você estava prestes a bater?

— Por que você abriu a porta?

— Eu perguntei primeiro.

— Eu ia bater porque estou prestes a ser egoísta. — Dando um passo à frente, atravesso a soleira entre o quarto dela e o meu, reconhecendo a metáfora de tudo isso. — Pela primeira vez, vou pegar o que eu quero.

O canto do lábio dela se ergue em um sorriso perigoso. — Finalmente.

CAPÍTULO 23

Miller

Entrando no meu quarto, as mãos de Kai imediatamente afundam em meu cabelo, os dedos apertando para direcionar minha atenção para ele, os lábios pairando sobre os meus. — Posso pegar o que quero, Miller?

Sem palavras, tanto pelo brilho desenfreado em seus olhos quanto por sua *vibe* dominante, mas descontrolada, eu simplesmente aceno.

— Posso ouvir você dizer isso?

— *Sim* — eu sibilo quando seus dedos puxam meu cabelo daquele jeito delicioso. — Você pode pegar o que quiser.

— Ótimo. — Ele morde meu lábio inferior. — Agora me diga por que você abriu a porta.

— Porque eu ia ver se você já decidiu se me quer ou não.

Sua risada é um pouco sombria. — Esse nunca foi o problema e você sabe disso.

Com um único braço em volta da minha cintura, Kai me levanta, minhas pernas instintivamente envolvendo-o enquanto seus lábios encontram os meus em um beijo que é tão inesperadamente possessivo que me assusta. Acho que posso estar fora do meu corpo, olhando para baixo e vendo um homem que normalmente é a última pessoa a conseguir o que quer, mas que finalmente decidiu ser egoísta esta noite. Mas então minhas costas batem contra a parede e sou levada de volta ao momento para perceber que isso é real e está acontecendo.

— Kai — eu respiro contra seus lábios. — Tem certeza de que está bem com

isso? Tem certeza de que é isso que você quer?

Seus olhos suavizam, seu nariz cutucando o meu.

— Eu não quero magoar você — continuo em um sussurro.

— Eu sei. — Ele dá um beijo carinhoso em meus lábios. — Eu sei exatamente o que é isso e quero *isso*.

A língua de Kai roça a minha enquanto sua ereção roça minha boceta.

É sujo e carente e, francamente, não é o que eu esperava depois de visitar uma padaria pitoresca. Mas acho que é disso que ele precisa para fazer essa aventura funcionar. A conexão, a confiança. Embora ele dissesse constantemente que esta noite não era um encontro, claramente foi, e talvez um doce encontro antecipado seja a nossa solução.

Mas não há nada de doce neste homem agora.

— Você quer se divertir comigo? — Kai raspa contra meus lábios.

Querido Deus. Palavras tão simples, mas que desvendam quaisquer preocupações anteriores de protegê-lo. Se ele continuar falando assim, serei *eu* quem precisará de proteção.

— Por favor.

Ele sorri na minha boca.

Usando a parede para me segurar, ele agarra a parte inferior da minha coxa, massageando a carne como se estivesse sonhando em tocá-la. Sua outra mão contorna minhas costas, pela curva da minha bunda, até que seus dedos deslizam sob a barra da minha calcinha.

Mas ele não vai mais longe. Ele brinca. Ele saboreia.

Estou em chamas. Cada parte de mim queima para que ele me toque. E quero dizer, realmente me tocar, sem qualquer tecido entre nós desta vez.

Seus dedos caem mais para baixo, tão frustrantemente perto de onde preciso

deles que eu gemo em sua boca.

Ele ri. — Carente, Mills?

— Sim — eu lamento. — Eu me toquei tantas vezes pensando em você.

Suas sobrancelhas se levantam com interesse. — Na minha casa?

— Bem do outro lado da sua parede. Naquela noite, depois da cozinha, eu me diverti de novo só de repassar isso em minha mente.

— *Jesus.*

A mão de Kai é tão grande que ele segura minha bunda perfeitamente, apertando antes de deslizar os dedos sob a linha da minha calcinha novamente, desta vez roçando toda a minha boceta como se fosse uma recompensa por ser honesta.

Minha cabeça cai para trás contra a parede.

— Tão suave — ele cantarola contra minha garganta enquanto sua boca a percorre. — Você está pronta para isso, hein?

— Estou pronta desde o dia em que vi você naquele elevador.

Seu dedo médio circula meu clitóris, persuadindo a verdade.

— Eu queria isso desde que conheci você.

Ele morde minha clavícula, sorrindo contra minha pele. — Eu sei.

Normalmente, a coisa arrogante não funciona para mim, mas Kai tendo um momento de arrogância? Tenho quase certeza de que seus dedos estão encharcados por causa disso.

— Obrigado por isso — ele continua. — Não quero ficar todo sentimental antes de foder você, mas você me faz sentir como um homem de novo e não apenas um pai.

Bom Deus. Não sei onde focar primeiro. Em meus quadris, apertando sua mão, pedindo para um dedo deslizar para dentro, ou a forma como as palavras

antes de foder você soam saindo da língua de Kai.

Ou como este homem é tão facilmente vulnerável que me tenta ser o mesmo.

Mas porque ele já me conhece um pouco bem, ele evita coisas doces e sentimentais quando fico sem palavras.

— Você esteve planejando isso o tempo todo, Miller? Desde aquele elevador, onde você não parava de falar. Você sabia que um dia eu teria que prender você na parede e fazer calar a boca, não é? — Ele aperta minha coxa novamente, seus outros dedos rolando círculos lentos e torturantes sobre meu clitóris. — E, *caramba,* essas pernas vão ficar tão sexys em minhas bochechas quando eu enterrar minha língua aqui mesmo.

Um dedo desliza para dentro, lentamente penetrando profundamente.

Um suspiro inesperado escapa dos meus lábios, mas estou pronta para ele. Estou molhada, a julgar pelo som da minha pele enquanto ele entra e sai de mim. Todo o meu corpo está quente, esperando que ele alivie a dor.

Ele mantém a boca perto do meu ouvido. — Você já está apertando meu dedo, Miller? Mal comecei e você está desesperada, hein?

Kai pode ter perdido um pouco de autoconfiança ao longo do caminho, pode ter se concentrado exclusivamente no filho, mas o homem é claramente experiente, mesmo que não faça isso há algum tempo. Seu domínio sobre mim, suas palavras estão cheias de confiança.

Eu amo isso.

Ele pode não saber, mas é disso que preciso no quarto. Outra pessoa para assumir o controle. No trabalho estou no comando, dizendo aos outros o que fazer, mas aqui quero desligar essa parte do meu cérebro e simplesmente obedecer.

Eu giro meus quadris enquanto Kai acaricia dentro de mim.

— Mais — eu imploro. — Por favor, mais.

Ele me beija, falando contra minha boca. — Você quer mais dedos ou quer minha boca?

— Ambos.

Ele ri e é um pouco malvado. — Tão gananciosa.

Acariciando minha umidade, ele cobre o polegar antes de passar pela entrada da minha bunda. Cautelosamente, ele circula com calma, aquecendo-me antes de colocá-lo dentro, empurrando apenas a ponta para dentro.

Meu corpo sobe pela parede com a sensação estranha, mas respiro fundo para perceber que posso realmente adorar isso. Nenhum homem jamais me tocou lá, mas não estou nem um pouco brava com a nova sensação. Eu adoro especialmente quando ele adiciona um segundo dedo na minha boceta e acaricia em conjunto enquanto eu caio de volta e me contorço contra ele.

— Ainda não é suficiente? — ele pergunta, distraidamente balançando seus quadris contra mim.

Ele está tão duro e eu só quero ver, sentir. Chupar.

— Miller. — Ele cutuca o nariz contra a coluna da minha garganta antes de lambê-la. — Responda-me.

Eu não sei como responder. Parece demais, mas não o suficiente ao mesmo tempo. Ele tem o melhor par de mãos que eu já vi e saber que elas estão dentro de mim provoca alguns visuais incrivelmente quentes, imaginando-o entrando e saindo.

— Você precisa da minha boca?

— Eu preciso do seu pau.

Ele ri. — Paciência, Mills. Quero que você goze pelo menos uma vez primeiro. Quem sabe quanto tempo vou durar quando estiver dentro de você.

Com a cabeça caindo na curva do meu pescoço, ele me fode com o dedo

enquanto também empurra sua pélvis na minha, enterrando-me contra a parede. Tudo o que posso fazer é segurar seus ombros e aguentar a viagem.

Ele tem um cheiro bom, uma sensação boa. Não tenho certeza se já me senti tão excitada em minha vida.

Há uma parte de mim que ainda não quer gozar. Esse cara me cativou mais do que qualquer outro antes e prefiro que meu corpo não me traia dizendo isso a ele nos primeiros três minutos. Mas, então, ele enrola os dedos e, com a forma como estamos posicionados, a parte de trás deles acaricia minha parede frontal e eu quase estremeço e caio sobre sua mão.

— Isso — ele convence. — Cavalgue sobre minha mão, Miller.

Minhas pernas se apertam em torno dele, segurando seus quadris para dar ao meu clitóris um pouco de fricção enquanto ele trabalha dentro de mim. Calor e pressão se acumulam em meu baixo ventre. Ele acaricia seus dedos mais uma vez e eu gozo.

Gozo tão forte que parece que não sou tocada há anos, quando, na verdade, faz apenas algumas noites que gozei no balcão da cozinha dele e depois novamente em seu quarto de hóspedes.

Com as mãos agarrando o tecido de sua camiseta, com cada músculo do meu corpo se contraindo. Meu coração bate forte no meu peito, o que tenho certeza de que ele pode sentir contra o seu, e sendo o homem experiente que é, ele mantém seus quadris presos aos meus, permitindo-me a pressão necessária. Ele não muda o ritmo, não recua, ele mantém e deixa meu orgasmo durar o maior tempo possível.

— É tão linda quando goza — Kai diz, seus dedos ainda se movendo para ter certeza de que terminei completamente.

Nossos lábios roçam até que finalmente posso falar novamente. — Você é lindo quando *me faz gozar*.

Ele ri contra minha boca.

Quando eu começo a fraquejar, ele gentilmente retira o polegar e depois os outros dedos, ajeitando minha calcinha para que não caia no chão, e me coloca de volta em meus pés vacilantes.

Não querendo dar a ele a chance de acabar com isso novamente, eu me ajoelho, com as palmas das mãos roçando seu corpo até pousarem em suas coxas grossas para me apoiar.

E, meu Deus, minhas mãos parecem pequenas sobre ele.

Kai olha para mim, todo grande e imponente. — O que você está fazendo?

— Estou rezando. — Encontrando o botão da calça dele, abro o zíper. — Que porra você pensa que estou fazendo?

Sua mão pousa em cima da minha para me impedir. — Se meu pau chegar perto da sua boca, eu vou gozar, e realmente gostaria de estar dentro da sua boceta quando isso acontecer.

Jesus. Como ele faz com que gozar rápido demais pareça sexy?

— Já faz um ano, Mills. — Com um dedo sob meu queixo, ele inclina minha cabeça para cima. — E eu gostaria de ter certeza de que você está completamente fodida antes que a noite acabe.

Recuando em direção à cama, ele usa uma única mão para puxar a camiseta pela cabeça, a calça aberta e baixa nos quadris, apontando para o colchão.

— Venha. — Seu tom é todo insinuante com um sorriso que é todo charmoso graças à nossa piadinha interna.

E eu estou aqui ainda de joelhos. Literal e figurativamente, estou de joelhos por este homem.

O cara é alto, magro e definido. Não muito volumoso, mas claramente forte e, além de tudo, ele é tão bom. Gentil. Atencioso. Confiável.

E gostoso pra caramba com esses óculos.

— Pare de me foder com os olhos e deite sua bunda nesta cama, Montgomery.

Droga.

De pé, vou até o colchão e Kai dá um tapa na minha bunda quando passo por ele.

— Boa menina. Você ganha uma estrela dourada por obedecer.

Caio na cama rindo. Ele é sexy e comandante em um segundo, engraçado e vulnerável no seguinte. Ele nem entrou em mim ainda e acho que posso estar um pouco obcecada.

Uau. Não, eu não estou.

É apenas sexo.

Sento-me na beira do colchão. — Estrela dourada, hein? Essa é a sua versão de um elogio?

Ele caminha em minha direção. É a maior ostentação que já vi esse homem possuir enquanto caminha para ficar entre minhas pernas.

— *Hum-hmm*. Lábios de estrela dourada. — Ele inclina meu queixo para cima, encontrando minha boca com a dele. — Pela sensação nos meus dedos, eu diria que você tem uma boceta de estrala dourada. — Ele encontra a bainha da minha camiseta, puxando-a pela minha cabeça antes de desabotoar meu sutiã com um único movimento. Seus olhos se arregalam, balançando a cabeça em descrença. — *Jesus.* E peitos de estrela dourada.

Minhas mãos percorrem toda a extensão de suas coxas. — Eu também sou estrela dourada com a língua.

Seu pescoço se inclina para trás com um gemido torturado. Kai olha para o teto por três segundos antes de se abaixar sobre os quadris, com os calcanhares

na bunda e os olhos no nível dos meus. Como uma espécie de cavalheiro, ele coloca meu cabelo atrás da orelha enquanto olha diretamente para a minha boca.

A palma da sua mão percorre minha mandíbula até que seu polegar pressione a junção dos meus lábios, e o movimento é tudo menos cavalheiresco quando ele introduz o dedo na minha boca.

— Deixe-me ver — diz ele, lentamente entrando e saindo.

Seus olhos azuis-gelo estão aquecidos e semicerrados, contemplando.

Entrando e saindo. Entrando e saindo. E quando ele empurra novamente, eu chupo, passando a língua ao redor da ponta de seu dedo antes de percorrer o comprimento de seu polegar.

— *Porra.* — Ele se levanta, puxando a mão com um grunhido frustrado, elevando-se sobre mim enquanto me sento na beira da cama. — Só uma amostra.

Ele mal abaixa a calça e cueca, apenas o suficiente para puxar seu pau para fora.

E...

— *Puta merda* — ouço-me dizer, olhando diretamente para ele.

Ele é grande e grosso, latejando em seu punho enquanto ele se acaricia uma vez. Duas vezes. Uma gota de sêmen vaza da ponta e eu fico totalmente hipnotizada pela maneira como o polegar dele a desliza, enrolando-a em torno da cabeça.

O homem mede 1,93 metros e seu pau faz parecer que uma mão de tamanho médio não o envolve.

— Lamba esses seus lindos lábios e abra a boca.

Engolindo em seco, faço o que ele diz, com a língua para fora e a boca bem aberta.

Com a mão na parte de trás do meu crânio, ele se guia para dentro.

Estou tão cheia. Demoro um pouco para me ajustar a ele, sufocando-me um pouco, mas, eventualmente, recomponho-me, respirando pelo nariz.

— É isso, Miller. *Porra.* — Envolvendo minha língua, eu toco a parte inferior de sua coroa. — Tão bom — ele elogia. — Assim. Assim, *tão bom*. Deus, você vai ser a minha morte, não é?

Eu acaricio e chupo, usando a mão no que não cabe na minha boca. Ele me dá controle total, mas mantém uma mão no meu cabelo, acariciando e elogiando enquanto a outra se abaixa, testando o peso do meu peito em sua mão.

Ele penetra em minha boca, os quadris se movendo involuntariamente com o ruído de desespero mais sexy que já ouvi. Isso ecoa em meus ouvidos, persuadindo-me enquanto deslizo a mão que estava em seu pau para dentro da cueca, tocando suas bolas.

Kai dá um solavanco para trás, saindo da minha boca. Ele está mais inchado agora, veias furiosas decorando seu pênis. — Nossa. Está bem, já entendi. Língua de estrela dourada. Por favor, não me envergonhe agora.

Um sorriso satisfeito se ergue em meus lábios enquanto o observo se recompor, enfiando-se de volta na calça, o que é exatamente o oposto do que eu quero que ele faça.

Mas então ele exala e olha para mim, com os olhos rastreando meu corpo quase nu. Ele vagueia, seguindo meu peito, meus quadris, minhas tatuagens.

Kai balança a cabeça – o que ele mais gosta de fazer quando se trata de mim, mas dessa vez não é com irritação, é com descrença. — Você é tão gostosa, Mills.

Seu tom é tão suave e sincero que quase me faz corar. Não sou uma pessoa tímida com relação a sexo. Mas Kai está olhando para mim como se eu fosse a coisa favorita que ele já viu e, do jeito que suas palavras são ditas, é como se ele estivesse me agradecendo por estar aqui.

O que é realmente um absurdo.

A atmosfera muda novamente quando ele se aproxima e me beija de forma egoísta. Ele se curva à minha altura e passa os lábios por minha clavícula e peito expostos. Sua língua gira em torno do meu mamilo, sua garganta ronca em um gemido antes que ele o coloque em sua boca.

Kai chupa, minhas costas se curvam e, quando ele repete do outro lado, estou quase caindo da beirada da cama e em seu colo.

— Venha cá. — Sua voz é rouca, agarrando minha bunda e me puxando para montá-lo.

Ele me chupa com mais força.

— *Porra* — eu gemo. — Vai me fazer gozar brincando com meus mamilos novamente.

Ele sorri contra minha pele enquanto balança meus quadris, esfregando-me sobre sua ereção. E juro por Deus que se ele me fizer gozar de novo, eu realmente não serei capaz de olhá-lo nos olhos. Ele vai pensar que sou *eu* que estou superando um período de seca e que estou gozando de imediato por mal ter sido tocada.

Kai acaricia meu mamilo com a língua mais uma vez antes de encontrar minha boca. — Eu preciso provar o resto de você.

Sim. Definitivamente, vou gozar de novo, porque, com certeza, nunca fui de falar assim tão abertamente no quarto antes.

Ele é mais velho e não tem problema em dizer tudo o que está pensando.

Isso é incrivelmente excitante.

— Por favor, prove.

Ele se levanta, carregando-me para a cama. Um joelho pousa no colchão enquanto ele me deita com tanta delicadeza que é como se eu fosse uma carga

preciosa que pudesse quebrar. Então, passa a palma exploratória sobre minha coxa. A parte de cima, a parte de trás, a lateral.

— Aquele primeiro dia, em Miami, quando você estava usando aquele short cortado. — Kai beija meu pescoço. — Tudo que eu conseguia pensar eram nas suas pernas. Eu deveria estar tentando descobrir uma maneira de demitir você, mas tudo que eu queria fazer era descobrir uma maneira de tê-las em volta do meu rosto.

Esfrego-me contra ele como uma gata necessitada. — Parece que você encontrou um jeito.

Ele belisca e lambe o lugar entre meu peito e estômago. — Eu tenho sonhado com isso. Todas as noites, enquanto você dormia do lado de fora da minha casa, eu adormecia depois de me cansar, tentando me convencer a deixá-la em paz. Mas não consigo mais, porra. Eu quero você. *Porra,* eu quero *muito* você. Você tem sido uma tortura e não quero mais lutar contra isso.

Estou me arqueando, contorcendo-me para fora da cama só com algumas palavras e o hálito quente espalhando poeira em minha pele.

Eu também o quero, mas só podemos ter um ao outro assim.

Pegando o cós da minha calcinha entre os dentes, ele a aperta contra a minha pele. Cada nervo do meu corpo está tão sensível que até mesmo o estalar do tecido causa arrepios na minha espinha. Com tanta fluidez, ele rasteja pelo meu corpo, usando suas pernas fortes para se segurar enquanto desliza minha calcinha pelas minhas coxas.

Totalmente exposta, fico deitada nua com o cabelo espalhado sobre os ombros, observando Kai Rhodes ficar em pé, com minha calcinha pendurada em um único dedo, a outra mão esfregando o queixo em admiração.

— Maldição — ele exala, balançando a cabeça.

Abro um pouco mais as pernas para isso.

Esta noite parece um grande impulso para o ego e estou aqui para isso.

Confiante, ele coloca minha calcinha no bolso de trás antes de tirar os óculos, colocando-os com segurança em uma pequena mesa no canto do quarto.

Sempre tão responsável.

— Quanto você consegue ver sem isso? — eu pergunto.

Sua atenção percorre todo o meu corpo exposto.

— Confie em mim, estou vendo tudo o que sempre sonhei.

Seus passos são largos e dominantes, puxando meus tornozelos para me deslizar até a beira do colchão. Ele fica em cima de mim, passando as palmas das mãos até a dobra dos meus quadris.

— Eu quero tanto você, Miller.

Isso faz com que meus olhos se voltem para os dele, tirando minha atenção de onde ele está me tocando. Suas palavras são tão claras, tão sinceras. Elas parecem estar repletas de um significado que vai além desta noite. Mas afasto esse pensamento. Não vamos para lá. Estamos apenas nos divertindo e ele sabe disso.

— Eu também quero você, Kai, então se você pudesse me levar agora, seria ótimo.

Ele ri, caindo de joelhos. Habilmente, ele apoia meus tornozelos em seus ombros, bem perto de suas orelhas, antes de me puxar pelos quadris, para mais perto dele, de modo que meus joelhos dobrem sobre seus ombros.

Ele beija a parte interna da minha coxa, seu queixo áspero proporcionando a textura perfeita na minha pele. — Você sempre tem algo a dizer, hein?

Ele está com os braços em volta dos meus quadris, usando o polegar para acariciar suavemente meu clitóris. Quase caio da cama. Na verdade, eu provavelmente faria isso se ele não estivesse me prendendo com os braços. Ele

esfrega círculos suaves sobre a área sensível antes de usar o polegar para esticar minha pele, expondo meu clitóris e passando a língua sobre ele apenas uma vez.

— Vamos, Mills. Eu quero ouvir você.

O bastardo presunçoso sabe que não consigo falar. Eu não consigo pensar.

— Onde estão aquelas piadas rápidas que sempre saem dessa sua boca suja?

Ele lambe novamente, desta vez me cobrindo com a boca, chupando-me e sacudindo ritmicamente a língua. Comendo-me como se fosse uma maldita competição e ele planejasse vencer.

Não respondo porque não posso. Tudo o que consigo me concentrar são nos golpes longos e quentes dessa língua talentosa.

Onde diabos ele aprendeu a fazer isso?

O ciúme irracional passa por mim, sabendo que houve outras mulheres antes de mim. Ele tem literalmente um filho, um filho com quem me preocupo, e estou aqui furiosa porque ele teve a audácia de fazer sexo com alguém antes mesmo de me conhecer.

Ele chupa de novo, girando a língua da maneira mais insana, e meu ciúme é tomado pelo calor e pelo desejo e um pouco de frustração por ser tão fácil para ele me fazer uma massa em suas mãos.

— Isso é tudo que eu tive que fazer para calar você? — ele continua. — Lamber essa boceta bonita para fazer você parar de falar?

Eu simplesmente agarro os lençóis e aperto as coxas em resposta.

— Mmm — ele cantarola, vibrando todo o meu núcleo. — Sim, baby. Prenda-me.

Não tenho controle sobre meu corpo, então meus quadris assumem vida própria, rolando em conjunto com sua língua, perseguindo meu segundo orgasmo da noite.

Com uma única mão na minha barriga, sua língua se concentra em meu clitóris enquanto dois dedos de sua outra mão afundam dentro de mim, curvando-se para frente, e é suficiente.

Estou em queda livre, meu orgasmo me rasgando com tanta força que estou tendo convulsões, tremendo e me afundando na cama. Cada músculo se contrai, até meus pés arqueados e dedos enrolados que estão atualmente apoiados em suas costas.

Kai mantém a língua se movendo, mas olha para cima enquanto eu olho para baixo, olhos azuis gelados me observando perigosamente entre as pernas. Ele está tão gostoso ali, que não posso deixar de tocá-lo, agarrando seu cabelo enquanto monto em seu rosto, aproveitando cada segundo que posso.

E, finalmente, respiro e a expiração me afunda no colchão, mole e exausta, e eu nem fiz nenhum trabalho.

Ele sorri contra a minha pele. Presunçoso e tão merecido.

— Tão linda.

Kai dá um beijo suave em meu clitóris, gentil e terno, e mais uma vez ele faz minha mente girar. Esse cara é uma justaposição ambulante. A confiança de falar sujo e de volta para o homem gentil que passou a vida sozinho.

Ele se levanta, espalhando beijos na parte interna da minha perna antes de se afastar da cama.

Ele é tão lindo. Tão atencioso.

— Você me fez gozar três vezes desde aquela noite na cozinha. — Minha respiração está irregular enquanto tento me acalmar. — E eu não cuidei de você nenhuma vez. Isso parece terrivelmente injusto.

Kai tira uma camisinha do bolso de trás da calça. Aquele que minha calcinha *não* está ocupando atualmente.

— É assim que você acha que isso funciona? Quem diabos está lhe dando

orgasmos apenas para esperá-los em troca? — Ele balança a cabeça. — Não responda isso. Eu mudei de ideia. Não quero saber.

Ele desliza a calça para baixo, seu pau protegido no tecido da cueca.

— É assim que funciona — eu explico, incapaz de tirar os olhos dele.

Ele ri e é totalmente sem humor. — Fazê-la gozar me deixa excitado. Você deveria parar de entreter garotos com qualquer outra mentalidade.

Ele deixa cair a cueca no chão e eu não consigo respirar.

— Na verdade, você deveria parar de entreter outros meninos em geral.

Suas coxas grossas e tatuadas estão ondulando, o V perfeito cortando seu pau que está orgulhoso, alto e grosso. Inteiramente proporcional ao seu corpo gigante.

Mais pré-sêmen vaza da ponta e ele passa o polegar, lubrificando o punho enquanto se acaricia. Ele fica na minha frente sem um pingo de timidez no corpo.

Ele é deslumbrante.

Masculinidade pura, músculos tensos, estrutura esbelta com uma personalidade suave o suficiente para criar um ser humano sozinho e com amor.

Acho que estou vendo o velho Kai esta noite e essa versão me assusta. A confiança, a autoconfiança misturada com o novo Kai – atencioso, gentil. Ele é uma combinação letal, e não só meu corpo reconhece isso, mas também meu coração.

Ele rasga o pacote de alumínio com os dentes.

— Posso? — eu pergunto, sentando-me.

Um pequeno sorriso aparece em seus lábios enquanto ele caminha em minha direção, com a camisinha estendida, o pau apontando de seu corpo, e eu estou aqui salivando, observando seus músculos ondularem enquanto ele se move.

Apertando a ponta, rolo o resto da camisinha sobre seu eixo. Posso sentir o quão pronto ele está enquanto lateja em minha mão. O punho de Kai cobre o meu, usando-me para acariciá-lo novamente, seus olhos se fechando enquanto ele repete o movimento.

— Há quanto tempo você guarda isso no bolso de trás? — pergunto.

— Estou carregando uma comigo desde a noite em que saímos no Texas.

— *Depois* daquela noite, você quer dizer?

— Não. Coloquei uma na minha carteira antes de sairmos para o bar.

Minhas sobrancelhas se levantam. — Para mim?

— Sempre foi só para você.

Oh.

Meu estômago explode em uma sensação que eu presumo que as pessoas chamam de frio na barriga. Eu não saberia. Eu realmente nunca senti até começar a andar com esse homem.

Ele acena em direção à cama, dizendo-me para recuar. Faço isso, rastejando de volta, mas antes que ele possa subir no colchão comigo, eu me viro, ficando de quatro e de frente para a cabeceira da cama em vez dele.

Sua risada é sombria e ameaçadora. — Você acha que isso vai ajudar?

Merda.

— Acha que será capaz de se manter desapegada porque não está olhando para meu rosto enquanto eu fodo você?

O colchão afunda quando Kai sobe atrás de mim. Coxas grossas beijam as minhas e odeio o quão bem ele me vê e me conhece, o que minha cabeça caótica está fazendo. Um braço envolve minha cintura, o outro segura meus seios enquanto ele me puxa para cima, minhas costas encostadas em seu peito.

Ele abaixa a boca até meu ouvido. — Bem, não importa se você me vê ou

não. Você vai sentir cada centímetro meu. Estarei tão profundo que você será capaz de me sentir na porra da sua garganta, e posso prometer a você, Miller, que seu corpo não deixará você me esquecer.

Jesus.

O braço em volta do meu peito desliza entre as minhas pernas, circulando meu clitóris. Ele balança os quadris, cobrindo a camisinha com minha excitação enquanto esfrega seu comprimento em mim.

Ele beija logo abaixo da minha orelha, beliscando a pele. — Você acha que pode manter isso casual, Mills?

Concordo com a cabeça freneticamente, na esperança de convencer nós dois.

Sua risada é silenciosa, mas ressoa contra mim. — Boa sorte para você com isso.

E com essas palavras, ele se ajusta, a cabeça do seu pau encostando no meu núcleo. Há um momento em que nossa respiração fica sincronizada, a expectativa pesa no quarto do hotel. Ele permanece ali, permitindo que o momento cresça antes de levantar os quadris e empurrar para dentro.

— Oh, *merda* — eu grito, desmoronando em direção ao colchão, mas Kai vem comigo, cobrindo todo o meu corpo com o dele. Ele se segura para não me esmagar, mas posso sentir o quão difícil ele está respirando, posso sentir a tensão que o envolve enquanto ele me dá um momento e não se move.

Kai abre os joelhos, usando as coxas para abrir as minhas enquanto tento me ajustar ao seu tamanho.

— Grande demais — digo a ele, minhas palavras abafadas nos lençóis.

Aquela maldita risada ressoa novamente. — Estou apenas na metade, Mills.

Com perplexidade, meus olhos o encontram por cima do meu ombro. — Isso não pode ser verdade.

— É. Estou olhando direto para isso. Caramba, você deveria nos ver, Miller. Você está linda, tentando ao máximo se esticar ao meu redor. É realmente uma pena que você não queira ver.

— Eu odeio você.

Ele circula meu clitóris e eu gemo.

— Continue dizendo isso a si mesma. — Ele continua brincando comigo, relaxando-me na cama. — Respire fundo.

Faço o que me foi dito, meu corpo mais uma vez compatível. Tão complacente que Kai mexe os quadris, empurrando lentamente em mim e quando sinto sua pélvis encostar na minha bunda, sei que o levei ao máximo.

Ele geme, aninhando-se na minha nuca. — Tão bom, Miller. Você é tão perfeita.

Tento ignorar o trecho acentuado. — Boceta de estrela dourada?

Ele ri de novo, mas desta vez é leve e divertido. — Não tenho dúvidas. Boceta de estrela dourada.

Ele decora minha coluna com beijos calorosos, afastando meu cabelo para poder estender esses beijos até meu pescoço.

— Ainda dói? — ele pergunta contra a minha pele.

Balanço a cabeça para dizer não. A dor é mais uma dor surda agora, aquela pitada deliciosa de estar cheia demais, mas esse cara poderia me partir ao meio, e eu ainda não pediria para ele parar.

— Ótimo. — Ele empurra os quadris e se joga totalmente dentro de mim, com o corpo ainda esparramado sobre o meu, prendendo-me à cama.

Eu gemo contra os lençóis, na esperança de abafar meus sons, agradecida pelo fato de a parede compartilhada ser o quarto de Kai.

Suas mãos cobrem minhas costas nuas, roçando em minha pele enquanto

descem pelos meus braços até chegarem às minhas mãos, entrelaçando nossos dedos. Ele me segura enquanto começa a se mover com ritmo, fodendo-me completamente.

Ele é insano. Tão incrível. Tão grande. Gostoso. A maneira como ele rola sobre mim. Meu Deus, ele deve parecer uma estrela pornô me montando agora.

Seus lábios permanecem próximos à minha orelha. — Você tem sido como um veneno neste verão, sabia disso? Infiltrando-se em meu corpo e me arruinando lentamente.

Eu gemo, levantando minha bunda para encontrá-lo no ritmo.

— Linda. Porra. Tóxica.

Ele continua a sussurrar palavras sujas em meu ouvido, alimentando-me com seu pau repetidas vezes. Uma de suas mãos deixa a minha, deslizando entre mim e o colchão até encontrar meu clitóris.

— *Ace.*

— Mmm — ele cantarola. — Eu adoro quando você me chama assim. O que você precisa?

— Vire-me. Quero ver você.

Ele faz uma pausa. — Mesmo?

Aparentemente, nós dois somos péssimos em nos manter firmes nas regras patéticas que criamos para nós mesmos.

— Por favor.

Ele sai, o vazio repentino esvaziando meu ventre, antes de me virar de costas.

Ah, isso foi uma má ideia.

Seus olhos azuis de aço estão escuros de desejo. Seus abdominais estão contraídos. Pau inchado. Pele brilhando de suor.

Kai abre minhas pernas, colocando uma em seu ombro para ter um ângulo melhor antes de voltar para dentro de mim.

Nós dois gememos quando ele me preenche.

Ele desliza mais facilmente desta vez, meu corpo pronto e disposto a tomá-lo, especialmente agora que posso vê-lo. Não há dúvida em minha mente, eu nunca quis ninguém assim.

Ele segura meus quadris enquanto me preenche repetidamente, dando beijos na parte interna do meu tornozelo enquanto ele descansa em seu ombro. Ele brinca com meu clitóris. Ele aperta meus seios. Então ele se inclina para frente, dobrando minha perna contra o peito enquanto usa a alavanca da cama para me foder no colchão.

E, *ah, meu Deus.*

Eu nunca fui fodida assim.

Estou à mercê deste homem e ele não se contém. Gotas de suor em sua testa, nossa pele deslizando enquanto minhas mãos procuram algo para segurar, minhas unhas cravando em suas costas.

— É por isso que você tem Max — digo de alguma forma. — Tenho quase certeza de que você está me fodendo além do meu controle de natalidade.

— Miller. — Ele interrompe seus movimentos. — Esse é um pensamento interno.

— Eu não tenho pensamentos internos.

Ele simplesmente balança a cabeça para mim – seu movimento favorito. Então ele faz *meu* movimento favorito e estala os quadris para me preencher novamente.

— Eu realmente apreciaria se evitássemos falar sobre eu poder engravidar você enquanto estou reorganizando seu interior.

Eu levanto uma sobrancelha impressionada. — Sim, Daddy.

— Jesus Cristo.

Kai segura meu queixo com uma única mão e me beija rudemente, sua língua penetrando minha boca, sem dúvida para me calar.

Mas então, quando o corpo dele cai sobre o meu, nossos movimentos mudam.

É menos frenético. Encontramos um ritmo enquanto Kai nos move juntos. Ou os beijos são lentos e penetrantes. Sua testa descansa na minha enquanto ele me toca, apreciando cada centímetro da minha pele. Meus dedos pressionam a parte inferior de suas costas enquanto ele se move sobre mim.

Nós nos observamos.

Isso é... *íntimo.*

É assustador.

Mas não consigo evitar subir de volta até a borda com ele.

— Eu queria isso há tanto tempo, Miller. — Ele encosta o nariz no meu, beijando-me novamente.

E como não aguento momentos sérios, procuro quebrar a intimidade com humor.

— O quê? Cinco semanas inteiras? Você tem a paciência de um santo.

Ele balança a cabeça. — Muito mais tempo do que isso.

Merda. Ele não está se referindo a querer meu corpo. Ele está se referindo a querer a conexão que criamos.

Eu deveria corrigi-lo. Lembrando-o de que isso é casual. Leve. Sem compromisso.

Mas este homem merece alguém por quem lutar e para apoiá-lo. E embora a longo prazo esse alguém não seja eu, deixo-me acreditar, só por esta noite, que

talvez pudesse.

Ele me faz querer ser.

Kai desliza o braço entre minhas costas e a cama e nos movemos juntos. Eu me envolvo em seu corpo até que ambos gozamos. Ele está enterrado na curva do meu pescoço enquanto tenho meu terceiro orgasmo da noite e estou beijando seu peito e sua pele encharcada de suor quando ele encontra o primeiro.

Meu nome soa como adoração quando ele canta contra minha pele, beijando-me suavemente enquanto goza. Nunca gostei tanto do apelido *Mills* quanto quando Kai o diz enquanto está dentro de mim, entrelaçando a palavra com gratidão.

E vê-lo gozar? Acho que faria qualquer coisa para ver isso de novo.

Estamos nos tocando e nos acariciando à medida que voltamos a nos acalmar, e quando Kai sai de dentro de mim, nunca me senti tão vazia, perdendo aquela conexão.

Ele brinca com meu cabelo enquanto se deita ao meu lado, observando-me com olhos agradecidos.

— Perfeita — ele murmura.

Eu me aninho em seu peito como um clinger de estágio cinco que precisa ser abraçado depois do sexo. — Você também não foi tão ruim.

Seu sorriso é suave contra minha pele.

Quero ficar nessa cama a noite toda. Fazer isso de novo e de novo. Talvez acordar com ele entre minhas pernas.

Mas então meus olhos se abrem e encontram seu peito quando ele me abraça, acariciando minhas costas.

Não me leve a mal, mas que diabos estou fazendo?

Limpando a garganta, eu me afasto e aponto para a camisinha. — Você

precisa do banheiro para poder cuidar de...

— Vá você primeiro.

Minha sobrancelha se levanta, precisando do humor de volta no quarto. — Ah, então agora você está sendo um cavalheiro depois de me contaminar tão perfeitamente?

— Não. Eu só quero observar sua bunda por trás enquanto você se afasta.

Dando-lhe um tapa brincalhão, eu me levanto, mas Kai me puxa de volta para baixo, as mãos afundando em meu cabelo com um beijo que parece muito mais significativo do que deveria depois de um encontro casual.

— Obrigado — ele diz contra meus lábios, olhos suaves procurando os meus.

Estou sem palavras.

Eu estou obcecada.

Acho que estou com problemas.

Então, rapidamente me afasto e corro para o banheiro, precisando de um momento para respirar.

Não dê a ele alguém para sentir falta, Miller.

E quanto a mim? O que estou fazendo *comigo mesma?*

Olho para meu reflexo nu no espelho. *Ele é apenas mais um cara em outra cidade. Eu irei embora em um mês e ele se esquecerá completamente de mim. Vou esquecê-lo.*

Não consigo nem me olhar nos olhos enquanto minto.

Eu tenho que consertar isso. Colocar minha armadura de volta. Será melhor para nós dois no longo prazo.

Casual. Leve. Sem compromisso.

Inspirando pelo nariz, endireito os ombros. Eu posso fazer isso.

De volta ao meu quarto, minha cama está vazia, então deslizo para debaixo das cobertas, tentando o meu melhor para não pensar em como esta noite foi incrível. Como parecia *certo.*

Kai volta de seu quarto, calça de moletom pendurada na cintura, vindo direto para a cama. Ele levanta a ponta das cobertas para se juntar a mim, mas eu o paro com a mão em seu peito.

— O quê? — ele pergunta.

— Sem festa do pijama.

— Você está brincando.

Eu simplesmente balanço minha cabeça.

Ele exala uma risada incrédula. — Mas já dormimos juntos na mesma cama antes.

— Isso foi diferente.

Ele contempla por um momento, os olhos arregalados de descrença.

— Tudo bem — diz ele, levantando os lençóis sobre meu corpo nu para me aconchegar, porque é claro que ele faz isso. — Espero que você consiga dormir um pouco com todas as cambalhotas que seu cérebro está fazendo agora.

Kai tira meu cabelo úmido de suor do meu rosto para dar um beijo suave na minha testa e depois um beijo menos gentil na minha boca. — Boa noite, Mills.

Eu engulo. — Boa noite.

Ele lança um último olhar para mim por cima do ombro antes de desligar a luz do meu quarto e sair. Mas ele não fecha a porta que liga o seu quarto ao meu, mantendo aquela pequena abertura entre nós.

Virando de costas, olho para o teto. Por que ele tem que lidar com tudo tão graciosamente? Por que ele não teve um ataque por não dormir aqui ou por

alguma outra coisa que poderia me dar nojo? Não, ele só precisava me entender completamente mais uma vez.

Que irritante.

Quase tão irritante quanto a dor entre minhas pernas e as lembranças inundando minha mente dele dentro de mim nesta mesma cama.

Há uma batida na parede logo atrás da minha cabeceira vindo do quarto de Kai. — Ei, Miller?

— Sim?

— Obrigado pelo sexo.

Eu começo a rir. É barulhento e pouco feminino e não dou a mínima.

Esse cara é frustrantemente bom, aliviando minha tensão com humor, como costumo fazer.

— De nada, Baseball Daddy. E eu quero dizer *Daddy.*

Posso ouvir a risada dele daqui. — Hoje foi um bom dia.

Realmente foi.

— Todos poderiam ser bons dias.

Ele cantarola. — Sim. Talvez.

Há apenas uma parede fina entre nós, alguns centímetros e uma porta aberta. Distância suficiente apenas para que eu me convença de que é necessária. Mas de uma forma estranha, parece que ele ainda está dentro de mim. Não fisicamente, mas como se ele estivesse gravado em minha alma. Seu cheiro ainda está em meus lençóis enquanto eu me enterro neles. Seu toque ainda queima minha pele.

Ele estava certo. Não há como esquecê-lo.

CAPÍTULO 24

Miller

O sol que espreita pelas minhas cortinas é o que me acorda, ofuscante e brilhante. Apertando os olhos, levo um momento para me orientar, lembrando onde estou.

Boston.

Estou em Boston.

Acordei grande parte da minha vida adulta assim, precisando me lembrar onde estou, por qual cidade estou passando.

Rolando, fico impressionada com outro lembrete.

Estou dolorida.

Estou dolorida por Kai esticar meu corpo.

Porque fizemos sexo.

Sexo alucinante, que me fez gozar três vezes, melhor do que nunca.

Flashes de seu cabelo escuro, molhado de suor, passam pela minha mente. Seu corpo, alto e magro, sabendo exatamente como cuidar do meu. E suas palavras... *Deus,* ele tem uma boca suja na cama.

Aperto minhas coxas com as lembranças.

Minha atenção se volta para a mesinha lateral onde ele deixou os óculos ontem à noite, mas eles sumiram, assim como as roupas que ele deixou espalhadas pelo chão. Mas o macacão verde-oliva de ontem ainda está exatamente onde eu o deixei, então, sem me preocupar com sutiã ou camiseta, eu o visto, precisando cobrir parte do meu corpo nu, sem saber se Kai já pegou Max

no quarto de seu irmão.

E bem na hora, ouço a porta da frente do quarto de Kai ser destrancada. Aquela que conecta o nosso ainda está aberta e só alguns segundos depois ele passa pela soleira, com um café em cada mão. Ele está vestindo short esportivo bem acima dos joelhos, mostrando aquela tatuagem na coxa, com uma camiseta cinza e os óculos.

Ele está tão gostoso e arrumado a essa hora da manhã, enquanto eu mal estou vestida, com o cabelo ainda bagunçado por causa das mãos dele que passaram por ele na noite passada.

Ele sorri para mim, todo doce e sexy, claramente sem se incomodar com o fato de eu tê-lo expulsado da cama ontem à noite.

— Você acabou de acordar?

— Sim. — Eu me afasto dele, usando o espelho de corpo inteiro na parede para rapidamente prender meu cabelo em um nó. — Parece que alguém aqui me deixou exausta ontem à noite.

— Bem, isso parece justo. — Kai ocupa o espaço atrás de mim, olhando-me pelo espelho. — Porque você me esgota diariamente.

Eu sorrio para o nosso reflexo. A última coisa que eu precisava era que Kai viesse aqui falar sobre nós fazendo amor ou algo do gênero. O que eu precisava era que ele me sacaneasse.

Ele se inclina para beijar meu pescoço, agora exposto. — Bom dia.

— Oi. — Eu me encontro me curvando para ele. — Você trouxe café para mim?

— Um chai. — Ele oferece o copo por cima do meu ombro, colocando-o na minha mão.

— Como você sabia que eu gosto de chai?

— Era o que você estava bebendo no primeiro dia em que nos conhecemos, quando seu pai me deixou com a sua bunda o verão inteiro.

Um sorriso aparece em meus lábios. Que observador da parte dele. — Obrigada.

Os olhos de Kai perderam o brilho alegre anterior, sendo substituídos por preocupação. — Você está bem?

— Com relação a...

— Você está bem com o que aconteceu ontem à noite?

Um sorriso lento se espalha em meus lábios enquanto olho para ele através do espelho. — Mais do que bem.

Sua preocupação desaparece, seu sorriso assume um tom infantil. — Mesmo?

— Sim.

— Você ficaria mais do que bem se isso acontecesse de novo?

Deus, ele é fofo, todo tímido com sua pergunta.

— Eu adoraria que isso acontecesse novamente.

Ele está sorrindo totalmente agora, um sorriso que eu não sabia que existia há apenas um mês.

Um sorriso que parece esperançoso, lembrando-me do que esse homem passou em sua vida e que não posso ser a próxima pessoa a magoá-lo quando eu for embora.

— Mas — eu interrompo — acho que deveríamos ter algumas regras.

— Não aprendemos que não somos muito bons em nos manter firmes em relação a elas?

Eu levanto uma única sobrancelha.

— Tudo bem — ele ri. — *Não* sou muito bom em me segurar nisso.

— Acho que seria uma boa ideia, você sabe, ter certeza de que nós dois estamos esclarecidos sobre o que é isso.

— Confie em mim, Miller. Você deixou perfeitamente claro o que isso significa para você e eu disse que estou bem com isso. Vou manter isso casual.

— Sem festa do pijama — começo.

— Sim. — Seu tom é totalmente impressionado. — Já entendi essa.

— Nada de beijos, a menos que estejamos transando. Nada de aproximação.

Ele estreita os olhos através do reflexo. — Mas sempre fomos meio afetuosos.

— Certo, mas agora que estamos dormindo juntos, acho que isso deveria parar. Você sabe, para manter os limites claros.

— Só para que *eu* possa manter as coisas claras, essas regras são para *me* lembrar o que é esse pequeno arranjo ou são um lembrete para *você?*

Meu Deus, esse homem me enlouquece com o quanto ele consegue entrar em meu cérebro e entender meus parâmetros. É claro que não quero magoá-lo, sabendo com quantas pessoas ele contou para que fossem embora, mas, mais ainda, depois da noite passada, acho que preciso dos limites que essas regras impõem para evitar que eu me apegue quando não tenho espaço para isso em minha vida ou carreira.

Nunca me preocupei com isso antes.

— E por último — expresso, precisando incluir a regra mais importante de todas. — Isso termina quando eu sair de Chicago para meu próximo trabalho. Não haverá grandes declarações de amor depois que tudo estiver dito e feito. Vamos nos divertir, mas vamos nos lembrar exatamente do que se trata. Uma aventura de verão.

— Uma aventura de verão — ele repete. — Você arranca com o carro e acaba assim, sem mais nem menos?

— Sem mais nem menos.

Kai hesita. — Se é o que você quer.

É, e mesmo que ele não admita agora, é o que ele também quer. A longo prazo, ele e Max precisam de alguém com base e seguro. Nós dois sabemos que esse alguém não sou eu.

— Você sabe. — A palma da mão de Kai afunda na abertura lateral do meu macacão, roçando minhas costelas e estômago. — Vou jogar hoje à noite.

— Eu sei disso.

— E as superstições do beisebol são muito sérias. Não posso arriscar mexer com elas.

Ele arrasta as pontas dos dedos até minha barriga antes de passar o polegar sobre meu mamilo já rígido.

Eu caio de volta em seu peito. — O que você está dizendo?

— Estou dizendo que não posso quebrar a tradição. — Ele beija a pele sensível logo abaixo da minha orelha enquanto solta graciosamente uma das alças do meu ombro. O tecido se abre, expondo meu peito nu e Kai me encara através do reflexo. — Se eu jogar bem esta noite, vou presumir que é por causa da noite passada e vou ter de passar o resto do verão curtindo você sempre que puder. Você sabe, por causa das superstições.

— E se você jogar mal?

Ele sorri contra a minha pele. — Teremos que continuar fodendo até descobrirmos o que fizemos de errado.

Eu rio de sua lógica. Sim, *rio*. Como uma estudante apaixonada.

Kai passa a mão pelo meu peito e estômago, mergulhando mais abaixo. Ele

leva seu tempo explorando minha pele, tocando e beijando antes que seu dedo médio roce meu clitóris. Ele esfrega círculos suaves e leves, excitando-me, mas é diferente da noite passada. Não há nada apressado ou frenético. É lento e minucioso.

Chegando por trás, coloco a palma da mão na base do seu pescoço.

Kai cantarola em meu ouvido, e estou prestes a deixar cair este chai no chão para poder usar as duas mãos para explorá-lo, mas então ouço uma batida em sua porta e nós dois paramos.

São o irmão e o filho dele, tenho certeza.

Kai puxa os dedos de mim antes de levá-los à boca e lambê-los, tudo isso enquanto me olha através do espelho. — Deus, você tem um gosto bom.

— Quem diabos é você e de onde veio essa versão?

Com uma única mão, ele segura minha alça. — Estive aqui o tempo todo. Apenas esqueci como era aproveitar as coisas para mim mesmo.

Uma batida soa em sua porta novamente.

— E eu nunca gostei tanto de algo quanto gosto de foder você. — Ele termina com um beijo na minha têmpora antes de sair em direção ao seu quarto, mas se vira para me dar mais uma olhada no espelho. — Agora vista uma maldita roupa antes que me faça perder o jogo.

Seu sorriso é leve e relaxado enquanto ele fecha a porta entre nossos quartos.

Tudo o que posso fazer é me olhar no espelho e tentar descobrir quem diabos está olhando para mim. Porque neste momento não vejo nenhum sinal da mulher que apareceu em Chicago há cinco semanas.

— Aí está o meu cara! — Ouço Kai dizer do outro lado da porta.

— Papai!

— Você se divertiu com seu tio?

— Mmm, sim — diz Max, usando uma palavra nova que aprendeu na semana passada.

— Oh, cara. — Kai exala um suspiro audível e não consigo vê-los, mas posso imaginá-lo segurando o filho com força contra o peito. — Senti tanto a sua falta, Max.

Olho para meu reflexo novamente, mas tudo que vejo é uma mulher que é completamente apaixonada por um garotinho e seu pai.

Isaiah ri. — Você estava tão entediado sem ele, hein?

Kai permanece em silêncio.

— Por que você está assim? — seu irmão pergunta.

— Eu não estou de jeito nenhum.

— Quase esqueci que você tinha dentes, faz muito tempo que não vejo você sorrir assim.

— Pare.

— Oh, meu Deus, você... — Isaiah murmura. — Hot Nanny! Por que meu irmão está sorrindo como um idiota? — Ouço seus passos avançando em direção à minha porta, então entro em ação e corro até lá. Tranco-a bem a tempo de ele apertar a maçaneta. — Miller Montgomery, você é responsável por isso?

Bato a palma da mão na boca, não querendo que Isaiah saiba que estou aqui.

Ele tenta a porta novamente.

— Isaiah, pare — Kai ri.

— Você está rindo. Por que você está rindo? Por que você está de tão bom humor?

— Eu não estou... estou feliz que Max esteja de volta.

— Você transou, não foi?

Kai não confirma nem nega.

— Você transou! Porra, eu sabia disso! — Há tanta emoção na voz de Isaiah. Ele bate na porta. — Ei, bom trabalho, Miller!

— Ok, você tem que sair daqui. — Pelo que parece, Kai está empurrando seu irmão para fora do quarto. — Obrigado por cuidar dele ontem à noite.

— Se eu soubesse que teria de ser babá para o papai foder, já teria feito isso há meses.

— Olha a boca.

— Sim, a boca — Isaiah fala inexpressivamente. — Porque minha linguagem é a coisa mais inadequada que aconteceu neste quarto nas últimas doze horas. — Há um beijo, provavelmente na bochecha de Max. — Obrigado por ficar comigo, Bug. Kai, estou muito orgulhoso de você.

— Por favor, cale a boca.

A porta fecha-se, mas ainda consigo ouvir Isaiah no corredor. — Miller, eu sei que você está aí e estou orgulhoso de você também, garota!

* * *

O ônibus da equipe para no estacionamento privativo do Fenway. É meio da tarde e o jogo só começa às sete, mas há muita coisa que precisa ser feita antes.

Normalmente, Max e eu ficamos no hotel quando os Warriors jogam à noite, mas Kai queria mostrar ao filho um dos parques mais emblemáticos da liga antes de ele assumir o campo.

Demorando-me, observo enquanto os dois seguem devagar para descer do ônibus. Agora que Max está andando, ele insiste em estar sempre de pé.

O boné virado de Max combina com o de seu pai, e sua camisa tem o mesmo

nome e número da que Kai usará esta noite.

O corpo alto de Kai está curvado para segurar a mão de seu filho, Isaiah do lado oposto segura a outra mão de Max. Travis e Cody estão conversando e brigando um com o outro, mas também andando incrivelmente devagar, como se fosse uma segunda natureza para eles se moverem na velocidade de Max agora. Na verdade, ninguém fica para trás. Toda a equipe está se movendo no ritmo de uma criança de dezesseis meses.

Uma queimadura desconhecida surge na parte de trás dos meus olhos. Não sei por que ficaria emocionada com isso, mas esse grupo é tão bom um com o outro. Eles são tão bons para Kai e seu filho.

Depois de passar tanto tempo em cozinhas com uma equipe majoritariamente masculina, eu estava hesitante em passar meu verão com outro grupo de homens, mas eles provaram que eu estava errada.

Vou sentir falta de todos eles quando for embora.

— Você está bem? — Meu pai passa um braço sobre meus ombros enquanto acompanhamos seu time, levando nosso tempo para entrar.

— Alergias, eu acho. — Limpando a garganta, engulo o que diabos está acontecendo comigo.

Os olhos do meu pai saltam de mim para Kai e para Max. — Sim — ele diz. — Claro.

— Como você se sente em relação ao jogo desta noite?

— Bem. Sempre me sinto bem quando Ace está começando. Sem falar que ele parece estar excepcionalmente bem-humorado hoje.

— Está? Eu não tinha notado.

Meu pai ri e é consciente e irritante. — Você, por outro lado, parece estar com a cabeça nas nuvens. O que está acontecendo em sua cabeça, Millie?

— Confie em mim, pai, você não quer saber o que estou pensando.

— Tudo bem. Bem, pelo menos você se divertiu ontem à noite? Para onde Kai levou você?

— A uma padaria no North End. Ele me levou na esperança de que eu me inspirasse para o trabalho, já que não consigo cozinhar enquanto estamos na estrada.

Meu pai balança levemente a cabeça. — Ele é bom.

Encontro Kai novamente. Ele está com um sorriso orgulhoso, olhando para baixo e vendo seu filho entrar no Fenway com ele. Todos os olhares estão voltados para ele esta noite, quando ele entra no campo, mas ele só tem olhos para Max.

— Sim — eu exalo. — Ele é.

Posso sentir o olhar do meu pai queimando na lateral da minha cabeça. — Você sabe o que está fazendo aí?

— Sim. Já cuidei disso. Não se preocupe, não vou magoá-lo. Temos regras em vigor para garantir isso.

Ele me aperta com mais força. — E você? Você vai se machucar?

Eu solto uma risada. — Claro que não.

— Claro que não — ele repete secamente. — Porque você, Miller, não se deixa apegar a ponto de se machucar, certo?

— Certo.

— Bem, para o bem de vocês dois, apenas tome cuidado, certo?

Há uma semana, ele teria me deixado de fora dessa declaração. Ele teria me dito para ser cautelosa com Kai. Agora, ele vê isso tão claro quanto eu.

Há potencial para eu ter tantos problemas quanto o arremessador dele.

* * *

Com o time na sede do clube, Max com seu pai e *meu* pai em uma reunião de treinadores, perambulo pelo labirinto do lado visitante do Fenway até encontrar a sala de treinamento.

E quando abro a porta, meus ombros caem de alívio ao encontrá-la vazia, com a única pessoa que procuro.

— Kennedy, preciso falar com você.

Ela está organizando a fita, cada uma etiquetada com o tocador a que se destina, porque é claro que todos têm uma preferência única de fita.

Ela espia por cima do ombro, balançando o rabo de cavalo cobre. — Você está bem?

— Sim. — Ando freneticamente pela sala. — Não.

Uma única sobrancelha se levanta quando ela se vira, com os braços cruzados sobre o peito, recostando-se em uma mesa de massagem. Ela está com seu típico uniforme polo dos Warriors, calça preta de ioga, tênis do time e um rosto sem maquiagem, exibindo suas sardas.

— Olhe, sei que não nos conhecemos de verdade, mas não tenho ninguém com quem conversar sobre isso. E você é a única outra mulher na estrada e...

— Miller, você gostaria de ser minha amiga?

Eu paro no meio do caminho. — É assim que funciona? Você simplesmente diz isso assim?

Kennedy estala o ombro. — Sei lá. Passei quase todos os dias dos últimos três anos com um monte de caras. Não tenho muitas amigas.

Um sorriso surge em meu lábio. — O mesmo acontece comigo.

— Então... amigas?

Eu pulo minha bunda em uma mesa de treinamento. — Amigas. Agora, preciso contar uma coisa.

— Você transou com o Ace.

Meu queixo cai quando Kennedy se senta na mesa à minha frente.

— Como é que...

— Oh, por favor. Esse cara está andando por aqui hoje como se sua merda fosse feita de ouro. É óbvio que algo aconteceu entre vocês dois. Além disso, ele está caidinho por você desde que você chegou aqui.

— Uh, não exatamente. Ele não estava tão animado quando cheguei.

Ela ri e não tem humor. — Sim, bem, tenho certeza de que ele não estava muito animado com o fato de querer dormir com a filha de Monty, sabendo o quanto os dois são próximos, mas todos nós vemos como ele olha para você. — Ela verifica as unhas como se essa fosse a conversa mais mundana de todos os tempos. Eu gosto disso. Sinto-me menos ansiosa com o fato de ela não estar dramatizando o assunto. — Então, qual é o problema?

Qual é o problema?

— Eu... eu não sei.

— Foi ruim? É pequeno? — Os olhos de Kennedy se arregalam, inclinando-se para frente, finalmente curiosa. — Oh, meu Deus, Ace tem um micropênis?

— Não! Confie em mim. O tamanho não foi o problema. Você viu as mãos daquele homem? Ele é muito... *proporcional.*

— Droga. Eu trabalho nessas mãos. Como você está andando hoje?

— Não tenho ideia.

— Então, foi bom?

Eu balanço minha cabeça. — Foi perfeito.

O rosto de Kennedy suaviza. — O pênis gigante mágico dele está

confundindo você?

— Talvez? Mas não sei por que estou confusa. É casual e nós dois sabemos disso.

Ela faz uma pausa, escolhendo as palavras com cuidado. — Você quer que seja mais do que casual?

— Não. Absolutamente não. Casual foi ideia minha. Tenho uma carreira desenvolvida esperando para voltar em algumas semanas.

Ela levanta os ombros como se esta fosse a solução mais simples. — Então, mantenha a casualidade. Pare de pensar demais nisso. Ace é um menino grande e você deixou claro o que isso significa para você. Divirta-se e aproveite o sexo frustrantemente bom enquanto ainda estiver aqui e, quando chegar a hora de ir embora, volte para sua vida.

Uau. Como é simples. É exatamente o conselho que eu daria a mim mesma se estivesse pensando direito.

— Além disso, não permitimos que os homens atrapalhem as carreiras que amamos — continua ela.

— Você tem razão. — Dou um aceno único e confiante. — Droga, eu deveria ter arranjado uma amiga anos atrás.

— Esse conselho foi fácil. Eu daria meu rim esquerdo por um sexo frustrantemente bom agora mesmo.

— Bem, Kai tem um irmão.

Ela dá uma risada, caindo de volta na mesa de massagem atrás dela. — Nem comece.

— Isaiah é fofo e gosta muito de você.

— Ele gosta de todo mundo. Além disso, essa é uma maneira fácil de ser demitida. Com certeza, não vou arriscar minha carreira por uma noite com um

dos jogadores, muito menos com Isaiah.

— Mas você pode ser amiga deles, certo? Você simplesmente não pode sair com eles?

— Sim. Relacionamentos casuais entre comissão técnica e jogadores são motivo de rescisão, mas há alguns anos, a esposa de um jogador foi contratada como fotógrafa do time. Isso foi permitido devido à seriedade do relacionamento deles.

— Sou considerada funcionária? Se as pessoas descobrirem...

Kennedy me acena. — Confie em mim, Miller, todo mundo já sabe.

— O quê? — Eu rio em descrença. — Como?

— Porque ele parece o velho Ace novamente, aquele que tinha um sorriso estampado no rosto e estava feliz e grato por estar jogando beisebol. Essa é a versão que conheci na última temporada, antes de ele descobrir sobre Max e se convencer de que estava fazendo um péssimo trabalho ao criá-lo. Mas posso garantir que não há uma pessoa aqui que não saiba por que ele está nas nuvens hoje.

Verificando o relógio, ela salta da mesa e continua arrumando a sala de treinamento. — Além disso, você é filha de Monty. Você pode fazer o que quiser e ninguém vai tentar dizer o contrário.

Meu telefone toca no meu bolso.

Baseball Daddy: *Ei, você está por aí? Você se importaria de vir buscar o Max? Tenho que me preparar.*

Deslizando para fora da mesa, passo meus braços em volta de Kennedy por trás. — Obrigada, *amiga.*

Ela ri. — De nada, *amiga.*

Encontro Kai e Max do lado de fora da sede do clube na área de visitantes.

Kai já está só de bermuda de compressão, pronto para ser alongado e enfaixado, com as lentes de contato e o cabelo castanho bagunçado afastado pelos dedos que ficam passando pelas ondas.

Seu sorriso é o primeiro a florescer quando ele me vê andando pelo corredor em direção a eles, mas quando Max me vê, sua expressão facial se eleva e reflete a de seu pai.

Meus pulmões se contraem com a visão. É sobre isso que estou confusa. *Por que a imagem desses dois faz meu coração gritar?*

Corro pelo corredor, abaixando-me quando chego perto e dando espaço para Max correr para meus braços abertos.

— Ah, peguei você! — Finjo que estou lutando com ele, fazendo cócegas nele para ouvir sua risada antes de abraçá-lo. Eu gesticulo em direção a Kai. — Dê boa sorte ao seu pai.

— Papai!

Kai passa a mão pela cabeça do filho, afastando seu cabelo rebelde para dar um beijo em sua testa. — Vejo você amanhã, ok? Seja bom para Miller esta noite. Eu amo você.

Max cai no meu ombro e vejo Kai acompanhar o movimento, um sorriso suave em seus lábios enquanto seus olhos saltam entre nós. Então ele coloca meu cabelo atrás da orelha, e posso vê-lo pensando em levar os lábios à minha testa, como fez com seu filho.

Nós três não poderíamos parecer mais uma família, tão próximos e com ele me tocando desse jeito, com saudade. Carinhosamente.

Limpo a garganta e dou um passo para trás para quebrar o momento.

Sempre nos tocamos. Tem sido fácil, como se fosse outra língua entre nós, mas agora as coisas são diferentes. Tudo parece ter um significado por trás quando não pode.

Eu dou um sinal de positivo para ele. — Boa sorte.

Sim. Muito casual. *Bom trabalho, Miller.*

— Você acabou de me dar um sinal de positivo?

Faço isso de novo, como se não fosse a coisa mais idiota que já fiz. — Sim.

— Eu estava literalmente dentro de você há menos de vinte e quatro horas e você está me dando um sinal de positivo?

Eu me engasgo com minha saliva quando um sorriso arrogante surge na boca de Kai.

— Bem, como eu disse, boa sorte esta noite. Espero que você tenha alguns... lançamentos de estrela dourada.

Ele dá uma gargalhada, muita alegria transparecendo em seu sorriso. Kennedy estava certo. Ele parece diferente hoje. Tao leve. E tão, *tão* bom.

— Arremesso de estrela dourada, hein? — Há um brilho em seus olhos com as lembranças da noite passada, tenho certeza. Da mesma forma, não fui capaz de tirar o sorriso conhecedor do meu rosto quando essas mesmas lembranças inundaram minha mente hoje. — Obrigado por desejar sorte, mas não preciso disso.

— Não?

— Tenho a superstição do meu lado.

— Eu não confiaria nisso.

— Ah, eu confiaria. Eu sei o tipo de peso que ela suporta. Quão importante é que eu jogue bem por causa disso.

Reviro os olhos de brincadeira. — Bem, você está começando em uma sexta-feira à noite no Fenway, então vou lhe desejar boa sorte de qualquer maneira. Isso é grande e só acontece algumas vezes na sua carreira, então divirta-se.

Ele concorda. — Obrigado, Mills. Irei.

Nós dois ficamos ali, sem saber como acabar com isso. Ele parece querer se inclinar e me beijar, mas por causa das minhas regras, ele não pode.

Então, em vez de fazer qualquer coisa, eu me viro e carrego Max até a saída.

— Ei, Miller? — ele grita para me parar.

— Sim?

— Prometo que não lhe enviarei mensagens de texto para ver como está o Max entre os turnos, mas se você quiser *me enviar uma mensagem* sobre como minha bunda fica bem em minha calça de beisebol, não ficarei chateado.

Minha risada vem fácil. — Verei o que posso fazer.

O sorriso de Kai é presunçoso e animado e fica tão bem nele quando ele entra na sede do clube para se preparar.

E, naquela noite, na TV do quarto do hotel, enquanto Max dorme profundamente em seu berço, assisto ao jogo de seu pai. Kai começa cada entrada olhando para o interior de seu boné, passando o polegar sobre algo escondido no canto e, no final da nona entrada, vejo seus colegas de equipe explodirem de entusiasmo por ele, porque ele acabou de completar seu segundo *no-hitter* da carreira.

Ganhando uma nova superstição.

CAPÍTULO 25

Kai

Nosso segundo jogo da série de Boston foi hoje cedo. Começou à tarde, o que significa que Max veio para ficar no campo. O garoto está tão agitado que só conseguiu assistir a três entradas antes de Miller levá-lo para a sala de treinamento e para os escritórios do campo, permitindo que ele corresse pelo resto do jogo. Os dois voltaram para o hotel antes dos ônibus para que ela pudesse prepará-lo para dormir, e eu fiquei no campo por mais tempo do que o normal, bombardeado com perguntas sobre o meu *no-hitter* na noite passada.

Não sei explicar o que estava acontecendo com meu corpo no último jogo, mas eu estava bem. Cada arremesso parecia fluido e forte quando saía da minha mão. Meu ombro não estava zumbindo de dor como normalmente acontece quando arremesso no final do jogo. Eu me sentia eletrificado. Rejuvenescido.

Sim, eu transei, mas será que posso realmente atribuir um dos melhores jogos de minha carreira ao sexo?

Foi um ótimo sexo, então, *sim, talvez eu possa*.

Havia algo naquela noite que me fez lembrar quem eu sou, o que tenho a oferecer, e a ideia de que uma mulher como Miller pudesse me querer, mesmo que fosse apenas pelo resto de seu tempo aqui, fez com que andasse por aí como se eu fosse invencível. Claramente, isso se traduziu em meu jogo.

Ela, por outro lado, está completamente assustada, e não sei bem por quê. A ideia foi dela, e estou seguindo suas regras, mas ontem foi como se ela achasse que cada simples toque entre nós significasse que eu iria prendê-la, castrá-la e colocar um bebê dentro dela só para impedi-la de sair de Chicago.

A porra das suas regras. Elas são indiscutivelmente piores do que todas as que eu já havia colocado em prática. Agora podemos nos dar ao luxo de ter um ao outro, mas somente no escuro e nunca por uma noite inteira. Não parece ser o suficiente. Mas, por outro lado, estou preocupado que nada seja suficiente quando se trata de Miller Montgomery, porque não importa se eu posso beijá-la em público ou tê-la dormindo na minha cama, o fato é que ela vai embora daqui a três semanas e nosso namoro termina aí.

Sei que Max ainda não está dormindo, mas está chegando a hora de ele dormir, então, quando entro no meu quarto de hotel, faço questão de entrar o mais silenciosamente possível.

Mas os dois não estão no meu quarto, então vou até o quarto de Miller e os encontro deitados no sofá no canto. Max está no colo de Miller, com a cabeça apoiada no peito dela. Ela tem um cobertor em volta deles, mas consigo ver meu filho já de pijama enquanto Miller lê uma história para ele, falando baixinho.

Eles não sabem que estou aqui, então roubo a lembrança, apoiando-me no batente da porta para observá-los.

Essa versão dela é muito diferente daquela que conheci no primeiro dia. Há uma calma nela agora. Ela parece centrada aqui com ele, ou talvez seja apenas uma projeção minha e ela só esteja agindo assim por causa do meu filho.

Miller lê, ajustando levemente sua inflexão para criar diferentes vozes de personagens, e Max adora isso. Ele dá risada quando a voz dela assume uma profundidade masculina e, novamente, quando fica aguda.

Miller vira a página antes de passar a mão no cabelo do meu filho, passando os dedos por ele quase distraidamente. Os olhinhos azuis do meu filho estão ficando pesados enquanto ele se derrete no toque dela e a ouve ler.

E então meu peito dobra de tamanho quando ela encosta os lábios no topo da sua cabeça ao perceber que ele está caindo no sono.

É tão gentil e natural. Simples e espontâneo. Exatamente como acontece quando demonstro afeto ao meu filho.

Deus, eles são muito fofos juntos.

Eu me mexo e o assoalho range, interrompendo o momento suave. Os olhos de Max se abrem mais uma vez quando os dois se viram em minha direção, encontrando-me no quarto.

Os dois sorriem.

— Papai. — Max estende a mão com o único punho vazio, agarrando o ar como se estivesse me agarrando.

— Oi, Bug. — Entro no quarto, juntando-me a eles quando fico de cócoras ao lado do sofá. — Você está lendo?

Ele aponta para o livro infantil ilustrado na mão de Miller, fazendo algum tipo de barulho que começa com um som ‘L’. Sua versão de dizer *livro.*

— Sim, você está certo. Isso é um livro. — Faço questão de pronunciar as sílabas para que ele possa ouvi-las todas enquanto meus olhos se dirigem para Miller, encontrando-a tão sonolenta e contente quanto meu filho. — Vocês dois parecem tão aconchegantes.

Afasto o cabelo de Max dos olhos dele e faço o mesmo com ela, porque não dou a mínima para as regras dela agora. Ela só está aqui por mais um tempinho, então neste momento vou tratá-la como quero tratá-la – como se ela fosse minha.

— Ele estava bem hoje? — Tiro o boné, deixando-o cair no chão, porque a aba interrompe minha visão deles.

Miller acena com um sorriso sonolento antes de seus olhos irem direto para o meu boné, onde ele está de cabeça para baixo. — O que é isso?

Minha atenção segue a dela para encontrar a pequena foto enfiada na faixa interna. Eu o puxo para mostrar a ela, as bordas desgastadas por tocá-la durante cada jogo.

É uma pequena foto de Max quando ele tinha apenas sete meses de idade. Poucas semanas depois que ele entrou na minha vida e a mudou para sempre.

O rosto de Miller suaviza com um suspiro. — Você toca nisso antes de cada entrada quando está lançando. Eu vi ontem à noite.

— Sim. Os árbitros têm de verificá-lo antes de cada jogo para ter certeza de que não há nada suspeito em meu boné que possa me dar uma vantagem, mas a maioria deles já sabe o que tem. É piegas e sentimental, mas quando estou no campo e estressado, é um bom lembrete de que o trabalho não é a coisa mais importante da minha vida. Ele é.

Ela torce os lábios, mordendo o de baixo. — Você é um bom pai, Kai.

Ofereço-lhe um pequeno sorriso, sentindo-me um pouco mais merecedor dessas palavras.

— Vamos para a cama. — Digo isso ao meu filho, porque a festa do pijama é contra as regras de Miller.

Quero dizer a ela que seus limites são uma besteira, mas não tenho exatamente a liberdade de dizer isso quando decidi ignorar meus próprios limites apenas duas noites atrás. E aqui estou eu, em um mundo de problemas por causa disso. Posso sentir o adeus doloroso que perdura no meu futuro, então sim... talvez haja uma parte de mim que queira que ela sinta um pouco disso também.

Com Max em meus braços, Miller me segue de volta ao meu quarto. Nossas estadias em hotéis parecem mais fluidas ultimamente, como se nossos dois quartos fossem um só. Se Miller está acomodando Max para dormir, ela o leva para seu quarto para afastá-lo de seus brinquedos e do caos. E se estamos todos aqui juntos, ela vem e passa um tempo conosco não meu.

Assim que passamos pela porta que separa nossos quartos, o telefone de Miller toca. Ela o tira do bolso de trás, a pele franzindo entre as sobrancelhas.

— Quem é?

— Violet. Minha agente. — Ela acena de volta para seu quarto antes de entrar e fechar a porta atrás dela para manter sua conversa privada.

O pânico me inunda instantaneamente. Por que alguém do trabalho ligaria para ela? Ela está de folga por mais três semanas. Ela é *minha* por mais três semanas.

Levando Max para a cadeira do meu quarto, seguro-o contra o peito para poder passar um tempinho com ele antes do dia acabar, tentando não deixar que minha nova ansiedade interrompa nosso tempo juntos. Ele se acomoda em mim todo sonolento antes de apontar de volta para o quarto de Miller.

— Mmm — ele cantarola.

— O quê, Miller?

Ele aponta para a porta novamente. — Hum.

— Você está tentando dizer Miller?

— Hum.

— Sim, essa é Miller. — Eu me balanço na cadeira, esfregando a mão nas costas dele enquanto inclino a cabeça para olhar para ele. — Você ama Miller?

Ele provavelmente não sabe o que estou perguntando, mesmo assim acena com a cabeça, reconhecendo a pergunta na minha inflexão.

Mesmo que ele não entenda o que acabou de responder, sei que meu filho ama aquela garota.

— Eu sei que você ama. — Dou um beijo no topo de sua cabeça. — Ela também ama você, amigo.

Minutos depois, Max está desmaiado em meus braços, então eu cuidadosamente o coloco em seu berço, apagando a maioria das luzes, mas então a *vibe* relaxada e calma muda completamente quando Miller abre a porta entre nossos quartos.

O estresse é evidente em seu lindo rosto.

— Vou para a cama.

Eu pego a porta antes que ela feche. — O que há de errado?

— Só cansada.

Besteira. Ela estava cansada antes daquele telefonema, mas não está mais. Agora ela está chateada.

— O que ela queria?

— Kai...

— Você vai voltar mais cedo?

A pergunta sai tão carente e desesperada, e talvez seja contra as regras dela mostrar esse meu lado, mas eu não dou a mínima. Estou aprendendo rapidamente que sou as duas coisas quando se trata dela.

— Não... não, não vou voltar mais cedo. Era sobre o próximo artigo, mas também não é grande coisa.

Ela força um sorriso, mas não parece certo. Não é leve, malicioso ou sujo. Eu não reconheço isso de jeito nenhum.

Já vi Miller chateada com o trabalho antes, mas principalmente quando ela está tendo problemas na cozinha. Esse estresse em seu rosto não parece ser o mesmo da versão anterior. Posso sentir a distância que ela está mantendo, mesmo estando a menos de trinta centímetros de mim, e essa distância só aumenta quando ela diz: — Vou dormir um pouco. Vejo você amanhã.

E fecha a porta na minha cara.

O que diabos foi aquele telefonema?

Miller é a divertida. A selvagem. Aquela que sabe se soltar quando estou muito sobrecarregado com a vida. Então, uma hora depois, enquanto estou deitado no escuro e vejo a fresta de luz sob a nossa porta ainda brilhando no

quarto dela, pego meu telefone para enviar uma mensagem para meu irmão.

Eu: *Acordado?*

Isaiah: *Sim.*

Eu: *Você está sozinho ou tem companhia?*

É meu irmão. Eu tenho que perguntar.

Isaiah: *Sozinho. Estou mudando meus hábitos, lembra?*

Eu: *Claro. Você se importaria de vir aqui e ficar com Max por uma hora ou mais? Ele já está dormindo e eu preciso fazer com que a Miller saia do quarto dela.*

Isaiah: *Parece excêntrico. Monty sabe que você está tirando a filha dele do hotel bem debaixo do nariz dele?*

Eu: *Por favor, cale a boca. Você vem ou não?*

Isaiah: *Nossa. Você passa quarenta e oito horas sem transar e fica rabugento de novo. Sim, estou indo.*

A porta entre nossos quartos está destrancada. Ela não é trancada há semanas, então eu abro e encontro Miller bem acordada sentada à mesa com seu laptop aberto e um bloco de notas coberto de rabiscos bagunçados. Ela está com um pé na cadeira enquanto apoia o queixo no joelho, o cabelo castanho preso em um coque enquanto a luz do computador ilumina seu rosto. Ela está sentada tão perto, como se esperasse que qualquer informação na tela fosse transferida magicamente para seu cérebro, e mesmo da porta posso dizer que ela está estressada com as receitas.

— Mills, vista seu biquíni. Você vem comigo.

Ela se vira. — Por quê?

— Porque preciso alongar meu ombro na piscina.

— Mas... — Ela aponta para o computador.

— Você não precisa vestir o biquíni, mas vem comigo. Na verdade, prefiro você nua de qualquer maneira.

Ela ri, revirando os olhos enquanto fecha o computador. — Está bem.

Depois que Isaiah se instala em meu quarto, Miller e eu procuramos a piscina. Achei que seria uma piscina coberta, já que Boston congela no inverno, mas ela fica do lado de fora e no telhado.

Ela está novamente com aquele biquíni verde floresta e, agora que sei o que há por baixo, recuso-me a esconder meu olhar enquanto ela deixa a toalha em uma cadeira e vai até a piscina. Seus quadris balançam, suas coxas grossas se esfregam a cada passo, dando água na boca com toda aquela pele bronzeada e cheia de tatuagens.

— É exatamente por isso que eu precisava que você viesse comigo. Esse é o tipo de motivação que eu procurava.

— Então você me trouxe aqui só para me objetificar? — ela pergunta enquanto entra na água.

— Sim... obviamente.

Sigo atrás, tentando ajustar minha ereção crescente em meu calção de banho, mas não há nenhuma chance de que isso desapareça estando tão perto de seu corpo quase nu, agora que sei como é estar dentro dela.

Está escuro e a piscina está fechada, mas arrombar e entrar na piscina de um hotel não é novidade para nenhum de nós.

Miller fica na parte rasa, onde pode ficar de pé, e eu dou algumas voltas tranquilamente enquanto permito que ela pense por um momento. De qualquer maneira, vou lá em um minuto.

Ela está sentada no último degrau da escada da piscina quando volto para ela.

— Preciso que você faça mais tatuagens — ela afirma enquanto chego à superfície.

— De onde veio isso?

— Só de olhar para você. Elas ficam bem na sua pele.

— Bem. — Atravesso a água até ela. — Eu preciso que você use menos roupas.

— De onde veio isso?

Eu dou de ombros. — Só de olhar para você.

Ela sorri, um pouco do estresse anterior desaparecendo por um momento.

— Gostaria de falar sobre isso? — pergunto, empurrando meu cabelo molhado para trás.

— Não.

— Ok. Por que você não fala sobre isso de qualquer maneira? — Puxando-a para fora do degrau, meus dedos deslizam por seus antebraços, brincando com suas mãos, e talvez seja porque estão debaixo d'água ou porque não há mais ninguém aqui para ver, mas ela cede ao contato físico.

Aproveitando a sorte, eu me inclino para trás na borda, conduzindo-a para ficar na minha frente. Envolvo meus braços em volta de sua cintura por trás, segurando-a perto quando ela diz: — Tenho que ir para Los Angeles.

Eu congelo, o pânico tomando conta de mim. — Mas você disse...

— Não para ficar. Eu voltarei, mas o fotógrafo da capa da revista precisa tirar as fotos e editá-las antes de setembro. Farei a entrevista quando voltar ao trabalho, mas a edição da revista será lançada apenas duas semanas depois, eu acho.

Ela deixa cair a cabeça contra meu peito como se estivesse caindo derrotada.

Não estou gostando disso. A ideia de ela ir embora não me parece boa. E se ela chegar lá e não quiser mais voltar? E se ela voltar para sua vida real e perceber que não está mais de passagem por Chicago?

Destruindo meu cérebro, procuro uma solução. — Você tem que estar naquela cozinha específica para as fotos?

— Não, mas não tenho nenhum contato com a cozinha em Chicago.

— Use a minha.

Sua cabeça vira para trás enquanto ela olha para mim.

— A minha funcionaria? É só para fotos, certo? Você mesmo disse, é boa.

Ela franze a testa. — Sim, mas...

— Então está resolvido.

— Kai, você tem certeza? Haverá toda uma equipe de pessoas envolvidas. Eles vão tomar conta da sua casa por um dia inteiro.

— Se isso impede você de partir, então sim, tenho certeza.

Os olhos de Miller suavizam, traçando meu rosto antes que ela expire e caia contra mim novamente, mas desta vez é com alívio. — Obrigada.

Agora que ela está um pouco mais relaxada, deixo minhas mãos vagarem sob a água, roçando suas costelas. — Foi por isso que você estava tão estressada? Isso não é grande coisa.

— Acho que esqueci o que me espera depois disso. E se eu nunca me recompuser, Kai? E se eu não for melhor o suficiente? Passei a vida inteira perseguindo essa carreira e para chegar aonde? Fazendo biscoitos de chocolate e pão de banana para um time de beisebol? *Deus*. — Ela enterra o rosto nas mãos. — Isso é muito importante para eu ficar brincando durante todo o verão. Eu deveria estar me concentrando no trabalho, e agora está chegando tão rápido e não tenho nada preparado. Vou ser comida viva pelos críticos e...

— Ei — eu acalmo, passando minhas mãos por seus braços para afastá-los de seu rosto. — Respire fundo. — Ela faz o que eu digo enquanto deslizo as palmas das mãos até seus ombros, sentindo a tensão acumulada ali. Eu amasso

sua carne. — Você deveria ser a divertida, lembra? Quem se estressa sou eu.

Ela dá uma risada, um pouco de tensão se dissolvendo, mas não o suficiente.

Eu não vou mentir. Suas palavras meio que me fazem sentir uma merda. Sou a razão pela qual ela não consegue trabalhar ou praticar na cozinha. Nós a distraímos durante todo o verão, mantendo-a longe deste mundo no qual ela trabalhou tanto para ter sucesso, e agora ela está em pânico porque nas semanas em que ela deveria estar recuperando a confiança na cozinha, ela passou viajando com minha equipe e cuidando do meu filho.

Pressiono meus polegares na tensão de seus ombros. — Qual é o pior cenário em tudo isso?

Ela pensa nisso por um segundo. — Eu nunca mais recuperar meu estilo. Nunca mais ser capaz de criar uma sobremesa sofisticada. Minha lista de espera de chefs me dispensar e nunca mais ser contratada. Ser forçada a sair do ramo e acabar trabalhando na seção de panificação de uma mercearia, decorando bolos para a festa de aposentadoria da *Karen*, mas é claro que ela reclama, porque a cobertura roxa não está no tom certo de violeta. Então, eu a xingo, porque há problemas piores no mundo do que o fato de o glacê dela ser mais berinjela do que violeta, fazendo com que eu seja demitida de lá também, e agora estou morando na casa do meu pai e dormindo no sofá dele, e ele está devastadoramente desapontado porque desistiu de toda a sua vida por mim e agora estou desempregada e vagabundeando no sofá.

Não posso deixar de rir, o que, felizmente, arranca um riso dela também. — Dramático pra caralho, Mills.

— Poderia acontecer.

— Isso não vai acontecer. Mesmo que você deixe o mundo sofisticado, você ainda é uma padeira foda. Você abriria sua própria padaria ou algo igualmente incrível. Você não chega onde está em sua carreira por sorte. É uma trabalhadora esforçada e ridiculamente talentosa. Isso não muda.

Não menciono nada sobre Monty, porque é completamente absurdo que ela esteja preocupada com a decepção do pai e acho que ela também sabe disso. Aquele cara olha para a filha como se ela tivesse pendurado a porra da lua.

— Preciso levar a sério a cozinha quando chegarmos em casa.

— Tudo bem — concordo calmamente. — Você está certa, mas não pode fazer nada sobre isso esta noite. Então, não faz sentido se estressar com isso agora. — Curvando-me, dou um beijo no topo de seu ombro. — Sou eu quem precisa *lembrá-la* de como se divertir?

Ela relaxa ao meu toque, pressionando sua bunda contra meus quadris sob a água. — Você é um homem completamente diferente do que era no início do verão.

— Sim, bem, nos últimos dois dias eu transei e lancei um *no-hitter*, então as coisas estão melhorando para mim. — Passo minhas mãos sobre sua barriga e seios, mal roçando as pontas dos polegares em seus mamilos. — Além disso, eu disse, o velho Kai era diferente. Ele tinha uma veia selvagem.

— Hmm — ela cantarola contra mim, seu corpo ganhando vida sob meu toque. — E o que o velho Kai fazia para se divertir?

Mergulhando mais abaixo, brinco com as cordas da parte de baixo do biquíni encostadas em seu quadril. Encontrando o fim de uma, eu puxo. — Ele mergulhava pelado.

O tecido se abre quando ela olha para a água, e Miller está quase se contorcendo contra mim quando puxo a corda em seu quadril oposto, suas nádegas flutuando na água.

Não demorou muito e estou duro como uma pedra.

— Kai. — Seu tom é cheio de advertência, mas a necessidade em sua voz é muito mais alta. — Podemos ser pegos.

Eu mordo o lóbulo da orelha dela. — Isso tudo faz parte da diversão, baby.

Deixo minha mão descer, roçando a pele de sua barriga antes de mergulhar meus dedos entre suas dobras. Apalpando sua boceta, dou uma pequena batidinha debaixo d'água.

— Esta é a melhor boceta que já tive, sabia disso?

— Mesmo? — Sua voz está rouca enquanto ela segura meus antebraços, em parte para se equilibrar na água, mas principalmente para manter minha mão exatamente onde está.

— Eu não conseguia acreditar no quanto ela estava apertada e quente ao meu redor. Desde então, só penso em você. Em como você é gostosa. No quanto você fica molhada.

Ela geme, rolando todo o seu corpo contra mim.

Mordiscando a pele de sua garganta, sussurro: — Quero estar dentro de você novamente.

— Então faça isso. — Seus dedos ágeis desfazem o laço na parte superior do meu short, mergulhando dentro para me agarrar.

Gemendo, deixo cair minha cabeça em seu ombro.

Ela é incrível pra caralho. Tão incrível quanto na outra noite. Ela me acaricia na água, esfregando sua bunda contra mim em conjunto.

Eu deslizo um dedo dentro de sua boceta e ela quase desmorona só com isso. — Você deveria me foder, Kai. Isso seria uma boa distração do meu estresse.

— Eu não tenho camisinha.

— Eu não ligo.

Ela não sabe o que está dizendo. Ela está muito excitada para pensar direito.

— Sim, você liga, Miller. Você simplesmente não acha que se importa, porque sua boceta está literalmente chorando em meus dedos agora.

E eu sei que com certeza me importo.

Ela agarra meu pau, seu polegar girando em volta da cabeça como se sua mão pudesse me fazer mudar de ideia. Se meu filho, meu lembrete constante, não estivesse dormindo dentro deste hotel, talvez pudesse.

Suas pernas apertam minha mão. — Então pare de me provocar se não for fazer nada a respeito.

Deslizo outro dedo dentro de sua boceta, fazendo-a cair para frente com um gemido.

— Eu não estou brincando com você. Eu vou fazer você gozar. Simplesmente não será com meu pau.

— Mas eu gosto do seu pau.

Eu rio. — Sei que você gosta. — Ela torce e vira a mão em volta do meu eixo. — E, *porra*, ele também gosta de você.

Miller se inclina e me beija, lábios ansiosos encontrando os meus. Quero me virar, um tanto irritado porque ela só me beija quando isso vai levar a mais. Ontem, antes do meu jogo, queria que ela me beijasse enquanto eu estava do lado de fora da sede do clube, mas ela não conseguiu. E embora eu esteja fazendo todo tipo de ginástica mental agora, quando a língua dela desliza dentro da minha boca, sei que não há nenhuma maneira no inferno de realmente impedi-la.

Ela faz um trabalho rápido com meu calção de banho, deixando-o flutuar na água com seu próprio traje. Um puxão rápido nos cordões de sua nuca faz com que a parte de cima caia e, sendo o homem impaciente que sou, arranco-a completamente e jogo-a em algum lugar na água para juntar-se às nossas roupas descartadas.

Seus mamilos ficam rígidos quando a brisa noturna os atinge, pressionando meu estômago, e meu pau fica igualmente duro quando desliza contra seu quadril, em busca de fricção. Tenho de lembrá-lo que não receberemos nada esta

noite. Estamos simplesmente garantindo que essa garota selvagem se lembre de como se divertir.

Mas então Miller mói seu corpo contra mim, e a cabeça do meu pau pressiona contra seu clitóris.

Ela choraminga em meu peito e repete o movimento.

— *Ah, merda,* Mills. — Minhas palavras são um grito ofegante enquanto coloco minha cabeça na dela. Dedos enfiados em seu cabelo, eu puxo para chamar sua atenção para mim. — Eu preciso que você pare de esfregar sua boceta em mim.

— Eu não posso evitar.

Eu examino seu lindo rosto. Ela está uma bagunça, caindo mole contra mim, deixando seu corpo sob meu total controle, além de seus quadris que rolam contra os meus na água.

— Puta que pariu, Miller. — Eu a viro, puxando-a de volta para o meu peito novamente, permitindo que meu pau siga a linha de sua bunda até deslizar contra as dobras de sua boceta. Eu sibilo com a sensação, balançando meus quadris contra ela enquanto passo meu pau contra seu núcleo. — Use meu pau para gozar, mas não se atreva a colocá-lo dentro de você.

Ela rola o corpo, esfregando-se totalmente contra ele.

Minha cabeça cai para trás, com os olhos na lua, porque, caramba, que sensação boa.

Ela se contorce sobre mim, necessitada e desesperada, mas não vou transar com ela sem camisinha. Em vez disso, encontro suas coxas sob a água e as empurro juntas, cruzando suas pernas uma sobre a outra para apertar em meu pau, criando um canal apertado para a penetração.

— Oh, Deus. — Ela balança a bunda contra o osso da minha pélvis, montando meu pau sem que ele esteja dentro dela.

Posso sentir o quão quente ela está mesmo debaixo d’água. Ela está molhada, mas com sua própria excitação enquanto me leva até a loucura.

Isso é uma tortura. O que diabos eu estava pensando? Cada vez que ela mói, a cabeça do meu pau cutuca sua abertura, e tudo que preciso é de um pequeno deslize e estarei dentro dela. Sem nada.

Nunca mais vou sair do meu quarto sem o maldito preservativo.

Ela é barulhenta. Ela está nua. Ela é perfeita. Estamos em um local público com as luzes da cidade de Boston brilhando abaixo de nós. Mas não há nenhuma maneira de impedi-la. Assistir e ouvir Miller gozar rapidamente se tornou um novo vício, que não tenho ideia de como vou conter quando ela me deixar.

Eu balanço meus quadris nela por trás e a cabeça do meu pau acidentalmente desliza logo após sua abertura.

Nós dois congelamos, e estou completamente impressionado com a nossa contenção de não afundarmos completamente um no outro aqui e agora.

— Miller...

— Por favor.

Nossos peitos estão batendo forte com a respiração pesada e a expectativa. Eu poderia levá-la aqui mesmo. Eu poderia curvar meus quadris para frente e estaria dentro dela. Tentador pra caralho, mas não posso.

Em vez disso, eu a arranco e a levanto para fora da água, sentando-a na borda da piscina, dobrando os joelhos para que seus pés fiquem plantados no cimento.

Então eu a devoro.

Eu fecho minha boca ao redor dela, passando minha língua sobre seu clitóris enquanto lambo com movimentos longos e controlados sobre seu núcleo.

— Oh — ela chora, puxando meu cabelo. — Sim, Kai. Aí.

Olhando por entre as pernas, encontro-a com a cabeça jogada para trás, os seios arfando sob o luar. Suas pernas apertam minhas bochechas, sua boceta pulsando contra minha língua.

Acho que pode ser assim que meu paraíso será, e se não for, bem, então eu realmente não quero ir.

Miller está frenética, mas solta, não tendo controle sobre seu corpo enquanto balança os quadris contra minha boca, buscando seu orgasmo. Seus dedos apertam meu cabelo, seu abdômen se contrai enquanto ela geme tão alto que não há nenhuma maneira de não sermos pegos.

— Aí, está — eu sussurro contra sua boceta e minhas palavras fazem seu corpo estremecer.

— Kai... Kai, estou gozando.

Suas pernas se contraem, apertando-se ao meu redor enquanto seu corpo estremece e, quando seu orgasmo toma conta, tudo o que posso fazer é observar.

Ela está toda molhada, com os músculos contraídos. Pele corada, olhos dilatados. Linda pra caralho, enquanto geme meu apelido para o céu noturno. Ela rola e se contorce contra mim, procurando cada último segundo enquanto eu a saboreio no mesmo ritmo, deixando-a gozar no meu rosto enquanto tenho a melhor visão de como essa garota fica deslumbrante quando se desfaz por minha causa.

Meu pau está latejando, dolorosamente irritado por não ter nenhuma ação esta noite, mas vou cuidar dele no chuveiro quando voltar para o meu quarto. Cada movimento lânguido será feito com a lembrança vívida de como Miller grita meu nome ao gozar.

Ela fica mole contra o chão, saciada e sonolenta, exatamente como estava antes daquele telefonema. Exatamente como eu esperava quando a tirei de seu quarto.

Beijo sua boceta, terminando com um leve toque na carne sensível.

— Está se sentindo melhor?

Ela assente. — Muito melhor.

— Ótimo. — Puxando seus braços, eu a levanto da borda e a coloco de volta na água comigo. — Vamos levar você para a cama.

Com ela enrolada em mim, eu a carrego até a escada, colocando-a em um degrau para descansar, mas ainda fundo o suficiente para que a água cubra seu corpo nu, caso alguém a ouça gemendo e decida vir nos prender.

Enquanto isso, nado por toda a extensão da piscina, recolhendo nossos trajes de banho descartados antes de encontrá-la na escada. Amarrando novamente o biquíni, devolvo as peças para ela e, enquanto ela se veste, saio da água para pegar uma toalha para ela, sem me preocupar em cobrir meu corpo nu até poder cobrir o dela.

Meu pau está mostrando com orgulho o quão pronto estou para um orgasmo enquanto ele se projeta do meu corpo. Tento ignorar a dor enquanto levo uma toalha para ela, onde ela está sentada no último degrau, ainda nua como no dia em que nasceu.

Quando me curvo com a toalha aberta, ela não apenas a agarra. Ela me agarra também.

Ela me puxa para baixo até que minha bunda atinja a borda de cimento da piscina.

— O que você está... — As minhas palavras morrem na minha língua quando noto o jeito que ela está rondando em minha direção.

E em um único movimento, Miller vira o cabelo molhado para o lado dos ombros e lambe meu eixo da raiz à ponta.

— *Porra* — eu exalo. — Mills, sim, por favor.

Com um sorriso nos lábios, ela os abre e desliza meu comprimento em sua boca quente e esperante.

— Oh, meu Deus, baby, sim. Bem desse jeito.

Ansiosamente, Miller está de joelhos no último degrau da piscina, chupando meu pau como se fosse um maldito picolé. Eu me enrolo sobre ela, prendendo seu cabelo em meu punho para poder ter uma visão melhor. Seus seios saltam enquanto ela balança no meu pau, levando-me tão fundo que bato no fundo de sua garganta.

— *Jesus.* — Meus olhos reviram.

Com as mãos, ela passeia pelas minhas coxas, apertando os músculos. Ela traça a pele tatuada das minhas pernas e quadris, antes de passar os dedos sobre a pequena mancha de pelos pubianos acima do meu pau. O mesmo pau que está sendo engolido no boquete mais entusiasmado da minha vida.

Meus quadris se erguem enquanto seguro seu crânio, curvando-me para observar.

Mas então Miller pressiona as palmas das mãos contra meu peito, fazendo-me deitar no chão de cimento. Eu faço isso, apoiando-me em um cotovelo, um joelho dobrado, o pé apoiado na borda enquanto minha outra perna balança livremente na água.

Meu longo corpo se estica enquanto Miller continua a trabalhar.

Como diabos eu tive tanta sorte de ter meu pau chupado por uma mulher deslumbrante sob o luar do verão? Eu me sinto como um maldito rei.

E então ela geme. Ela *geme* com a boca cheia do meu pau.

Prendo seu cabelo novamente, segurando-o contra seu crânio enquanto apalpo sua cabeça com uma única mão, balançando-a no ritmo que desejo. Miller choraminga contra meu comprimento, mas continua. Lambendo e lambendo, chupando a ponta.

Ela está apertando as pernas no degrau mais alto, como se isso a estivesse excitando tanto que ela quisesse gozar novamente.

Com a mão deslizando para baixo, ela segura minhas bolas e cada músculo do meu corpo dispara, tentando segurar meu orgasmo. Ela acaricia meu eixo com a mão e os lábios, criando o ritmo e a fricção mais insanos. Miller sai de cima de mim, usando sua saliva como lubrificante enquanto ela me empurra apenas com a mão.

Ela olha para mim, aqueles olhos verdes travessos enquanto sua língua se lança e bate na parte de baixo da minha coroa.

— *Foda-se*. Você está me matando. — Meu corpo estremece novamente, implorando para que eu me solte, mas quero que isso dure o máximo possível. Quero passar a noite inteira aqui até que alguém nos avise que vai reabrir a piscina pela manhã.

Ela beija um caminho pelo meu pau, usando a mão em conjunto para me acariciar. Os sons da nossa pele molhada deslizando junto é a única coisa que você pode ouvir aqui além dos meus sons necessitados. Miller lambe a pele sensível das minhas bolas antes de chupar uma na boca, masturbando-me simultaneamente.

E ela me observa o tempo todo como se estivesse apenas esperando o momento em que eu desmorono.

— Eu vou... — Minhas palavras são atrofiadas. — Vou gozar.

Ela apenas continua, chupando e girando sua língua talentosa até que meu pau inchado lateja em sua mão.

Em longos empurrões, o esperma decora meu abdômen, disparando enquanto Miller continua seus movimentos. Meu corpo inteiro fica tenso e meus pulmões param de funcionar quando gozo com tanta força que minha visão desaparece nos cantos.

De alguma forma, ainda consigo ver Miller entre minhas pernas. Presunçosa e tão satisfeita como se ela estivesse ansiosa para sugar minha vida desde o primeiro dia em que nos vimos.

Acho que ela pode ser um pouco louca. Minha forma favorita de loucura, mas louca mesmo assim.

Depois que meu pau está gasto, respiro fundo e caio de volta na borda de cimento, completamente acabado. Miller rasteja sobre meu corpo nu, seus peitos esfregando contra meu pau amolecido enquanto ela lambe uma trilha de esperma do meu abdômen.

Tudo o que posso fazer é rir com incredulidade. *Como é possível que essa seja a minha vida?* — De onde diabos você veio?

Ela se apoia em meus quadris, com as palmas das mãos ancoradas em meus peitorais e, se meu pau não estivesse completamente acabado, eu poderia simplesmente dizer *dane-se a regra da camisinha* e transar com ela aqui mesmo.

O poder de um bom boquete, eu acho. Faz você fazer coisas estúpidas.

— Isso foi incrível — eu sussurro.

— Eu disse. Língua de estrela dourada. — Ela simplesmente sorri, sabendo de tudo, antes de lamber os lábios como se estivesse me provando novamente.

Nós dois rimos, completamente nus sob o céu noturno, antes de Miller se deitar em cima de mim, aninhando a cabeça na curva do meu pescoço enquanto eu a seguro, passando a palma da mão pela sua coluna vertebral nua.

Eu a mantenho aqui, mesmo que estejamos correndo o risco de sermos pegos, porque sei que, assim que voltarmos para dentro do quarto, onde temos duas camas, ela não ficará na minha.

Muito íntimo. Muito próximo para ela. Porque ficar deitado nu sob as estrelas depois de fazermos um ao outro gozar juntos não é íntimo pra caramba.

— Obrigada — ela exala contra meu pescoço. — Por me fazer esquecer a

vida real por um segundo.

Meus olhos se fecham com suas palavras. Isto é vida real. Esta é a *minha* vida real.

Como se eu já não soubesse, este momento é outro lembrete de que estarei arruinado quando ela voltar para a *dela*.

CAPÍTULO 26

Kai

— Isaiah, você vem hoje à noite. — Pego as chaves do carro, a carteira e o celular no armário depois do treino no campo em nossa casa. — Cody e Trav, vocês também.

Isaiah sai do chuveiro com nada além de uma toalha na cintura. — Por quê?

— Porque eu disse.

As sobrancelhas de Cody se erguem. — Sim, Baseball Daddy.

— Você não tem permissão para me chamar assim.

— Não — Travis interrompe. — Só a filha do treinador pode chamá-lo assim.

— Sim, bem, por razões que não vou discutir com você, ela pode me chamar do que quiser.

— Confie em mim, Ace. Todos nós sabemos por que a filha do treinador chama você de *Daddy* — diz Cody. — Então por que estamos indo?

— Miller está trabalhando em algumas receitas novas em casa esta noite e preciso de outras pessoas além de mim para estimulá-la. Então venham, comam e cantem louvores a ela com qualquer sobremesa que ela colocar na sua frente.

— Você deveria ter dito isso. Nem teria que me pedir para ir. Eu simplesmente teria ido. — Isaiah veste uma camisa. — Talvez você devesse convidar Kennedy também.

— Ela não quer sair com a equipe fora do trabalho.

— Mas ela é amiga de Miller agora, então provavelmente gostaria disso.

— Então vá em frente e convide-a.

Isaiah suspira em derrota. — Ela definitivamente dirá não se for eu quem perguntar. Cody. — Meu irmão se vira para o nosso primeiro base. — Você vai perguntar a ela?

— Por quê? — Ele ri. — Para que eu possa enganá-la para que ela passe mais tempo com você?

— Bem... sim. Exatamente.

Pego meu boné do banco antes de sair do vestiário. — Venham por volta das sete.

Antes de chegar ao estacionamento, viro à esquerda e sigo no corredor até o escritório de Monty. A porta já está um pouco aberta, então bato os nós dos dedos na madeira e entro.

— Ei, Ace. — Ele mal olha para mim por cima da tela do computador. — Como está o braço?

— Bom.

— Conseguiu algum tempo na sala de treinamento? Deixou a equipe trabalhar nisso?

Sento-me na cadeira em frente à sua mesa. — Sim.

Monty finalmente tira os olhos do computador. — Presumo que você esteja aqui porque há algo que deseja me contar.

Eu exalo uma risada chocada e desconfortável. *Foda-se minha vida.*

— Se eu *quero* contar? — eu pergunto. — Nem uma maldita chance. Há algo que eu *deveria* contar? Provavelmente.

— Bem, você vai?

Vou olhar nos olhos dele e dizer que estou dormindo com a filha dele? Absolutamente não.

— Vou me declarar culpado por isso, Monty.

Ele ri sozinho, claramente entretido com o quão desconfortável estou.

Eu mudo de assunto. — Você está livre hoje à noite?

— Estou. Bem, eu ia ver se Millie queria jantar. — Ele levanta uma sobrancelha. — Ou ela está ocupada?

Deus, isso é estranho. Há seis semanas, pensei que não suportava a menina, e agora conheço a agenda dela melhor do que o pai dela. E ele sabe tão bem quanto eu que se ela não está livre é porque está comigo.

— Até onde eu sei, ela está, mas o que você acha de jantar na nossa... na *minha* casa?

Um sorriso malicioso surge em seus lábios com o meu deslize. — Eu poderia fazer isso.

— Ótimo. E depois, preciso que você fique por lá um pouco. Miller está preparando algumas receitas para o trabalho esta noite. Bem, ela ainda não sabe que está, mas acho que a ajudaria se você estivesse lá para isso.

Monty se recosta na cadeira, cruzando as mãos sobre a barriga, seu tom cheio de suspeita. — O que você está planejando, Ace?

Eu também me inclino para trás, esticando minhas pernas para frente. Acho que se esse homem fosse outra pessoa que não Monty, eu me sentiria desconfortável em ser tão honesto, mas mais do que ser o pai da Miller, ele é meu amigo.

— Olhe, na outra noite ela recebeu uma ligação sobre o trabalho e ficou muito chateada, porque não tem tido muito tempo na cozinha. Isso é culpa minha, portanto, hoje à noite, alguns dos rapazes da equipe irão até lá e experimentarão o que ela fizer. Ela precisa recuperar um pouco da confiança na cozinha e sei que, mais do que qualquer outra pessoa, Miller quer impressionar *você*.

Ele balança a cabeça. — Isso é ridículo. Sempre fico impressionado com ela.

— Eu sei. Confie em mim, eu sei, mas... — *Porra.* Como diabos eu falo para Monty sobre sua própria filha, que ele claramente conhece melhor do que eu? — Ela está colocando muita pressão sobre si mesma para voltar ao nível em que estava antes de ganhar o prêmio e ouvir de você que ela está fazendo um bom trabalho ajudaria a aliviar esse fardo, eu acho.

Monty faz uma pausa, um pouco confuso com meu discurso, mas eventualmente cede. — Ok, estarei lá.

— Ótimo. — Com um simples aceno de cabeça, levanto-me da cadeira, mas ele me para na porta.

— Eu sei que você não quer que ela vá embora, então por que você a está ajudando a fazer exatamente isso?

Bem, merda.

Não há como responder a essa pergunta sem que ele descubra o quanto estou me aprofundando nisso.

Afundo na cadeira novamente com um suspiro pesado. — Porque é o sonho dela, e eu me importo muito com ela para não a ajudar a persegui-lo, mesmo que isso signifique que não estarei lá quando ela conseguir tudo pelo que trabalhou.

Monty me observa, procurando qualquer sinal de mentira, tenho certeza. Eu gostaria de estar mentindo. Gostaria de não ser tão idiota a ponto de poder, em sã consciência, fazer tudo o que estiver ao meu alcance para que ela fique. Mas não serei o motivo pelo qual ela desistirá de seus sonhos.

— Você é bom para ela, Ace.

— Não é... não é bem assim.

— Ah, não é bem assim, hein? Então você vai sentar aqui e me dizer que está dormindo com minha filha, mas isso não significa nada? Mal posso esperar para ouvir isso.

Maldito. Eu nunca deveria ter entrado em seu escritório hoje.

— Ei, não olhe para mim. — Eu levanto minhas mãos em sinal de rendição. — Se você quiser ter essa conversa, converse com sua garota sobre as regras que ela estabeleceu em relação ao sexo.

Monty faz uma careta.

— *Jesus*. Não acredito que acabei de dizer *sexo* na sua frente.

— Sim, nunca mais faremos isso, especialmente em referência à minha filha. — Ele se recosta na cadeira. — Mesmo que vocês dois sejam cegos demais para ver, ou teimosos demais para admitir, eu sei o que é isso.

— Ela está indo embora. — Minhas palavras menos favoritas e que tendem a sair dos meus lábios sempre que procuro uma explicação.

— Ela está — Monty concorda. — Você vai ficar bem quando isso acontecer?

Olho diretamente para ele do outro lado da mesa e minto. — Vou descobrir uma maneira de ficar.

Seu sorriso é cheio de pena. Agora estou recebendo *pena* do pai da filha com quem estou dormindo. *Genial*.

— Você se lembra da nossa conversa, certo?

Ele está se referindo à vez em que pediu que eu falasse com ele se algum dia sentisse vontade de pedir a Miller para ficar, para deixar seus sonhos para trás e se estabelecer na vida comigo e com meu filho.

A vontade existe todos os dias, mas não vou pedir isso a ela. Não é o que ela quer e não tenho forças para ouvir sua rejeição.

Miller não me permite mostrar o que realmente sinto por ela, então o melhor que posso fazer é dizer a ela por meio de minhas ações. Apoiar os sonhos dela, ajudá-la a perseguir tudo o que ela deseja. Continuarei fazendo isso, ainda que

no final isso me mate, porque, infelizmente, sei que uma vida simples comigo e com meu filho nunca seria suficiente para ela.

— Eu me lembro — eu digo. — Mas não é isso que significa para ela. Ela tem tantas oportunidades esperando por ela quando voltar ao trabalho.

Monty me dá um aceno de compreensão. — A que horas devo chegar esta noite? Certifique-se de que seja cedo o suficiente para que Max ainda esteja acordado. Quero ver meu garotinho.

— Seis?

— Eu estarei lá.

Mais uma vez, eu me levanto para sair, mas meus olhos são atraídos para a foto na mesa de Monty. Miller em seu uniforme amarelo brilhante de softball, ajoelhada com uma luva de arremessador no joelho.

— Quantas dessas você tem? — Aponto para a moldura. Eu sei que ele tem uma em casa, esta em seu escritório em Chicago e uma que ele guarda em sua mala de viagem para jogos fora de casa. Acho que ele pode até ter um na carteira.

— Não sei. Três ou quatro.

— Por quê?

— Por que você tem uma foto de Max no seu boné?

Touché.

— Para me lembrar do que é importante quando o estresse do trabalho ou da vida começa a se tornar excessivo.

— Exatamente.

Sem hesitar ou pedir permissão, tiro a moldura da mesa e solto a parte de trás. A foto é pequena, talvez com apenas cinco ou sete centímetros de altura e cabe perfeitamente ao lado da de Max no meu boné.

Monty fica em silêncio enquanto coloco a moldura vazia de volta em sua mesa.

— Cale-se.

Ele ri. — Eu não disse nada.

Coloco a foto de Miller embaixo da faixa, perto da de Max, passando o polegar pelas duas bordas. — Quantos anos ela tinha aqui?

— Treze, talvez?

— Ela parece feliz.

— Ela estava. Ela era uma criança muito feliz, assim como a sua.

Monty me lembra gentilmente de que estou bem. É a maneira dele de me garantir que Max está bem. Que estou fazendo um bom trabalho, assim como ele fez. Mas só estou fazendo um bom trabalho agora por causa da garota da foto ao lado da do meu filho.

Coloco meu boné de volta e saio do escritório dele.

* * *

Quando chego em casa, minhas mãos estão cheias de compras. A casa está vazia e silenciosa, então, depois de colocar as sacolas de compras na ilha da cozinha, vou para o quintal em busca de Max e Miller.

A risada do meu filho ecoa no vidro da porta dos fundos e, quando a abro, vejo que ele está só de fralda no seu toboágua, espirrando e batendo palmas para si mesmo quando despeja água de um balde pequeno em outro um pouco maior. Miller se senta no chão e bate palmas com ele, aplaudindo-o enquanto ele se encharca de água, perfeito para um dia quente de agosto.

Quando percebe minha atenção enquanto estou na varanda dos fundos, ela

me acena um pouco. Max segue sua mão e, com um sorriso radiante no rosto, sai em minha direção, com os braços erguidos acima da cabeça enquanto corre para mim.

— Aí está meu garoto.

— Papai — ele grita.

Recolho seu corpinho molhado em meus braços, levantando-o para sentar-se em meu antebraço. Miller segue atrás, e quando beijo meu filho, fico tentado a me inclinar e beijá-la também. Este é um momento normal do dia a dia, que quero guardar em minhas memórias, porque são esses momentos que importam.

Mas eu não selo com um beijo, porque os beijos suaves e fáceis são contra as regras para ela.

Aceno em direção à casa. — Venha.

— Malakai — ela repreende. — Inapropriado.

Balançando a cabeça, deixo-a passar por nós, dando-lhe um tapa na bunda. — Leve sua mente suja para dentro.

Ela encontra os mantimentos no balcão. — Você precisa de ajuda para guardar isso?

Dou a ela um segundo para vasculhá-los. Ela tira farinha, açúcar, açúcar mascavo e leite. O melhor chocolate que encontrei em uma padaria local. Comprei o extrato de baunilha mais caro da prateleira. Comprei todo tipo de fruta que a loja tinha a oferecer.

— Nana! — Max grita quando ela tira um monte.

— O que você está fazendo? — ela pergunta.

— Eu não. Você está.

— Estou fazendo o quê?

— O que você quiser. — Eu ajusto Max em meus braços. Com quase

dezessete meses, ele está começando a ficar pesado. — Você não teve tempo de criar porque estamos viajando muito, então vou cuidar do Max esta noite e você vai trabalhar. Sei que você se sai melhor na cozinha quando vê alguém experimentar suas sobremesas e avalia a reação. Achei que talvez devesse voltar ao que faz você feliz e cozinhar para as pessoas de quem gosta, portanto, alguns dos rapazes da equipe virão para cá. Seu pai também. O que você quiser fazer, nós comeremos.

Ela não diz nada, apenas olha para as compras.

— Espero que esteja tudo bem.

O nariz de Miller fica rosado, mas a garota não chora. — Mais do que bem. — Ela se vira para mim com um sorriso torto. — Obrigada, Kai.

— É o mínimo que posso fazer depois de roubar você durante todo o verão.

Ela parece muito sensível, muito vulnerável para que eu possa resistir, então quebro suas regras segurando sua cabeça para puxá-la para o meu peito, depositando um beijo no topo de seu cabelo. Max, em meu outro braço, percebe e vira seu corpo ao meio para dar um beijo desleixado em sua cabeça também.

Ela ri e olha para cima para encontrar meu filho muito orgulhoso. — Obrigada, Bug.

CAPÍTULO 27

Miller

Violet: *Por favor, diga-me que você já preparou suas novas receitas e está de volta aos trilhos na cozinha? Além disso, a sessão de fotos da Food & Wine acontecerá na próxima terça-feira. Eles estarão na casa às 6h da manhã para se preparar.*

Eu: *Finalizando essas receitas hoje à noite. Kai planejou tudo para mim. É muito legal. E terça-feira não dá. Kai tem um jogo fora de casa.*

Violet: *Você não pode ficar longe de um? Tenho certeza de que ele consegue lidar com uma viagem sozinho. Isso é importante.*

Eu: *Não, não posso perder. Que tal a próxima sexta-feira?*

Violet: *Vou verificar com o coordenador das filmagens. A Chef Maven me perguntou em que dia você pretende estar na Califórnia. Posso confirmar o dia 1º? Você começará sua viagem de Chicago no domingo, dia 29, correto?*

Eu: *Certo. Em duas semanas.*

Violet: *Graças a Deus. O mundo da comida está sentindo sua falta, Miller. Tenho uma caixa de entrada cheia de e-mails de blogueiros de culinária querendo entrevistá-la sobre seu pequeno hiato de verão, sem mencionar que já adicionei mais um ano de trabalhos de consultoria à sua agenda nas últimas semanas!*

Eu: *Ótimo. Mal posso esperar.*

Violet: *Seu sarcasmo é alto e claro, mas você está em alta agora, Chef. Isso é emocionante. É apenas o começo de tudo para você. Vejo você em duas semanas!*

— É essa — declara Isaiah, apontando para o último prato que coloquei na frente dele.

Ele considerou cada uma de minhas sobremesas como ‘a melhor’ esta noite.

Cody geme alto, os olhos de Travis se arregalam e meu pai está simplesmente com um sorriso orgulhoso, como fez a noite toda. Eu me peguei procurando a aprovação dele primeiro, antes de conversar com todos os outros.

— O que é? — Isaiah engole antes da terceira colherada, mas Kai tira a colher do caminho para encher a sua, porque ainda não teve a chance de experimentar.

Limpo as mãos na toalha que está pendurada no meu ombro. — Isso é uma coalhada de limão com cobertura de morango. Aquele leve choque que você sente na língua é um pop rock caseiro, acompanhado de um sorvete rosé. Há também um pouco de pimenta Voatsiperifery, que é um grão de pimenta que tem um pouco mais de notas herbais e florais. Normalmente é reservado para cozinhar, mas acho que combina bem com limão.

Todos os meninos param de mastigar, olhando para mim como se tivesse crescido uma segunda cabeça. Quando falo sobre uma sobremesa com colegas, sou compreendida, mas quando explico para outras pessoas fora do ramo, é como se estivesse falando outra língua com eles.

— Não tenho ideia do que isso significa — diz Isaiah. — Mas é incrível e você deveria fazer isso para a revista.

— Acho que o perfil do sabor é um pouco de verão para o lançamento do artigo no outono, mas vi os morangos e o limão e pensei, que diabos. Vou me divertir e experimentar.

Eu experimentei tudo. Preparando cinco novas sobremesas para os meninos provarem. O cilindro de chocolate amargo recheado com creme de praliné de

avelã defumada que pensei quando estávamos na padaria em Boston foi um sucesso instantâneo, e até me impressionei quando criei um cheesecake de mussarela coberto com compota de amora.

Não queimei nada, não lutei com nenhuma parte disso. Fiquei feliz e animada para alimentar as pessoas com quem passei a me importar mais do que sabia que era capaz. Tanto alívio passa por mim sabendo que ainda posso ter sucesso naquilo em que sou melhor.

— Pai, o que você acha?

A única pessoa que quero impressionar dá outra mordida na coalhada de limão. — Fenomenal. Como sempre.

Posso sentir meu sorriso brilhando sob as luzes da cozinha, vendo-o tão orgulhoso de mim. É por isso que faço o que faço, para garantir que ele saiba que estou fazendo algo na minha vida que valeu a pena ele desistir da sua.

Eu me sinto melhor hoje, como se estivesse no caminho certo para voltar para onde estava antes de toda a pressão chegar, e sei que um grande motivo para isso é Kai.

O fato de que ele organizou isso para mim – ninguém jamais fez algo tão atencioso. Ele bancou o subchefe a noite toda, entregando-me ingredientes quando necessário e limpando depois que eu terminava usando uma tigela ou espátula. Ele exibiu o sorriso mais orgulhoso no rosto o tempo todo e nunca amei tanto estar na cozinha quanto com ele aqui ao meu lado. A única coisa que teria melhorado seria Max estar sentado no balcão também, mas já passou da hora de dormir.

Eu estava tranquila esta noite, organizada também. Nada parecido com o que faço quando cozinho com Max. Eu estava mais parecida com a confeiteira renomada que ajuda as cozinhas a ganhar estrelas Michelin, embora ainda tivesse minhas tatuagens à mostra, minha argola de septo colocada e me sentisse mais eu mesma na cozinha do que nunca.

Mas a revelação assustadora é que eu realmente não sei como voltarei ao trabalho sem as palavras de incentivo de Kai, faladas baixinho em meu ouvido, ou sem sua mão pousada na parte inferior das minhas costas para verificar se preciso de alguma coisa.

Esta noite foi perfeita. Ele foi perfeito porque ele sempre é.

E em duas semanas, não o terei mais ao meu lado.

Eu o encontro na pia onde ele está lavando a louça, querendo estar onde quer que ele esteja. Eu me recosto no balcão, de frente para ele.

— Ótimo trabalho, Mills — diz ele, com um sorriso orgulhoso aparecendo em seus lábios.

— Obrigada. E obrigada por esta noite. Isto foi... exatamente o que eu precisava.

— Sentindo-se melhor?

Concordo com a cabeça, querendo ficar na ponta dos pés e quebrar minhas próprias regras, para pressionar minha boca na dele e agradecer. Ele é tão bonito, tão gentil. E se preocupa muito com seu pessoal.

Quero me esconder na casa dele para sempre só para poder me chamar de uma dessas pessoas.

Uau... não, eu não quero.

— Você é linda assim — diz ele, continuando a lavar a louça que eu usei. — Avental amarrado na cintura. Cabelo jogado no topo da cabeça. Seu cérebro criativo no trabalho. Adoro ver a chef confeiteira refinada não tão refinada sob seu avental de chef.

— Bem, sorte sua, talvez esta noite você também consiga ver o que está sob o avental.

— Talvez? — Seus olhos brilham de excitação. — Já passamos da fase de

nos fazermos de difíceis, não acha?

Eu me inclino para ele. — Você e eu, Malakai, nunca deixaremos de jogar duro.

Curvando-se, ele dá um beijo casto no topo do meu cabelo, rindo enquanto o faz.

— A Violet mandou uma mensagem com uma data para a sessão de fotos. Será que a sexta-feira antes de eu sair dá certo para fazer a sessão aqui?

— Você pode fazer isso quando quiser, Mills. Mesmo que eu tenha que fazer uma viagem de carro, vou providenciar uma creche para o Max.

— Você tem um jogo em casa nessa noite — digo a ele. — Verifiquei sua agenda antes de oferecer essa data. Há algo chamado *Dia da Família* no calendário da equipe no dia seguinte. Não sei bem o que é isso.

O Dia da Família também coincide com meu aniversário, mas Kai não sabe disso.

Ele passa a esponja no interior de uma tigela, sem olhar nos meus olhos. — É um evento que a administração da equipe organiza para que todas as famílias se reúnam no campo. Todos os times em que joguei organizam um. Há comidas e bebidas, esse tipo de coisa. É durante a série contra o Atlanta. — Ele finalmente olha em minha direção. — Você acha que vai participar?

Ele não precisa dizer isso, mas sei que nunca teve ninguém ao seu lado em um desses eventos. Eu acho que Isaiah sempre esteve muito ocupado com sua própria temporada e eles não podiam estar presentes um para o outro, e sim, este ano ele terá seu filho, mas ele também vai me ter.

— Tenho certeza de que seu pai iria querer você lá — acrescenta Kai.

Seu tom é casual, leve e desapegado, exatamente como eu pedi para ele ser, mas ele não deveria ser desapegado quando se trata de pedir a alguém que finalmente o apoie.

Com a mão em seu antebraço, passo as pontas dos dedos pela pele fina por dentro. — Eu estarei lá — digo com convicção. — Por você.

Não perco a maneira como seus olhos suavizam antes de voltar para a ilha para verificar seus companheiros de equipe e seu treinador, lembrando-me que eles estão aqui, e talvez me perguntando por que de repente estou bem com um pouco de carinho.

Apoio minha cabeça em seu bíceps, a mão em volta de seu braço para segurá-lo enquanto ele lava a louça, abandonando minhas regras no momento. — Obrigada por esta noite.

Ele encosta a bochecha no meu cabelo. — Eu faria qualquer coisa por você, Miller.

CAPÍTULO 28

Miller

É um caos organizado do lado de fora do estádio em Anaheim. Os encarregados dos equipamentos estão supervisionando o carregamento dos ônibus enquanto a equipe termina de tomar banho após o jogo. Os torcedores estão gritando, com cartazes e camisetas na mão, esperando ver seu jogador favorito antes de irmos para o aeroporto.

Normalmente, eu já estaria no ônibus e Max estaria dormindo, mas ele tem lutado contra uma indisposição nos últimos dias e, por causa disso, sua programação normal foi por água abaixo. Estou igualmente cansada, lidando com uma criança doente em uma viagem de carro, e o que quer que seja que Max esteja enfrentando, finalmente me alcançou na forma de uma exaustão avassaladora.

Minha cabeça está latejando enquanto eu o tombo em meus braços perto da entrada dos fundos do vestiário dos visitantes. Estou tentando acalmá-lo, mas, pelo que aprendi nos últimos dias, a única pessoa que ele quer quando não se sente bem é o pai. Mas Kai jogou hoje à noite, então tenho certeza de que ele está dando entrevistas à imprensa após o jogo e fazendo algum tipo de fisioterapia.

— Você está bem, Max. *Shh*. — Passo a mão em suas costas antes de pressionar levemente sua cabeça em meu ombro, esperando que isso o force a descansar.

Isso não acontece. Ele geme com seus pequenos pulmões, seu grito ensurdecedor próximo ao meu ouvido.

— Papai — ele soluça, seus olhos azuis gelados com bordas vermelhas enquanto ele olha freneticamente ao redor do estacionamento movimentado. — Papai!

— Eu sei. Eu sei. Ele sairá em breve.

Ele não para, de alguma forma encontrando capacidade pulmonar para gritar ainda mais alto.

Meu pai me lança um olhar rápido e preocupado do outro lado do estacionamento, mas ele está tão ocupado revisando os relatórios com o resto da comissão técnica que eu simplesmente me afasto dele, dizendo que estou bem.

Todo mundo tem um trabalho a fazer e este é o meu.

Mas não tenho ideia do que diabos estou fazendo. Sei como me divertir com Max, como descobrir o que ele precisa, seja comida, sono ou troca de fralda. Mas não tenho ideia de como ajudá-lo quando ele está tão doente ou chateado.

Não tenho essa intuição materna e não tenho certeza se é porque perdi a minha tão jovem ou algo assim, mas esta pode ser a primeira vez na minha vida que estou amargurada pelo fato de ter feito isso. Não a tive por mais tempo para aprender esses instintos.

Quando me destaco em alguma coisa, tenho a satisfação de saber que pertenço, que valho a pena o investimento. Sejam os chefs que investiram em mim selecionando-me para estágios exclusivos, ou sabendo que meu pai investiu sua vida me adotando quando não estava exatamente em condições de assumir essa responsabilidade. Pelo menos eu fiz um nome para mim.

Mas neste momento não estou fazendo nada por Kai ou seu filho.

Os torcedores se alinham na área isolada, mantendo a passagem livre para o time chegar ao ônibus, mas a maioria dos caras vai parar um momento para ir até lá, dar alguns autógrafos e agradecer aos torcedores por terem ficado até tão tarde.

Eles estão me olhando como se eu não tivesse ideia do que estou fazendo com um bebê de dezessete meses ainda acordado às 23h, gritando a plenos pulmões em meu ouvido, e eles estão certos. As inseguranças estão se instalando rapidamente, porque todos aqui sabem que não sou o que ele precisa.

Há apenas sete semanas, eu planejava passar o verão trabalhando em novas receitas e resolvendo meus problemas na cozinha, mas agora tudo que consigo pensar é em tentar ser o suficiente para Max, na esperança de que ele se sinta melhor. Eu sei que ele está desconfortável, você pode ver isso claramente como o dia. Sua garganta está inchada e seu nariz escorre sem parar. Mas eu não sou Kai, e Max não vai relaxar até que seu pai esteja aqui.

Minha cabeça lateja tão forte que tudo que quero é cair na cama e dormir algumas horas, quando Kai finalmente sai, com o boné virado e as lentes de contato substituindo os óculos. Parecendo irritantemente bonito e arrumado enquanto eu me sinto uma merda.

O choro de seu filho é um farol, puxando sua direção para nós imediatamente.

— Venha aqui. — Kai tira Max de mim, saltando na ponta dos pés enquanto tenta acalmá-lo. — Tudo bem — ele sussurra. — Tudo bem, Bug. Estou aqui.

O lamento de Max se transforma em um choro fungando enquanto ele se funde no ombro de seu pai.

— Ele não dormiu? — Kai me pergunta, seu tom um pouco brusco.

Eu simplesmente balanço a cabeça, cansada demais para dizer qualquer coisa, e envergonhada demais por não poder ajudar.

Kai suspira de frustração. Ele passou três noites sem descansar uma noite inteira, então não só está tão exausto quanto eu, mas acho que se sente culpado por estar fazendo seu filho passar por uma agenda de viagens cansativa durante uma virose. Acrescente isso ao fato de que ele arremessou como uma merda esta

noite e os Warriors perderam devido a uma corrida que ele desistiu enquanto ainda estava no monte.

Kai olha para mim e posso sentir seus dedos ansiosos para me puxar para ele. Eu quero que ele faça isso. Quero dizer *dane-se* para minhas regras idiotas e cair nele, porque preciso de seu conforto agora. Tornei-me cada vez mais dependente disso.

Mas assim que as palavras chegam à ponta da língua, um dos coordenadores de mídia da equipe dá um tapinha no ombro dele.

— Você está brincando comigo — Kai afirma, porque ele sabe o que tem que fazer sem ser questionado. — Meu filho está doente. Deixe-me entrar na porra do ônibus.

Ele está claramente frustrado. Kai raramente xinga na frente do filho.

— Desculpe, Ace. — O coordenador se encolhe um pouco. — Você evitou os fãs depois das duas últimas partidas. Infelizmente, tenho que insistir para que você faça sua ronda esta noite antes de partirmos.

O olhar frio de Kai é quase assassino, e meu coração está com o pobre assessor de mídia que está simplesmente tentando fazer seu trabalho.

Eu estendo minhas mãos. — Você quer que eu o leve?

— Não. — Não estou surpresa com sua resposta rápida. Ele está nervoso há dias, e talvez eu mereça que ele fique chateado comigo. Eu não tenho ajudado em nada.

Kai tira a jaqueta dos ombros e a usa como cobertor para cobrir o filho. — Isso é besteira — é a última coisa que ele diz antes de esboçar um sorriso e se dirigir para a horda de fãs cujo nível de barulho está aumentando com a excitação conforme ele se aproxima deles.

O pobre coordenador me dá um sorriso tímido antes de encurralar mais jogadores e orientá-los a fazerem suas rondas. Felizmente para ele, ninguém é

tão resistente quanto Kai.

Outros jogadores se juntam à massa de fãs, mas no meio da multidão vejo Kai exibindo seu lindo sorriso e usando a única mão livre para dar alguns autógrafos. Tem fãs homens ali também, babando por ele, mas tudo que noto são as mulheres. Mulheres que bajulam o pequeno Max em seus braços. Mulheres com cartazes gritantes declarando o quanto gostariam de se casar com o pai solteiro do time.

Eu odeio todas elas e não me importo com o quão infantil isso soa.

Odeio que eventualmente ele encontrará alguém que lhe dará o tipo de compromisso que ele precisa. Eu odeio que um dia ela completará a família deles.

E odeio que a mulher que ele escolherá não será eu, porque sou simplesmente uma aventura de verão passageira.

— Millie — meu pai grita, chamando minha atenção e me indicando o ônibus do time. — Você está bem? Parece que você pode estar doente.

Acertou, pai. É exatamente assim que me sinto.

Ele toca minha testa com as costas da mão. — Sua cabeça não está muito quente.

— Estou apenas esgotada no momento.

— Por que você não se senta na frente comigo neste voo para poder descansar um pouco?

— Não, eu estou bem. Kai trabalhou a noite toda. Não posso deixá-lo com um bebê doente.

— Bem, *meu* bebê está doente e estou preocupado com você.

Eu respiro uma risada indiferente. — Tenho quase vinte e seis anos, pai.

— E você sempre será meu bebê.

Esse cara é uma verdadeira contradição, eu juro. Alto, forte como um tanque, coberto de tatuagens e o cara mais suave que conheço.

— Vamos. — Ele continua subindo os degraus do ônibus. — Temos que ir para o aeroporto.

Instintivamente, minha atenção encontra Kai mais uma vez antes de entrar no ônibus. Ele está falando com uma mulher com longos cabelos ruivos, e ela é linda, claro. Vestida com uma camisa com o nome dele. Ele diz algo para ela e seja lá o que for, faz com que sua cabeça caia de tanto rir antes que ela coloque o cabelo atrás da orelha e olhe para ele através dos cílios.

Eu conheço esse olhar. Eu *usei* esse olhar.

Mas é direcionado a Kai, então agora não só estou cansada, mas também estou furiosa.

Entregando seu marcador, ela se vira e prende o cabelo para o lado, permitindo que ele autografe sua camisa, e quando ele termina, você pensaria que ele seguiria em frente. Mas não, ele fica para falar mais um pouco com ela. Ela aponta para Max, que finalmente está relaxado, e tudo o que ela diz coloca um sorriso no rosto de Kai, um sorriso que estou acostumada a ser a principal receptora.

E então meu sangue começa a ferver quando ela coloca um pedaço de papel na mão livre dele – o número dela, sem dúvida.

Não sou o tipo de garota que simplesmente fica sentada e observa seu homem ser apanhado. Eu também nunca tive um homem para reivindicar antes, e embora gostaria de ir até lá e reivindicar Kai para mim, ele também não é meu homem. E fui eu quem garantiu isso.

Eu não deveria me sentir possessiva, não tenho o direito de fazê-lo, mas não posso evitar. Estou estranhamente abalada. Esta mulher não sabe nada sobre ele.

Ela não sabe que ele criou o irmão ou que tentou se aposentar no mesmo dia

em que se tornou o pai de Max. Ela não sabe qual é o gosto dele ou que seus óculos embaçam quando ele beija por muito tempo.

Eu entendo. Ele é absurdamente atraente e é um atleta profissional. Eu sei que essa coisa de pai solteiro altruísta tem que funcionar para outras mulheres da mesma forma que funciona para mim, mas ele não está disponível.

Certo?

Desde quando *sinto* ciúme? Nunca fui apegada o suficiente para sentir ciúme.

E por que estou imaginando essa ruiva aleatória como a nova mãe de Max?

Aposto que ela saberia como fazê-lo se sentir melhor quando estiver doente. Tenho certeza de que ela teria conseguido fazê-lo parar de chorar no estacionamento. Ela provavelmente é advogada ou médica. Pior ainda, ela provavelmente é uma *pediatra* que possui muitos cardigans e vem de uma família gigante que adoraria receber os dois em seu rebanho.

Família é a coisa mais importante para Kai, e tenho certeza de que ele adoraria criar seu filho em uma.

Deus, ela é perfeita. Eu a odeio tanto.

É por isso que preciso de amigas. Eu não posso exatamente reclamar com meu pai sobre o quanto odeio a futura esposa ruiva de Kai ou que, independentemente de eu sair da cidade em breve, esses são *meus* meninos, e não estou preparada para compartilhar.

Então mando uma mensagem para a única amiga que tenho.

Eu: *A futura esposa de Kai é deslumbrante. Eu a odeio. Ela também tem cabelo ruivo e estou quase odiando as ruivas por causa disso.*

Kennedy: *Eu tenho cabelo ruivo.*

Eu: *Eu sei. É por isso que estou dando um aviso a você. Mas pelo menos*

você não está tentando seduzir o homem com quem estou dormindo, pedindo-lhe que autografe sua camisa ou dando-lhe o que provavelmente é um conselho fantástico sobre paternidade, que é convenientemente acompanhado pelo número de telefone que você colocou na mão dele.

Kennedy: *Ah, ah. As fãs estão deixando você com ciúmes?*

Eu: *Eu não sou ciumenta. Mas sim.*

Kennedy: *Por quê? Você e Ace estão apenas dormindo juntos, certo?*

Eu: *Certo.*

Kennedy: *Tenho que terminar de limpar a sala de treinamento, sente-se comigo no avião? Podemos conversar sobre todos os seus sentimentos confusos no voo para São Francisco.*

Eu: *Não posso esta noite. Max não está se sentindo bem, mas vamos almoçar ou algo assim amanhã.*

Kennedy: *Combinado, mas espere. Você salvou meu número no seu telefone? Estou honrada, Senhorita Sozinha.*

Eu: *Sim. Sim. Você sabe o que isso significa, certo? Estamos em um relacionamento sério agora.*

Kennedy: *Meu Deus. Eu sou a sua primeira?*

Eu: *Você estourou minha cereja de relacionamento sério, Kennedy Kay.*

Kennedy: *Duplamente honrada.*

Lanço a Kai e seu filho mais um olhar longo e persistente. Ele ainda está conversando com a mesma mulher, e antes que eu possa desviar o olhar, ele se vira e me pega olhando. Kai fica imóvel, observando-me enquanto ela continua a falar com ele, e nosso contato visual só é quebrado quando eu finalmente lhe ofereço um sorriso compreensivo e volto para o ônibus.

Não quero entender isso, mas entendo. Kai eventualmente encontrará alguém

que irá se estabelecer com ele, e nós dois sabemos que esse alguém não serei eu.

CAPÍTULO 29

Kai

— Essa foi um pouco fechada demais, mas sua velocidade foi boa. — Harrison, um dos treinadores de arremesso, usa o cursor para mover a imagem parada, mostrando-me todos os ângulos de um dos meus arremessos desta noite.

Estou tentando me concentrar no computador, mostrando meu detalhamento do campo pós-jogo, no voo de Anaheim para São Francisco, mas há uma mulher no corredor à minha frente, segurando meu filho adormecido e toda a minha atenção.

O Tylenol para bebês finalmente fez efeito, graças a Deus, aliviando um pouco o desconforto de Max e permitindo que ele descansasse um pouco. Miller está muito exausta, mas Max não quis descer para o berço, sempre um pouco carente quando não se sente bem, então ela está se esforçando ao máximo para dormir uma hora em um assento desconfortável de avião enquanto meu filho cochila em cima dela.

Ter um bebê doente não é divertido. Ter um bebê doente em uma viagem de trabalho? Um pesadelo absoluto.

Os últimos três dias têm sido difíceis. A culpa me atormenta por ter colocado meu filho doente no meu cronograma de viagens. Eu deveria tê-lo deixado em casa, mas me senti igualmente culpado com a ideia de deixar Miller para cuidar dele em tempo integral, especialmente quando ele não está se sentindo bem. Isso não é responsabilidade dela.

É em momentos como esse que me sinto egoísta como o inferno por manter meu emprego e, se não fosse por ela me ajudar, eu não conseguiria fazer nada

disso.

Harrison passa para o próximo lance da sequência para que possamos analisá-lo juntos, mas quando vejo Miller tentando se reajustar pelo canto do olho, usando a fuselagem para apoiar a cabeça, não consigo mais ficar parado.

— Desculpe, mas podemos fazer isso de manhã? — Aponto para o assento do outro lado do corredor. — Max esteve doente.

Harrison espia. — Ele parece bem para mim. Miller está com ele.

— E ela precisa de uma pausa. — Tento manter o tom mesmo quando, na verdade, é irritado e baixinho. Entendo que a organização se esforçou ao máximo para fazer minha situação funcionar, mas esses são os momentos que importam para mim. — Olha, vou acordar uma hora mais cedo amanhã e encontrar você para tomar um café ou algo assim, mas esta noite só preciso cuidar da minha família.

Ele concorda, mas está claramente frustrado com isso, e sei que ele está apenas tentando fazer o seu trabalho. Eu perdi o jogo esta noite, então não tenho muito espaço para fazer exigências, mas ele cede, pega seu iPad e volta para a frente do avião para sentar-se com o resto da comissão técnica.

Estou totalmente esgotado. Destruído pela falta de sono devido à doença do meu filho, enquanto lutava contra o desejo avassalador de tratar a babá que mora temporariamente em minha casa como se ela estivesse aqui para ficar. Mas agora, eu realmente quero segurar os dois.

Com o avião escuro e silencioso, a maioria dos caras tentando dormir um pouco antes de pousarmos, levanto-me do assento e esgueiro-me pelo corredor.

Tentando o meu melhor para não acordar Max, deslizo um braço sob a dobra dos joelhos de Miller, o outro sob suas costas antes de levantá-la suavemente em meus braços, virando-me para roubar seu assento. Eu a coloco no meu colo, então tenho os dois.

— O que há de errado? — ela pergunta, nem mesmo abrindo os olhos enquanto enterra a cabeça em meu ombro, Max ainda derretido em seu peito.

— Nada — eu sussurro. — Durma um pouco.

Ela respira profundamente pelo nariz, esfregando o nariz ainda mais. — Por que você não está trabalhando?

— Porque há coisas mais importantes que o trabalho, Mills.

Ela não responde, e sim, talvez eu tenha dito isso de uma forma que se referira ao trabalho dela também.

Ela se enterra mais fundo, passando a mão nas costas de Max. — Você me segurando assim na frente de outras pessoas parece muito íntimo.

Eu rio baixinho. — Sim, bem, às vezes eu não dou a mínima para suas regras, Miller, e agora é um desses momentos.

— Por que você não tentou quebrar aquela em que você dorme na minha cama?

Espere... o quê?

Brinco com o cabelo emoldurando seu rosto, afastando-o para poder vê-la melhor. — Você quer que eu quebre essa regra?

— Só estou me perguntando por que você não tentou.

— Você está me confundindo muito, Montgomery.

— Eu também estou me confundindo.

Eu reajusto meu controle sobre eles. — Eu não tentei entrar na sua cama principalmente por sua causa, porque tenho quase certeza de que se começarmos a ter festas do pijama, você vai se apaixonar discretamente por mim e eu sei o quão inflexível você é sobre isso permanecendo uma aventura.

Um sorriso sonolento surge em seus lábios. — Senti a sua falta.

Seus olhos verdes jade se arregalam com isso, e não posso deixar de rir

baixinho de sua franqueza exausta.

Nós nos vemos todos os dias desde que ela chegou em Chicago, então não é a isso que ela está se referindo. Mas cuidar de Max doente tem sido feito em turnos, nós dois cansados demais para fazer qualquer coisa juntos quando ele finalmente adormece.

— Eu disse, Mills. Você já está se apaixonando.

— Eu não me apaixono.

Essas palavras mudam instantaneamente a vibração lúdica. Ela quer uma vida sem compromisso, e quanto mais nos aprofundamos nisso, fica claro que a única vida que estou complicando é a minha.

Ela continua nossa conversa silenciosa. — Sinto muito por não ter conseguido acalmar Max esta noite.

Meus olhos se voltam para meu filho adormecido, que está bem acomodado em seus braços.

— Acho que ele me odeia — ela continua.

— O que você está falando?

— Tentei fazê-lo dormir, tentei mesmo, mas ele não me quis. — Sua voz falha, as palavras são sussurradas, mas aguadas, e seus olhos verdes são encobertos de uma forma que eu nunca vi. — Eu não sabia o que fazer.

Uma lágrima única, mas chocante, rola por sua bochecha e eu rapidamente a enxugo com a ponta do polegar.

Ela está claramente mais exausta do que eu imaginava, porque Miller não chora muito.

— Ele continuou gritando e chorando e realmente acho que ele me odeia, e você me odiou quando cheguei aqui, e eu sei que vocês dois vão adorar aquela ruiva.

Que porra ela está falando?

Mais lágrimas caem de seus olhos fechados, e eu as limpo, lembrando-me de não dar importância a ela amanhã, depois que nós dois dormirmos um pouco. Conhecendo Miller, ela vai se encolher ao lembrar que ela esteve tão vulnerável.

Mas eu amo isso. Quer ela queira reconhecer isso ou não, Miller é, no mínimo, apegada ao meu filho. Eu não saberia dizer quantas vezes desabei de preocupação por não estar fazendo o suficiente, e sei em primeira mão que você só reage assim se se importa.

— Isso não foi culpa sua. Ele fica carente quando está doente e, por algum motivo, sou o único que pode acalmá-lo. Sempre foi assim.

Meu irmão, sentado à nossa frente, espia pela abertura entre os assentos. — Ele tem razão. Uma vez, eu estava como babá enquanto Kai estava em um show beneficente e tive que entrar em um auditório completamente silencioso durante um solo de violinista, porque Max ia me deixar surdo de tanto chorar, mas é claro, ele ficou perfeitamente bem quando Kai o pegou.

— Pare de escutar, seu pequeno idiota.

Ele me ignora, com um sorriso travesso. — Miller, você é uma linda chorona.

— Cale a boca, Isaiah. Vire-se e esqueça que isso aconteceu.

Tento segurar, mas não consigo evitar que meu corpo trema com uma risada silenciosa.

Isaiah chama minha atenção, dando um sorriso conhecedor antes de se virar novamente. O que ele sabe ou por que está me olhando desse jeito? Nenhuma maldita pista.

— Miller — eu sussurro. — Se você está tão triste, tenho um ombro onde você pode apoiar as pernas.

Ela gargalha. Sim, *gargalhadas.* É adorável, que é uma palavra que eu nunca

deixaria que ela me pegasse chamando-a em voz alta.

— Ei, sou eu quem faz piadas sujas de adolescentes. — Seu sorriso cai novamente enquanto mais lágrimas continuam a escorrer por seu rosto. — Só estou cansada e você ficou chateado comigo depois do jogo.

Exalando, minha cabeça cai para trás. — Eu não estava chateado, não com você. Eu joguei mal. A imprensa não parava de fazer perguntas e depois conversar com os fãs... estou cansado e sabia que você estava cansada. Eu queria dar um tempo a você. Eu não queria descontar em você ou fazer com que parecesse que a culpa era sua. — Passando a mão pelo cabelo dela, coloco sua cabeça de volta no meu ombro. — E ele ama você, sabe?

Quando ela olha para mim, os olhos de Miller são de um verde ainda mais vibrante com o vermelho que os rodeia.

— Nunca o vi tão apaixonado.

O que faz dois de nós.

— Você acha?

Eu rio. — Sim, Mills. Ele está caidinho e babando no seu macacão. Acho que é seguro dizer que ele está apaixonado.

Ela olha para baixo por um momento, passando a mão pelos cabelos escuros dele. — Ok. — Fungando, ela se recompõe. — Você vai tirar sarro de mim amanhã por ter chorado de exaustão?

— Ah, com certeza.

Ela ri levemente, recuperando um pouco daquele espírito que faz dela quem ela é, antes de se aninhar novamente em meu ombro.

— Obrigado — eu sussurro. — Eu sei que não digo isso o suficiente, mas você é tão boa com ele.

— Você acha que sou melhor do que a pediatra com todos os cardigãs?

Confuso, inclino-me para vê-la melhor. — O pediatra de Max é um homem, e não acho que ele gosta muito de cardigãs.

— A ruiva. — Miller boceja. — Aquela que deu o número dela para você depois do jogo. Você acha que Max vai gostar dela?

Agitando meu cérebro, procuro algo para juntar as peças. *Cardigãs. Médica. Número de telefone.*

Número de telefone... a mulher ruiva que me deu um pedaço de papel depois do jogo? Presumi que fosse o número de telefone dela, mas não verifiquei antes de jogá-lo no lixo do lado de fora do ônibus.

— Miller Montgomery. — Um sorriso se eleva. — Você está com ciúme?

Ela balança a cabeça para me dizer não.

— Pequena mentirosa.

— Shh — ela silencia, enterrando-se contra meu peito. — Estou dormindo.

Não consigo impedir que o sorriso se espalhe em meus lábios. Miller Montgomery está com ciúme, o que parece ser o oposto de uma atração sem compromisso.

* * *

Passava das 2h da manhã quando entrei em meu quarto de hotel em São Francisco. Graças a Deus, Max dormiu durante todo o voo, não acordou nenhuma vez durante a viagem de ônibus até o hotel ou enquanto eu arrumava seu berço de viagem em nosso quarto. Por ele, eu odeio voos noturnos e a equipe reorganizou nossa programação de viagens para evitá-los nesta temporada; no entanto, às vezes não temos escolha e precisamos chegar à próxima cidade.

Depois de escovar os dentes, caio na cama, completamente exausto dos últimos dias.

Mas há uma mulher do outro lado da parede que está igualmente exausta, e não consigo parar de pensar em como ela ficou chateada por achar que não era suficiente para Max. Isso não é algo com que você se preocupa quando está *apenas de passagem*.

Pegando meu celular do carregador, envio uma mensagem para ela.

Eu: *Você está bem?*

Um minuto se passa antes que ela responda.

Mills: *Sim, estou bem agora.*

Eu: *Ótimo. Então, o que você está vestindo?*

Ouço sua risada através da parede.

Mills: *Você não gostaria de saber?*

Eu: *Eu gostaria. É por isso que eu perguntei.*

Ela me manda uma foto dela na cama, totalmente coberta da cabeça aos pés. Moletom grande demais, calça de moletom larga que acho que pode ser minha, brilhando com sua *skin care*. Claramente pronta para dormir e, Deus, eu quero estar lá ao lado dela.

Eu: *Se eu perguntar uma coisa, você vai me dizer a verdade?*

Mills: *Bem, eu não tenho o hábito de mentir para você, então vá em frente.*

Eu: *Por que você ficou chateada com Max?*

Há uma pausa pesada antes de eu receber uma resposta.

Mills: *Não tenho certeza. Eu só queria ajudá-lo. Ser o suficiente para ele, eu acho.*

Eu: *É porque você o ama?*

Mills: *Sim. Eu amo seu filho.*

E ela acha que não se apaixona quando já fez isso uma vez neste verão.

Eu: *Posso fazer outra pergunta?*

Mills: *Desembucha.*

Eu: *Você ficou com ciúme esta noite?*

Três pontos cinza aparecem e depois desaparecem, repetindo esse padrão mais algumas vezes na tela.

Finalmente, ela responde.

Mills: *Sim.*

Eu: *Por quê?*

Mills: *Você acreditaria em mim se eu dissesse que não tenho certeza? Nunca senti ciúme antes. Nunca me importei com ninguém o suficiente para sentir.*

Eu: *Mas você se preocupa conosco?*

Sou muito covarde para sugerir apenas a mim. Pelo menos se eu jogar Max ali, sei que ela não será capaz de dizer não totalmente.

Mills: *Mais do que eu sabia que era capaz.*

Porra, meu coração parece que está prestes a explodir no meu peito. Quero arrombar a porta entre nossos quartos e puxá-la para minha cama, para me permitir acreditar que ela é minha por mais do que o verão. Mas Miller fez essas regras, então será ela quem irá quebrá-las.

Antes que eu possa responder, Max começa a se mexer e não demora muito para que seu choro comece a encher o quarto.

Rapidamente, levanto-me da cama. Há momentos em que o deixo chorar até voltar a dormir. Ele estando doente não é um desses momentos.

— Venha aqui. — Eu o tiro do berço enquanto seu choro ganha volume. — *Shhh*. Está tudo bem, amigo. Peguei você. — Saltando na ponta dos pés, ando com ele.

Ele chora enquanto eu o seguro. Meu braço está latejando depois de uma

noite de arremesso, mas se eu o colocar na cama, nenhum de nós conseguirá dormir, e isso inclui nossos vizinhos que compartilham essas paredes finas. Então, ando por todo o quarto. Eu o balanço, esfregando suas costas até que seu grito estridente se transforme em uma fungada enquanto ele tenta encontrar uma posição confortável em meu ombro.

Eu o levo de volta para minha cama em vez de para o berço. Talvez assim eu tenha sorte e ele consiga descansar algumas horas.

Mantendo-o no meio do colchão caso ele role, ocupo um lado, de frente para ele. Ele usa meu bíceps como travesseiro enquanto continua a chorar, mas esse choro é o que ele usa quando está tentando voltar a dormir.

Esfregando suas costas, faço ruídos calmantes, tentando ajudar a acalmá-lo, quando a porta que separa meu quarto do de Miller se abre.

Ela espia aqui dentro e chama minha atenção.

— Desculpe — eu sussurro da cama. — Estamos mantendo você acordada.

Ela simplesmente balança a cabeça e entra no meu quarto, fechando a porta atrás dela. Levantando o edredom do outro lado de Max, ela vem para a cama conosco.

— Mmm — Max cantarola, tentando dizer o nome dela quando ele se vira para olhar para ela.

— Oi, bebê. — Miller afasta o cabelo do rosto antes de passar a mão pelas costas dele, acalmando-o.

Ela apoia a cabeça na minha palma aberta contra o travesseiro, seus olhos se levantando para os meus. — Está tudo bem?

Normalmente, eu odeio que alguém tenha esses momentos, mesmo os difíceis, mas com Miller não há inveja. Parece certo que ela esteja aqui.

Minhas palavras são desesperadas, mas esperançosas. — Por favor, fique.

Ela balança a cabeça contra mim, acariciando suavemente as costas de Max e beijando suavemente sua cabeça até que seu gritinho se dissolva e ele volte a dormir.

Não tenho ideia do que a preocupava antes, mas é óbvio para mim que essa mulher selvagem é a calma do meu filho. E, de muitas maneiras, acho que posso ser a dela.

Pegando minha mão, eu a puxo com meu filho imprensado entre nossos corpos, enroscando minha perna com a dela e colocando meu outro braço sobre sua cintura na esperança de mantê-la perto.

Gostei de ver Miller com ciúme esta noite, mas ela não precisa ficar. Sei que esse cenário, nós três, irá se dissolver assim que ela for embora, mas, por enquanto, pretendo aproveitar cada segundo enquanto finjo que não há uma previsão de término para nós. Porque, infelizmente para mim, sei que ninguém mais poderá se comparar ao quanto ela nos faz sentir completos, tanto eu quanto meu filho.

CAPÍTULO 30

Miller

Estamos de volta a Chicago há alguns dias e tenho trabalhado muito na cozinha. O fotógrafo da sessão fotográfica chega no final desta semana, o que significa que meu retorno ao trabalho está se aproximando.

Esta noite, tenho a casa só para mim. Kai, Max e meu pai estão no jantar da equipe. Estou acostumada a ficar sozinha – quartos de hotel vazios ou casas alugadas sempre que estou viajando, mas não tinha percebido o quanto estava *sozinha* até chegar a Chicago. Até Max e Kai.

Tigelas, ingredientes secos e assadeiras alinham-se na bancada da cozinha de Kai enquanto tento trabalhar neste espaço raramente silencioso.

Lembro-me exatamente de como é ter um chef respirando em meu pescoço enquanto tento criar, ou como é ouvir gritos na frente de meus colegas porque um dos meus molhos não se fundiu na consistência certa. À medida que cresci em minha carreira, tornei-me minha própria motivação. Fornecendo minha própria voz interna para me incentivar quando estou errando.

Mas olhando ao redor da cozinha de Kai, não me importo com essas vozes. Não quero ouvir nenhuma delas. Não quero ouvir o barulho das panelas nem a comunicação entre o pessoal da produção. Não quero sentir o calor da chama do fogão ou a pressão de um chefe de cozinha em busca do próximo pedido.

Só quero ouvir as palavras incoerentes de Max e o timbre tranquilizador de Kai me dizendo que estou fazendo um bom trabalho, duas coisas que não terei quando sair deste lugar.

Desligando a chama do fogão, retiro o chocolate meio derretido. Desamarro

o avental e jogo o pano de prato no balcão. Que desperdício da minha noite. Isso é tudo que farei quando voltar à minha vida agitada e não tenho vontade de fazer isso agora.

Kai me convidou para o jantar da equipe e eu recusei porque decidi trabalhar, mas para ser completamente honesta comigo mesma, não dou a mínima para o trabalho. Só os tenho por mais alguns dias, então o que diabos estou fazendo aqui sozinha?

Quando pego meu telefone para ligar para ele, querendo saber onde ele está para poder ir, recebo uma mensagem de texto.

Desconhecido: *Oi! É a Indy. Amiga de Kai. Isso pode parecer estranho, mas quero ficar bêbada esta noite, e minha melhor amiga não pode me apoiar porque está grávida. Então, você gostaria de vir tomar uma bebida comigo?*

Indy – o raio de sol loiro que organizou o jantar em família de Kai. Encontrar Kai e seus companheiros de equipe parece legal, mas gosto ainda mais da ideia de ter uma noite de garotas. Nunca participei de uma dessas.

Só fiz uma amiga neste verão, mas ela está tão ocupada que raramente a vejo quando estamos na estrada.

Mas, assim como eu, Kennedy não está acostumada a estar perto de muitas garotas, então talvez ela queira se juntar também e, mais do que tudo, preciso conversar sobre as besteiras que estão acontecendo na minha cabeça.

Eu: *Conte comigo. Alguma chance de eu convidar mais uma companheira para beber?*

Desconhecido: *Quanto mais melhor! Vejo você em breve!*

* * *

— Vamos começar ali mesmo. — Indy aponta para a porta de correr dos

fundos, que dá para o quintal. — Será pequeno. Cerca de cinquenta pessoas. Perfeito para nós.

Estou surpresa que cinquenta pessoas sejam suficientes para eles. Seu noivo, Ryan, é um conhecido jogador de basquete e ela é uma borboleta social. É bastante óbvio, a julgar pelo quão receptiva ela tem sido comigo, alguém que ela viu apenas uma vez, e com Kennedy, alguém que ela não conheceu até esta noite.

— Não acredito que estarei no casamento de Ryan Shay — Rio suspira. — Um sonho que se tornou realidade para mim, realmente.

— Você sabe que está do *meu* lado, certo?

Rio acena para Indy. — Semântica.

Indy ri e leva seu coquetel aos lábios, claramente não afetada pelo desejo de seu melhor amigo de ser padrinho de casamento em vez de ficar ao lado dela como dama de honra.

Stevie, a única sóbria de nós, senta-se no sofá com Kennedy enquanto Rio, Indy e eu ocupamos o chão na sala de estar de Indy. Kennedy me pegou no caminho e, uma hora depois, Rio invadiu a porta para se juntar à nossa noite de garotas.

— Miller, quando você vai para Los Angeles para seu próximo trabalho? — Stevie pergunta.

Se eu não estivesse muito bêbada, essa pergunta teria me deixado sóbria.

— Domingo.

— Uau — ela exala. — Eu não sabia que era tão cedo.

Sinto todos os pares de olhos em mim.

— Como você se sente sobre isso? — Kennedy pergunta enquanto toma outro gole de sua bebida, claramente sabendo melhor do que ninguém aqui que

estou lutando com a ideia.

Eu rolo de costas, com os olhos voltados para o teto, segurando meu coquetel acima da cabeça, porque bem... estou bêbada e não sei o que estou fazendo. — Você quer a resposta sóbria ou a bêbada?

Inclino a cabeça para trás e vejo as sobrancelhas de Stevie franzirem enquanto ela esfrega a barriga. — A bêbada, obviamente.

— Há uma parte de mim que não quer ir embora.

— Então não faça isso. — As palavras do Rio parecem tão simples.

— Não funciona exatamente assim — diz Kennedy. — A garota é uma confeiteira de renome mundial, que tem uma lista de espera de três anos para as cozinhas nas quais trabalhará.

— Quatro anos agora. — Aponto para Kennedy acima da minha cabeça. — Mas, sim, exatamente.

— O que está impedindo você de querer voltar?

Virando minha cabeça para o lado, eu imediatamente encontro Indy, que está com o maior sorriso de merda por causa de sua pergunta e ela parece já saber a resposta.

Eu estreito meus olhos para ela. — Certo, Srta. Romântica. Porque não me diz, uma vez que parece que já sabe.

— Porque você está apaixonada por Kai.

— Errado. Eu não estou.

— Bem, eu sei que você está apaixonada por Max e você não pode nem tentar negar isso.

Exalando, coloco minha cabeça no chão, segurando minha bebida na barriga. — Estou. Deus, eu amo tanto aquele garoto. Isso é estranho?

Indy, sentada de pernas cruzadas, olha para mim. — Não, Miller. Isso não é

estranho. Às vezes, não conseguimos explicar como ou por que amamos quem amamos. Nós simplesmente amamos. Você realmente não consegue dizer ao seu coração o que fazer.

— Isso é o álcool falando ou você é realmente muito romântica?

Stevie ri. — Ela é a defensora número um do amor. Bêbada ou não.

Sento-me no chão para encarar o grupo. — Quando olho para Max, penso nele indo para o primeiro dia de aula e no quanto sei que Kai vai chorar por causa disso. Penso nos amigos que ele vai fazer e espero que sejam boas pessoas. Esses não são pensamentos normais que uma babá deve ter, certo?

Olhando para cima, encontro todos me observando, com expressões que variam de sorrisos conhecedores a olhos brilhantes.

— Miller, não acho que você tenha sido *apenas* a babá de alguém daquela família — diz Kennedy.

— Que se dane minha vida. — Rio bebe sua bebida antes de ir para a cozinha pegar outra. — Eu serei o único que sobrou, e isso foi tão adorável que nem me importo.

Indy aperta minha perna. — Está tudo bem se as coisas importantes da sua vida mudarem, sabe?

Stevie assente. — E não há problema em mudar de direção mesmo quando você passou a vida inteira em uma via de mão única.

— Não é tão simples assim. Isso é tudo pelo que eu já trabalhei. Todos em meu setor conhecem meu nome. Ganhei prêmios que as pessoas lutam a vida inteira para conseguir, e tenho apenas vinte e cinco anos. As pessoas não abandonam esse tipo de carreira.

— Elas abandonam se não gostarem mais. Se gostarem mais de algo ou de outra pessoa. — É Kennedy quem fala, e dizer que estou chocada por ela estar sugerindo que eu deixe meu emprego é um eufemismo. Kennedy só pensa em

sua carreira. Ela nem mesmo sai com a equipe, porque teme que isso manche sua reputação ou que os rapazes não a levem a sério.

Rio volta à sala com o que sobrou da tequila, que não é muito, e entrega outra água a Stevie.

— Não sei o que estou fazendo — admito bêbada. — Tudo está tão bagunçado. Eu estava tirando uma folga do trabalho e agora estou louca por Max e estou tendo o melhor sexo da minha vida com o pai dele.

— Aí está! — Stevie se senta mais ereta. — É isso que queremos ouvir. Depois que vimos vocês dois juntos no jantar, sabíamos que isso iria acontecer. Dê-nos os detalhes. É bom?

— É *muito* bom.

— Sabia. Eu disse a você! — Indy aponta para Stevie. — Você viu as mãos de Kai.

— As mãos são uma indicação — concordo.

— Droga. — Rio balança a cabeça. — É oficial. Eu sou o último.

— Não sei o que estou fazendo. Quem fode o pai solteiro da criança de quem está cuidando?

Stevie levanta os ombros com indiferença. — Eu fodi um jogador de hóquei do time em que trabalhava.

Indy aponta para Stevie. — Eu fodi o irmão dela.

— Eu não estou transando com ninguém — Rio suspira.

Kennedy dá um longo gole em seu coquetel. — Meu ex-noivo está transando com minha meia-irmã.

Como se um disco fosse arranhado, toda a sala congela em silêncio, todos os olhos voltados para ela.

— Ok, você venceu — diz Stevie. — Mas você provavelmente deveria falar

mais sobre isso.

Kennedy segura a garrafa de tequila antes de tomar outro gole. — Meu ex-noivo terminou nosso noivado porque eu não quis deixar meu emprego depois da última temporada. Seu ego era frágil demais para que sua parceira viajasse com um grupo de atletas homens, então ele cancelou tudo. Então, em uma reviravolta nos acontecimentos, logo antes do início *desta* temporada, descobri que sua nova namorada é minha meia-irmã. E no mês passado, fiquei sabendo por meio de uma foto de um anel no Instagram que eles agora estão noivos.

Que porra é essa? Estou tentando controlar minha expressão, mas estou bêbada demais para evitar que meu queixo fique caído.

— Oh! — Ela ri com um tom sombrio, sem mostrar nenhum sinal de fraqueza. — Eu ainda não terminei. O referido anel de noivado foi o que eu escolhi, mas não com o qual me pediu em casamento. No entanto, ele trocou o meu pelo da minha meia-irmã, e agora vou passar todas as férias em família com os dois pelo resto da minha vida. — Ela levanta a taça de coquetel em comemoração.

Kennedy não está magoada, mas está irritada. Posso ver isso na maneira como ela conta a história. Ela é pequena em estatura, mas bastante assustadora quando está brava.

— Droga. — Indy se levanta do chão. — Acho que precisamos de mais álcool depois disso.

Rio limpa a garganta. — Sabe, se precisar de ajuda para seguir em frente...

— Rio — Stevie repreende com uma risada. — Não.

— Só estou dizendo, Kennedy, acredite em mim, nesse grupo você não quer ser a única solteira como eu sou. Nós poderíamos nos ajudar mutuamente aqui.

— Isaiah não faz parte deste grupo? — ela pergunta. — Ele é solteiro.

Eu levanto minha sobrancelha maliciosamente. — É verdade. Ele é.

— Oh, não. De jeito nenhum. Não olhe para ela desse jeito. — Rio aponta entre mim e Kennedy. — Se Isaiah, de todas as pessoas, acomodar-se antes de mim... isso não vai acontecer. Vocês duas. Parem de dar ideias uma para a outra.

— Não se preocupe, Rio — Kennedy interrompe. — Eu nem mesmo desistiria da minha carreira por meu noivo. A última coisa que vou fazer é jogar tudo fora por causa da porra do Isaiah Rhodes.

Stevie boceja novamente, rolando para fora do sofá. A pobre moça tem sido uma campeã esta noite, ficando conosco sóbria e exausta. — Esta senhora grávida precisa ir para a cama. Foi divertido, e Kennedy, foi um prazer conhecê-la. Ind, estou ocupando um quarto de hóspedes!

— Ok! — ela grita da cozinha. — Vejo você pela manhã. — Indy volta para a sala. — Rio, você vai ficar, certo?

— Sim! E estou dormindo na cama de Ryan Shay.

— Não, você não está. — Ela se vira para Kennedy e para mim. — Tenho mais dois quartos de hóspedes. Cada uma de vocês pode ter um.

Meu cérebro bêbado não quer calar a boca esta noite. — Acho que quero voltar para a casa de Kai. Não me restam muitas noites e quero passá-las na casa dele.

— *Uau*, tudo bem. — Os olhos de Indy se arregalaram. — Isso foi muito fofo.

Nunca gostei da palavra *fofo,* especialmente quando é dirigida a mim, mas há algo naquele sósia de Clark Kent que me faz sentir como um marshmallow atualmente.

— Kennedy? — eu pergunto. — Ele tem um quarto de hóspedes.

Um onde estou hospedada, mas bêbada não quero dormir em outro lugar que não seja a cama de Kai.

— Eu estou bem com isso. Ace é provavelmente o único jogador que me

agrada ver fora do trabalho.

Infelizmente já é tarde, sei que Max está dormindo e não sei se Kai conseguiria nos buscar sem acordá-lo.

Com um zumbido na cabeça e um sorriso bêbado nos lábios, pego meu telefone.

Eu: *Oi.*

Ele responde imediatamente.

Baseball Daddy: *Olá, Mills.*

Eu: *Sinto sua falta.*

Baseball Daddy: *Você está bêbada?*

Eu: *Se eu disser sim, você ainda vai tirar vantagem de mim mais tarde?*

Baseball Daddy: *Não.*

Eu: *Então estou completamente sóbria e quero voltar para casa, mas nem Kennedy nem eu podemos dirigir.*

Baseball Daddy: *Porque você está bêbada.*

Eu: *Não.*

Baseball Daddy: *Eu vou buscá-la.*

Eu: *E quanto a Max?*

Baseball Daddy: *Isaiah está dormindo aqui. Ele pode ficar com ele.*

Eu: *OK!*

Baseball Daddy. *OK. Vejo você em dez minutos.*

Eu: *Você está com raiva de mim? Você parece bravo comigo.*

Baseball Daddy: *Por que eu ficaria bravo com você?*

Eu: *Não sei, mas você está colocando um ponto final depois de cada frase.*

Baseball Daddy: *Eu sempre uso pontos finais. Você prefere que eu use um ponto de exclamação?*

Eu: *Talvez! Vamos ver. Dê uma chance.*

Baseball Daddy: *Isaiah vai ficar com Max! Estarei aí em dez minutos! Kennedy pode ficar na minha casa se quiser!*

Eu: *Jesus. Entendo. Pare de gritar.*

Baseball Daddy: *Eu odeio você.*

Eu: *Você não me odeia.*

Baseball Daddy: *Você tem razão. É exatamente o oposto disso. Pare de me enviar mensagens. Preciso começar a dirigir.*

Se eu estivesse um pouco mais sóbria, essa mensagem poderia me assustar, mas a bêbada e solta Miller não se importa nem um pouco.

CAPÍTULO 31

Kai

Depois de bater na porta de Ryan e Indy, Rio é quem atende.

— Achei que fosse uma noite de garotas?

Ele estala os ombros. — E é.

— Ryan e Zee estão fora da cidade?

— Sim, eles estão passando a noite em Indiana, pegando um berço que o pai de Zee guardou para ele.

Seguindo Rio para dentro, encontro uma Miller muito bêbada e muito pateta deitada no chão da sala, rindo com Indy e Kennedy.

Apoio meu ombro na porta. — Sóbria como uma pedra, hein?

Ela me encontra e aquele sorriso em seus lábios só aumenta. — Você é muito gostoso.

— Ok — eu rio. — Vamos levar sua bunda bêbada para casa. — Curvando-me, eu a pego e a coloco sobre meu ombro. — Ind, estou culpando você por isso!

— Tudo bem! Miller, vamos fazer isso de novo.

Miller levanta a cabeça das minhas costas e aponta para ela. — Sim!

— Ken, você está bem para caminhar?

Rio avança. — Porque se não estiver, posso ajudar com isso.

— Rio, amo você, cara, mas Kennedy iria comer você vivo.

Ele dá de ombros. — Isso parece legal.

Kennedy enrola seus longos cabelos ruivos em um coque no topo da cabeça enquanto me segue para fora de casa. — Sou uma grande fã de vocês! — ela fala por cima do ombro.

— O mesmo aqui, garota! — Indy grita.

Droga, garotas bêbadas realmente se tornam melhores amigas quando ficam na mesma sala.

Kennedy se senta no banco de trás da minha caminhonete enquanto eu coloco Miller no banco do passageiro. Alcançando seu corpo, coloco o cinto de segurança no lugar.

Ela passa a palma da mão no meu rosto, bêbada e muito sensível por causa disso.

— Sim? — eu pergunto.

— Gosto de você.

Uma risada ressoa em meu peito. — Eu também gosto de você, Mills.

— Você vai me beijar?

— Você não quer que eu beije casualmente, lembra?

— Eu mudei de ideia.

Talvez ela tenha mudado. Talvez não tenha mudado. Mas não há um mundo em que Miller Montgomery possa me pedir para beijá-la e eu a negue.

Com minha mão ainda na fivela, eu me inclino, encostando meu nariz no dela. Ela sorri e, assim que seus lábios se curvam, pressiono os meus contra os dela, roubando o sorriso de seu rosto. Um doce miado ressoa em sua garganta e eu a beijo por mais um momento antes de me afastar.

Ela lambe os lábios, sorrindo novamente antes de recostar a cabeça no encosto. — Obrigada.

— De nada, baby. — Eu simplesmente balanço a cabeça para ela com uma

risada, fecho a porta e dou a volta até o banco do motorista.

Depois de passar pelo drive thru do McDonald's e gastar mais dinheiro lá do que pensei ser possível, as meninas ficam um pouco sóbrias e, quando voltamos para casa, Kennedy é a primeira a entrar.

— Você está brincando comigo — ela diz enquanto Miller e eu ainda estamos na varanda da frente.

— Você não disse a ela que Isaiah estava hospedado aqui, hein?

Miller geme. — Eu esqueci completamente.

Entrando em casa, fecho a porta atrás de nós, apenas para encontrar meu irmão parecendo o maior idiota sentado na sala com um sorriso gigante no rosto. — Eu não sabia que *você* estava hospedada aqui também.

Kennedy revira os olhos. — Eu nunca teria concordado com isso se soubesse que você estava aqui.

Isaiah coloca a mão sobre o coração. — Você sempre sabe o que dizer para me amolecer, Kenny.

Eu sei o quanto Kennedy tem se esforçado para ser levada a sério. Não há um cara na equipe que não ache que ela é a melhor fisioterapeuta que temos, mas meu irmão não pode deixar de *flertar* com ela, mesmo que sua vida dependesse disso.

— Kennedy, quer que eu leve você de volta para a cidade? — eu ofereço. — Posso levar você para casa se não quiser ficar aqui.

Ela se vira para analisar meu irmão. — Não, tudo bem. Só não seja estranho com isso, ok?

Isaiah se anima. — Então, parece que estamos dividindo o quarto de hóspedes. Eu gosto de abraçar, Ken, e prefiro ficar de conchinha.

— Eu só pedi para você não fazer isso estranho.

Aponto para a porta dos fundos. — Isaiah, você fica na van de Miller lá fora.

O rosto de Kennedy se abre em um sorriso vitorioso.

— Tudo bem. — Meu irmão pontua a palavra. — Mas estou fazendo o café da manhã para você e você vai gostar. Como você gosta de seus ovos?

— Escalfado. Macio.

— Maravilhoso — ele diz. — Acho que vou assistir alguns vídeos no YouTube sobre como fazer isso, porque não tenho a menor ideia de como escalfar um ovo, mas posso prometer que eles serão perfeitos. Então, boa sorte em não se apaixonar por mim amanhã, Kennedy Kay!

Isaiah sai correndo para o quintal, sacudindo a casa enquanto fecha a porta.

Kennedy se vira para nós com um sorriso. — O quarto de hóspedes é por aqui?

— Primeira porta à sua direita. O banheiro fica do outro lado do corredor.

— Seu irmão realmente gosta dela? — Miller pergunta baixinho quando sua amiga está fora do alcance de sua voz. — Não sei dizer se ele está brincando metade do tempo ou não.

— Ah, ele gosta dela. Ele só age de forma estranha quando está apaixonado. — Deslizo meus dedos entre os de Miller, puxando-a pelo corredor até meu quarto. — Venha comigo.

Abrindo a porta, eu a deixo entrar primeiro. Ela demora um pouco para dar uma olhada, pois nunca tinha entrado aqui antes. As regras do nosso namoro não nos permitiram dividir a cama até aquela noite em São Francisco, quando Max estava doente. Quando estamos em casa, ficamos em seu quarto e eu a coloco na cama antes de voltar para cá e dormir sozinho.

Não há muita coisa em meu quarto. Uma cômoda. Um banheiro privativo. Uma babá eletrônica e uma foto de Max na mesinha de cabeceira ao lado da minha cama.

Há mais algumas fotos emolduradas na minha cômoda. Uma de Isaiah e eu na primeira vez em que jogamos um contra o outro na liga principal, algumas fotos nossas quando éramos crianças e outras com a nossa mãe. Depois, há uma só dela.

Miller vai direto para ela, pegando-a da cômoda, e posso vê-la ficar sóbria ao olhar para ela. — Ela é linda.

— Ela era.

— Mae, certo?

Concordo com a cabeça, ficando ao lado da porta e mantendo as mãos atrás das costas, mais do que tentado a estender a mão e tocá-la. Ela fica bem aqui. No meu quarto. Na minha casa.

Miller coloca a moldura de volta, passando suavemente as mãos sobre as outras fotos e olhando para todas elas com calma. — Sempre foi só você e Isaiah, hein?

— Desde que ela morreu, sim.

Sua atenção volta para mim. — Você é um bom irmão para ele. Criando-o do jeito que você fez. Sacrificando sua escolha de infância e faculdade para ficar perto de casa.

— Ele é meu irmão. Eu faria qualquer coisa por ele.

Ela sorri suavemente. — Exatamente como você faria qualquer coisa por Max.

— E você.

Seus olhos se voltam para os meus e um rubor tímido aquece suas bochechas. Ela não é do tipo tímida, mas a garota está bêbada e estou vendo um novo lado dela esta noite por causa disso.

— Eu faria qualquer coisa por você — repito. — Você sabe disso?

— Acho que eu faria qualquer coisa por você também.

Não estou mostrando isso no meu rosto, mas se eu estivesse usando a expressão que meu coração está sentindo agora, estaria sorrindo como um idiota.

Ela continua a olhar para as fotos emolduradas da minha família. — Você já teve alguém com quem conversar sobre tudo o que passou? Perder sua mãe tão jovem e depois ter que criar você e seu irmão?

Ela pode não saber o que está fazendo, mas a embriagada Miller dizendo o que quer está quebrando meu coração, quando venho dizendo a mim mesmo há semanas para mantê-lo guardado com ela o melhor que posso.

Quando não respondo, ela olha para mim parado perto da porta.

Balanço a cabeça para dizer não a ela.

— Você pode falar comigo, sabe.

— Eu sei que posso, mas por quanto tempo? Você parte em menos de uma semana.

O sorriso suave de Miller desaparece um pouco antes que ela volte para o meu quarto, ignorando minha pergunta e continuando a tour. — Você não tem TV aqui.

Preocupado por ter estragado o clima, saio da porta, chego por trás dela e passo meus braços ao redor de sua cintura, com os lábios tocando a pele de seu pescoço. — Uma TV é uma distração. Quando você está aqui, sua atenção deve estar voltada para o sono ou para mim.

Ela ri, sua cabeça caindo de volta em meu peito. Tão bêbada e tão carente de sono.

— Vá escovar os dentes e se preparar para que eu possa colocar sua bunda na cama.

Ela cambaleia até o banheiro e apenas um momento depois, coloca a cabeça

para fora. — Todos os meus itens para cuidados com a pele estão aqui. E minha escova de dente.

— Estão.

— Por quê?

— Porque você só tem mais alguns dias aqui e eu já estou farto da sua regra de não dormir aqui.

Ela olha para suas coisas e depois volta sua atenção para mim. — Essa regra foi uma droga, hein?

— Todas as suas regras são uma droga, Mills.

Ela volta ao banheiro para se preparar para dormir. Posso ouvi-la escovando os dentes, o som da água corrente acompanhado de seu cantarolar bêbado. E quando ela volta para o meu quarto, ela ainda está vestida e com a maquiagem de hoje ainda no rosto.

Miller meio que se derrete no batente da porta, observando-me enquanto tiro a camiseta, os sapatos e a calça, ficando apenas com minha cueca boxer.

— Você está olhando — eu a lembro.

— Estou.

— Você vai se trocar?

— Preciso de algo para dormir.

— Nua funciona para mim.

— Funciona para mim também, mas eu vou pular em você se ficar nua, Malakai, e você é quem não quer se aproveitar de mim.

Balanço a cabeça para ela – sempre balanço a cabeça para ela, mas o que é diferente agora do início do verão é que não posso deixar de sorrir para ela enquanto o faço.

Pego minha camiseta usada anteriormente da cama e a jogo em sua direção.

Ela tira a roupa, deslizando minha camiseta pela cabeça, nadando nela pendurada no meio da coxa.

Perfeita, realmente.

Ela balança um pouco enquanto fica parada na porta do banheiro.

— Quer ajuda para tirar a maquiagem? — eu pergunto.

— Sim, por favor.

Virando-a, eu a levo de volta ao banheiro. Seus itens para cuidados com a pele ainda estão alinhados na pia, exatamente como deixei hoje mais cedo, tentando replicar o jeito que ela fez no banheiro de hóspedes. Levanto-a para sentá-la no balcão e fico entre suas pernas abertas.

— Você vai ter que me dizer o que fazer.

Ela aponta para uma garrafa com um líquido transparente. — Isso vai em um algodão redondo.

Faço o que ela diz, esguichando um pouco em um de seus discos de algodão.

Miller fecha os olhos. — Isso vai tirar a maior parte. Apenas limpe.

Hesitante, limpo sua bochecha, porque parece ser uma aposta segura. Uma mancha colorida sai do algodão, então, com um pouco mais de confiança, passo-o sobre sua sobrancelha e obtenho uma mancha marrom. Passo o produto gentilmente sobre seus olhos enquanto o rímel derrete e limpo o máximo que posso sem deixá-la parecida com um guaxinim. Depois, repito o mesmo para o outro lado.

— E agora?

Ela pega outro frasco, espremendo o tamanho de uma ervilha na ponta do meu dedo. — Basta mover isso para todos os lados. — Ela faz um movimento com as mãos, mas parece um pouco áspero, então, em vez disso, passo-o cuidadosamente em sua mandíbula, usando as pontas dos dedos para esfregar

círculos delicados até começar a fazer espuma.

Miller está com um sorriso bobo enquanto trabalho, e posso dizer que ela quer me dar uma bronca por demorar tanto, mas eu a ignoro e continuo, certificando-me de chegar até as bordas do seu rosto.

Passamos pelo resto da rotina de cuidados com a pele dela, finalizando com o hidratante, como ela chama, e quando coloco um pouco na pele dela, ela pega um pouco e passa na minha.

— Para a sua pele madura — ela diz com uma risada, passando-o no meu rosto antes de colocar as mãos em cada lado do meu pescoço. — Senti falta de você e de Max esta noite.

Maldito inferno. Ela tem que parar, mas tenho a sensação de que não vai parar, porque está cheia de álcool e seus lábios estão bem soltos por causa disso.

— Nós também sentimos sua falta. — Esfrego o creme roxo claro em seu rosto. — Você se divertiu?

Ela balança a cabeça com um sorriso infantil. — Gosto daquelas garotas e gosto de Kennedy. Bastante.

— Ótimo. Estou feliz que vocês duas estejam se tornando amigas. Tenho certeza de que é bom para ela finalmente ter outra mulher viajando conosco.

— Sim, e é bom conversar com alguém quando minha cabeça está uma bagunça por sua causa.

Meu peito ronca em uma risada. — Sua cabeça está uma bagunça por mim, hein, Mills? Fico lisonjeado.

— Você deveria estar.

Quando eu termino de cuidar da pele dela, Miller enrola seu cabelo em um nó, tentando prendê-lo com um elástico, mas a garota ainda está bêbada como um gambá.

— Deixe-me fazer isso. — Tirando o elástico dela, prendo seu cabelo em meus punhos, de uma forma que já fiz uma ou duas vezes antes, enquanto faço algo parecido com um coque, enrolando o elástico em volta dele duas vezes.

Miller verifica o espelho. — Isso parece terrível, Ace.

Eu sorrio para ela. Parece terrível.

Seus olhos encontram os meus no reflexo. — Obrigada.

— De nada.

— Fique de conchinha comigo?

— Sinto muito, mas você acabou de dizer *conchinha?* — Toco sua testa com as costas da minha mão. — O que diabos você bebeu esta noite?

— Cale a boca. — Ela envolve suas pernas em minha cintura e seus braços em meus ombros enquanto eu a levo de volta para o meu quarto. Depois de colocar a garota bêbada na cama e apagar as luzes, tiro meus óculos e me arrasto para junto dela. Abrindo bem o braço, Miller levanta a cabeça e se aconchega em meu peito como se fosse uma pessoa experiente em abraços.

Nós não conversamos. Simplesmente nos deitamos juntos e tenho quase certeza de que ela adormeceu até que ela fala no silêncio.

— Esta noite, eu disse às meninas que às vezes penso em não voltar a trabalhar.

Juro que o tempo para quando essas palavras saem de seus lábios. Meus olhos se abrem, olhando para a escuridão e repetindo suas palavras para ter certeza de que as ouvi corretamente.

Eu engulo. — Por que você disse isso?

— Eu não quero deixar Max.

Droga, meu coração está trovejando contra meu peito, picadas afiadas queimando meus olhos, porque essa garota ama meu garoto tão ferozmente. É

algo que eu não tinha certeza se aconteceria, ter outra pessoa amando meu filho da maneira que eu esperava que amasse.

— Mas eu tenho que voltar — ela continua.

Mordendo a língua, espero até encontrar a resposta certa. — Sim — eu exalo. — Você tem.

Ela inclina a cabeça para olhar para mim. — Eu tenho?

— É o seu sonho, Mills. Não vou deixar você se afastar disso por causa do meu filho.

Ou por minha causa.

Ela coloca a cabeça de volta no meu peito. — A pressão para ter um bom desempenho, para corresponder às expectativas, é assustadora. Há uma parte de mim que luta para saber se sou digna dessas expectativas, sabe?

— A pressão é um privilégio, Miller. As expectativas são altas porque você tem sucesso. Se você fosse mediana, ninguém estaria esperando ansiosamente por você. Penso nisso todas as noites em que entro em campo. Você apenas precisa decidir se seus sonhos e objetivos valem a pressão. Se você quiser corresponder às expectativas estabelecidas para você.

— Eu quero. Eu quero ser a melhor.

— Então seja.

Essa parece ser a quantidade apropriada de incentivo para um resultado que temo absolutamente, então, em um momento de egoísmo, pergunto: — Sua carreira faz você feliz?

Ela espera, virando-se para olhar para o teto, entrelaçando os dedos nos meus. — Não.

Rangendo meus molares, tento o meu melhor para manter a calma. Há uma contradição estranha acontecendo, eu querendo que ela encontre a felicidade,

mas de certa forma, feliz porque não é isso que vai afastá-la de mim. Mas o que diabos eu deveria dizer? Encorajar suas divagações bêbadas porque ela ficar é exatamente o que eu quero que ela faça?

Prometi ao pai dela que não faria isso.

Ela está se divertindo neste verão, e é a única razão pela qual está questionando seu trabalho. Longe dos olhos, longe do coração. Isso é tudo.

Ela vai se lembrar que é isso que ela quer assim que sair daqui. Deixando-me.

— Mas não sei se se trata de ser feliz — continua ela. — Quero provar que posso fazer isso. Quero provar que valho o prêmio que ganhei. Quero provar que estou fazendo algo que justifica o fato de meu pai ter desistido de toda a sua vida por mim.

E aí está.

— Miller...

— Não diga a ele que eu disse isso.

— O amor não é conquistado. Monty desistiu da carreira porque ama você incondicionalmente. Você não precisa retribuir perseguindo reconhecimento. Não é assim que funciona.

— Você não entende, Kai. Ele desistiu de toda a sua vida por mim e mal me conhecia. É por isso que não quero que você se aposente ainda. Não quero que Max se sinta um fardo como eu.

— Miller. — Meu tom é um pouco áspero, principalmente porque não gosto que ela fale de si mesma desse jeito. — Não consigo pensar em uma única pessoa que se sentiria sobrecarregada por ter você em sua vida.

— Você se sentiu. Quando eu cheguei aqui.

— Bem, eu mudei de ideia. Agora só me sinto sortudo.

Ela não tem nada a dizer sobre isso, então o silêncio se estende entre nós por um longo tempo.

— Se desistisse, eu me sentiria um fracasso. — A voz de Miller falha um pouco, então eu a puxo para mim, permitindo que ela fale o que pensa, bêbada ou não. — Achei que só precisava de uma pausa neste verão para retomar tudo de novo, mas não me sinto mais simplesmente esgotada. Parece que passei a vida inteira perseguindo uma carreira que, independentemente dos prêmios e do prestígio, não é tão gratificante assim. E, nas últimas sete semanas, tenho sido o mais feliz que já fui, correndo atrás de Max, passando tempo com meu pai, estando com você.

— Mills, você tem vinte e cinco anos. Você poderia mudar de curso mais cem vezes em sua vida e, ainda assim, nunca seria um fracasso. Você é uma pessoa muito esforçada para ser considerada um fracasso. A vida é para ser gasta em busca da felicidade.

Ela faz uma pausa e quando fala novamente, é apenas um soluço e as palavras: — Tenho quase vinte e seis anos.

Estico o pescoço para olhar para ela. — Defina *quase*.

— Farei vinte e seis esta semana.

— Miller, quando exatamente é seu aniversário?

— Sábado.

Quatro dias. O aniversário dela é daqui a quatro dias.

— Por que você não me contou? É um dia antes de você partir.

Ela encolhe os ombros contra mim. — Realmente nunca tive ninguém para contar, eu acho.

Deus, eu conheço esse sentimento muito bem.

Eu a puxo para mais perto. Somos mais parecidos do que eu jamais pensei

ser possível. Passamos nossas vidas adultas sozinhos. Eu por causa das cartas que me foram dadas e Miller porque ela tem dificuldade em criar vínculos quando salta de cidade em cidade.

— Você quer mais filhos? — ela pergunta, e a mudança repentina de assunto me acorda.

— *Jesus*. Quão bêbada você está?

— Só um pouco. Aquele Big Mac realmente absorveu tudo. Responda minha pergunta, Rhodes. Você quer mais bebês?

Se ela tivesse me perguntado isso em junho, a resposta teria sido um sonoro não. Principalmente porque eu não achava que estava fazendo um trabalho muito bom, mas passar as últimas sete semanas me sentindo como uma família com a garota ao meu lado mudou minha visão sobre tudo isso.

Se fosse com ela, a resposta seria: — Sim, eu quero.

Ela vira de barriga, deitando-se em mim. — Sim?

— Sim. Mas da próxima vez, estarei lá para tudo. Nunca mais vou perder seis meses.

Ela cruza os braços sobre meu peito, apoiando o queixo ali. — Você merece isso. Você também faz bebês muito lindos, então deveria continuar fazendo isso.

Rindo, afasto os fios de cabelo que estão caindo do coque. — Você quer filhos um dia?

— Eu nunca pensei sobre isso antes, para ser honesta. Sempre estive focada no próximo objetivo, no próximo passo na carreira, e as famílias não são exatamente propícias à vida em restaurantes sofisticados. Mas se minha vida fosse diferente, eu poderia ver isso. Contanto que fossem exatamente como Max.

Meu sorriso é suave. — Ele é bom.

— O melhor — ela diz com um suspiro. — Kai?

— Sim?

— Podemos esquecer algumas das minhas regras? Pelo resto da semana enquanto estou aqui? Eu só quero saber como seria.

— Você quer saber como *seria?*

— Ser sua.

Observando-a, procuro qualquer sinal de que ela possa voltar atrás nessas palavras quando estiver sóbria, mas os olhos de Miller estão claros e brilhantes. Então, eu me inclino e pressiono meus lábios nos dela, beijando-a de uma forma que não tem relação com sexo. Beijando-a de uma forma que pareça apegada e cheia de amarras, porque é exatamente isso que eu sou quando se trata dela.

— Mills, você já é minha. Mesmo que eu não tenha tido permissão para mostrar, você sempre foi minha.

Ela se acomoda novamente no meu peito. — Até domingo. Essa regra tem que permanecer.

Essa regra é a mais frustrante, mas o que vou fazer? Implorar para que ela me queira além desta aventura de verão? Pedir para desistir de seus sonhos para brincar de casinha comigo e com meu filho para sempre?

Ela é muito livre, muito selvagem para ser amarrada a mim. Ela é muito talentosa para eu pedir isso a ela.

— Miller?

Ela cantarola em reconhecimento sonolento.

— Hoje foi um bom dia.

Ela sorri contra meu peito. — Todos poderiam ser bons dias.

Pelo menos até domingo.

* * *

Ao piscar, vejo o cabelo de Miller cobrindo meu rosto. A bunda dela está aninhada no meu quadril e suas coxas grossas estão coladas às minhas.

Levanto-me para olhar para ela.

Ela ainda está dormindo em meu braço dormente, com os dedos entrelaçados aos meus. Ela está tranquila, aquecida e parece que seu lugar é aqui, em minha cama. Não tive o privilégio de acordar apenas com ela desde que ficamos juntos e, de alguma forma, preciso descobrir como fazer com que nossas próximas quatro manhãs, nossas *únicas* quatro manhãs, durem uma vida inteira.

Beijo seu braço tatuado, passando meus lábios sobre as linhas florais pretas e, para alguém que vive tão desapegada, fico surpreso que ela tenha conseguido se comprometer com algo tão permanente.

Ela se estica contra mim, sua bunda roçando na óbvia ereção matinal que tenho. — Bom dia.

Sua voz é ainda mais rouca do que o normal e deixa meu pau já duro em posição de sentido.

Eu puxo seu corpo para mais perto. — Bom dia, Mills.

Ela é uma massa contra mim, ainda com sono e tão bonita.

Languidamente, ela se contorce contra mim, ainda acordando, mas posso dizer pela maneira como ela está se movendo que ela acordou excitada.

— Tive um sonho ontem à noite — diz ela. — Bem, foi uma espécie de pesadelo.

— Oh, mesmo? — Beijo a pele sob sua orelha, minha mão mergulhando sob a bainha da minha camiseta que ela está vestindo. — Fale-me sobre isso.

— Eu estava na cama com um jogador de beisebol gigante. Usando óculos. Com uma tatuagem na coxa.

Minha palma vai para seus seios nus, passando sobre a pele áspera. — Ele parece atraente.

— Ele era, mas quando pedi que ele se aproveitasse de mim, ele recusou.

Ela rola a bunda contra o meu pau, e eu a puxo com mais força contra mim para fazer isso de novo.

— Que idiota. Claramente, ele não sabe o que está perdendo.

— Claramente. — Sua voz é ofegante e um gemido entrelaça suas palavras quando eu belisco seu mamilo. — Portanto, acho justo que você se aproveite de mim esta manhã para compensar aquele cara. Realmente dar um jeito nele, metendo *em* mim, sabe?

Eu rio contra ela, meus dedos traçando círculos delicados sobre sua barriga, passando a palma da mão sobre sua pele macia. — É isso que você quer, baby? — Eu mergulho mais baixo, meus dedos passando por cima de sua calcinha. — Quer que eu foda você na minha cama? Você quer saber como eu seria se acordasse com você todas as manhãs?

Um pequeno gemido escapa dela enquanto ela balança a cabeça freneticamente, suas coxas esfregando enquanto eu brinco com a bainha de sua calcinha.

— Você quer se arrepender de ter passado as últimas sete semanas dormindo em uma cama que não era a minha?

— Sim. — É apenas um sopro de ar, já tão excitada simplesmente ao acordar.

A ponta do meu dedo mindinho desliza sob a cintura, correndo ao longo da pele macia e quente antes de puxar para fora.

— Por favor — ela implora, contorcendo-se no colchão ao meu lado e empurrando sua bunda de volta para mim. — Por favor, Kai. Não me provoque.

— Não provocar você, hein? — Mordo seu lóbulo da orelha, mergulhando

minha mão em sua calcinha, meus dedos pastando sobre sua boceta. — Por que não, quando isso deixa você molhada?

Ela está encharcada, já pingando nos meus dedos.

— Por favor. — Desta vez ela se abaixa para puxar a calcinha para baixo, chutando-a com os pés e deixando-a apenas com a minha camiseta.

— Você é tão educada de manhã. — Chegando atrás de mim, tiro uma camisinha da gaveta da mesa de cabeceira e, o mais rápido possível, deixo cair minha cueca para embainhar meu pau no látex.

— Quer que eu foda você assim? — 3u pergunto, puxando-a de volta para o meu peito.

Ela levanta a perna sem hesitação.

— *Porra*, Miller. — Agarrando meu pau, passo-o sobre seu núcleo, cobrindo a camisinha com sua excitação antes de batê-la contra seu clitóris. — Honestamente, isso me faz odiar ainda mais suas regras por não termos feito isso todas as manhãs desde que você chegou aqui.

Ela solta o gemido mais lindo. — Bem, para ser justa, você pensou que eu era uma lunática quando cheguei aqui.

— Desculpe dizer isso a você, mas ainda acho isso.

Ela ri, mas sua risada morre, transformando-se em um suspiro quando envolvo meu braço em volta de sua perna, levantando seu joelho até o peito para ter melhor acesso. Encosto a cabeça do meu pau em sua abertura antes de empurrar para dentro.

Gemendo, eu a encho. — Como você está tão apertada? E tão molhada.

Deitados, eu dentro dela, mas sem me mover além de nossa respiração irregular.

— Eu faço muitos exercícios para boceta, então provavelmente é isso. Tenho

que mantê-la em forma.

Eu rio em seu cabelo. — Por favor, pelo amor de Deus, cale a boca.

Ela pressiona sua bunda em mim, desejando que eu me mova e eu o faço, empurrando-a por trás. Mantenho meu braço sob ela, segurando-a contra mim, minha outra mão circulando seu clitóris enquanto encontramos um ritmo.

— Você é tão perfeita, Miller — eu sussurro em seu ouvido. — Tão minha.

Sua garganta ronca no gemido mais sexy e agradável.

— Você gosta de ouvir isso?

— Sim — ela exala.

— Você é minha, baby.

Ela se move contra mim mais rápido, então eu acelero o ritmo, tocando seu clitóris com um ritmo mais acelerado.

Eu sei que as palavras são discutíveis para ela, simplesmente jogadas fora no calor do momento, mas para mim, são as palavras mais verdadeiras que posso dizer.

Se ela me deixasse tê-la, ela seria minha. Eu amo a garota e tento mostrar a ela através de minhas ações, mas se ela me desse luz verde, eu contaria a ela também.

— Kai — ela grita, seu corpo se contraindo. — Estou...

Ela não consegue dizer mais nada antes que seu orgasmo a atravesse, sempre tão linda quando ela goza. Quero guardar a imagem na memória, cada tremor, cada gemido. Saber que é tudo o que terei dela em apenas alguns dias.

Continuo a me mover dentro dela, sua boceta me apertando enquanto ela se desfaz.

— Você está perto? — ela pergunta enquanto seu peito se expande com inspirações e expirações desesperadas.

Minha respiração também está difícil enquanto continuo investindo nela, amando o quão quente ela é e desejando que essa camisinha não estivesse no caminho para que eu pudesse senti-la inteira. Eu nunca quis ser tão íntimo de uma mulher antes, e especialmente não quis esse risco desde que Max apareceu. Mas com Miller, encontro-me querendo tudo.

— Posso provar você? — ela pergunta.

Faço uma pausa em meus movimentos, meu pau latejando e carente dentro dela. — O quê?

— Eu quero que você foda minha boca enquanto está ajoelhado sobre mim.

Jesus Cristo, essa garota.

Saindo dela, Miller se senta para tirar sua camisa, deixando-a nua na minha cama com sua boceta ainda vibrando em meus dedos por causa de seu orgasmo. Ela se recosta no travesseiro, perto da cabeceira da cama, com um sorriso muito animado nos lábios.

Como diabos é essa minha vida? Passei a me perguntar isso todos os dias.

Aquele sorriso dela fica sombrio enquanto me observa remover a camisinha, jogando-a de lado antes de subir sobre ela, meus joelhos em cada lado de seu rosto, prendendo-a abaixo de mim.

Levanto uma sobrancelha. — Você tem certeza disso?

Sua língua sai, lambendo a ponta do meu pau, balançando a cabeça com excitação como a pequena atrevida que ela é.

— Porra — eu exalo, em descrença. — Estou obcecado por você.

Seu sorriso se eleva. — Como deveria ser, Malakai.

Eu aceno para baixo. — Coloque sua boca nisso.

Ela guia meu pau em sua boca, e eu uso a cabeceira da cama como alavanca, fodendo seu rosto assim como ela me pediu. Miller geme ao meu redor como se

isso fosse a coisa mais gostosa que já aconteceu e quando olho por cima do ombro, ela está com as coxas esfregando uma na outra, já precisando gozar novamente.

Há apenas alguns meses, eu estava exausto, e à beira de largar meu emprego só para me manter equilibrado. E agora, tenho a mulher mais sexy que já conheci abaixo de mim, que não é apenas uma campeã na cama, mas também trouxe muita luz e diversão de volta à minha vida.

Eu realmente não sei como tive tanta sorte de ter a atenção dela sobre mim, mas eu faria qualquer coisa neste momento para mantê-la.

CAPÍTULO 32

Miller

Violet: *Hoje é o grande dia! Isso é tudo pelo que você trabalhou. Você está animada?*

Violet: *Além disso, prepare-se para começar a trabalhar quando voltar à ativa na próxima semana. Não só a Chef Maven está entusiasmada com a sua consultoria no Luna's, como também a sua entrevista para a Food & Wine está marcada para depois que você se adaptar por uma semana lá. Ah, e eu também tenho uma miniturnê virtual de blogs de culinária programada para essa primeira semana.*

Violet: *De alguma forma, essa pausa que fez deixou você ainda mais procurada. Nem eu poderia ter planejado esse tipo de divulgação positiva. Estamos todos prontos para você voltar e ver que tipo de inspiração recebeu.*

Violet: *Miller?*

Violet: *Por que você não atende?*

Max está brincando lá fora, tentando pegar as bolhas que Kai e Isaiah estão soprando em sua direção. Observo todos eles juntos pelo vidro da porta dos fundos.

— Chef.

Max sorri para seu pai, seus olhos azuis semicerrados com um sorriso completo.

— Chef.

Ele rasteja até onde Kai está sentado, subindo em seu colo enquanto seu pai tenta ensiná-lo a soprar contra a varinha de bolha.

— Chef Montgomery.

Quando me dou conta, eu me viro para encontrar Sylvia, a coordenadora da sessão de fotos de hoje, olhando para mim como se eu tivesse enlouquecido. Talvez eu tenha.

Eu limpo minha garganta. — Sim?

— Eu estava perguntando onde você quer que a equipe coloque isso?

Ela aponta para o rack ao lado da pia onde os copinhos e o prato de silicone de Max estavam para secar.

A cozinha está impecável. Kai acordou antes que Max ou eu acordássemos para ter certeza de que estaria impecável, porque é claro que ele fez isso. Ele fez tudo ao seu alcance para me ajudar a voltar ao trabalho.

As únicas coisas que sobraram na cozinha foram os pratos que Max usou no café da manhã.

— Eu, hum... — Procuro um lugar para colocá-los, mas é onde eles pertencem. Porque esta é a casa de alguém e, sim, uma criança mora aqui.

— Basta colocá-los no chão ou algo assim — diz Sylvia, agitando freneticamente sua prancheta. — As fotos serão todas da cintura para cima, então não vão aparecer na foto.

Seu assistente se ajoelha para colocar a louça no piso.

— Não! Não faça isso — eu grito. — Eu vou levá-los.

Eu os recolho em minhas mãos, segurando desajeitadamente os copos e o prato de Max para encontrar um lugar seguro para eles que não seja o chão. Mas, olhando ao redor, não há espaço livre, porque a cozinha foi tomada e transformada em um cenário de sessão de fotos.

Demorando-me na abertura do corredor que leva ao quarto de Kai, observo Sylvia e o fotógrafo analisarem as diferentes fotos que a revista está procurando. Três pessoas diferentes trabalham na iluminação. Outro assistente prepara tigelas de vidro com ingredientes para que eu pareça estar trabalhando na frente da lente.

A casa está um caos; cerca de dez pessoas, que eu nunca vi, circulam pela cozinha de Kai, esforçando-se ao máximo para fazer com que pareça que estamos em um restaurante sofisticado em vez da casa ocupada por um pai solteiro e seu filho.

Nada parece certo. Desde o momento em que a primeira pessoa entrou pela porta da frente com seu equipamento, eu me arrependi da minha decisão de fazer isso aqui. Como diabos vou olhar para a capa da revista quando ela for lançada no outono, sabendo que esta cozinha guarda algumas das minhas lembranças favoritas, nenhuma delas relacionada à vida ou à carreira que será apresentada no artigo.

Este é o lugar onde Max e eu assamos biscoitos juntos pela primeira vez. Onde me apaixonei novamente pelos princípios básicos da confeitaria. Onde Kai e eu estávamos tão desesperados para nos tocar que literalmente montamos o corpo um do outro no balcão.

E agora ela parece como se nunca tivesse sido usada antes, com luzes brilhantes e estranhos correndo freneticamente.

Enquanto seguro a louça de Max, minha atenção se volta novamente para o quintal. Os três meninos Rhodes ficaram do lado de fora a manhã toda, mantendo Max ocupado e longe do caos da casa. Comparado com a cozinha frenética, o quintal parece um mundo completamente diferente.

Meu outro mundo.

A vida que construí durante meu hiato de verão fica do outro lado do vidro enquanto estou imersa de volta à minha vida normal. Mas agora aquela família

do lado de fora parece ser meu novo normal, enquanto isso, o caos de uma cozinha com o qual eu estava tão acostumada antes, parece um espaço ao qual não pertenço mais.

— Chef Montgomery — diz um assistente de filmagem, e levo um momento para registrar que ele está falando comigo. Faz muito tempo que não sou chamada de Chef. Parece estranho quando ouço isso agora.

Ele acalma a voz. — Posso apenas dizer que sou um grande fã seu? — Seus olhos estão arregalados e animados. — Estou na faculdade de culinária agora, mas me ofereci como voluntário hoje porque esperava conhecer você. A maneira como você combina apresentação e técnicas contemporâneas com uma abordagem experimental dos ingredientes é... — Ele balança a cabeça em descrença. — Inspiradora.

— Obrigada...

— Eric.

— Obrigada por isso, Eric.

— Não, obrigado *você*, Chef. Acho que não há uma pessoa no ramo que não esteja esperando ansiosamente pelo seu retorno à cozinha.

Deus, estive tão fora de contato com esse mundo nos últimos meses que quase esqueci como era falar com ele dessa maneira. Ser tratada como se eu fosse algum tipo de celebridade.

Não parece certo segurar as coisas de Max em minhas mãos.

Eric pode não conseguir pensar em uma única pessoa que não esteja animada com meu retorno, mas eu consigo.

Eu.

— Meu nome é Miller — digo a ele. — Pode me chamar apenas de Miller.

Suas sobrancelhas franzem em confusão e o pobre garoto abre a boca para

falar, mas nenhuma palavra sai. Duvido que um chef já tenha dito a ele para não os chamar pelo título.

— Eric! — Sylvia grita, circulando a mão como se estivesse dizendo para ele se mexer. — Chef Montgomery, precisamos que você esteja pronta em dez minutos.

— Tenho que voltar ao trabalho, mas foi uma honra, Che... Miller.

Ofereço-lhe um sorriso apaziguador e quando ele sai do caminho, minha visão do quintal retorna, só que desta vez Kai está olhando para mim de seu assento na grama.

Você está bem? Ele murmura.

Dou de ombros porque, honestamente, não tenho ideia de como responder a isso. E sem dizer nada, viro-me e sigo pelo corredor até o quarto dele.

O mesmo quarto que agora considero meu até partir.

Desde o início desta semana, todas as noites são passadas aqui nesta cama com Kai. Todas as regras que qualquer um de nós implementou foram jogadas pela janela, exceto nossa data de validade, e cada dia que passa com minhas paredes derrubadas, indefesas, posso senti-lo se infiltrando, assumindo o controle de todos os meus pensamentos, todas as minhas ações.

Onde ele está, eu quero estar, mas cada momento que passa parece como se houvesse uma contagem regressiva gigante colada na parede, lembrando-nos constantemente que nosso tempo acabará em breve.

E hoje... hoje é o maior lembrete até agora.

Fechando a porta de Kai atrás de mim, coloco o prato e os copinhos em seu colchão, sem saber onde mais colocá-los, mas não querendo que ninguém toque nas coisas de Max.

Eu não poderia dizer por que estou agindo assim. Hoje é só tirar fotos. Ainda tenho mais alguns dias até voltar totalmente ao modo de trabalho, para vestir a

armadura necessária para sobreviver na indústria de restaurantes.

Simplesmente não parece certo deixar que nem um segundo dessa parte da minha vida toque esta.

Enquanto fico na frente do espelho, separando meu cabelo ao meio e penteando-o para trás, penteando-o até o couro cabeludo, a porta se abre. E apenas alguns segundos depois, Kai ultrapassa a porta do banheiro atrás de mim, olhando para mim através do espelho.

— Olá, Mills.

Prendo o cabelo do jeito que sempre uso na cozinha, penteado e controlado. — Oi.

Kai mantém sua atenção em mim através do reflexo. Observo enquanto seus olhos percorrem meu cabelo em um estilo que ele nunca viu. Ele me observa remover meu anel de septo e colocá-lo na bancada do banheiro.

— Eu pareço diferente, eu sei.

— Só um pouco diferente da garota que estava bebendo duas cervejas em uma viagem de elevador pela manhã.

Meu peito ronca em uma risada silenciosa, grato por ele ter conseguido arrancar uma de mim.

— O que há de errado? — Kai pergunta, porque é claro que ele saberia que algo estava errado comigo por dentro, mesmo quando eu estava rindo por fora.

Balanço a cabeça para não dizer nada a ele. Este homem simplesmente desistiu de toda a sua casa para me ajudar. Ele gastou muito tempo e esforço me apoiando neste verão.

— É uma loucura — diz ele. — Ver essa parte de sua vida. É impressionante, mas também intimidador.

Meus olhos se voltam para ele, um sorriso em meus lábios. — Você está

intimidado por mim, Malakai?

— Sempre me senti intimidado por você. Pelo quanto você é livre. Por sua coragem, confiança e autenticidade. Então, por que você parece tão insegura lá fora?

Meu sorriso desaparece.

É uma ótima pergunta. Há anos que confio na minha carreira. Trabalhei duro para ser a melhor, então por que fico surpresa com algumas fotos?

— Não parece certo fazer isso aqui — digo a ele honestamente.

Seu rosto se transforma em confusão. — Por quê?

Por quê? Porque desde que saí de casa aos dezoito anos, nunca tive um lugar para chamar de lar e, embora essa estadia seja tão temporária quanto as outras, esse lar parece importante para proteger.

Eu giro para encará-lo, apontando para a cama. — Eles iam colocar as coisas de Max no chão. Você e eu estamos constantemente lavando a louça dele, as roupas dele, e eles iam colocá-los no chão para tirá-los do caminho. Quem faz isso?

Kai ri. — Pessoas que não querem copinhos com canudinho no fundo da foto da capa de uma revista que trata de um estilo de vida luxuoso. Não sei, só um palpite.

Desta vez não rio, porque estou muito perdida.

— Mills, venha aqui — ele sussurra, dando um único passo para dentro do banheiro. Ele me cerca com seu corpo alto, um abraço reconfortante, e com uma única mão ele segura meu rosto, levantando meu queixo para que sua boca encontre a minha.

É inesperado, mas necessário, pois meu corpo e meus nervos derretem com seu toque.

A língua de Kai desliza contra meus lábios e eu os abro para ele, deixando-o assumir o controle. É centralizador e calmante de uma forma que só ele é para mim.

O que mais gosto nesse homem é o quão estável e constante ele é. Ele assume responsabilidades que outros não têm forças para assumir, inclusive me acalmar neste momento. De alguma forma, preciso descobrir como roubar um pouco de sua resiliência para mim, para que possa aproveitá-la quando for embora.

Kai termina com um simples toque de seus lábios nos meus antes de se afastar.

— Obrigada — eu respiro.

— Estou tão impressionado com você, Miller. E orgulhoso. — Ele ri, sua testa caindo na minha. — Não sei se é estranho dizer isso.

— Não é estranho. — Eu balanço minha cabeça. — Exatamente o que eu precisava ouvir.

Kai tem sido inflexível quanto à minha volta ao trabalho, incentivando-me a fazê-lo e ajudando da melhor maneira que pode. Há uma parte de mim que gostaria que ele me pedisse para ficar, para continuar o que temos feito nos últimos dois meses, mas a maior parte de mim está feliz por ele não ter feito isso. Só iria machucá-lo no longo prazo, abrir-se para pedir mais porque, no final das contas, não tenho escolha. Eu tenho que voltar.

Posso senti-lo prestes a indagar de novo, perguntando-se o que há de errado comigo hoje, mas, felizmente, uma batida soa na porta do quarto antes que ele possa fazer isso. — Chef, estamos prontos para você.

Nós nos separamos enquanto eu me viro de volta para o espelho, deslizando as mãos sobre o meu cabelo para alisá-lo, e Kai volta para o banheiro segurando meu avental de chef, perfeitamente passado por um dos assistentes de filmagem.

Não uso esse jaleco há meses, e a única razão pela qual me sinto bem em vesti-lo novamente é porque Kai é quem o está segurando aberto atrás de mim, permitindo que eu passe os braços por ele.

Pelo reflexo, ele se inclina na porta, observando com um sorriso orgulhoso enquanto eu enfio cada botão em seu respectivo buraco.

Esse homem me apoiou durante todo o verão, ansioso para me ajudar a voltar a trabalhar no nível em que quero estar. Ele me lembra constantemente do ótimo trabalho que estou fazendo, palavras que quase esqueci que existiam. Não existe mimo no ramo da gastronomia, e isso é algo que eu nunca pensei que precisaria. Mas, depois de dois meses com ele, não consigo me imaginar trabalhando sem o incentivo de Kai, que está constantemente enchendo a cozinha.

Quando tento sair do banheiro, ele passa o braço em volta dos meus ombros, puxando-me para dentro e depositando um único beijo na minha testa.

Inclinando-me para trás, olho para ele. — Você acabou de me dar um beijo na testa enquanto estou vestindo meu jaleco de chef?

— Hum-hmm.

— Já fiz homens adultos chorarem enquanto usava este jaleco.

— Oh, não tenho dúvidas sobre isso, mas as chefs também precisam de beijos na testa.

— Você acabou de dizer chefs femininas?

— Sim, não é isso que vocês, crianças, dizem?

Isso finalmente arranca uma risada genuína de mim, instantaneamente me fazendo sentir mais leve, mais eu. — Eu me recuso a acreditar que há apenas sete anos entre nós.

— Vamos — ele diz, conduzindo-me para fora do banheiro. — Vá fazer o que você faz de melhor para que possamos tirar essas pessoas de nossa casa.

Nossa casa.

— E quando digo ‘o que faz de melhor’, estou me referindo a você ficar aí parada e parecer bonita para as fotos. Não tem nada a ver com o fato de você ser uma confeiteira durona.

Com outra risada retumbando em meu peito, Kai dá um tapinha encorajador na minha bunda enquanto continua pelo corredor até a sala de estar, deixando-me na cozinha.

— Atrás da ilha, Chef. — Sylvia aponta para minha posição inicial.

Tigelas de vidro com ingredientes secos alinham-se no balcão enquanto encontro meu lugar, atrás da ilha da cozinha.

— Começaremos com algumas cenas de ação. — Ela empurra uma tigela de vidro vazia na minha frente. — Um por vez. Quebre um ovo aí.

Sylvia se vira para dizer algo ao fotógrafo, mas tudo que consigo focar é na sala de estar atrás deles, onde Kai, Isaiah e Max observam.

Max chama minha atenção e aponta para mim por trás das lentes. — Mmm — ele cantarola, a única parte do meu nome que ele anotou. — Hum!

Ele se contorce no abraço de Isaiah e escapa dos braços do tio, correndo em direção à cozinha. Evitando a equipe de iluminação e o fotógrafo, ele contorna a ilha.

— Hum! — Max cambaleia em minha direção, braços no ar para eu segurá-lo.

Meu sorriso é o maior de toda a manhã quando me abaixo para pegá-lo. — Oi, Bug. Venha aqui.

— Não! — Sylvia responde quando eu o pego no colo. — Solte ele! Você vai amassar seu jaleco!

Eu congelo aqui mesmo na cozinha, segurando Max e olhando para esta

mulher sem acreditar.

— Solte-o. — Sylvia se vira, falando baixinho. — Este não é um lugar para crianças.

Eu não me movo, como se ouvir essas palavras tivesse me colocado no lugar. Ela não está errada. A cena dos restaurantes sofisticados não é lugar para crianças. O horário não é propício, com madrugadas e fins de semana agitados. E estou percebendo agora que é exatamente por isso que estive de folga.

Eu conheço a vida que me espera quando voltar, e mesmo que eu quisesse continuar um relacionamento com Kai, estar ao lado de Max de alguma forma, não conseguirei. Não haverá tempo para isso.

Já tive críticos e chefs me bajulando. Recebi a atenção deles, mas agora a única atenção que anseio é a de um garotinho e de seu pai, mas assim que eu sair de Chicago, eles voltarão às suas vidas normais – vidas nas quais não estou envolvida.

— Você está amassando o jaleco, Chef. — Sylvia gesticula para mim, com a outra mão no quadril.

Certas realizações me deixam mais satisfeita com a atitude dela hoje.

— Bem, é para isso que serve o Photoshop — respondo, segurando Max mais perto do meu corpo.

— Eu o pego. — Sem perceber, Kai está ao meu lado, puxando o filho de cima de mim. — Veremos Miller depois que ela terminar de trabalhar, ok, Bug?

Sylvia exala exasperada, balançando a cabeça e reposicionando as tigelas de vidro.

Eric, o estagiário, oferece um sorriso de pena enquanto a fotógrafa olha para a tela de sua câmera, sorrindo para as imagens que ela tirou até agora.

Então encontro Kai e Max passando pela porta dos fundos para sair novamente e meu péssimo humor está com força total.

Parada na cozinha, uma compreensão avassaladora, mas assustadora, toma conta de mim. A possibilidade que eu estava sentindo assim esteve aqui, perdurando durante todo o verão, mas agora é como se uma névoa embaçada tivesse se dissipado e o sol estivesse brilhando sobre a verdade.

Não há nenhuma parte de mim que queira estar na cozinha.

Eu só quero estar com eles.

CAPÍTULO 33

Kai

Hoje é o aniversário de Miller e tudo começou do jeito que eu queria: com meu rosto entre as pernas dela.

Eu me transformei em um maldito idiota por causa da mulher. Tanto que, quando ela saiu para tomar café da manhã com Monty, passei a manhã na cozinha fazendo o que ela costuma fazer: um bolo de aniversário.

Miller costuma dizer às pessoas que as ama por meio da comida que faz, então pensei que, já que não tinha permissão para dizer isso a ela, eu mostraria da mesma forma que ela faz.

Como disse, eu me tornei um maldito idiota.

Mas, além do aniversário de Miller, hoje também é o Dia da Família. A organização do Warriors abriu uma parte do campo na terceira linha de base para que as famílias e os amigos pudessem se reunir. A variedade de alimentos é quase ridícula, oferecendo tudo o que se pode desejar, com *open bar* para bebidas e um *photobooth* para fotos.

O Dia da Família tende a ser o meu dia menos favorito no calendário. Todas as equipes em que joguei organizaram um. É um pouco estranho quando ninguém aparece para me prestigiar, especialmente quando o restante dos meus colegas de equipe tem seus irmãos, parceiros e pais presentes. Mas antes de Max, Isaiah era minha única família, e ele estava sempre no meio de sua própria temporada. No ano passado, nós tínhamos um ao outro e, neste ano, temos meu filho.

E, embora Miller esteja tecnicamente aqui por Monty, sei que ela também

está aqui por mim.

Essa noção se solidificou quando estacionei minha caminhonete e a vi pela primeira vez desde que ela saiu da minha cama esta manhã. Ela tomou um café da manhã de aniversário com o pai e apareceu aqui vestindo uma camisa branca listrada dos Warriors com meu nome e número nas costas. Ela está desabotoada e aberta, combinada com uma regata justa e short jeans cortado que está provocando todo tipo de efeito em suas coxas grossas.

Mas por mais bonita que ela esteja, seu humor está péssimo desde a sessão de fotos de ontem e não sei exatamente por quê.

Ao contornar a mesa alta em que ela está, deslizo a palma da mão contra a parte inferior de suas costas. — Você quer apresentar Max aos pais de Trav comigo? Eles estão querendo conhecê-lo.

Ela balança a cabeça, levando o coquetel aos lábios.

— Por que não?

— Porque seria estranho a babá do Max estar lá enquanto você apresenta seu filho aos pais dos seus colegas de equipe.

Cabeça inclinada para trás, eu olho para ela, mas ela mantém sua atenção voltada para o campo externo.

Está lindo aqui fora, a hora dourada em Chicago. O céu está em todos os tons de laranja e amarelo, e o campo está com um brilho quente. Mas a mulher ao meu lado está toda de gelo hoje, em contradição com a luz brilhante que ela trouxe para minha vida neste verão.

— Você não é apenas a babá e você sabe disso — eu a lembro em um sussurro severo. — O que diabos está acontecendo com você hoje?

Ela encolhe os ombros com indiferença e toma outro gole de sua bebida, jogando o cabelo sobre os ombros.

Eu me inclino até seu ouvido, falando baixinho. — Jogue seu cabelo por

cima do ombro assim de novo, sim. Isso está me dando flashbacks de uma Miller muito mais feliz com a boca cheia do meu pau.

Finalmente, o menor e mais discreto sorriso surge em seus lábios.

— Jesus — eu rio. — É isso que faz você sorrir? Vou ter que foder você ou o quê?

— Provavelmente.

Encontro Max andando pelo campo com Isaiah antes que minha atenção volte para a garota ao meu lado. Ela está com a bebida no ar, a caminho de seus lábios, mas eu a pego de sua mão e a termino eu mesmo.

— Ei!

— Você está sendo uma pirralha hoje. — Engulo seu coquetel e coloco o copo de volta na mesa.

Ela zomba. — Eu sou a porra de um raio de sol.

— Você está irritada desde a sessão de fotos de ontem e não me diz por quê.

Ela continua em silêncio. Nós não tendemos a esconder coisas um do outro, a não ser o que eu realmente sinto por ela, então não saber o que está acontecendo nessa sua cabeça bonita, mas frustrante, está me dando nos nervos.

Ainda temos *uma* noite juntos, e se esta é a forma dela de se distanciar na preparação, vou ficar chateado. É *ela* quem está indo embora. *Ela* é quem queria permanecer desapegada. Se há alguém que deveria estar se preparando mentalmente para a partida dela, sou eu.

Fui eu que quebrei minha regra de não fazer sexo com ela, mesmo sabendo que iria me apaixonar rapidamente e com força se me permitisse adicionar outra camada de conexão com ela, e foi exatamente isso que aconteceu.

Um dos encarregados dos equipamentos chama minha atenção ao longe, colocando duas luvas e uma bola ao lado do *home plate*. Ele me dá um pequeno

aceno de cabeça em confirmação antes de voltar às festividades.

— Venha comigo.

— Por quê?

— Pare de ser tão irritada hoje e venha comigo. — Entrelaçando meus dedos aos de Miller, eu a puxo para trás. Passamos pela equipe e suas famílias no caminho da base, e eu apenas sorrio e aceno com a cabeça em saudação, como se arrastar a filha do meu treinador atrás de mim fosse um comportamento normal do dia a dia.

— Eu posso ficar irritada o quanto eu quiser. É meu aniversário. — Miller para. — Espere. Não podemos entrar em campo.

— Já conversei com nosso zelador. Eles vão arrastar o campo interno mais tarde esta noite, então estamos bem.

— Bem para quê?

Agarrando as duas luvas, estendo a do arremessador para ela.

Seu olhar cético desvia da luva estendida de volta para meu rosto.

— Quero ver você arremessar, Srta. All-American.

Ela rapidamente balança a cabeça. — Já faz muito tempo.

— Tudo bem. Você pode facilitar isso.

— Eu não vou ser muito boa.

Já notei isso nela. Ela tem dificuldade em ser qualquer coisa, menos a melhor. É uma contradição estranha para a garota que vive desprendida e despreocupada, flutuando de cidade em cidade. Mas quando ela tem um objetivo em mente, ela tem essa necessidade inata de ser a melhor para alcançá-lo. Arremessadora All-American. Recebeu o prêmio James Beard. Como se os títulos significassem que ela realizou algo, em vez de simplesmente fazer isso por alegria.

— Eu não me importo se você é boa ou não, Mills. Só quero que você se divirta comigo enquanto ainda tenho você.

Ela hesitantemente pega a luva.

— Vamos jogar por isso — eu digo. — Se você fizer um *strikeout*, eu paro de perguntar o que está errado. Se conseguir um *walk*, você começa a falar.

A inclinação mais discreta acontece no canto dos lábios. Eu jogo a bola de softball para ela e termino com um tapinha em sua bunda com a luva, mandando-a para o monte do arremessador.

Ela se aproxima de mim a cerca de doze metros, não exatamente a distância total do monte até o *home plate*, mas mais precisamente a distância a que ela está acostumada quando joga softball.

— Posso me aquecer? — ela pergunta.

Eu rio, agachando-me atrás da base. Tão competitiva. — Sim, baby, você pode se aquecer.

Miller enfia as mangas muito longas da minha camisa nas alças do sutiã nos ombros enquanto posiciona os pés na terra, ganhando tração.

Estou acostumado a estar no lugar dela, mas ela parece muito bem neste campo, especialmente usando meu sobrenome.

Com a luva na mão esquerda e a bola enfiada nela, ela treina sua mecânica uma vez antes de fazer o primeiro arremesso. A luva faz um barulho forte contra sua coxa, mas não tão forte quanto o som que a bola faz, batendo na palma da minha luva e passando direto pela base.

Bem, porra, foi um belo arremesso.

— Acho que estou pronta — diz ela, abrindo a luva para eu jogar a bola de volta.

— Sim, não brinca, Mills. Achei que você disse estar enferrujada.

Ela simplesmente levanta os ombros e pega a bola, retomando sua posição para lançar novamente, decidida a não ter que me dizer o que há de errado com ela.

* * *

Cerca de dez minutos depois, a contagem está em três e dois. Os arremessos que o pai dela chamou de bolas em vez de rebatidas mal passaram da base e, se houvesse um batedor de verdade jogando conosco, não haveria a menor chance de ele não rebater.

Não tenho vergonha de admitir que assistir à minha garota tão competitiva está me deixando com tesão. Ela parece tão bem em campo, com o estádio vazio atrás dela, o sol se pondo ao longe e uma pequena camada de suor se formando em sua testa. Quero lambê-lo, mas o problema de ficar agachado atrás do home plate com uma ereção furiosa é que alguns dos meus colegas de equipe se reuniram para nos assistir.

Eles estão realmente acabando com o clima aqui, mas, ao mesmo tempo, é uma noite de verão no campo da minha casa. Estou com meu filho, minha namorada e meu irmão, além de Monty e todos os outros caras do meu time. Toda a minha família está aqui e, amanhã, tudo vai mudar. Portanto, vou aproveitar tudo enquanto posso.

— Contagem completa, Millie — diz Monty enquanto jogo a bola de volta na direção dela.

— Aquela última chamada deveria ter sido um strike — ela grita. — Você precisa de óculos, velho.

Monty ri atrás de mim, bancando o árbitro. Ele está sendo muito mais duro em suas jogadas do que provavelmente seria se fosse alguém que não fosse sua própria filha.

Miller finca os dedos dos pés na terra, reposicionando-se. Ela puxa o cotovelo para trás e, ao mesmo tempo, balança os calcanhares para trás antes de executar sua técnica, com o braço girando em um círculo completo. Seus movimentos são tão fluidos, tão praticados, mesmo que ela não faça isso há anos, mas entendo como é ter essa memória muscular. Ter um arremesso tão enraizado em seu corpo.

A bola de neon sobe, batendo em minha palma quando a pego. É uma bola próxima, bem na borda da base, então mantenho a luva fechada exatamente onde a peguei, esperando a decisão de Monty.

Eu a consideraria um strike e não apenas porque corro o risco de não transar esta noite se não o fizer, mas porque foi um belo arremesso.

— Bola — ele declara. — Isso é um walk.

— Besteira!

— Vamos! — Eu aplaudo, levantando os braços acima da cabeça em comemoração enquanto fico de pé, mantendo meu sorriso zombeteiro direto para Miller, onde ela fica parada, incrédula.

Monty ri de forma provocativa, e você pode ver o quanto ele enraizou essa natureza competitiva e ética de trabalho em sua filha.

— Essas duas últimas bolas foram terríveis, pai.

Isaiah está com a mão de Max na sua. — Miller, um matador! Você tem um braço e tanto, Hot Nanny.

Atacando-a, coloco seu corpo sobre meu ombro como um saco de areia. Eu vou em direção à primeira base, correndo pelas bases como se tivesse acabado de acertar um *grand slam*, uma mão na parte de trás da coxa dela, a outra levantada em um único punho.

— Coloque-me no chão, Rhodes. Você não correu as bases nenhuma vez em toda a sua carreira. Pare de agir como se soubesse o que está fazendo.

Eu não posso deixar de rir. A competitiva Miller é uma coisinha agressiva.

— Um walk? — eu provoco. — Meio embaraçoso, Mills.

— Odeio você. Você tinha o árbitro no bolso!

Rindo, continuo minha caminhada até o home plate. — Deus, eu amo tanto ganhar.

— Coloque-me no chão! — Miller dá um tapa na minha bunda. — Jesus. Esqueci o quão duro é o seu traseiro.

— Como diabos você esqueceu? Ainda tenho aí as marcas das unhas de ontem à noite.

Isso finalmente arranca uma risada genuína dela.

— Nojento. — Isaiah cobre os dois ouvidos de Max, virando-o de volta para o resto dos familiares e amigos da equipe. — Vamos, Maxie. Miller e seu pai estão irritantemente felizes. Nós, homens solteiros, não precisamos ouvir sobre isso.

Com muitas pessoas ainda na base, eu a carrego até o monte do arremessador para ter um pouco de privacidade antes de colocar Miller de pé novamente. Ela está com aquele sorriso grande demais de novo, muito mais da *minha* Miller voltando depois de um dia de mau humor.

Quando ela voltar a trabalhar seis a sete dias por semana, doze horas seguidas, quero que ela se lembre disso. Como é estar cercada por pessoas que a amam, que ela retribui. Que a vida é muito mais do que o dinheiro que você ganha ou o status do seu trabalho. É sobre perseguir sua alegria.

Mas então o sorriso de Miller desaparece quando ela cai em meu peito.

— Eu odiei tudo naquela sessão de fotos de ontem — ela finalmente admite. — Eu odiei usar aquele jaleco de novo e ouvi-los me chamar de chef. Eu deveria estar animada. Minha carreira está decolando e pensei que seria um sonho. *Meu* sonho.

Nunca sei o que devo dizer quando ela fala assim. Eu concordo? Discordo? Eu só quero que ela seja feliz e, até aquela noite, pensei que a carreira dela estava fazendo isso por ela.

— Se não parecia um sonho, então como foi?

Ela olha para mim, com o queixo no meu peito. — Um pesadelo.

Afasto seu cabelo do rosto, persuadindo-a a continuar.

— Estou de mau humor desde ontem porque não esperava que fosse assim e isso me deixa com raiva. Estou brava porque algo pelo qual trabalhei tanto não parece nem um pouco gratificante. Estou com raiva porque o tempo está contra nós e tenho que partir amanhã. — Ela cobre o rosto com as mãos, balançando a cabeça. — Eu deveria estar animada com o que está me esperando, mas não estou. E independentemente de como eu me sinta sobre isso, tenho que ir. Há muitas pessoas contando comigo para voltar ao trabalho e, como você pode ver, estou uma bagunça por causa disso.

Puxando as mãos do seu rosto, corro as palmas pelos seus braços. — Miller...

Ela mantém os olhos no chão.

Há uma parte de mim que quer ouvir o que ela está dizendo, para ter esperança, mas sei que esses sentimentos irão desaparecer assim que ela voltar à sua rotina. É simplesmente a última noite de suas férias.

E na última noite posso me entregar a essa fantasia.

— Sinto muito, estou bem. Estou apenas tendo um momento. — Ela respira fundo, recompondo-se, quando seus olhos pousam em Max ao longe com meu irmão. — Sabe, às vezes eu olho para ele e fico irracionalmente brava com você, porque você esteve com outra mulher antes de mim. A audácia que você teve de não pensar em mim na época, sabe?

Uma risada me escapa enquanto Miller quebra a tensão emocional com o humor de sempre, um pequeno sorriso malicioso estampado em seus lábios.

Exatamente onde deveria estar.

Passando um braço sobre seus ombros, beijo sua cabeça. — Você é a mulher mais ciumenta que já conheci. Você sabe disso?

Sua cabeça se inclina para trás. — Você conheceu outras mulheres?

— Encantadora como sempre, baby.

— Lamento ter tido esse comportamento hoje.

— Tudo bem, Mills. — Eu rapidamente tomo sua boca com a minha. — Você sabe que aprecio todas as suas falhas.

— Bem, merda. Eu não sabia que tinha alguma.

— Hum! — Max cantarola, tentando dizer o nome de Miller enquanto avança em nossa direção, suas perninhas trabalhando arduamente para compensar a distância. — Hum.

Eu realmente esperava que ela o ouvisse dizer seu nome antes de partir amanhã, mas ele ainda não conseguiu.

— Aí está meu cara favorito — diz ela, abaixando-se para pegá-lo nos braços. — Está com fome? Eu estou com fome. Vamos encontrar algum lanche para nós.

Com meu nome nas costas e meu filho nos braços, Miller fica no centro do campo, parecendo minha.

Ela deveria ser minha. *Nossa.*

— Você vem? — ela me pergunta por cima do ombro.

— Vocês dois vão em frente. Preciso falar com seu pai.

— Tudo bem. Vejo você em breve. — Ela dá um único passo para longe de mim antes que eu deslize um dedo pela alça do cinto, puxando-a de volta para mim.

Inclinando o pescoço, eu a beijo, bem ali, no meio do campo, onde qualquer

um pode ver, porque isso não é apenas um caso. Nada em nossa situação é indiferente. Ela é tudo para mim e eu não sei como lidar com isso.

Monty está recostado na grade do banco de reservas, conversando com a última pessoa que eu esperaria encontrar em nosso Dia da Família, já que ele é o técnico da terceira base do Atlanta.

— Ei, Ace — Monty diz, acenando para o homem ao seu lado. — Você conhece Brian Gould, certo? Ele faz parte da comissão técnica do Atlanta.

— Sim. — Estendo a mão hesitante, ainda sem saber por que um membro do time contra o qual jogamos ontem está aqui. — Prazer em conhecê-lo.

— Igualmente. — Seu aperto é firme. — Você tem um braço incrível.

— Brian e eu fomos companheiros de equipe durante toda a minha carreira — explica Monty. — Então, estávamos apenas relembrando os bons e velhos tempos.

Ah, isso está fazendo muito mais sentido.

— Ainda assim, é uma pena. — Brian balança a cabeça. — Você ter se aposentado do jeito que se aposentou. Seu potencial era tão grande e você desistiu de tudo.

— Por um bom motivo — Monty corrige. — Ei, Miller está aqui, então finalmente vou apresentá-lo esta noite.

— Monty, podemos conversar? — eu interrompo.

— Tudo certo?

— Sim, mas precisamos conversar.

Monty acena para Brian e esse simples movimento o faz ir embora, criando privacidade apenas para nós dois. Eu me recosto no parapeito ao lado dele, nós dois olhando para o campo.

— Você me pediu para vir até você se eu tivesse vontade de pedir a Miller

para ficar — começo. — E embora sim, eu queira implorar para ela ficar, eu não vou. Nós dois sabemos que ela não pode, e não quero que ela se sinta obrigada a mim ou a Max, mas vou dizer a ela que ela sempre terá uma casa conosco, e só queria que você soubesse antes de dizer isso.

Monty permanece em silêncio, sua atenção voltada para frente enquanto ele simplesmente balança a cabeça.

— Quero dizer, se estiver tudo bem para você.

Até agora, não tive uma figura paterna em minha vida desde os quinze anos. Monty não tem sido apenas um amigo próximo, mas também uma caixa de ressonância quando estou passando por dificuldades. Então, mesmo que o assunto seja sobre a filha dele, eu preciso dele.

— Você não vai pedir a ela para ficar porque não quer que ela se sinta obrigada ou porque tem medo de que ela diga não se você pedir? — ele finalmente pergunta.

Bem... merda. Claro, existem alguns medos internos surgindo aqui. Todo mundo quer ser desejado, e sim, tenho medo de me colocar na posição de pedir a alguém que me queira quando estou acostumado com a saída das pessoas.

Eu não peço mais – por ajuda, por alguém que fique. Simplesmente faço isso sozinho.

Mas a esperança de não ter que fazer isso sozinho, de Miller realmente querer ficar comigo, quase supera o medo.

— Eu não quero que ela desista de toda a sua vida por mim apenas para perceber que não vale a pena ficar por aqui.

A cabeça de Monty vira em minha direção, mas mantenho minha atenção voltada para o campo.

— Então você não a conhece se não consegue ver o jeito que ela olha para você, como se você fosse a melhor coisa que já aconteceu em seus vinte e seis

anos de vida.

Isso chama minha atenção.

— Você pode ser — ele continua. — Depois de mim, é claro.

A tensão emocional é quebrada com humor, assim como sua filha costuma fazer.

— Vou falar por experiência própria. Ela não se sente obrigada a seu filho, então não deixe esse pensamento passar pela sua cabeça. Ela o ama do jeito que eu a amo.

Encontramos os dois passando lentamente pela mesa de comida. Miller dá a Max um pedaço de queijo e depois termina a outra metade antes de passar para o próximo lanche e fazer o mesmo.

Ela o ama. E ele a ama.

— Ela não é do meu sangue, mas é minha garota — Monty diz ao meu lado. — E ela olha para o seu menino, que não é do sangue dela, da mesma forma que eu olho para ela. Eu vi isso durante todo o verão. Eu a vi se apaixonar por duas pessoas ao mesmo tempo, e isso me lembrou de mim mesmo quando conheci sua mãe e ela. Ela não será capaz de simplesmente se afastar disso, independentemente de você perguntar ou não. — Monty finalmente olha em minha direção, os olhos cheios de lágrimas não derramadas. — Eu sei que não poderia.

— Porra, Monty. — Pressionando meus olhos, trago a emoção de volta. — Que diabos?

Ele ri, mas é aguado e sufocado.

— Todas aquelas vezes que pedi para você vir até mim primeiro, não foi porque achei que você não era digno de pedir isso à minha filha. É porque eu estava cuidando de *você*. Miller tem essa necessidade intensa de ser a melhor no que faz, mesmo que não seja algo que ela ame tanto, e eu queria ter essa

conversa antes de você colocar seu coração em risco. Kai, ela pode não ficar, mas posso prometer que se ela for, não será por sua causa. Você precisa entender isso.

Eu exalo um longo suspiro. — Percebi isso nela, sua necessidade de ser a melhor. Como se ela encontrasse seu valor em marcas de verificação e conquistas.

— Sim — ele diz. — Ela já contou a você do que se trata?

— Não explicitamente, mas tenho a sensação de que tem a ver com a forma como vocês dois se tornaram uma família. Acho que há alguma culpa residual aí. Como se ela se sentisse culpada por afastar você da vida que você vivia na época em que a mãe dela morreu.

Monty assente, mantendo os olhos voltados para o campo e não para mim. Ele limpa a garganta. — Sim, tive um palpite de que era isso que estava acontecendo. Já conversamos sobre isso, mas acho que ela nunca entendeu realmente que nada em nossa situação era um sacrifício.

Encontrando Max e Miller novamente, observo meu filho se deitar em seu ombro, traçando delicadamente a tatuagem onde sua camisa grande demais está pendurada.

— Você a ama? — Monty pergunta.

— Eu amo. Muito mesmo.

— Ela pode partir seu coração.

— Eu vou amá-la de qualquer maneira.

— Eu sei que você vai.

— Quero dizer. — Eu estalo meus ombros. — Às vezes, ainda acho que ela é demais.

— Não é? As coisas que saem da boca daquela garota? Quem diabos a criou?

Uma risada se espalha entre nós, o momento emocional é interrompido enquanto observamos meu filho e sua filha juntos.

Monty exala um suspiro de satisfação. — Só saiba que eu a amei primeiro.

Eu concordo. — E eu sempre a amarei.

À minha esquerda, Kennedy vem subindo as escadas do abrigo com ninguém menos que Dean Cartwright em seus calcanhares. Eu ficaria instantaneamente surpreso se algum membro de uma equipe adversária passasse por nosso banco de reservas, mas Dean, entre todas as pessoas? Cada um dos meus sentidos está em alerta máximo.

Não gosto do cara, mas ele nunca fez nada comigo pessoalmente. No entanto, ele atacou meu irmão durante anos enquanto éramos crianças, e depois que nossa mãe morreu, fiz tudo que pude para proteger Isaiah.

Dean foi para uma escola rival e dormiu com qualquer garota que ele descobriu que meu irmão estava namorando, o que deu a Isaiah um verdadeiro complexo de merda quando se tratava de relacionamentos, nunca tendo uma parceira comprometida que não o traísse. Ele constantemente falava merda com ele no campo, e embora meu irmão goste de fingir que não é afetado, a verdade é que, no fundo, Isaiah é sensível.

Portanto, passei anos mantendo Dean longe dele, a menos que joguemos contra o Atlanta, como faremos neste fim de semana. Qualquer pessoa que crie um problema com meu irmão é automaticamente um problema para mim.

— O que você pensa que está fazendo aqui? — eu pergunto, saindo da grade do abrigo.

Dean dá um sorriso irritante enquanto se vira em minha direção.

— O jogo é amanhã, Cartwright. — Travis se aproxima. — Você não é bem-vindo aqui.

— Sim, ele é — diz Kennedy. — O que há de errado com vocês? É o Dia da

Família.

— Exatamente — grita Isaiah. — Ele não deveria estar aqui.

Dean se volta contra meu irmão e aquele sorriso irritante se transforma em um sorriso de gato Cheshire. Ele dá um passo mais perto de Kennedy, o que deixa meu irmão irritado.

Isaiah dá passos rápidos e fluidos em direção aos dois, mas eu o intercepto, com as mãos no peito dele para mantê-lo afastado.

— Afaste-se dela — ele ferve por cima do meu ombro.

Os olhos de Kennedy estão estreitos em confusão. — Por que você está agindo assim?

— Sim, Isaiah. — Dean passa um braço por cima do ombro de Kennedy. — Por que você está agindo assim?

— Tire suas mãos imundas dela ou juro por Deus...

— Pare de agir como um homem das cavernas perturbado — Kennedy repreende. — Ele tem permissão para estar aqui. Dean é meu meio-irmão. Relaxe.

Juro que todo o estádio fica em silêncio com essas palavras. O corpo do meu irmão está congelado debaixo do meu braço enquanto meus olhos se fixam nos de Miller do outro lado do caminho.

— Meio-irmão? — Miller pergunta. — Então, sua irmã é...

— Sim — Dean concorda. — Minha irmã é uma vadia sem coração. Eu sou o Team Kennedy, então não se preocupe com isso.

Os lábios de Miller se curvam em um sorriso e não tenho certeza do que se trata, mas tenho certeza de que ela me contará mais tarde.

— Kenny — meu irmão reclama. — Por favor, diga que isso é uma piada de mau gosto.

— Você é tão dramático. Não é uma piada. O pai de Dean e minha mãe se casaram quando estávamos no ensino médio. Então seja legal. É o Dia da Família.

— É, Isaiah. — Ele dá uma piscadela para meu irmão. — Seja legal. É o Dia da Família.

CAPÍTULO 34

Miller

— Você está bem? — Encontro Isaiah com uma tigela de pretzels no colo, sentado e de mau humor, sozinho no banco de reservas, enquanto o Dia da Família continua no campo.

— Não.

Sentando-me no banco ao lado dele, coloco um pretzel na boca. — Você não pode culpá-la por ser de alguma forma parente do cara.

— Eu não a culpo por nada. Ela é literalmente um anjo que não pode fazer nada de errado aos meus olhos, mas posso culpar a mãe dela por ter um péssimo gosto para homens e se casar com quem eu só posso supor que seja o demônio, já que Dean Cartwright é cria de Satanás.

Eu caio na gargalhada.

— Não é engraçado, Miller. Este é o pior cenário possível.

— Não. Poderia ser pior.

Ele zomba. — Como diabos algo poderia ser pior do que Kenny ser parente do filho da puta do Dean Cartwright?

— Eles poderiam estar dormindo juntos, então considero *meio-irmão* uma vitória.

Os olhos castanhos de Isaiah se arregalam enquanto vejo a compreensão passar pela sua mente. — Oh, meu Deus, você está certa.

Com os pés pendurados no banco, pego mais alguns pretzels.

— Feliz aniversário, a propósito — ele diz, encostando seu ombro no meu.

— Obrigada.

— Vai ser estranho não ter você aqui, viajando conosco. Todas as outras babás foram péssimas.

Deus, não quero pensar em outra babá. Eu nem perguntei a Kai qual é o plano dele para cuidar do filho quando eu partir, principalmente porque não há nenhuma parte de mim que queira imaginar outra pessoa no meu lugar.

— Você... — eu começo. — Ele sabe quem vai me substituir?

— Ninguém ainda. Os treinadores e alguns membros da equipe definiram um cronograma para ajudar Kai pelo resto da temporada, para que ele não precise contratar outra pessoa ainda. E dependendo de quão longe chegarmos aos playoffs, só nos resta mais ou menos um mês de beisebol, na melhor das hipóteses.

Eu rapidamente aceno. — Isso soa... bom.

Ele passa um braço por cima do meu ombro. — Você é insubstituível, Miller. Ninguém mais será a Hot Nanny.

Meu peito ronca em uma risada silenciosa. — Sempre encantador, Isaiah Rhodes.

— Como você está?

— Nada bem.

— Presumo que você esteja confusa por *me* deixar e que isso não tem nada a ver com meu irmão ou sobrinho.

— Você é charmoso *e* brilhante agora? Você realmente está se tornando um homem totalmente novo.

Ele ri. — Você acha que voltará para nos visitar em breve?

Sua pergunta contém muita esperança, e sei que essa esperança é estritamente para seu irmão mais velho.

— Eu acho que não. O trabalho me mantém ocupada e, neste momento, tenho dezesseis cozinhas para as quais devo prestar consultoria. São quatro anos de reservas.

— Quatro anos? — Seu tom está cheio de choque. — Inferno, não sei o que farei em quatro *dias*, muito menos em quatro anos.

Quando abri minha agenda para serviços de consultoria, queria todas as reservas que conseguisse. Eu não tinha muita família ou amigos que me preocupasse em escrever. Eu tinha minha atenção focada em ser a melhor, mas agora a falta de tempo livre, a falta de vida social parece terrível.

E terrivelmente solitário, para ser honesta.

— Posso falar sério por um momento? — ele pergunta. — E você sabe que isso é importante porque raramente falo sério.

— Você e eu.

— Eu sei. Nós deixamos meu irmão maluco.

Enfio outro pretzel na boca enquanto Isaiah se ajeita no banco, tentando ficar confortável quando a seriedade não o deixa nada à vontade.

— Malakai é a melhor pessoa que conheço. Ele é meu melhor amigo e o melhor pai para seu filho. À medida que fui crescendo, comecei a perceber tudo o que ele fez por mim. Nenhum jovem de quinze anos deveria ter sido deixado para criar seu irmão. Ele me ajudou a superar a morte de nossa mãe. Ele me ajudou a concluir o ensino médio. Ele me ensinou a dirigir. O cara até me levou para comprar meu primeiro pacote de camisinhas. — Ele ri sozinho. — O que é irônico agora, visto que foi ele quem teve uma gravidez acidental.

Encontramos aqueles dois, Max puxando as mechas de cabelo castanho escuro que saem do boné de Kai.

— O que estou tentando dizer é que meu irmão merece o mundo e para ele *você* é o mundo.

Minha pulsação está acelerada, meu coração está batendo no peito. Há uma estranha contradição acontecendo dentro de mim. Quero ser o mundo dele, porque ele rapidamente se tornou o meu, mas a última coisa que quero é que esse homem se magoe por minha causa. Isaiah não precisa me dizer essas coisas. Eu sei o quanto seu irmão é bom, o quanto ele merece. Foi isso que me fez apaixonar por ele quando eu estava tentando tanto não o fazer.

Percebi isso ontem na sessão de fotos. Eu não sabia o que era estar apaixonada, e a constatação de que estou me pegou de surpresa da pior maneira possível. Vou embora amanhã e estou apaixonada por Kai e seu filho. Estou apaixonada pela vida e pelas amizades que construí aqui.

E nada disso importa, porque isso foi simplesmente um pit stop para voltar à minha vida real.

— Se houver alguma chance de você voltar para vê-los... — Isaiah balança a cabeça. — Não sei o que estou pedindo aqui. Estou apenas tentando retribuir ao Kai tudo o que ele fez por mim, e nunca o vi olhar para alguém como ele olha para você. Nunca o vi tão imerso na órbita de outra pessoa, e não sei como você fez isso. Se você encontrou uma brecha e conseguiu entrar ou o quê, mas ele esteve tão concentrado no Max no último ano que se esqueceu de si mesmo. Mas você... você não se esqueceu de si mesma. Estou pedindo que não se esqueça dele quando for embora.

— Isaiah. — Minha cabeça cai em seu ombro com um suspiro. — Confie em mim, nunca poderei esquecer seu irmão.

Nunca poderei esquecer Kai *ou* seu filho. Eles ficaram gravados em minha alma e, infelizmente, nunca poderei dizer isso a Kai, dar-lhe qualquer sinal de esperança de que eu poderia ficar. Amanhã saio da cidade e estou sofrendo, sofrendo com a saudade que já começou a se instalar em meus ossos.

É uma das nossas regras: *nada de grandes declarações de amor.*

Pedi a Kai para lembrar que somos simplesmente uma aventura de verão, e

estou rezando por ele para que eu seja a única que tenha esquecido.

— Ei, você é Miller? Filha de Emmett?

Olhando para cima, um homem que parece ter a idade do meu pai desce as escadas e entra no banco de reservas. Ele parece legal o suficiente até que eu me concentro no logotipo do time de Atlanta em seu zíper.

Levantando a cabeça do ombro de Isaiah, digo: — Sim, sou eu.

— Eu sou Brian. Seu pai e eu costumávamos jogar juntos nas majors naquela época.

— Ah, legal. Prazer em conhecê-lo. Você está trabalhando para o Atlanta agora? — Faço um gesto em direção ao logotipo em seu peito.

— Estou. Eu adoraria trabalhar com seu pai algum dia. Ele e eu costumávamos formar um par incrível. Na verdade, ele foi meu apanhador até decidir se aposentar no meio da temporada, enquanto estávamos em ritmo de vitória na *World Series*.

O sorriso em meus lábios desaparece. Ele se aposentou naquela temporada por *minha causa.*

— Ele e eu teríamos nossos próprios anéis se ele ficasse e jogasse naquela temporada, mas ele simplesmente teve que desistir. Absolutamente loucura para mim. — Brian balança a cabeça, incrédulo.

— Foi um... momento difícil para nós na época.

— Sim. — Ele exala uma risada sem humor. — É uma pena que sua decisão precipitada lhe tenha custado a carreira.

Isaiah olha do treinador do Atlanta para mim. — Do que ele está falando?

Eu me afasto dele, percebendo que Kai nem contou ao irmão sobre Monty não ser meu pai biológico ou como nossa família surgiu.

— Emmett saiu no meio da temporada para adotá-la. — Brian gesticula para

mim. — Ela não tinha para onde ir, então ele deixou a liga e começou a treinar em alguma pequena merda de faculdade. Ele desistiu de um bom troco por causa disso também.

Sinto a atenção de Isaiah queimando na lateral do meu rosto, mas tudo que consigo fazer é manter a cabeça baixa, olhando para os pés. Como se eu ainda não me sentisse culpada todos esses anos depois por meu pai ter desistido de sua vida por mim, esse cara aleatório teve que me lembrar com uma plateia presente.

— Seu pai disse que você é uma chef importante agora. — Brian continua. — Disse que você estará na capa de alguma revista em breve. É bom ouvir isso. Pelo menos você está fazendo algo impressionante com sua vida depois que ele desistiu da dele.

— Ei. — Isaiah se levanta do banco. — O que diabos há de errado com você?

Brian parece genuinamente confuso, como se estivesse simplesmente afirmando fatos e não tentando me fazer sentir mal com suas palavras.

— Isaiah, está tudo bem. — Puxo seu braço para trás para que ele volte para o banco ao meu lado. — Ele tem razão.

Por mais que as palavras ardam de ouvir, é exatamente o lembrete que preciso para passar esta noite e voltar à estrada amanhã.

CAPÍTULO 35

Kai

Miller está olhando pela janela do passageiro da minha caminhonete, observando os arranha-céus da cidade enquanto saímos do centro para voltar para casa.

Não pergunto o que há de errado, porque nós dois sabemos. Ela sai em algumas horas; a contagem regressiva do nosso tempo juntos chega a zero pela manhã.

Com os olhos piscando da estrada à minha frente de volta para ela, eu alcanço o console central, espalhando a palma da mão sobre sua coxa. Miller exala contra o vidro antes de cobrir minha mão com a sua, segurando-a com força.

Ela sorri para mim por cima do ombro, mas o sorriso não alcança seus olhos.

Miller é quem tira Max da cadeirinha do carro quando paramos em casa, segurando-o contra o peito enquanto entramos. Ela não o coloca no chão nem o deixa ir, e eu entendo muito bem esse sentimento. Faço o mesmo quando vou passar o dia no campo, mas, ao contrário de mim, quando Miller sair de casa amanhã, ela não voltará.

Quando ela vai para o quarto dele, eu a paro, passando a mão por sua cintura. — Espere. — Aceno em direção à cozinha. — Tenho algo para você antes de colocá-lo na cama.

A pele entre as sobrancelhas de Miller se enruga, mas com meu filho em seu quadril e ela parecendo a porra do meu sonho, ela me segue até a cozinha.

Max bate palmas com entusiasmo, realmente aumentando meu ego enquanto

coloco o bolo que fiz no balcão bem na frente de uma confeiteira de renome mundial.

— Você fez um bolo para mim? — ela pergunta.

Eu olho para cima e a encontro olhando para ele, com o lábio inferior enfiado entre os dentes.

— É seu aniversário, Mills. Todo mundo merece um bolo de aniversário.

Ela sorri o sorriso mais triste que eu já vi. — Não pedi a ninguém que fizesse um bolo para mim desde que eu era uma garotinha e meu pai tentou. Mas não foi muito bom.

— Bem, mantenha suas expectativas baixas. Tenho a sensação de que Monty e eu temos níveis semelhantes de habilidade na cozinha.

Ela ri, mas posso ouvir a emoção em sua garganta. Hoje é difícil para ela e, sim, de certa forma eu queria que sua partida fosse difícil. Eu queria que ela se sentisse tão conectada a um lugar ou a uma pessoa que doeria muito quando ela tivesse que deixá-los, mas eu amo a garota e a última coisa que quero é que ela fique chateada, especialmente no aniversário dela.

— O bolo é de uma caixa, então devemos estar seguros quanto a isso, mas tive que fazer minha própria cobertura. É aí que pode estar o problema. — Timidamente, coço a nuca.

Ela dá um pequeno golpe na borda, oferecendo um pouco para Max em seu dedo, e assim que está em sua língua, seu rosto se contrai como se esta fosse a pior forma de tortura e não uma sobremesa doce.

— Oh, não — eu resmungo. — Isso não é um bom sinal.

Miller dá outro golpe no mesmo dedo, colocando-o na boca. Ela balança a cabeça como se estivesse contemplando. — Isso tem gosto de merda.

Eu não posso deixar de rir.

Seus olhos verdes suavizam. — Obrigada, Kai. Isso é... — Ela simplesmente balança a cabeça, incapaz de acrescentar mais palavras.

— O melhor bolo que você já comeu?

Um sorriso se inclina. — Algo assim.

Inclinando-me sobre a ilha da cozinha que nos separa, eu a beijo. — Mais uma coisa.

— Mais uma coisa? — Ela balança Max no quadril, aconchegando-se nele. — Mais uma coisa, Bug?

Ele ri enquanto deslizo uma pequena sacola de presentes sobre o balcão. Sua atenção salta dele para mim. — Você não precisava me comprar nada.

— É pequeno. Quase nada, na verdade.

Max se abaixa, tirando o papel amarelo escuro do topo da sacola.

— Boa ajuda — incentiva Miller, mergulhando a mão.

Eu a observo enquanto ela tira a foto emoldurada. Seu rosto se transforma, sua língua cutuca o interior de sua bochecha e seus olhos adquirem um brilho instantâneo. Ela mantém sua atenção nisso e quando pisca, a primeira lágrima cai.

— Mills...

Ela me sacode, continuando a olhar para a foto. É uma foto que Isaiah tirou há algumas semanas. Nós no sofá da sala com Max tirando uma soneca em cima dela e ela usando minha coxa como travesseiro. Seu cabelo castanho chocolate cai sobre minhas pernas, e apoio minha mão em sua cabeça, olhando para ela como se ela fosse a melhor coisa que já vi.

— Mmm, triste — diz Max, apontando para uma lágrima caindo em seu rosto.

Ela enxuga. — Não, bebê. Eu não estou triste. Estou feliz. Só estou chorando

porque amo muito você.

Foda-se. Agora vou começar a chorar.

Como diabos isso *acaba* amanhã?

Eu limpo minha garganta. — Mandei emoldurar a mesma foto para o quarto do Max.

E para o meu.

— E há um cartão na sacola.

Miller me lança um olhar inexpressivo, como se me dissesse que fazê-la chorar uma vez hoje fosse o suficiente. Ela coloca Max sentado no balcão enquanto ela vasculha a sacola e tira o cartão de aniversário.

É simples, não tem nada de chamativo ou extraordinário, mas por dentro Max se soltou com giz de cera verde e laranja. Está coberto de rabiscos dele e, bem no final, eu assinei para ele.

Feliz aniversário, Miller.

Eu amo você.

Com amor, Max

Ela exala uma risada. — Você fez isso para mim? — ela pergunta ao meu filho. — Obrigada, Bug. Isso é lindo. Vou guardá-lo para sempre e olhar para ele sempre que sentir sua falta, o que será o tempo todo.

Eu a observo enquanto ela observa meu filho. Ela passa a mão pelo cabelo dele, sua atenção voltando para o cartão.

— Obrigada. — Essas palavras são dirigidas a mim.

— Feliz aniversário, Mills. Espero que seja o seu melhor até agora.

Seus verdes passam para mim. — Isso é. Por causa de vocês dois.

Normalmente não o colocamos para dormimos juntos. Se chego em casa a tempo, coloco-o na cama, e se ainda estou no campo, Miller o faz dormir. Mas esta noite, sendo a última noite dela aqui, nós dois vamos para o quarto dele.

Troco sua fralda, coloco um pijama nele e escovo rapidamente seus dentinhos, mas entrego-o a Miller para que ela possa embalá-lo para dormir. Ela só terá mais ou menos uma hora com ele amanhã antes de pegar a estrada, então darei a ela todo o tempo que ela quiser esta noite.

Eles se sentam juntos na cadeira de balanço enquanto eu fico perto da porta, observando, tentando gravar a imagem na minha memória.

Max está tão perto de desmaiar esta noite que ela nem pega um livro para ler. Ela simplesmente o segura contra o peito, balançando para trás na cadeira. Seu rosto está marcado pela agonia, sabendo que esta é a última vez que ela fará isso com ele. Suas sobrancelhas estão franzidas, seu queixo um pouco trêmulo.

— Miller — eu sussurro, mas ela me sacode como se quisesse sentir a tristeza e deixar que isso a consuma.

Max lentamente levanta a cabeça de seu peito para olhar para ela e ela encontra forças para sorrir para ele. Seu dedinho vai direto para o anel de septo, tocando-o com cautela.

— Eu amo você, Max. — Sua voz é quase inaudível.

— Mmm — ele cantarola o nome dela, tocando seu rosto tão suavemente quanto pode.

— Você quase conseguiu. Um dia ouvirei você dizer meu nome. Você terá que garantir que seu pai grave para mim quando fizer isso.

Ele olha diretamente para ela, sua tristeza gelada penetrando nela, e não há absolutamente nenhum mal-entendido quando ele diz: — Mmm... Mamãe.

O rosto de Miller cai. — O que você disse?

— Mamãe. — Max sorri, tão orgulhoso de si mesmo por dizer um nome que agora percebo que ele está tentando dizer há semanas. — Mamãe! Mamãe!

A cabeça de Miller vira em minha direção. Ela está à beira de um colapso emocional enquanto segura meu filho, que olha para ela como se todas as peças que faltavam no quebra-cabeça de sua vida tivessem sido remontadas.

Ele se acomoda em seu peito, repetindo silenciosamente a palavra uma e outra vez enquanto Miller o embala e chora.

E vejo o coração dela se partir na porta enquanto o meu se parte por mim e por meu filho.

CAPÍTULO 36

Miller

Uma vez que Max está dormindo em meus braços, eu o acomodo em seu berço para que possa sair deste quarto, passando direto por Kai parado na porta.

— Miller — ele chama, mas eu não paro nem diminuo a velocidade, precisando ir ao banheiro. Precisando de um segundo a sós depois do que Max acabou de dizer.

Antes que eu possa fugir, Kai circula meu cotovelo.

Viro-me para encará-lo e sei que não há como esconder o quanto estou chateada com ele. — Nunca pedi para ele me chamar assim. Eu prometo que não.

Kai balança a cabeça em confusão. — O quê? Eu... eu sei que não.

Esse garotinho, que amo mais do que sabia que era capaz, apenas olhou para *mim* e me chamou de mamãe. — Eu vou arruiná-lo.

— O que você está falando?

— A própria mãe dele o deixou, e agora vou deixá-lo amanhã, e ele acabou de me chamar assim. — Faço um gesto em direção ao quarto de Max, com lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

— Você não vai *abandoná-lo,* Mills. Você está partindo.

— Este deveria ser um verão leve. Eu só ia ajudar você para poder passar algum tempo com meu pai. Eu não quero machucá-lo, Kai, e não há como evitar isso agora. O que diabos aconteceu?

Estou frenética, girando fora de controle. Nunca fui de me emocionar, mas

esses dois garotos me transformaram em um desastre emocional.

Kai se aproxima de mim, segurando meu rosto com a palma da mão, tentando me acalmar do jeito que sempre faz. — O que aconteceu é que ele se apaixonou por você e acho que você também se apaixonou.

Solto um soluço trêmulo. — Tínhamos regras para evitar esse tipo de coisa.

Regras que não fizeram nada para me impedir de me apaixonar pelos dois.

— Não, Mills. — Ele gesticula entre nós. — *Tínhamos* regras. Você não poderia ter impedido que ele se sentisse assim por você, e acho que uma grande parte de mim sabia disso desde o primeiro dia.

Claro, ele sabia. Lembro-me dele me contando como estava com medo de que seu filho se apegasse a outra pessoa que iria embora. Apesar de tudo, fiquei e veja o que aconteceu.

— Você estava certo, Kai. Eu deveria ter ido embora depois da primeira noite em Miami.

— Não diga isso.

Com as mãos na cabeça, tento controlar minha respiração. — Vou partir o coração dele amanhã e não sei como devo conviver com isso.

Kai diminui a distância entre nós, passando os braços em volta de mim para me puxar para seu peito. Soluços destroem meu corpo então, sabendo que ele me pegou. Ele vai me consolar uma última vez.

— Eu não ganhei esse título — digo em sua camisa. — Não fiz nada para ser chamada assim.

— Sim, você fez, Miller. Ao contrário do que você acredita, você não precisa ser a melhor para ganhar um título. Eu conheço você. Eu sei que você está tendo dificuldade em entender o que aconteceu, porque esse não era um objetivo que pretendia alcançar, então sim, você está se sentindo indigna desse nome. Mas e se eu esperasse até ser o melhor pai possível para permitir que ele me chamasse

assim? Ele estaria esperando pelo resto da porra da sua vida.

Eu me enterro mais fundo em seu peito. Ele está certo sobre como me sinto. Não sou boa o suficiente para ser a mãe desse menino. Eu nem sei como ajudá-lo quando ele está doente. Não tenho esses instintos maternais naturais.

— Eu vejo o jeito que você é com ele — ele continua. — Quanta confiança você dá a ele apenas por estar ao seu lado. O quanto você o ama. Acredite em mim, eu sei o quão assustador é para alguém ver você dessa maneira, e amanhã, quando você for, começarei a esclarecer isso para ele, mas não é porque você não merece esse nome.

É porque não estarei por perto para tê-lo.

Inalando uma respiração calmante, eu me afasto dele. — Eu não deveria ter ficado tão próxima dele nesse verão, Kai. Eu deveria ter deixado um limite mais evidente de que estava apenas de passagem.

O olhar gelado de Kai endurece. — Por quê? Para que meu filho possa passar um tempo com alguém que não o faça se sentir como se fosse a pessoa mais importante do mundo, como você fez? Ou para que ele não saiba como é ser amado do jeito que você o ama? Isso é besteira e você sabe disso. Ou está dizendo isso em relação a mim? Que deveria ter deixado mais evidente para mim que está apenas *de passagem*.

Eu deveria ter mantido o limite para *mim*, porque isso dói. Cada palavra parece uma flecha direto no coração, afiada e dolorosa. É exatamente por isso que permaneci desapegada, porque amar alguém quando seus caminhos seguem em direções diferentes é o pior tipo de tortura.

Kai tira o boné, colocando-o na bancada da cozinha, passando a mão irritada pelo cabelo castanho escuro. — Meu Deus, Miller, você se esforça tanto para se manter distante. Para viver essa vida solitária, e eu não consigo entender.

Eu sei que ele está falando, mas tudo que consigo ver é o boné dele virado

para baixo na ilha da cozinha. A mesma foto de Max está enfiada na aba interna, mas agora há uma nova adição. Eu poderia reconhecer aquela foto em qualquer lugar. A camiseta amarela brilhante é difícil de perder depois de vê-la na mesa do meu pai todos os dias neste verão.

— O que é isso?

Kai segue minha linha de visão, olhando diretamente para seu boné. Sua expiração é derrotada. — Você sabe o que isso é.

— Por quê? Por que isso estaria aí? Por que está ao lado da foto de Max?

Ele não me responde, então eu desvio minha atenção da foto para encontrá-lo olhando para mim e só quando ele tem toda a minha atenção é que ele diz: — Porque quando a vida ou o trabalho ficam muito estressantes, muito opressivos para mim, eu consigo ver quem é mais importante. E é você, Miller. — Ele balança a cabeça. — E está aí porque estou tão apaixonado por você que é doloroso demais *não* poder vê-la a cada segundo do dia.

Balanço a cabeça freneticamente, como se as palavras fossem desaparecer se eu fizer isso. — Não, você não está.

Tínhamos regras que eu precisava que ele seguisse. Regras que foram estabelecidas para evitar que eu o machucasse. Posso lidar com o fato de partir meu próprio coração, mas não posso viver com o fato de partir o dele. Isso já aconteceu muitas vezes em sua vida.

— Estou. — Ele levanta as mãos em derrota. — Eu amo você pra caralho, e sinto muito que nem meu filho nem eu pudemos controlar o que sentimos por você. Lamento que esta seja a última coisa que você queria ouvir, mas não sinto muito por isso.

— Kai — eu choro, novas lágrimas escorrendo pelo meu rosto. — Você não pode. Nós apenas... fomos pegos nisso. Tínhamos regras.

— Que se danem as suas regras, Miller! — ele explode, andando pelo

corredor que leva ao seu quarto. — Não estou pedindo que você me ame de volta.

Mas eu amo.

— Mas não vou continuar fingindo que não estou absolutamente arruinado por ter você nos últimos dois meses. Sei que essa é a última coisa que você queria, mas não vou me desculpar. Você é a minha pessoa favorita, Miller, e pela primeira vez eu tive alguém para mim. Eu tinha alguém cuidando de mim. Depois de ficar sozinho por tanto tempo, finalmente tive alguém cuidando de *mim.*

— Eu não tenho cuidado de você. — Balanço a cabeça freneticamente. — Você era quem cuidava de *mim.*

— Você tem cuidado do meu coração, Mills, e eu tenho cuidado do seu.

Usando as costas das mãos, tento limpar o rosto, mas as lágrimas estúpidas não param de cair.

— Foda-se — ele respira. — Eu não queria contar por que sabia que isso assustaria você, faria você fugir. Mas acho que isso não importa mais, porque você vai embora amanhã de qualquer maneira.

— Você quer uma família para criar seu filho. Eu não tenho isso, Kai. — Juro que estou procurando qualquer coisa para dissuadi-lo de seus sentimentos. — Eu só tenho a mim.

— Eu só quero você! Já temos uma família, Miller. Meus amigos, a equipe, seu pai. E você. Eu só quero você.

— Eu não queria magoá-lo — eu grito. — Eu sabia que estava indo embora o tempo todo e deixei você se apegar. *Eu* me apeguei e agora sou apenas mais uma pessoa que vai deixar você.

Kai vai para a cozinha, com as mãos apoiadas no balcão à sua frente. A cozinha onde passei grande parte do meu verão. Onde tantas das minhas

memórias favoritas foram feitas.

— Miller, você não é apenas mais uma pessoa. — Ele não olha para mim, sua atenção está voltada para o chão, e eu vejo a primeira lágrima passar debaixo de seus óculos, caindo no chão. — Você me colocou em primeiro lugar quando eu esqueci como fazer. Você me lembrou como é ser importante, ser escolhido primeiro. Eu sei que você queria que isso fosse fácil e desapegado, mas você está aqui, porra. — Seus dedos encontram seu peito, batendo nele algumas vezes, olhos azuis encontrando os meus e cheios de dor. — Você está em todos os lugares e quando você partir amanhã, ainda verei você em todos os lugares. Nesta cozinha. No quarto de Max. Na minha cama. Não há nada em nós que seja fácil. Isso é uma merda, Miller, saber que há um relógio contando os segundos até que eu não tenha mais você, mas eu faria tudo de novo. Eu me apaixonaria por você novamente. Eu quebraria meu coração de novo, porque amar você foi uma das duas maiores surpresas da minha vida.

O fato de a outra surpresa ser seu filho e ser comparada à pessoa mais importante de sua vida faz com que minha cabeça caia para trás, tentando recuperar o fôlego.

As mãos de Kai estão apoiadas no balcão, com os ombros baixos e derrotados. Ele está curvado em agonia, uma representação física de como me sinto.

— Se eu pudesse... — ele continua, balançando a cabeça. — Eu iria atrás de você. Eu passaria todos os dias livres em um avião para chegar até você, mesmo que isso significasse que só poderia beijá-la uma vez antes de ter que voar de volta para Chicago. Eu passaria o período de recesso morando em um hotel ou na porra da sua van só para ficar perto de você, mas não é mais só por mim que tomo decisões. E por causa disso, não quero que você diga nada. Não me diga se você me ama, e foda-se — ele exala uma risada dolorosa. — Por favor, não me diga se não me ama. Mas, principalmente, não me dê nenhuma esperança

porque, se o fizer, tenho a sensação de que vou atrás de você pelo país até que seja pega.

Incapaz de manter distância dele, deslizo sob seu braço para encontrá-lo peito a peito. — Kai — eu sussurro, sem fôlego e impressionada com sua confissão.

Há tantas coisas que quero admitir, mas quando olho em seus olhos, procurando as palavras certas, ele simplesmente balança a cabeça, implorando para que eu não diga nada. Então, em vez disso, fico na ponta dos pés, puxando-o para baixo para encontrar meus lábios, beijando-o de uma forma que espero transmitir o quanto eu o amo.

Inclinando-me para trás, passo meus polegares em suas bochechas antes de tirar os óculos. Ele é tão lindo, tão meu. Pelo menos por esta noite.

Uma última vez.

— Por favor — eu sussurro, os olhos procurando os dele.

Ele ri, mas é atrofiado e sem humor. — Já passamos da fase de nos fazermos de difíceis, Mills. Você não precisa pedir.

Esticando o pescoço, ele toma minha boca em um beijo ardente, ao mesmo tempo me levantando do chão e me levando para seu quarto.

Ele me deita em sua cama com tanta delicadeza, com tanta reverência, antes de se acomodar entre minhas pernas abertas, sem nunca separar seus lábios dos meus. Seu peito já está batendo contra o meu enquanto tento absorver tudo. Cada beijo necessitado, cada carinho.

De certa forma, parece cruel nos entregarmos um ao outro pela última vez. A consciência de que é isso, que é a última vez, está pesada no ar.

Kai tira meus braços da camisa que estou vestindo e tudo que consigo pensar é naquele dia no campo em que ele me disse que gostava de ver garotas bonitas em sua camisa e gostava de tirá-la também. Mas ele não está com aquele sorriso

atrevido que exibiu naquele dia. Esta noite seu rosto está atormentado enquanto ele tira seu sobrenome de mim.

Quando tiro sua camisa, sigo uma trilha de beijos por sua barriga e peito, seus músculos magros se contraindo após tudo isso. Ele embala minha bochecha, puxando minha boca de volta para a dele, respirando com dificuldade contra meus lábios.

Cada movimento é lânguido, focado.

Nós nos beijamos por mais tempo do que nunca. Tocamos e exploramos. Nós apenas fazemos mais, mais daquilo que vai arrastar esta noite o máximo possível.

— Abra meu cinto — ele murmura contra meus lábios.

Faço o que ele pede enquanto continuamos a nos beijar, acariciando as línguas, procurando um pelo outro.

Quando sua calça toca o chão, ele me despe da mesma forma exploratória, beijando cada centímetro da minha pele e adorando meu corpo até que ambos estejamos nus, contorcendo-nos e desejando.

Os quadris de Kai estão encostados nos meus, seu comprimento rígido esfregando exatamente onde eu quero enquanto nos beijamos e sentimos dor.

Ele chega até a mesa de cabeceira ao meu lado, mas coloco a mão na dele para impedi-lo.

Seu olhar confuso encontra o meu.

— Estou tomando pílula.

— Miller...

— Por favor, Kai. — Acariciando a lateral de seu rosto, prendo sua atenção. — Eu preciso de você, todo você. Uma vez. Pela última vez.

Sua garganta se move em um engolir profundo. — Você tem certeza disso?

— Sim, mas apenas se for isso que você deseja também.

Ele examina meu rosto por um momento. — Isso é.

— Eu... — Eu balanço minha cabeça. — Eu não estive com ninguém dessa maneira.

— Nem eu.

— Mas...

Ele exala uma risada. — Quando eu disse que Max era uma surpresa, eu estava falando sério. Você é a única pessoa de quem eu sempre quis estar tão próximo.

Seus dedos me encontram primeiro, mergulhando entre nossos corpos e percorrendo todo o meu núcleo. Posso sentir o quão pronta estou pela facilidade com que ele desliza sobre mim.

Sua tristeza de aço se aproxima quando ele me sente. — Tão molhada, Mills.

Abro um pouco mais as pernas para isso, arqueando as costas e passando a boceta sobre sua ereção.

Kai usa os dedos úmidos para lambuzar seu pênis, cobrindo-o em mim. Ele se acomoda em cima de mim novamente, segurando-se em um braço enquanto eu acaricio suas costas, mantendo-o próximo.

Ele me observa com grande admiração enquanto se espalha contra minha abertura, seus lábios mergulham para saborear os meus novamente.

— Por favor, deixe-me dizer isso — ele sussurra contra mim. — Tentei mostrar a você o verão inteiro, então deixe-me dizer na última noite em que tenho você.

— Diga-me.

Ele encosta o nariz no meu. — Eu amo você. Meu Deus, amo tanto, Miller, que parece que isso vai me matar.

Aceno rapidamente com a cabeça, porque ele não me deixa dizer o mesmo, enquanto tento conter a emoção persistente, minhas mãos correm para a parte inferior de sua coluna vertebral para instigá-lo a entrar em mim.

E com essa confissão, ele inclina os quadris e empurra para dentro de mim.

Pele com pele.

Quente e apertado e tão pleno, de tirar o fôlego.

Nossas bocas entreabertas se tocam, nossos peitos batendo, subindo e descendo em sincronia.

— Oh, meu Deus — eu exalo. — Kai, você é...

— Incrível. Você é incrível, Miller — ele termina por mim. — Eu posso sentir cada centímetro de você.

Tudo aqui parece estar ligado. Não apenas o vínculo físico, mas o coração dele e o meu. Parece que pertencemos a este lugar, juntos, e o conhecimento de que sou a razão pela qual isso terminará amanhã faz com que lágrimas frescas brotem na base dos meus cílios.

Estou sobrecarregada. Com seu corpo. Com o que sinto por ele. Com a lembrança dolorosa de que amanhã tudo acaba.

Kai se move, rolando lentamente seu corpo sobre o meu, sua pélvis batendo em meu clitóris da maneira mais deliciosa a cada deslize. Eu o seguro contra mim enquanto o quarto se enche de suspiros desesperados e respirações ofegantes. Ele enfeita minha pele com mordidas suaves e beijos relaxantes, murmurando o quanto me ama, o quanto é grato por mim, o quanto mudei tudo para ele.

Mas ele não consegue ver que sou eu quem está diferente?

Eu que fui completamente desmontada e refeita nas últimas oito semanas.

— Miller — ele sussurra, usando o polegar para enxugar as lágrimas que

caem do meu rosto. — Não chore.

Acaricio a lateral de seu rosto, mantendo contato visual. — Eu não posso evitar.

Ele continua a se mover dentro de mim, com uma quantidade enorme de amor envolvendo a nós dois. Kai beija minhas bochechas, limpando meu rosto enquanto as lágrimas continuam a me afogar, sufocando meus sentidos. Ele levanta uma das minhas pernas e a aproxima do meu peito, com a mão segurando minha bunda para penetrar mais fundo, mais perto, e eu nunca senti nada igual.

É íntimo.

É união.

É amor e é terrivelmente doloroso, porque tudo isso vai acabar.

Kai se afasta para olhar para mim e é então que vejo o brilho em seus olhos. Ele também sente tudo isso.

— Miller — diz ele, certificando-se de que minha atenção esteja nele. — Se algum dia você decidir parar de fugir e construir um lar... faça isso comigo.

Um soluço sufocado me escapa e tudo que posso fazer é concordar com a cabeça. Se algum dia eu mudasse minha vida, mudasse de direção, não seria por ninguém além dele.

Nós nos abraçamos enquanto nossos corpos se movem em sincronia, deixando-os dizer todas as coisas que não posso.

E nessa noite, quando Kai sussurra que hoje foi um dia bom na minha pele, não digo a ele que todos podem ser dias bons.

Porque para mim, este foi o último.

CAPÍTULO 37

Kai

— Bola! — o árbitro grita.

Que merda.

Estou prestes a deixar esse maldito rebatedor passar e, em seguida, deixar uma corrida nas bases carregadas... pela segunda vez nessa rodada.

Para se livrar disso, Travis se levanta de sua posição agachada e me joga a bola de trás do *home plate*. Mesmo com a máscara cobrindo o rosto, posso ver a preocupação em suas sobrancelhas franzidas.

— Vamos lá, Ace — Cody chama da primeira base.

— Vamos, Kai, — acrescenta meu irmão.

Exalando, ando pelo monte, mas tudo que vejo é ela.

Miller vestindo minha camisa e segurando meu filho neste monte.

Estou uma bagunça com o visual, as memórias. E só pioram quando tiro o boné e a vejo ali também.

Já faz uma semana.

Uma semana insuportável desde que Miller foi embora.

Uma semana desde que comecei a corrigir Max toda vez que ele via uma foto dela e a chamava de mamãe.

Uma semana desde que comecei a usar o travesseiro em que ela dormia na minha cama, em vez do meu, rezando para que seu doce aroma se incorpore de alguma forma às fibras e permaneça para sempre.

Uma semana desde que esse mundo que criei, essa pequena família que eu finalmente pude reivindicar como minha, dissolveu-se, deixando a mim e a meu filho apenas um ao outro mais uma vez.

Também faz uma semana que não ouço sua voz rouca, que não a ouço dizer meu nome. Não nos falamos desde que ela se foi, porque prometi a mim mesmo que não a impediria. Não a culparia para que me respondesse quando ela tem essas oportunidades incríveis para se ocupar.

Em vez disso, recorri ao pai dela para obter informações.

Ela chegou em segurança?

Ela está dormindo bem?

Ela está feliz?

Essas duas últimas perguntas não poderiam estar mais longe da minha realidade, então, para o bem dela, espero que ela esteja melhor do que eu. Espero que ela esteja encontrando sua felicidade.

Porque eu, com certeza, perdi a minha.

— Malakai, concentre-se — Isaiah grita atrás de mim.

O estádio está lotado para o jogo da tarde de setembro que tem em mãos nossas esperanças nos *playoffs*. Temos a oportunidade de conquistar esta noite, e acabei de correr na última rebatida.

Deus, eles vão me criticar nas recapitulações pós-jogo mais tarde, mas eu não dou a mínima. Todas aquelas vezes em que disse a Miller que a pressão era um privilégio, que era uma honra corresponder às expectativas, fizeram-me sentir uma fraude. Porque não estou vivendo nada.

Com minhas chuteiras cravadas na terra, Travis anuncia meu arremesso, dando-me uma bola rápida de quatro pontos. Aceno com a cabeça, endireitando-me para alinhar meus dedos sobre a bola em minha luva antes de olhar por cima do ombro para verificar se há corredores, mas quando o faço, tudo o que vejo

são as bases que corri com ela na semana passada.

Quando eu estava feliz. Quando ela estava feliz. Quando ela era minha.

Afasto a imagem e corro pelo meu arremesso, usando todo o meu corpo para lançar a bola antes de deixá-la sair dos meus dedos. Ela voa direto sobre o prato, bem na altura que o batedor precisa para mandá-la voando para o campo esquerdo.

Que é exatamente o que ele faz, acertando um grand slam e mudando o placar para 5 a 0 antes mesmo de eu conseguir uma eliminação neste terceiro tempo.

Porra.

A multidão vaia. Ruidosamente. Ensurdecedor, e não creio que tenha nada a ver com os nossos adversários e tudo a ver comigo.

Travis começa sua caminhada até o monte, mas Isaiah o afasta, vindo de sua posição.

Nós dois colocamos nossas luvas sobre a boca para falar.

— Você está bem? — ele pergunta.

— Parece que estou bem, Isaiah?

— Sim, você está certo. Pergunta terrível.

Toda a porra da minha vida desmoronou há sete dias, e não foi por falta de amor ou de desejo um pelo outro. Foi simplesmente porque estávamos seguindo dois caminhos diferentes que só se cruzaram por dois meses.

Antes que meu irmão possa perguntar qualquer outra coisa, Monty sai do banco de reservas e vem direto em minha direção.

— Maldição — eu amaldiçoo em minha luva.

Eu não saberia dizer quando foi a última vez que fui retirado de um jogo tão cedo. Joguei como uma merda no início anterior desta semana, mas fiz cinco

entradas completas antes que os arremessadores substitutos assumissem o controle. A terceira entrada é vergonhosa e, pela primeira vez em semanas, estou me perguntando o que diabos estou fazendo com a minha vida.

Nada faz sentido sem ela. Os funcionários da equipe estão se revezando para cuidar de Max até o final da temporada, mas o que vou fazer no próximo ano ou no ano seguinte? Contratar uma pessoa qualquer que nunca se importará com meu filho como ela se importou? Por que estou fazendo isso? Por que eu amo isso? Bem, nem sempre podemos ter as coisas que amamos, não é mesmo?

Monty acena para o meu irmão e Isaiah me dá um tapa de incentivo com a luva antes de voltar para o seu lugar entre a segunda e a terceira base.

Monty exala, segurando a camisa sobre a boca para poder falar sem que as câmeras captem o que ele está dizendo. — Eu tenho que substituir você, Ace.

Eu não discuto. Eu não reclamo. Eu simplesmente concordo.

— Você precisa encontrar uma maneira de superar isso — ele continua.

— Sim, desculpe, vou começar a trabalhar nisso. — Meu tom é totalmente seco e Monty me lança um olhar de advertência, lembrando-me que não sou o único que está passando por momentos difíceis.

Enquanto estou reclamando e reclamando da falta da filha, ele também está com o coração partido por não a ver todos os dias.

— Sinto muito — acrescento com mais sinceridade.

Os olhos castanhos de Monty examinam os meus. — Vá para casa. Pegue o Max e vá para casa. Você não precisa ficar para o resto do jogo ou para a imprensa. Vá cuidar de você e de seu filho.

Enquanto estou no centro do campo com quarenta e um mil torcedores me observando, meus olhos começam a arder, minha garganta fica apertada, porque não sei mais como cuidar de mim mesmo.

Hoje em dia, sou uma casca humana, mal tomo banho ou como, e só saio da

cama para ficar com Max. Ter outra pessoa para cuidar enquanto seu coração está partido é um alívio estranho. Você quer se afundar na autopiedade, mas não pode, porque outra pessoa está dependendo de você.

Mas outra pessoa está sempre confiando em mim, então isso não é novidade.

— Pegue o maldito telefone e ligue para ela, Kai. Isso pode ajudá-lo.

Balanço a cabeça, engolindo o nó na garganta. — Eu vou ficar bem. Ela tem coisas mais importantes acontecendo agora e não precisa se distrair ouvindo o quão fodido eu estou.

Ele me observa por um momento, depois me dá um único aceno de cabeça, minha deixa para decolar.

Eu faço exatamente isso. Correndo para fora do campo, passando pelo banco de reservas até a sede do clube para pegar minhas chaves. Passo pela sala de treinamento para pegar Max e encontro Kennedy brincando com ele no chão. Ela se ofereceu para cuidar dele para mim esta noite.

— Ei, Ace — ela diz com o máximo de cautela possível. — Como você está?

Eu gemo. — Por favor, não tenha pena de mim como todo mundo. Não consigo lidar com outra pessoa olhando para mim como se eu estivesse prestes a quebrar.

— Desculpe, você está certo. Você foi substituído no terceiro turno? Ai. Odeio dizer isso a você, Ace, mas só trabalho no corpo. Não tenho nada para um ego ferido.

Uma risada bufante me escapa. — Obrigado. — Max caminha até mim, com as mãos levantadas para eu segurá-lo. — E obrigado por cuidar dele.

Com isso, eu me viro para sair, apenas para parar na porta, olhando para Kennedy por cima do ombro. — Você teve notícias dela?

O rosto dela cai, toda a pena que pedi para ela não me dar. — Algumas

vezes, sim. Mandei uma mensagem de texto para saber como estava, mas não recebi resposta até o meio da noite. Quando respondo, ela já está dormindo. Ela está ocupada.

Ela está ocupada. Eu sei que ela está ocupada. Eu odeio que ela esteja ocupada.

— Obrigado novamente por dar uma olhada nele.

Uma vez na minha caminhonete, saio do campo e nos levo para casa, ao mesmo tempo em que tento ignorar o desejo avassalador e ardente de pegar meu telefone e ligar para ela só para ouvir sua voz mais uma vez.

* * *

Preparo o jantar do Max para ele, sem me preocupar comigo, porque, como já disse, mal comi esta semana. Tomamos banho e o coloco em um pijama confortável.

— Max, você pode escolher um livro para ler antes de dormir? — pergunto, sentando-me no chão.

Ele vai até sua pequena estante, pegando um grande livro colorido sobre insetos antes de cair no chão acarpetado. Ele se acomoda entre minhas pernas, a cabeça apoiada na minha barriga.

Embora na maior parte do dia eu sinta que nunca mais ficarei bem, sei que ficarei. Terei que ficar por ele e isso me dá uma centelha de esperança.

— Inseto — diz ele, apontando para uma lagarta de desenho animado nas páginas.

— Sim, isso é um inseto. Você sabe quem mais é um inseto? — eu pergunto a ele, fazendo cócegas em seu lado. — Você é um inseto!

Ele ri, dobrando-se sobre a minha mão que faz cócegas em suas costelas e é

o melhor som que ouvi durante toda a semana. Meu sorriso é o mais genuíno que já usei nesse mesmo período.

Max fica de pé, virando-se para mim, olhando-me nos olhos. Suas mãozinhas encontram meu rosto, percorrendo minhas bochechas, deslizando pela minha nuca.

Ele contorna meus olhos com um único dedo, e eu os fecho para que ele possa. — Papai triste — ele diz, e meus olhos se arregalam com isso.

Seu rosto está tão preocupado, muito mais preocupado do que qualquer criança de dezessete meses deveria estar.

Mas também não vou mentir para ele.

— Sim — eu exalo. — Papai está triste, mas não há problema em ficar triste. — Envolvendo minha mão em suas costas, eu o ajudo a manter os pés para que ele possa olhar para mim. — Significa apenas que amamos tanto alguém que sentimos falta dele. Isso é uma coisa boa.

— Sim — ele concorda, sem realmente entender tudo o que estou dizendo.

— Nós temos um ao outro, Max. Você e eu. — Eu o puxo para meu peito, segurando-o. — Sabe o quanto eu amo você?

— Sim — ele diz novamente e desta vez não posso deixar de rir.

— Você sabe o quanto Miller ama você? Eu sei que ela sente sua falta tanto quanto nós sentimos falta dela. Você é tão amado, Bug, por tantas pessoas. Não quero que você se esqueça disso.

Ele derrete em meu ombro, enrolando-se perto do meu corpo, sua deixa de que é hora de dormir.

De pé, coloco-o em seu berço, ligando o aparelho de som que fica em uma mesinha ao lado do berço. Max me segue com seus olhos sonolentos.

Ele aponta para a foto emoldurada que fica ao lado de seu berço. — Mamãe.

Juro que a palavra tira o ar dos meus pulmões como fez todos os dias desta semana.

— Essa é, ah... — Eu engulo em seco. — Essa é Miller.

— Mamãe!

— Sim — eu exalo em derrota, sem dizer mais nada, porque, na verdade, não quero corrigi-lo.

Eu me inclino sobre seu berço para beijar sua cabeça. — Eu amo você, Max.

Depois de me certificar de que a babá eletrônica está ligada, apago as luzes e fecho a porta atrás de mim, indo direto para a geladeira tomar uma cerveja.

Uma Corona especificamente, porque é tudo o que tenho em estoque, o que parece um grande *foda-se* do universo.

Sentando-me no sofá, abro a tampa e tomo um gole, incapaz de bloquear a imagem de Miller com os lábios em volta daquela Corona no primeiro dia em que a vi no elevador.

Deus, estou uma bagunça. *Como as pessoas fazem isso?*

Pegando meu telefone, eu procuro, ansioso por um pingo de informação sobre a garota por quem estou desesperadamente apaixonado.

A mesma garota que está perseguindo sonhos maiores.

Todas as noites, quando Max vai para a cama, fico com o nariz enfiado no telefone, digitando o nome dela, e sempre que aqueles olhos verdes jade e o cabelo castanho escuro aparecem, meu estômago se revira, desejando poder estender a mão pela tela e tocá-la.

Ela foi entrevistada pelo menos uma vez por dia em diferentes blogs. Violet realmente cumpriu sua promessa de preencher sua agenda quando voltasse ao trabalho. Estou irritado *por* ela. Essa é a pressão que a desencadeou em primeiro lugar, mas eu conheço Miller, sei que ela pode corresponder às expectativas se

quiser e, a julgar por essas entrevistas, ela está fazendo exatamente isso.

Depois, há uma parte de mim que está grato por Violet tê-la jogado de volta no meio disso, porque é por isso que tenho um pouco dela. Posso ler o que ela disse naquele dia e, sim, esse meu lado desesperado e saudoso está tentando ler nas entrelinhas, em busca de um significado oculto. Estou tentando encontrar as palavras *"Miller Montgomery está se mudando para Chicago"* em algum lugar de um artigo intitulado *"Miller Montgomery – de volta aos negócios."*

Não faz muito tempo que essas inseguranças de não ser suficiente foram abafadas por Miller. Essas vozes foram silenciadas, mas nunca verdadeiramente extintas, permanecendo logo abaixo da superfície.

Elas estão aqui novamente, imaginando, temendo a confirmação de que ela voltou para sua vida normal, cheia de cozinhas caóticas, viajando pelo país a trabalho e sendo entrevistada para revistas chiques apenas para rir de si mesma por acreditar que poderia se apegar a esta vida tranquila e simples comigo e meu filho.

No meio da leitura de sua última entrevista, meu telefone toca com uma nova mensagem.

Ryan: *O jantar em família está acontecendo. Pensei que viria depois do jogo?*

Merda. Eu nem percebi. Aquele calendário que uma vez olhei e memorizei, aquele que se movia à velocidade da luz enquanto Miller estava aqui, agora está se movendo em câmera lenta, os dias passando quando parece que eu deveria estar riscando meses.

Então, sim, esqueci que era domingo, por que como diabos eu passei por essa dor por sete dias inteiros?

Ou talvez inconscientemente eu tenha me esquecido, porque a ideia de estar com meus amigos, os mesmos amigos que estão perdidamente apaixonados por

seus parceiros, enquanto estou mergulhado em um coração partido, parece a última coisa que quero fazer no mundo.

Eu: *Desculpe, eu me esqueci. Estarei aí na próxima semana.*

Talvez.

Ryan: *Na próxima semana, eu e minha esposa estaremos em lua de mel.*

Merda. O cara vai se casar no sábado e eu esqueci completamente.

Eu: *Sou um péssimo amigo. Claro, eu sei disso. Estou ansioso para sábado.*

Ryan: *Não se preocupe. Eu sei que você está passando por um bocado agora. Estamos aqui para ajudá-lo se você precisar.*

Eu: *Vou ficar bem.*

Antes que eu possa voltar à perseguição de Miller, um novo tópico de texto surge.

Indy: *Ryan pode levar sobras se você ainda não tiver comido.*

Eu: *Obrigado, Ind, mas estou bem.*

Indy: *Amo você e Max. Pensando em vocês dois.*

Pretendo sair da nossa conversa, mas não consigo evitar, passando o polegar sobre o teclado.

Eu: *Você já ouviu falar dela?*

Uma quantidade patética de esperança se mistura com pavor.

Indy: *Mandei uma mensagem para ela outro dia para dizer que estava com saudade. Ela disse que o trabalho estava acabando com ela, mas ela também sentia falta de todos aqui.*

Começo a responder, querendo dizer a Indy para transmitir uma mensagem por mim, que Max sente falta dela, que *eu* sinto falta dela, mas me convenço a não fazer isso. Se ela vai ouvir isso, deveria vir de mim.

Eu: *Ansioso para sábado.*

Indy: *Eu também!!!!!!*

A ideia de um jantar em família sem Miller já é ruim o suficiente, mas assistir ao casamento dos meus amigos sozinho? *Deus, isso vai ser difícil.* Tenho seis dias para tentar me recompor, para tentar não estragar o dia deles com meu comportamento de merda.

Toda e qualquer resolução me abandona quando, sem pensar, encontro o contato dela no meu telefone. Ele está olhando para mim, provocando-me.

Seria realmente a pior coisa do mundo se eu ouvisse a voz dela? Se eu pudesse dizer a ela o quanto estamos sentindo falta dela. Talvez eu me sentisse melhor se ela soubesse. Talvez ela também se sentisse melhor. Ou, e mais provavelmente, só quero ouvi-la responder.

Sem pensar mais, pressiono o nome dela e ligo.

Meus joelhos estão tremendo de nervosismo quando o telefone dela toca. Continua fazendo isso mais duas vezes, até que finalmente na quarta ela responde.

Meu coração dispara ao saber que ela está do outro lado da linha, que pode me ouvir. — Miller?

Tenho quase certeza de que minha voz falha com nome dela, o que seria muito embaraçoso se eu pudesse sentir algo além de excitação.

— Uh, não — alguém finalmente diz do outro lado da linha. — É Violet, sua agente. Ela está no meio de uma entrevista no momento.

Deflação instantânea.

— Oh, tudo bem. Você sabe quando ela terminará?

— Eu não tenho certeza. Ela terá uma longa noite na cozinha depois. Eu acho que ela estará livre por volta das 2 da manhã.

Duas da manhã em Los Angeles, 4 da manhã em Chicago.

— Você quer que ela ligue para você então? — pergunta Violet.

— Não. Não, não se preocupe com isso. Eu sei que ela está ocupada.

— Ela está, mas são coisas muito grandes e emocionantes para ela. E ela está feliz aqui. Ela está se dando bem com esta cozinha. Ela tem um futuro brilhante no ramo. Acredite em mim. Representei muitos chefs em minha carreira, mas nenhum tão promissor quanto ela.

Isso é o que eu queria, que ela tivesse sucesso. Eu só não sabia que doeria tanto assistir do lado de fora. Mas tirando-me da equação, eu não poderia estar mais orgulhoso daquela garota. Parece que ela finalmente está encontrando o que a faz feliz.

— Ei, Violet. — Eu limpo minha garganta. — Faça-me um favor e não mencione a ela que eu liguei.

Ela pausa na linha por um momento. — Tem certeza?

— Sim. Obrigado. Tenha uma boa noite.

— Você também, Baseball Daddy.

Eu solto uma pequena risada, sabendo que ela viu meu nome no identificador de chamadas.

Desligo a chamada sentindo como se fosse domingo passado de novo. Como se eu estivesse começando do zero sentindo falta dela. Só que desta vez tenho a confirmação de que ela está feliz. Que ela está tendo sucesso, fazendo coisas maiores e melhores do que eu poderia oferecer a ela aqui.

CAPÍTULO 38

Miller

— Como foi? — Violet pergunta, seguindo-me pela cozinha movimentada enquanto eu me apresso para me preparar para o jantar.

— Foi tudo bem. O mesmo que todas as outras entrevistas com blogs foram esta semana. Muito bem.

Entrando no walk-in, uso a prancheta em minha mão para fazer um inventário da entrega de frutas que o restaurante de Maven recebeu hoje, certificando-me de que a cozinha tenha o suficiente até a próxima entrega, na quarta-feira.

— Tudo bem, ótimo — continua Violet, entrando no corredor frio, de cabeça baixa, folheando seu iPad. — Como o restaurante está fechado amanhã, tenho outra entrevista marcada para amanhã de manhã com um grande blogueiro que atende por *Pinch of Salt.*

— Você realmente acha que isso é necessário? — Mentalmente faço um inventário das prateleiras, contando caixotes de caquis, peras e figos. — Tenho minha entrevista sobre *Food & Wine* amanhã à tarde e tenho certeza de que agora qualquer um que se importa sabe que estou de volta ao trabalho.

— Miller, estamos *capitalizando.* Bater enquanto o ferro está quente.

— Bem, eu realmente gostaria que o ferro esfriasse para que possa respirar por um segundo. Não tive um único momento sozinha desde que cheguei em Los Angeles, a menos que esteja tomando banho ou dormindo.

— Sim, sobre isso. — Violet continua, de nariz abaixado, examinando minha agenda. — O que você acha de fazer algumas entrevistas por telefone enquanto

toma banho? Você sabe, realmente aproveitar cada minuto do dia.

Eu me viro contra ela. — Por favor, diga que você está brincando.

— Claro que estou. Você deixou seu senso de humor em Chicago?

Senso de humor. Coração. Ambos ainda estão lá, eu acho.

— Vou dizer uma coisa, direi ao *Pinch of Salt* que será uma conversa rápida na terça-feira. Isso lhe dará folga amanhã de manhã, antes de sua entrevista com a *Food & Wine.*

Concordo. — Eu posso fazer isso.

A porta se abre e revela Jenny, uma das duas cozinheiras de sobremesas, segurando uma caixa de framboesas na mão. — Chef, temos um problema.

A cozinha está um caos atrás dela, corpos ocupados se movendo para se preparar para o jantar.

— As framboesas que foram entregues hoje estão azedas. Muito azedas.

Pego um da caixa, segurando-a no nariz. Ela está certa, elas estão muito mais azedas do que azedas, mas coloco na boca para ter certeza.

Merda. Estão ruins, e eu tenho uma mousse de chocolate branco com crémeux de framboesa no cardápio desta noite, uma que venho projetando nos últimos dois dias e preparando a tarde toda, menos a hora que levei para a entrevista com mais um blogueiro de comida.

— Todas elas estão assim? — eu pergunto.

— Todas. Talvez possamos trocar por um creme de amora? Essas também foram entregues hoje, mas parecem boas.

— Não. Não terá o perfil de sabor certo.

— Sim, Chef. — Os olhos de Jenny focam novamente em seus pés.

— Mas isso não é uma má ideia — eu rapidamente corrijo. — As amoras são um pouco azedas para esse prato, você está pensando rápido. Eu gosto disso.

Seus lábios se levantam ligeiramente nos cantos. — Obrigada, Chef.

Meus olhos se voltam para a caixa de peras que também foi entregue hoje. Elas são destinadas ao prato de pera escalfada que planejei para o jantar de terça-feira, mas posso descobrir o futuro mais tarde.

— Livre-se das framboesas. Diga à Chef Maven que vamos pegar a mousse e trocá-la pela sobremesa de pera escalfada que planejei para terça-feira. O suflê de pistache fica. E você se importaria de ir até o freezer e verificar o sorvete de chocolate?

— Sim, Chef.

— E, por favor, certifique-se de que a Chef Maven saiba por que estamos mudando o menu. Sua cozinha precisa de fornecedores confiáveis e este não parece ser um deles.

— Claro, Chef.

Violet e eu a seguimos para fora do walk-in e minha agente fica em meus calcanhares enquanto continuo a organizar minha estação.

Esta noite é meu quinto serviço de jantar no Luna's, restaurante da Chef Maven em Los Angeles. Durante a consultoria, normalmente não estou na linha, a menos que esteja atendendo a uma ligação, mas gosto de passar minhas primeiras semanas em um novo emprego bem aqui, no meio de tudo, descobrindo como eles se comunicam e quais são seus tempos.

Isso me ajuda a fornecer o cardápio para a cozinha.

— Violet, estamos prestes a iniciar o serviço — lembro a ela enquanto organizo minha estação.

Minha pilha de panos de prato limpos está exatamente onde eu gosto e minhas facas estão prontas e dispostas na ordem correta.

— Eu sei. Eu sei. Mas eu queria mostrar o layout da *Food & Wine*. Eles me

enviaram esta manhã. Parece incrível e as fotos ficaram fantásticas. Tudo está pronto. Eles só precisam adicionar sua entrevista e ela será enviada para impressão.

Violet está com o nariz voltado para o iPad mais uma vez, olhando seus e-mails para acessar o artigo.

— Vi, você se importaria de me mostrar mais tarde? Esta noite está meio frenética com uma sobremesa totalmente nova que eu não estava preparada para apresentar até o final desta semana.

— Claro, Chef. — Ela para o que está fazendo. — Você comeu hoje? Você precisa comer antes do rush.

Luna's oferece um jantar para a equipe todos os dias antes do início do serviço. Eu, no entanto, ainda não pude participar de um, visto que estou usando esse tempo de inatividade para ser entrevistada por qualquer um que queira um pedaço de mim.

— Vou comer alguma coisa.

Exceto que não estou com fome e não consigo me lembrar da última vez que estive.

Examino minha estação novamente, certificando-me de que Jenny e Patrick, os dois cozinheiros encarregados das sobremesas, tenham tudo pronto para esta noite.

Além da pera escalfada que precisa de um pouco de preparação, estamos prontos para ir.

Pela janela de passagem, vejo a Chef Maven se posicionando, minha deixa de que as portas estão prestes a se abrir e o serviço está prestes a começar.

— Violet, preciso ir trabalhar.

— Ok. Eu estou com seu telefone. Onde você quer isso?

— Você se importaria de deixá-lo na casa alugada? Fica a caminho de casa, certo? Não preciso dele esta noite.

— Eu faço isso! Tenha um ótimo serviço.

— Violet. — Aponto para meu telefone em suas mãos. — Alguma ligação ou mensagem importante?

Ela hesita. — Um e-mail importante, na verdade. O fotógrafo do ensaio da *Food & Wine* enviou por e-mail uma imagem que não foi editada para a revista. Você deveria dar uma olhada. É linda.

Meu coração afunda de decepção. Mais um dia sem notícias dele.

— Vou dar uma olhada mais tarde. Obrigada.

* * *

— Preciso de duas lagostas à bolonhesa durante todo o dia, — grita a Chef Maven em sua estação. — Jeremy, menos espuma de trufas na bolonhesa. Seu revestimento está ficando lotado.

— Sim, Chef.

— Chef Montgomery, você tem dois suflês chegando. Mesa seis e mesa dez.

— Sim, Chef. — Olho para a porta do forno, verificando a contagem que tenho no momento.

Maven dirige um navio rígido, mas não há uma pessoa em sua equipe que não seja de primeira linha.

Escolhi este restaurante porque estava ansiosa para trabalhar com Maven desde que ela organizou um seminário enquanto eu estava na escola de culinária. No entanto, esta noite é apenas a segunda noite em que tenho a oportunidade de trabalhar ao lado dela.

Descobri que Maven passa apenas duas noites por semana em sua estação, deixando seu segundo em comando cuidar do resto. Ela trabalha nos pedidos, nos cardápios e na preparação durante o dia e, em seguida, confia à sua linha o serviço de jantar enquanto volta para casa.

E eles arrasam. Todas as noites.

— Chef Montgomery, preciso de um Bananas Foster.

Pela primeira vez hoje, meu coração dá um pulo, minhas mãos congelam no prato em que estou trabalhando.

O Bananas Foster raramente é pedido. É a opção vegana fora do menu, refogada em molho de caramelo e servida com sorvete de caramelo vegano.

E não consigo ouvir o pedido sem pensar em Max, porque sim, algo tão simples como bananas me faz sentir falta dele e de nossos dias juntos na cozinha.

Só assim, sou levada de volta àquela despedida chorosa de sete dias atrás. Quanto doeu sair de Chicago depois de deixar todo mundo fora do estádio. Como os olhinhos azuis de Max começaram a lacrimejar, embora ele não tivesse ideia do motivo, apenas ao ver seu pai e eu chorando.

Estou convencida de que meu coração foi arrancado do peito e deixado com dois garotos a três mil quilômetros de distância, e a única coisa boa de estar tão ocupada com entrevistas e mudanças de menu, na maior parte do tempo, é conseguir desligar minha mente durante esses momentos e apenas trabalhar.

Enfiando a mão no bolso do casaco de chef, passo os dedos pelo cartão, sempre mantendo-o comigo. O cartão que eles me deram é o único cartão de aniversário que guardei em minha vida, nunca um cartão sentimental, mas aqueles dois garotos me arruinaram a tal ponto que não apenas eu o guardei, mas o mantenho tão perto quanto possível.

— Chef Montgomery? — Maven pergunta quando não respondo ao pedido

dela.

Tiro a mão do bolso e corro rapidamente até a pia para lavá-la. — Sim, Chef. Desculpe, Chef.

Com meu cabelo penteado para trás e meu casaco de chef no lugar, tento me concentrar na tarefa que tenho em mãos: passar por esse turno. Então faça isso novamente amanhã. Então, novamente, todos os dias depois disso, enquanto rezo para que essa saudade de casa comece a diminuir.

Usando a toalha sobre o ombro, limpo a borda do prato, entregando o Bananas Foster para Maven, que está do outro lado da janela de passagem.

— Lindo, Chef — ela diz, olhando para mim antes de eu retornar ao meu posto.

Ela não está errada. É impressionante. O problema não é mais que não consigo fazer meu trabalho.

O problema é que agora não quero.

* * *

A casa alugada que Violet providenciou para mim fica em Hollywood Hills, é ampla e cara, com janelas gigantes abertas para que todos no vale abaixo possam testemunhar o quão solitária estou.

Quando volto para cá depois de mais uma noite no restaurante, só acendo luzes suficientes para tomar um banho e um copo de água, pegando meu telefone do balcão antes de voltar para dormir na minha van estacionada na garagem.

Esta casa pode ser linda, mas está vazia sem os brinquedos de Max espalhados pela sala ou a louça empilhada na pia. É muito imaculada. Perfeita demais. Isso torna óbvio o quanto sinto falta deles.

A van é igualmente solitária, mas por ser um espaço tão apertado, posso

justificar que a falta de espaço é a razão pela qual Kai não está na cama ao meu lado.

Deus, eu sinto falta dele.

Sinto falta do seu cheiro, do seu sorriso – o cansado e o confiante. Sinto falta de seu apoio firme e de seu encorajamento esmagador. Sinto como se estivesse girando fora do eixo nos últimos sete dias, mas esse sempre foi o plano.

Eu sempre estaria aqui, sem ele.

O pouco tempo antes de dormir é a pior e melhor parte dos meus dias. É quando a solidão começa a afundar, porque é o único momento livre no meu dia para pensar neles, para me concentrar neles, embora haja uma dor no meu coração e um vazio nas entranhas a cada hora do dia por sentir falta deles.

Não nos falamos desde a manhã em que saí de Chicago. Meu pai me contatou a cada poucas horas da minha viagem de dois dias e, quando cheguei à Califórnia e lhe perguntei por que de repente ele decidiu se tornar um pai-controlador, ele simplesmente afirmou: *Kai me pediu.*

A comunicação só tornaria as coisas mais difíceis. Essa é a minha vida e aquela é a dele. Eu me permiti pensar que ela poderia ter sido minha também? Claro. Ainda estou querendo isso? Sim, com certeza, mas tenho responsabilidades aqui. Responsabilidades com as cozinhas para as quais estou programada e uma responsabilidade com meu pai de fazer algo impressionante com a vida que ele me deu. Também sou responsável por estar à altura do prêmio James Beard que ganhei. Responsável perante os editores que escolheram me colocar na capa de sua revista.

Deve ser assim que Kai se sente. Responsável por todos os outros, tentando constantemente fazer o certo para os outros e raramente escolhendo coisas para si mesmo.

No entanto, ele tomou uma decisão egoísta neste verão, e devo dizer que foi

a melhor coisa que já me aconteceu.

Subindo na cama, puxo as cobertas até o peito antes de verificar meu telefone pela primeira vez hoje.

Há algumas mensagens esperando por mim, mas antes de ler qualquer uma delas, vou direto para a Internet para encontrar os resultados do jogo de Kai hoje à tarde. Hoje foi sua segunda partida desde que parti, e seu último jogo não foi dos melhores.

E a julgar pelas manchetes, o de hoje foi pior.

Os Warriors perderam por cinco a dois e Kai foi eliminado no *terceiro* turno.

Um pequeno vídeo mostra o momento em que ele foi substituído por meu pai. Eles não aumentam o zoom o suficiente para eu ter uma imagem clara de seu rosto, mas consigo ler a linguagem corporal de Kai perfeitamente. Ele está chateado. Não louco, mas emocional. Meu pai acena para ele e Kai corre para fora do campo, direto pelo banco de reservas, para a sede do clube e fora do campo de visão da câmera.

Isso aí é minha culpa.

Ele não está bem por minha causa.

E por mais que eu possa fingir durante o horário de trabalho, também não estou nem perto de estar bem.

Lágrimas já estão queimando no fundo dos meus olhos quando minha atenção se volta para a foto emoldurada que Kai me deu de aniversário. Eu com a cabeça no colo dele e o filho dele dormindo ali no sofá também.

Eu sinto falta deles. Eu sofro por eles, e estou com raiva de Kai por me quebrar dessa maneira, por me fazer sentir quando passei tanto tempo da minha vida desapegada e livre.

Eu odeio amá-lo tanto.

Então, que mal há em uma simples mensagem? Uma rápida mensagem para lembrá-lo de que estou pensando nele.

Encontro minhas mensagens para fazer exatamente isso, mas a hora na parte superior do meu telefone me faz perceber que são quase três da manhã. Isso me faz lembrar que Kai me pediu para não lhe dar nenhuma esperança.

Isso me faz lembrar que o verão acabou.

Independentemente do adiantado da hora, recebo uma mensagem da Chef Maven.

Maven: *Desculpe por não termos nos cruzado muito esta semana! Pode me encontrar no restaurante amanhã de manhã para tomarmos um café e conversarmos sobre suas ideias para o cardápio?*

Lá se foi a manhã de folga que eu estava esperando. Mas provavelmente é melhor que eu não me dê tempo para pensar, porque pensar só faz com que eu sinta falta deles.

Eu: *Parece bom. Vejo você então.*

Finalmente, abrindo minhas outras mensagens, encontro as de Kennedy, Isaiah, Indy e meu pai.

Nada de Kai. Sua maneira de seguir em frente mais rápido, eu acho.

Eu poderia ficar doente só de pensar nisso. Eles com outra mulher em suas vidas, outra pessoa amando Kai e Max como eu amo. É isso que eu deveria querer para eles, certo? Ter tudo o que eu não posso lhes dar. Tudo o que eles merecem.

Então, por que estou aqui deitada chorando na cama só de pensar nisso?

Isso também é culpa dele. Eu nunca chorava. Não costumava sentir. Agora é como se uma represa tivesse sido rompida e é uma inundação ininterrupta que jorra de meus olhos quando não estou no trabalho. Nunca precisei de ninguém antes deles e agora estou aqui deitada, uma bagunça desesperada e soluçando no

meio da noite em Hollywood Hills, porque há um jogador de beisebol em Chicago e seu filho de quem sinto falta. Quem eu amo.

Que eu não posso ter por que nada em nossas vidas se encaixa.

Piscando os olhos em meio às lágrimas embaçadas, encontro a mensagem do meu pai.

Pai: *Tenho certeza de que você viu o resumo do jogo. Ligue-me algum dia para conversarmos. Estou com saudade de você, Millie.*

Não hesito em ligar para ele, precisando ouvir sua voz, precisando de alguém que me diga que tomei a decisão certa ao voltar ao trabalho, porque agora parece tudo errado. Sei que ele, entre todas as pessoas, achará impressionante o que estou fazendo. Ele achará que vale a pena.

O telefone toca até a ligação ir direto para o correio de voz porque, claro que vai. É meio da noite.

— Oi, pai — digo ao telefone, limpando a garganta na esperança de que ele não perceba que estou chorando. — Só estou ligando para dizer oi e que estou com saudade. Eu *realmente* sinto sua falta. Mas as coisas estão indo muito bem aqui. — *Deus, meu tom está dizendo que estou mentindo?* — Tenho minha entrevista com a *Food & Wine* amanhã à tarde, então... isso é emocionante. Sinto muito pelo jogo.

Tento tanto não perguntar, mas não consigo evitar. — Kai está bem? Espero que ele esteja. — Eu exalo uma risada triste. — Mas também espero que ele esteja sentindo muito a minha falta, porque estou sentindo falta dele. E de você. Sinto muito a sua falta, pai. Queria que você estivesse aqui, porque sinto falta de ver seu rosto. Eu me acostumei com isso neste verão, eu acho. Eu costumava ser muito melhor nessa coisa de viajar o ano todo. — *E estou divagando.* — De qualquer forma, ligue quando puder e com certeza atenderei. Eu amo você. Muito mesmo. Nós nos falamos em breve.

A solidão toma conta novamente quando desligo e fico deitada em minha van silenciosa, onde apenas o som dos meus soluços pode ser ouvido.

Odeio estar aqui, mas este momento de silêncio é o único lugar onde posso ser honesta sobre isso.

Encontro minhas mensagens novamente, esperando que algo de uma das minhas amigas faça minha autopiedade calar a boca por um segundo.

Kennedy: *Verificando como você está. Como está o restaurante? Isaiah não para de me mandar mensagens perguntando se deveria mudar sua música de saída e depois pergunta qual é minha música favorita, você sabe, caso ele queira usá-la. E eu sinto sua falta!*

Finalmente, uma risada genuína me escapa.

Isaiah: *Aqui com sua dose diária de Max. Ele aprendeu a dizer* duck *(pato) ontem, mas definitivamente pronúncia seus 'Ds' como 'Fs', então foi muito divertido ouvir isso. Gravei um vídeo para você. Sentimos sua falta, Hot Nanny.*

Ele anexa a isso um vídeo de Max sentado em seu colo no centro da sede do clube.

— Maxie, o que é isso? — pergunta Isaiah, apontando para o livro que estão lendo, que parece ser sobre um pato gigante.

— Um grande fuck! — Max proclama, muito orgulhoso de si mesmo.

O clube explode em gargalhadas ao redor dele, e Max apenas fica sentado lá, batendo palmas, e o resto do time se junta para aplaudir também.

Rapidamente, a câmera se volta para Kai, que está sentado em seu armário balançando a cabeça, um pequeno sorriso lutando para aparecer antes que o vídeo termine abruptamente.

Assisto novamente com um sorriso no rosto, vendo Cody, Travis e Kennedy ali, mas então pauso o vídeo sobre Kai. Mesmo quando está triste, ele é devastadoramente bonito.

Desço até a segunda mensagem de Isaiah.

Isaiah: *Qual você acha que é a música favorita de Kennedy?*

E, por último, uma mensagem de Indy.

Indy: *Sentimos falta de você e de suas sobremesas no jantar em família esta noite. Mas principalmente sentimos sua falta! Eu gostaria que você estivesse aqui no próximo fim de semana.*

Indy e Ryan vão se casar no próximo fim de semana. Gostaria que minha agenda me permitisse ir, mas vou mandar um presente para eles na minha ausência.

Pela primeira vez na minha vida tenho amigos. Tenho pessoas pelas quais sofro, pessoas de quem sinto falta. Pessoas que estão a trinta minutos de carro umas das outras enquanto estou aqui, do outro lado do país, tentando fazer meu nome nesta carreira em torno da qual uma vez girei toda a minha vida.

Não sei o quanto tanta coisa pode mudar em oito semanas. Não parece possível. E não parece razoável tomar decisões precipitadas com base nesses curtos dois meses. Mas a decisão que tomei de voltar ao trabalho, uma decisão baseada em anos de trabalho árduo, parece errada. Mas também parece uma decisão que não posso mudar.

Saindo da cama, pego a foto emoldurada que Kai me deu de aniversário e a levo para minha cama. Deixo-a ali ao lado do travesseiro, porque estou triste e patética e não sei como lidar com todas essas emoções recém-descobertas.

Esta foto é tudo que tenho de Kai e Max enquanto estou perseguindo um sonho que parece mais um pesadelo quanto mais tempo fico longe deles.

CAPÍTULO 39

Miller

Acordo, reorientando-me.

Estou em Chicago.

Na cama de Kai.

Um sorriso imediatamente floresce em meus lábios até eu piscar para afastar o sono, olhando em volta, procurando por ele.

Só que não estou na cama dele. Estou na minha van.

Estou em Los Angeles.

Meu estômago se retrai, assim como no primeiro dia sem ele, porque todas as manhãs, quando acordo, percebo que estou a três mil quilômetros de distância.

A percepção de que hoje não estarei assando na cozinha deles, não ouvirei o incentivo de Kai, não o beijarei. E não estarei brincando ao ar livre com Max à tarde. Estarei no Luna's para me encontrar com Maven e discutir as mudanças no cardápio.

Esticando-me, rolo para fora da cama, mas quando meus pés atingem o chão, o mesmo acontece com a foto emoldurada com a qual dormi, que se espatifa com um estalo incontestável.

Não, não, não. Estou muito frágil para isso agora.

Com cuidado, eu pego a foto. O vidro da moldura está completamente estilhaçado, com o centro da rachadura caindo bem em cima do meu rosto.

Isso parece apropriado.

Um gemido patético sobe pela minha garganta, porque, *sim*, agora eu sou a pessoa que chora por uma moldura quebrada. Acho que é isso que acontece quando você começa a se apegar.

Cuidadosamente, eu a coloco de cabeça para baixo no balcão, prometendo comprar uma nova moldura no caminho de volta da minha reunião com a Maven. Solto os pinos, afrouxando a parte de trás da moldura para que eu possa puxar a foto, esperando que não tenha se arranhado na queda.

E, ao desmontar a coisa, a letra de Kai aparece, bem ali no verso da foto.

Nossos nomes – *Max, Miller e Malakai* – estão acompanhados da data e do ano, com uma pequena inscrição abaixo.

Espero que você esteja por aí encontrando sua felicidade, pois foi por sua causa que encontramos a nossa.

E, sem mais nem menos, no oitavo dia, estou destruída de novo.

* * *

— Acompanho sua carreira desde que estava na faculdade de gastronomia — admito como a fã que sou. — Você fez um seminário de quatro dias sobre brioche. Misturar, moldar, fermentar, assar, tudo isso, e acho que nunca fiquei tão entusiasmada com pão antes.

— Eu lembro disso. Acho que ganhei uns trinta quilos andando pelo país e dando aquela aula. — Maven leva o café expresso aos lábios. — Você é impressionante, Chef. Gostei de ver você na estação ontem à noite.

— Assim como você. Sua estação é... bem treinada. — Sopro meu *chai tea latte*, ajudando-o a esfriar.

— Eles são os melhores e estou ansiosa para que você se junte a nós nos próximos três meses. Mal posso esperar para ver que tipo de mudanças você está pensando para o cardápio de sobremesas.

Pego meu caderno e caneta, colocando-os na mesa entre nós. As páginas estão repletas de ideias sobre como incorporar todas as frutas frescas do outono da Califórnia. Não sei se foi a inspiração que me atingiu desde que cheguei aqui na semana passada, mas sim o medo de permitir que minha mente fique quieta. Para permitir-lhe espaço para sentir falta de tudo o que deixei para trás.

— Há um prato de romã em meu cérebro que mal posso esperar para fazer — eu explico enquanto Maven folheia as páginas do meu caderno.

— Por que você não abriu sua própria confeitaria? Com o seu nome no projeto, haveria uma fila no quarteirão.

— Eu, uh... nunca senti vontade de ficar no mesmo lugar por tempo suficiente para fazer isso. Eu gostava de morar em uma nova cidade a cada três meses.

Ela balança a cabeça, continuando a folhear minhas anotações. — Você ainda gosta disso?

— Huh?

— Você disse *gostava*. Você ainda gosta disso?

Seus olhos castanhos levantam-se das páginas e me encontram sentada em silêncio.

Tomo um gole do meu chai. — Não vou mentir, perdeu um pouco do brilho.

Ela ri, fechando o caderno e deslizando-o de volta para o meu lado da mesa. — Meu conselho, depois de vinte anos no ramo, pare de dar seu brilho a outras pessoas. Coloque seu nome nele e seja dona dele. — Ela leva o café expresso de volta aos lábios, sorrindo por trás da pequena xícara. — Depois que você terminar de doar um pouco para mim neste outono, é claro.

Rindo, coloco meu caderno de volta na bolsa.

— Desculpe, não tivemos a chance de nos sentar assim ainda — ela continua. — Você sabe como o tempo de preparação é agitado e tenho certeza de que notou que só trabalho dois turnos de jantar por semana.

Quintas e domingos, para ser exata.

— Shannon, sua segunda no comando, também é ótima. A cozinha realmente a respeita.

— Ela é uma salva-vidas, tendo alguém em quem confio tanto para comandar as coisas enquanto não estou aqui. Quando decidi abrir o *Luna's* depois que minha filha nasceu, prometi a mim mesma e à minha família que o trabalho ficaria em segundo lugar. É um equilíbrio difícil de ter. Este ramo não é favorável às famílias, como tenho certeza de que você sabe.

— Ah, estou bem ciente.

— Mas eu adoro isso. — Ela gesticula pela sala de jantar. — Administrar uma cozinha, moldar um cardápio. Confiar na minha equipe é a maneira de ter os dois. — Ela termina seu café expresso, afastando o pires dela. — Então, qual é a sua parte favorita de tudo isso, Chef? É o caos? A satisfação de passar uma noite agitada? A criatividade? Qual é o seu porquê?

Não há hesitação quando digo: — Alimentar as pessoas que amo.

Maven se engasga com a própria saliva ao rir. — Então o que diabos você está fazendo aqui? Eu não saberia contar a última vez que cozinhei para uma pessoa querida. Agora é só crítica e bons restaurantes... como eles se chamam? *Gourmets?* Mas é disso que mais gosto, alimentar as pessoas que querem *esse* tipo de comida.

Não respondo, usando meu chai para manter a boca ocupada.

— Esse seu pequeno hiato de verão — Maven preenche o silêncio. — Você foi nomeada Melhor Confeiteira do Ano e desaparece. Você deixou o mundo da

comida agitado, Miller, e estou honrada em ser sua primeira cozinha de volta. Mas você tem que me dizer, o que diabos foi isso?

Devo contar a ela a verdade sobre o esgotamento e a pressão? Ela vai me desprezar por isso? Julgar? Usar isso contra mim?

Eu ajo com cautela, mas honestamente. — Eu estava me sentindo um pouco esgotada.

— Já? — ela levanta uma única sobrancelha.

Eu tiro meus olhos dela.

— Cheguei a esse ponto há cerca de quatro anos. É verdade que, na época, eu já tinha quinze anos nisso. Saí e tive minha filha. Encontrei nela uma nova paixão pela vida, mas ainda tinha essa dor de estar aqui também. — Ela bate o dedo na mesa, referindo-se ao seu restaurante. — Você se importa se eu lhe der um conselho? De uma chef velha para uma jovem chef?

Eu rio. — Você não é velha, mas sim, por favor, diga.

— Se você sentir que realmente perdeu a paixão por isso, desista. Sua comida nunca atingirá seu potencial, porque *você* nunca atingirá seu potencial. Esta carreira não é para os fracos de coração. Você será espancada na estação, dia após dia. Você sabe disso. Mas se você está questionando se tomou a decisão certa, você já tomou a decisão errada. Encontre sua paixão, Miller. Descubra o que deixa você animada para acordar todas as manhãs e se não for isso, vá embora.

Bem, foda-se, sou tão óbvia?

— É nisso que sou boa.

— Oh, você é brilhante nisso. Mas você sabe o que é melhor do que ser a melhor em algo que você não ama? Ser medíocre em algo que você ama.

— Realmente não é tão fácil, Chef. Tenho uma lista de espera de quatro anos de cozinhas para as quais estou agendada, assim como esta.

— Você tem contratos assinados? Já envolveram valores?

— Apenas acordos verbais.

Ela me acena como se dissesse que eu não devo nada a ninguém apenas com um contrato verbal.

Não tenho muito mais a acrescentar a esse trecho da conversa, porque minha mente deu cambalhotas durante todo o verão, sabendo que algo estava errado há um bom tempo.

— Tudo bem, garota da capa da *Food & Wine*. — Maven bate palmas, colocando as grandes questões em pausa. — Preciso saber sobre essas receitas ultrassecretas. E onde você tirou a foto da capa? Eles ligaram para pedir minha permissão para filmar aqui, mas depois ligaram de volta para dizer que tinham um set em Chicago.

Um set em Chicago. Eu poderia rir. Eles tinham uma bela cozinha na casa de alguém com uma criança correndo.

— Eu estava ajudando meu pai neste verão em Chicago. Ele é treinador de beisebol e seu arremessador titular tem um filho que precisou de uma babá por alguns meses. Tiramos as fotos na cozinha dele. Na verdade... — Tiro meu telefone do bolso. — Violet enviou o layout do artigo. Eles só precisam acrescentar o resumo da entrevista que faremos esta tarde.

Maven e eu aproximamos nossas cadeiras enquanto folheio meus e-mails e encontro aquele que Violet encaminhou. Assim que eu o abro, a foto da capa toma conta da tela.

Está desfocada no fundo, mas está lá. A cozinha onde guardei tantas lembranças. Estou diante dela, com o jaleco de chef no lugar e os braços cruzados sobre o peito.

Mas a parte mais alarmante desta foto é como pareço infeliz. *Ninguém mais percebeu quando escolheu esta foto?*

— Uau — Maven exala. — Foto impressionante, Miller.

Não respondo, rolando para baixo para encontrar as imagens das minhas sobremesas e as receitas que as acompanham. Tem mais fotos minhas, batendo e quebrando um ovo. Pareço igualmente infeliz.

— Ah — Maven se admira. — Precisamos apresentar aquele cilindro de chocolate amargo neste outono.

A sobremesa que pensei quando estive em Boston com Kai.

E mais uma vez, tenho vontade de chorar, desmoronar, dissolver-me em nada, porque ele está em todo lugar.

Ele estava tão preocupado em perceber minha ausência em sua casa, mas estou a três mil quilômetros de distância e aquele homem está presente em todos os momentos da minha vida.

Como ele deveria estar.

Eu me afasto, tentando recuperar minha excitação.

— Violet disse que o fotógrafo enviou as fotos que não foram escolhidas. Tenho certeza de que há mais ângulos de sobremesas lá também. O cheesecake de mussarela ficou lindo.

Em meus e-mails, encontro a mensagem do fotógrafo com o assunto que diz: — *Achei que você deveria ficar com esta.*

Clico, deixando-a carregar, mas assim que o faz, percebo que não há fotos das sobremesas. Nenhuma foto de ação ou foto da cozinha.

Apenas uma foto está anexada. Eu com meu jaleco de chef segurando Max com um sorriso tão grande que meus olhos são quase inexistentes. Ele está igualmente feliz em meus braços, com um grande sorriso, e eu olho para ele como se ele fosse tudo o que estava faltando na minha vida.

Isso deve ter sido quando Max entrou no set, pouco antes de Sylvia me

chamar por ousar amassar meu avental.

É inegável a alegria no meu rosto nesta foto comparada com aquela que aparece na capa.

— Esse é seu filho? — pergunta Maven, olhando para a tela por cima do meu ombro.

— Oh — eu me assusto, esquecendo por um momento que ela estava aqui. — Não. Este é o Max. O garotinho de quem eu era babá.

— Interessante.

— O quê?

— Você olha para ele do mesmo jeito que eu olho para Luna: minha filha, não o restaurante.

* * *

Com meu novo porta-retratos em mãos, agradeço ao motorista do Uber quando ele me deixa na frente da casa alugada em Hollywood Hills. Estacionar é uma verdadeira merda em Los Angeles, então tenho compartilhado caronas e deixado minha van estacionada na garagem daqui.

O motorista sai e eu olho para cima e vejo um homem gigante sentado nos degraus da frente, os cotovelos tatuados apoiados nos joelhos.

— Pai? — eu pergunto.

Seu sorriso cresce. — Oi, Millie.

— O que você está fazendo *aqui?*

— Recebi sua mensagem de voz esta manhã. Você parecia precisar de mim.

Concordo rapidamente com a cabeça, acelerando o passo para encontrá-lo nos degraus. — Eu preciso.

Ele me envolve em um abraço grande e reconfortante. Um abraço que me faz sentir em casa depois de dizer a mim mesma por tanto tempo que não tinha uma.

— Senti sua falta, minha garota — ele diz em meu cabelo.

— Senti sua falta.

Depois de convencer a ele e a mim mesma da minha independência, como se eu pudesse passar a vida sozinha, com certeza é bom admitir o quanto preciso dele.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto, afastando-me rapidamente para poder vê-lo. — Max está bem? Kai?

— Eles estão bem. Não é por isso que estou aqui.

— Você não tem beisebol?

— Folga. Temos um jogo amanhã, então preciso voltar ao aeroporto depois dessa conversa.

— Que conversa?

Ele aponta para o degrau mais alto e nós dois nos sentamos.

— Já tivemos essa conversa algumas vezes ao longo da sua vida, Miller, mas acho que nunca foi realmente assimilada. Espero que isso aconteça agora.

Ele entrelaça as mãos, apoiando os cotovelos nos joelhos. — Quando sua mãe morreu...

— Pai, não precisamos conversar sobre isso.

— Nós precisamos. — Ele inspira profundamente, começando de novo. — Quando sua mãe morreu, eu tinha a carreira dos meus sonhos.

— Eu sei.

— O que eu *achava* que era a carreira dos meus sonhos — ele corrige. — Até que o trabalho dos meus sonhos entrou na minha vida e, de repente, tudo que eu queria era ser o que você precisasse. Eu não me importava mais com beisebol.

Não pensei duas vezes sobre o que poderia ter sido. Tudo o que vi foi uma garotinha de olhos verdes que olhou para mim como se eu fosse o mundo dela...

Ele balança a cabeça. — ... nunca, até hoje, considerei nosso relacionamento ou como nossa família se tornou um sacrifício. Foi um privilégio ser seu pai.

Sua voz falha um pouco na última palavra, então deslizo a palma da mão sobre seu ombro, descansando minha cabeça ali.

— Você se lembra da primeira vez que me chamou assim? — ele pergunta.

Eu balanço minha cabeça. Ele sempre foi meu pai. Não consigo me lembrar de uma época em que ele não fosse.

— Foi o primeiro Dia das Mães depois que sua mãe faleceu e uma mãe da sua turma do jardim de infância estava oferecendo um chá de Dia das Mães para todas as mães. Eu era tão novo, assumindo esse papel e não sabia como lidar com isso. Fiquei chateado por ela ter oferecido algo assim quando sua mãe tinha morrido há apenas alguns meses. Então, quando todas as outras mães entraram na sala de aula naquele dia, eu entrei também e me sentei ao seu lado.

Eu solto uma risada. — Você estava usando um chapéu gigante com flores roxas. Eu lembro disso.

— Bem, claro. Era uma festa do chá. Um chapéu era um requisito para uma festa do chá e todas as mães estavam usando isso, então eu também usei um.

Eu derreto ainda mais em seu ombro.

— Todas elas olharam para mim como se eu estivesse completamente louco, mas eu apenas fiquei ali sentado, tomando chá, comendo biscoitos e me deleitando com o sorriso que você tinha no rosto. — Ele balança a cabeça, sua primeira lágrima caindo no cimento. — Esse se tornou meu novo sonho, ver aquele sorriso todos os dias.

— ... Havia uma mãe que era muito ruim. Ela era a anfitriã de tudo e olhou diretamente para você e perguntou quem eu era em um tom tão óbvio que ela

achava que eu não deveria estar ali, mas você não percebeu nada disso. Você simplesmente deu uma mordida em um daqueles pequenos sanduíches de pepino, olhou bem nos olhos dela e disse: Este é o meu pai. Foi a primeira vez que você me chamou assim e, depois da festa do chá, chorei no banheiro da sua escola por uns bons trinta minutos.

Meus olhos ardem. — Você nunca me disse isso.

Ele inclina a cabeça, dando um beijo rápido no meu cabelo. — Foi um dos melhores dias da minha vida. Um dos mais assustadores também, porque esse nome tem muito peso. Tanta responsabilidade. E tudo que eu queria fazer era viver de acordo com isso.

Meu estômago é um buraco. Eu sei exatamente como ele se sente.

— Kai me contou como Max chamou você.

Levanto minha cabeça de seu ombro para olhar para ele. Nariz vermelho e olhos brilhantes.

— É difícil saber se você está fazendo jus ao nome. Não há testes nos quais você possa passar ou marcas de seleção que você possa buscar. E para alguém como você, alguém que perseguiu títulos como forma de provar a si mesma... — Ele faz uma pausa. — Ou para *me* provar que você realizou algo, tenho certeza de que é ainda mais assustador. Você é uma arremessadora All-American, ganhadora do James Beard, mas nunca ganhará o título de Melhor Mãe porque esse prêmio não existe. Você só pode tentar o seu melhor e esperar que seja o suficiente.

— Eu não sei como... — Eu balanço minha cabeça. — Não tenho ideia de como ser mãe de alguém. Eu deveria ficar lá por apenas dois meses.

— Você acha que eu tinha alguma ideia de como ser pai? — ele pergunta em refutação. — Eu estava tão fora da minha zona de conforto. Eu deixei de jogar beisebol na liga principal e passei a fazer tranças no seu cabelo para levá-la à

escola todas as manhãs. Você acha que eu sabia como fazer isso? De jeito nenhum. Tive que pedir a nossa vizinha que me ensinasse. Eu não tinha ideia de como lidar com mães ou garotas malvadas na escola, e nem me fale sobre como fiquei apavorado quando você teve sua primeira menstruação e me pediu para levá-la à farmácia. Minha pesquisa no Google foi, na melhor das hipóteses, questionável, porque eu estava tentando encontrar as respostas para as perguntas que sabia que você teria.

Nós dois rimos disso. Fale sobre um dia estranho.

— Ou quando você estava triste por sentir falta da sua mãe, Millie. Eu estava com tanto medo de dizer a coisa errada.

— Você foi perfeito, pai. Você sempre pareceu tão confiante. Como se soubesse exatamente o que fazer. Eu não tinha ideia de que você estava com medo.

— Eu só fui descobrindo à medida que prosseguia. Um dia de cada vez. Sempre tive apenas um objetivo quando se tratava de ser seu pai, que era garantir que você encontrasse sua felicidade.

Espero que você esteja por aí encontrando sua felicidade, porque você é a razão pela qual encontramos a nossa.

As palavras de Kai escritas no verso da nossa foto de família.

Meu pai cutuca seu ombro no meu. — Não estou dizendo o que você deve ou não fazer da sua vida. Só não quero que você tenha tanto medo de falhar em algo novo que isso a impeça de encontrar sua felicidade, quando você é a razão pela qual encontrei a minha.

— Nossa, pai. — Levantando a gola da camisa, uso-a para limpar o rosto. — Pensei que você me ligaria de volta hoje e me diria o quão orgulhoso você estava

de mim por ter feito essas coisas grandes e impressionantes na minha vida. Não pensei que teríamos essa conversa.

— Sempre fico impressionado com você, você sabe disso. Realmente não é preciso muito. Quando você era criança, você tinha um Lego enfiado no nariz e eu achava isso impressionante. — Ele ri sozinho. — Mas existem outros caminhos na vida que são igualmente grandes e impressionantes. Você não precisa que todos saibam seu nome para que isso signifique que você está fazendo algo ótimo em sua vida. Acredite em mim, quando a pessoa certa sabe o seu nome, é o suficiente. — Ele cutuca seu ombro em mim. — Ou no seu caso, quando as *pessoas certas* sabem seu nome. Duas, para ser exato.

Kai e *Max*.

— A propósito, isso é besteira — digo, apontando para meu rosto encharcado de lágrimas. — Esta é a pior parte de aprender que você tem sentimentos.

Ele sorri, passando o braço em volta dos meus ombros. — Isso é amor, querida.

— Eu não acho que o amor deva ser assim. É muito opressor. Muito desgastante. Não sei como as pessoas passam a vida dessa maneira.

— Isso porque você, minha menina, apaixonou-se por duas pessoas ao mesmo tempo. Eu estive lá. Isso é muito.

Respiro fundo, estremecendo, tentando me recompor.

— Miller, quando você pensa em Max, o que você quer para o futuro dele?

— Eu só quero que ele seja feliz.

— Você esperaria que ele retribuísse por amá-lo?

— Claro que não.

Ele olha para o céu, o sol batendo em seu rosto sorridente. — Exatamente.

Já tivemos essa conversa antes, mas ela não foi assimilada até hoje. Não me

identifiquei com ela até hoje.

— Acho que você entende — ele continua. — Deixar minha carreira para me tornar seu pai não parece um grande sacrifício agora, não é?

Eu balanço minha cabeça. — Não quando estou pensando em fazer o mesmo.

Ele se vira para mim, olhos castanhos suaves, olhando para mim como se eu fosse o seu mundo inteiro. Eu entendo esse sentimento mais do que jamais pensei que entenderia.

— Vá encontrar sua felicidade, Miller.

* * *

Quando volto para o *Luna's* para minha entrevista com a *Food & Wine,* tenho um sorriso irritantemente vertiginoso no rosto e muita clareza em minha mente.

Saio da cozinha para me sentar em frente à entrevistadora, cruzando uma perna sobre a outra. Apertamos as mãos e nos apresentamos.

— Sinto-me honrada por ter conseguido esta entrevista com você, Chef — diz ela. — Eu estava ansiosa por isso.

— Estou ansiosa por isso também.

— Com o restaurante fechado esta noite, você tem algum grande plano depois que terminarmos?

— Sim — admito com um sorriso. — Vou ver um garoto. Dois garotos, na verdade.

CAPÍTULO 40

Kai

Com Max já afivelado no banco de trás e o motor da minha caminhonete ligada, Isaiah finalmente chega a minha casa.

— Ele está vivo — meu irmão observa enquanto pula no banco do passageiro da minha caminhonete.

— Por muito pouco.

Isaiah ri. — Bem, parece que você tomou banho, então é um bom começo.

Meu irmão se vira para dizer oi para meu filho enquanto saio da garagem e começo a curta viagem até a casa de Ryan.

— Qual é o tamanho deste casamento? — ele pergunta.

— É pequeno. Cinquenta pessoas, acho que Ryan disse.

— Pena que Miller não pôde comparecer.

Se minha caminhonete reagisse da mesma forma que meu corpo ao ouvir o nome dela, estaríamos parados, congelados no meio desta rua.

— Eu não quero falar sobre ela. — Meu tom muda.

Não quero pensar nela. Eu não quero sentir falta dela. Isso é tudo que consegui fazer nos últimos treze dias.

Ao meu redor, vejo a confiança habitual de Isaiah vacilar. Ele é uma alma sensível e eu sei disso melhor do que ninguém.

— Desculpe — eu exalo. — Eu não queria brigar com você. Estou exausto e realmente sinto falta dela.

— Ela também sente sua falta, Kai.

Minha atenção se volta para ele antes de me concentrar novamente no caminho à minha frente. — Você está presumindo ou sabe disso como um fato?

Meu irmão hesita. — Fato.

— Você falou com ela? — *Por que que porra é essa?* Eu nem sequer falei com a mulher por quem estou impotentemente apaixonado.

Ele levanta as mãos em sinal de confirmação. — Sim, ok? Falei com ela todos os dias desde que ela partiu, mas não estava fazendo isso pelas suas costas. Antes de partir, ela me pediu para mantê-la atualizada sobre Max. Então é isso que tenho feito.

Ela queria ser mantida atualizada sobre meu filho? Claro, ela queria. Minha garota ama meu garoto.

— Não fique bravo comigo — continua Isaiah.

Balanço a cabeça, tentando aceitar que meu melhor amigo falou com a mulher com quem passei todos os últimos treze dias me torturando por não ter notícias nem falar. — Eu não estou. Estou feliz que você esteja fazendo isso. Ela merece saber como ele está.

— Ela tenta não fazer isso, mas algumas vezes ela comete um deslize e pergunta sobre você.

— E o que você diz?

— Que você está indo bem. Que está arrasando. Que não está se afundando em autopiedade e não tem uma rotina alimentar e de sono realmente discutível no momento.

Eu atiro nele com um olhar inexpressivo.

— Eu digo a ela que você também sente falta dela — ele admite. — Não atire no mensageiro.

— Não, está tudo bem. Ela deveria saber que sinto falta dela.

Ela deveria saber que não sei fazer nada *além* de sentir falta dela.

Isaiah hesita, mas percebo, pela tensão persistente no carro, que ele quer dizer mais alguma coisa.

— O que é? — eu pergunto.

— Todo mundo está preocupado com você, Kai. A equipe, seus amigos.

— Eu vou ficar bem. Não se preocupe comigo. Isso não é sua responsabilidade.

Ele ri sem humor. — Então essa é sua responsabilidade também? Você vai cuidar disso como sempre faz? Que tal você parar de ser um maldito mártir e pedir ajuda, hein?

Sua voz se eleva com frustração, e meus olhos arregalados se voltam para ele mais uma vez, só que desta vez com surpresa.

— Uau. O que há com você, cara?

— Estou frustrado. Com você e comigo mesmo por não ter percebido antes. Você passou toda a sua adolescência fazendo biscates para me alimentar e nunca me pediu para conseguir meu próprio emprego para ajudar. Você descobriu como me levar até o ensino médio e entrar na faculdade sem um centavo em nossos nomes, ficando perto de casa para que eu pudesse morar com você. Então, quando a vida lhe deu novas responsabilidades... — ele gesticula para meu filho sorridente no banco de trás — ... a quem sim, amamos e por quem somos tão gratos, você ainda não pôde me pedir ajuda.

— Eu apenas... — Balanço minha cabeça. — Eu não queria que você ficasse sobrecarregado com nada disso. Eu só queria que meu irmão mais novo fosse feliz.

— E você? Por que você não pode ser feliz? Por que você não me pediu para ajudar Max neste período de folga para que você pudesse passar um tempo com

Miller?

— Porque...

Bem, não sei exatamente por que não o fiz.

— Deus, vocês dois são tão irritantes com essa necessidade constante e culpada de fazer tudo pelos outros.

— O que você está falando? — A culpa de Miller em relação à sua adoção não é de conhecimento comum, e eu com certeza não compartilhei a informação.

— Você e Miller fazem coisas por culpa e isso é irritante. Você, porque não queria que eu sentisse os efeitos da morte da mamãe e da partida do papai. E Miller, porque ela está tentando fazer todas essas coisas grandes para compensar Monty.

— Ela contou isso a você? Sobre o relacionamento deles?

— Não, um cara da equipe de Atlanta foi até ela no Dia da Família algumas semanas atrás. Foi estranho, como se ele estivesse bravo todos esses anos depois, porque Monty desistiu e ele meio que a culpou. Eu juro, Kai, havia uma parte dela que hesitava em partir no dia seguinte. Eu vi, mas acho que aquela conversa solidificou a decisão dela de voltar ao trabalho.

E assim, uma quantidade patética de esperança floresce.

Espero que isso seja irresponsável, porque não muda nada em nossa situação. Miller se foi e eu estou aqui.

— E — ele continua. — Estou meio rabugento porque não transo há quase dois meses. Eu entendo perfeitamente por que você costumava ser um idiota tão mal-humorado. Tornar-se um homem mudado é uma merda.

Eu solto uma risada, a tensão se dissipando até que meus olhos caem para o banco de trás onde Max está.

— Você realmente me ajudaria com ele durante a folga para que eu pudesse

descobrir um horário para ir ver Miller?

Ele zomba com um sorriso. — Claro, Kai. Eu faria qualquer coisa por você. Você é meu irmão.

— Vamos só... — Balanço a cabeça, mais esperança do que senti em duas semanas fluindo através de mim. — Vamos passar esta temporada e podemos resolver o resto depois.

— Combinado.

Dou uma espiada em sua direção. — Amo você, Isaiah.

— Sim, sim. — Ele ri. — Também amo você.

* * *

Não há muito espaço para estacionar na casa de Ryan e Indy. Embora a lista de convidados seja pequena, ainda é muito maior do que a entrada da garagem permite, então deixo a caminhonete a alguns quarteirões de distância e nós três caminhamos até a casa deles.

Há bufês e coordenadores circulando por toda parte. Embora essa cerimônia seja íntima, fica claro que nenhuma despesa foi poupada.

Seguimos para o quintal, onde um arco de flores serve de ponto central para a cerimônia. Cadeiras brancas ladeiam os dois lados, deixando um corredor central que também está totalmente coberto de pétalas de flores nos tons rosa e roxo.

O quintal é um grito de Indy, com todas as cores brilhantes e femininas.

Parece que não há lados definidos, então escolhemos um lugar três fileiras atrás e aguardamos o início da cerimônia. Max senta-se no meu colo com sua camisa social e gravata borboleta, sorrindo e acenando para as poucas pessoas que se aproximam para cumprimentá-lo. Reconheço a maioria das pessoas

presentes.

Alguns dos colegas de equipe de Ryan eu conheci em reuniões na casa dele. Um dos colegas de equipe de Zanders e sua esposa que também estiveram lá. Os pais de Ryan e Indy, que acabei conhecendo.

Por fim, há um homem de pé ao lado direito do arco de flores, mas não no centro, onde se espera que esteja o oficiante.

A música começa e Ryan é o primeiro a entrar, encontrando seu caminho até o centro do arco. Em contraste com a lavanda e os tons pastéis de rosa atrás dele, Ryan veste-se todo de preto. Sapatos pretos, terno preto. Gravata preta.

Não poderia ser mais apropriado para ele.

A multidão aplaude quando Ryan toma seu lugar e ele dá um pequeno gesto de punho em resposta, dando o tom da casualidade do dia.

Zanders e Ethan, um dos colegas de equipe de Ryan, tomam seus lugares na frente, atrás dele.

Do meu colo, meu filho acena para eles e cada um deles responde com um aceno animado.

Então a música muda e toda a nossa atenção se volta para a porta dos fundos da casa e, quando ela se abre, Rio, vestindo um terno cor de lavanda, camisa branca e gravata cor de lavanda, sai como se esse dia fosse para ele e somente para ele.

A multidão vibra enquanto ele caminha lentamente pelo corredor.

Minha atenção se volta para Ryan na frente, que está simplesmente parado ali, balançando a cabeça com um sorriso não tão reprimido nos lábios.

Rio continua animando o público e, quando chega à frente, abraça Ryan. Sabendo o quanto ele ama o cara, tenho quase certeza de que ele está perdendo a cabeça ao saber que está no casamento de Ryan Shay.

Em seguida, Stevie, com a mão sob a barriga enquanto sorri aquele sorriso doce de Stevie, caminha até o altar. O noivo dá uma olhada por cima do ombro para Zanders, que está observando a irmã de Ryan como se ela fosse o seu mundo.

Quando ela chega à frente, abraça seu irmão gêmeo por um longo tempo antes de tomar seu lugar diretamente sob o arco de flores, mas um pouco atrás de onde Ryan e Indy estarão.

A música muda e todos nós nos levantamos quando Indy, usando seu vestido branco, aparece com o pai ao seu lado.

— *Uau* — eu sussurro para Max. — Indy parece uma princesa, hein?

Dos meus braços, Max bate palmas animadamente para sua entrada.

Ela está linda. O sorriso incrivelmente feliz em seu rosto contrasta com seu futuro marido parado na frente e chorando como uma vadia. É verdade que ele está rindo de si mesmo por ser emotivo e até mesmo Indy está dando uma bronca nele, porque Ryan costumava ser o homem menos emotivo que eu conhecia.

Agora, ele está chorando e soluçando sobre o quão feliz ele está.

Ela olha apenas para ele durante toda a caminhada e quando ela e seu pai encontram Ryan na frente, eles não falam com suas vozes. Em vez disso, Ryan sinaliza algo, o pai de Indy sinaliza de volta, os três riem antes que o pai dela abrace seu futuro genro, deixe a filha com ele e se sente.

O homem que estava parado ao lado se aproxima, usando as mãos para interpretar tudo o que Stevie tem a dizer enquanto ela oficializa. Ryan e Indy falam com voz e mãos o tempo todo.

Eu não poderia estar mais feliz por eles. Não consigo pensar em duas pessoas melhores, mas há uma parte egoísta em mim que sofre ao vê-los fazer seus votos e voltar como marido e mulher.

Por mais bonito que seja, isso poderia ser usado como uma forma de tortura.

Está passando por um coração partido? Veja seus amigos felizes se comprometerem a viver um com o outro.

Isaiah me dá um tapinha nas costas depois que tudo está feito. — O que você acha de irmos tomar uma bebida?

— Sim, por favor.

* * *

Max foi um soldado durante a recepção, tirando um cochilo rápido sobre mim durante os brindes. O discurso do padrinho Zanders fez todo mundo rir, e o discurso da dama de honra Stevie foi doce e sentimental. Os recém-casados tiveram uma primeira dança antes que o restante dos convidados se juntasse a eles.

O sol se pôs, as luzes sobre a pista de dança iluminam o suficiente para que se possa enxergar, mas são fracas o bastante para que o ambiente fique temperamental e romântico. As bebidas estão fluindo; a comida é deliciosa.

Meu irmão tomou para si a responsabilidade de dançar com todas as mulheres do local, bem ciente, desde o lançamento do buquê, de que as únicas mulheres solteiras aqui são viúvas idosas. De qualquer forma, Isaiah faz a noite delas, girando-as pela pista de dança.

— Ei, Max! — Ryan bagunça seu cabelo antes de me dar um tapinha nas costas. — E aí, cara.

— Aí está ele. — Eu brindo minha taça de champanhe com a dele. — Parabéns, Ry. Foi incrível, e Indy parece...

— De tirar o fôlego. — Seu olhar emocionado está fixo na pista de dança, observando sua nova esposa dançar com sua irmã.

— Vocês dois se merecem.

Posso sentir Ryan me observando, ansioso para dizer algo sobre Miller, tenho certeza, mas desvio antes que ele tenha a chance.

— Zee — eu chamo, acenando para ele.

Enquanto Ryan me faz perguntas pessoais, perguntando-me como estou e pensando em maneiras de ajudar, Zanders traz humor à nossa amizade. E agora, preciso que ele me dê merda muito mais do que preciso que Ryan pergunte o quanto estou com o coração partido.

Zanders bate o punho no meu. — Eu prometo que não vou mencionar o quão terrível você arremessou nas últimas três partidas. E com certeza não vou lembrá-lo de que você foi substituído na terceira entrada na semana passada.

Eu me viro para Ryan. — Por que ele está aqui mesmo?

— Casado com alguém da família, eu acho.

— Vocês tiveram a consulta esta semana, certo? — pergunto a Zee.

O rosto de Zanders se ilumina, um sorriso atrevido nos lábios. O sorriso orgulhoso de Ryan também aparece na hora certa.

— É uma menina — declara Zanders. — E estou feliz. Você ouviu isso, Max? Finalmente estou conseguindo uma nova amiga para você.

Max ri no meu colo.

— Você vai ser um pai de menina, hein? Parabéns, cara, isso é incrível. — Passo um braço sobre ele em um abraço.

— Você sabia que eles fazem pequenos patins de hóquei com pequenos corações? Vou comprar isso para ela.

Ryan lança a ele um olhar astuto.

— Ok. — Zanders levanta as mãos. — Talvez eu já os tenha comprado. E talvez eu já tenha abastecido o closet dela com macacões de grife. Processe-me.

Ryan e eu rimos.

— Você tem um nome? Eu sei que você se convenceu de que teria um menino.

— O nome foi escolhido desde que descobrimos que seríamos pais. Menino ou menina, esse sempre foi o nome. — Zanders passa o braço sobre os ombros de Ryan. — Só tivemos que conversar com esse cara primeiro. O que fizemos em seu jantar de ensaio ontem à noite, quando o Sr. Indiferente começou a chorar por causa do nome.

— Sim, sim. Vá se foder.

— O nome dela é Taylor — Zanders me explica. — Em homenagem a Ryan Taylor Shay.

Os olhos azul-esverdeados de Ryan adquirem um brilho intenso, mas ele se contém. Esse dia tem sido muito para ele, principalmente quando há menos de um ano o cara era um completo recluso, não deixando ninguém se aproximar muito.

— Max e Kai! — Indy exclama, juntando-se à nossa conversa. — Estou tão feliz que vocês dois estão aqui!

— Você está linda, Indy. Esta noite foi incrível.

Indy me olha por um momento e posso ver as perguntas na ponta da sua língua.

Como vai você?

Como está seu coração?

Você vai se aconchegar na pista de dança em posição fetal e chorar na frente de todos, porque a garota por quem você está apaixonado está fazendo coisas maiores e melhores na vida dela do que qualquer coisa que você poderia oferecer a ela?

Ok, o último foi um pouco específico.

Stevie passa por baixo do braço de Zanders. — Meus pés estão doendo, então se você quiser dançar mais uma vez com a mamãe do seu bebê, é melhor vir agora.

Sem dizer uma palavra, os dois partem em direção à pista de dança.

— E você, esposa? — Ryan pergunta. — Posso levar você para dar uma volta?

Ela sorri com seu novo título. — Por favor.

Indy olha para mim com cautela, como se não quisesse deixar a mim e ao meu filho sozinhos e tristes.

— Eu vou, hum... — Olho em volta, tentando encontrar algo que possa me manter ocupado. Minha atenção se volta para o banheiro portátil. — Vou usar o banheiro.

Eu não poderia ter escolhido o bar? Ou a mesa de sobremesas? Eu nem preciso mijar.

— Vamos levar Max para dançar então. — Ela pega meu filho antes de apontar para a porta dos fundos. — E não use o portátil. Vá usar o de casa.

— Tem certeza?

— Sim, Kai. Você é da família. Nossa casa é sua casa. — Ela aperta meu antebraço antes de sair com Ryan e Max para dançar.

Com meus amigos todos ocupados na pista de dança, coloco as mãos nos bolsos, a cabeça baixa enquanto entro em casa para fingir que uso o banheiro. Assim que fecho a porta dos fundos, a música diminui e o silêncio se instala novamente.

As coisas parecem como eram antes do início do verão: eu, sozinho, com meus amigos, felizes e apaixonados. Só que agora sei como é ter o que eles têm.

Sinto-me igualmente invejoso e grato.

Invejoso por não ter mais, por não ter ela ao meu lado para comemorar os bons momentos. E grato por ter tido a chance de amar Miller, de ser amado por *ela*, embora nunca a tenha deixado dizer isso.

Essa é a parte que está me ajudando a superar os dias sombrios, a gratidão inegável que eu tenho por ela. Nosso tempo juntos foi curto, mas foi tudo.

Fico na sala de estar, gastando tempo e tentando descobrir quanto tempo devo ficar aqui dentro. Ando de um lado para o outro, tentando manter minha mente ocupada, quando vejo uma revista na mesa ao lado do sofá.

E bem ali, a garota que tem assombrado todos os meus momentos de vigília está estampada na capa.

É a edição da *Food & Wine* dela, mas isso não faz sentido. Só será impressa na próxima semana.

Estou ansioso para tocá-la, ansioso para saber o que diabos isso está fazendo na casa dos meus amigos. Por fim, encontro forças para tirar a mão trêmula do bolso, sentar-me no sofá e ver a revista com mais clareza.

Miller parece deslumbrante. Infeliz pra caralho, mas linda mesmo assim. Ela está com seu avental impecável de chef, braços cruzados sobre o peito, cabelo penteado para trás, sem a argola de septo à vista. Minha cozinha está desfocada no fundo e meu estômago embrulha com as lembranças.

Ela e meu filho fazendo bagunça, divertindo-se muito cozinhando juntos.

A equipe indo experimentar suas criações.

Nós deslizando nossos corpos, porque finalmente tivemos que nos tocar.

Apoiando os cotovelos nos joelhos, olho para a revista em minha mão.

Deus, ela é impressionante. Estou tão orgulhoso da garota. Por mais que eu esteja sofrendo desde que ela foi embora, o orgulho que sinto não diminuiu.

Depois de absorver cada centímetro da imagem, minha atenção finalmente se

volta para as manchetes.

A cozinha com desperdício zero se consolida.

Seis dicas para escalfar o ovo perfeito. Eu deveria enviá-las para o meu irmão.

E finalmente...

A melhor chef confeiteiro do ano do James Beard fala sobre família, comida e mudanças.

Sem perder mais tempo, folheio as páginas em busca do artigo. Eu pouso nele no meio da revista.

As Melhores Coisas da Vida São Doces

Por Gabby Sanchez

A primeira vez que conheci a Chef Miller Montgomery foi na sala de jantar pouco iluminada do restaurante em ascensão Luna's (Los Angeles – Chef Maven Crown). Nós passamos os minutos incômodos iniciais com uma conversa fiada, facilitando as perguntas difíceis, mas antes que eu pudesse chegar a elas, Montgomery me interrompeu, fugindo para a cozinha para tirar uma assadeira do forno.

Ao voltar, Montgomery colocou um biscoito de chocolate recém-assado sobre a mesa entre nós antes de perguntar casualmente: Vamos começar?

Lá estava eu, sentada em frente à mais nova Outstanding Pastry Chef of the Year de James Beard, com um produto assado de nível básico oferecido em um pequeno prato de sobremesa.

Não havia muita coisa que fizesse sentido para mim naquela tarde. Nossa entrevista foi realizada no restaurante de outro chef. Montgomery foi informal e usou palavras que um padeiro doméstico poderia entender, bem diferente de

qualquer outro ganhador do prêmio James Beard que eu havia entrevistado antes. A jovem chef foi acessível, uma facilidade de relacionamento que falta a muitos profissionais de longa data, mas todas as justaposições, todas as contradições desapareceram quando aquele biscoito com gotas de chocolate chegou à minha língua.

Há um número imensurável de bons biscoitos por aí, mas é difícil fazer com que o simples seja ótimo. Montgomery não apenas fez um biscoito de chocolate simplesmente ótimo, mas também reajustou minha escala na qual todas as sobremesas futuras serão julgadas.

Admito que, embora este artigo sempre tenha sido escrito de forma positiva, quando entrei no Luna's naquela tarde de início de setembro, eu estava descrente da reputação que Montgomery havia conquistado. Eu tinha certeza de que o nome, os doces e a magia do cardápio dela eram os de outro chef superestimado, mas que, no final das contas, não era nada de especial. Mas tenho orgulho de admitir que, quando saí, eu o fiz como uma nova fã, disposta a viajar para qualquer lugar onde a famosa chef esteja trabalhando.

Parando por um momento, olho rapidamente ao redor da sala para ver se alguém sabe o que diabos está acontecendo. Mas ninguém está aqui comigo. Com a cabeça voltada para as páginas, continuo lendo sobre a história do trabalho de Miller, os estágios que ela fez no exterior e nos Estados Unidos, os grandes nomes para os quais ela trabalhou, mas é a terceira página que faz meu coração bater muito mais rápido do que seria seguro.

Mas a revelação mais chocante do nosso tempo juntas foi quando Montgomery admitiu com um sorriso radiante que depois de ganhar a maior honraria do ramo, ela estava deixando tudo para trás.

Reli essa frase mais três vezes para ter certeza de que a havia entendido corretamente. Que diabos está acontecendo? Meus joelhos estão balançando tão rapidamente por causa da adrenalina que está correndo por mim que tenho de

tirar os cotovelos de cima deles para poder continuar lendo.

Fiquei grata por estar com meu gravador ligado, porque minha mão de jornalista estava congelada no meio do toque da caneta.

— Não é mais minha paixão — admitiu Montgomery. — Fiz uma pausa no verão do setor de restaurantes e me apaixonei por um tipo de vida diferente. Cozinhar tem tudo a ver com paixão. Se você não sentir isso, sua comida refletirá esses sentimentos. Uma daquelas situações em que a arte imita a vida.

— E você encontrou uma nova paixão, então? — perguntei.

— Um novo sonho, como gosto de chamá-lo. — Ela exibiu um sorriso significativo com a declaração. — Um com equilíbrio, amizade e muito amor.

Fecho a revista por um momento. Não há como isso ser real. Isso deve ser algum tipo de piada de mau gosto que os caras estão fazendo comigo. Como se eles tivessem digitado isso e deixado aqui para eu encontrar, exceto... as fotos. As malditas fotos. Da primeira à última página você pode ver a transformação de Miller, começando com as fotos daquela manhã na minha casa e evoluindo para fotos que presumo terem sido tiradas no *Luna's*.

Eu reabro e vejo o cabelo de Miller caindo gradualmente sobre os ombros conforme você avança no artigo. Eventualmente, ela tira o casaco de chef no tópico em que revela que está deixando a indústria. Suas tatuagens e seu sorriso lindamente brilhante estão em plena exibição quando eu viro para a página final.

— Podemos esperar encontrar você como consultora em cozinhas na área de Chicago?

— Não — disse Montgomery com uma risada calorosa. — Há apenas uma cozinha onde pretendo passar meu tempo e é aquela que aparece na capa desta revista.

A chef Montgomery nunca foi proprietária de seu próprio restaurante ou confeitaria, então, quando questionada se ela tinha planos de mudar isso, ela

simplesmente disse: — Sim.

— Sinto que é hora de colocar meu próprio nome em meu trabalho — esclareceu Montgomery. — Ainda não sei como será, mas a maior coisa que aprendi em meus anos de consultoria é que não era o tipo de comida que me deixava animada para acordar. Era o ensinamento, a partilha de um ofício que tanto amo. Estou animada para encontrar maneiras de continuar fazendo isso de uma forma que seja mais adequada à minha nova vida.

— E quanto a esta nova vida, você está tão animada?

— Estou ansiosa para morar em um só lugar. Ter um lugar para chamar de lar. Ter meu pai por perto e fazer parte de uma comunidade que me apoia, que eu apoio em troca. Ouvindo o incentivo constante do homem que amo, estou igualmente animada para apoiá-lo em seus esforços. Mas a parte que mais anseio é ter a oportunidade de fazer todos os futuros bolos de aniversário para o garotinho que roubou meu coração neste verão.

— Qual é a sensação de saber que você está se acomodando? — perguntei.

— Não gosto do termo acomodar. Eu não me acomodei com nada. Simplesmente parei de correr quando os dois melhores garotos que conheço me pegaram.

Continuamos a tarde trocando histórias, ela contando que estava nervosa com a nova função que assumiria, mas sentia como se tivesse todo o apoio das pessoas que mais importavam. Ela revelou que tinha três sobremesas alternativas planejadas para serem apresentadas neste artigo, mas com seu grande anúncio, ela queria voltar ao básico. Ela queria mostrar receitas que o padeiro comum pudesse executar.

— Minha parte favorita da panificação é alimentar as pessoas que amo — disse Montgomery. — Espero que essas receitas ajudem outras pessoas a fazer exatamente isso.

Bebemos chai tea lattes enquanto conversávamos sobre a vida, a família e a comida, e foi a primeira vez que me lembrei de uma entrevista minha que descarrilou tão maravilhosamente.

Saí do nosso tempo juntas com um lembrete que muitos de nós no ramo precisamos às vezes: há vida fora da cozinha... e é linda.

Respiro fundo, tentando engolir o nó na garganta enquanto movo minha atenção para as receitas nas quais ela trabalhou tanto neste verão. Só que agora elas são simplificadas e significativas.

Pão de Banana (Nana) – aquele que me trouxe de volta ao ritmo.

Biscoitos M&M – em homenagem às minhas pessoas favoritas.

E finalmente, aquele que faz meus olhos arderem.

Tiramisu de Mae – para a mulher que nunca conheci, mas que criou dois homens incríveis. Espero seguir seus passos sendo uma mãe de menino fantástica.

Fechando a revista, fecho os olhos, porque as lágrimas estão prestes a cair livremente. Deixando cair a cabeça no sofá, tento estabilizar minha respiração irregular.

Não quero me precipitar, mas pelo que entendi, Miller está voltando.

Ela está voltando *para casa.*

Dou uma risada incrédula ao perceber isso, um sorriso estupidamente vertiginoso vivendo em meus lábios, porque pela primeira vez em treze dias meu mundo parece certo.

— Vejo que não está muito preocupado com essas rugas. Sorrindo desse jeito. — É aquele tom rouco que eu amo tanto. Aquele que eu não ouço há muito tempo.

Meus lábios se curvam ainda mais enquanto mantenho os olhos fechados,

aproveitando o conhecimento de que ela está de volta.

Ela está de volta, porra.

— Você provavelmente deveria me dar um pouco de *skin care*, Miller, porque tenho a sensação de que esse sorriso não vai a lugar nenhum.

Ela ri aquele som profundo e gutural e é então que eu finalmente abro os olhos para a confirmação.

Ali está ela.

Miller está apoiada na divisória que separa a sala de estar da sala de jantar, usando um vestido verde floresta que deixa seus olhos infinitamente mais vibrantes. Cabelo solto, tatuagens à mostra com esse vestido sem alças que abraça cada centímetro de seu corpo. Ela está tão bonita.

E parece tão *minha.*

Ajusto meus óculos para confirmar que estou vendo isso corretamente, que não estou tendo alucinações depois de viver em meu inferno pessoal nas últimas duas semanas.

Mas ela está aqui, porque não seria uma entrada de Miller Montgomery sem suas duas bebidas.

Desta vez com champanhe, mas mesmo assim.

— Duas bebidas de novo, Montgomery? Um pouco tarde para seus hábitos de beber, não acha?

Seu sorriso conhecedor cresce. — Estou comemorando.

— Oh, mesmo? E o que você está comemorando?

Ela segura as duas taças. — Eu larguei meu emprego.

Assim como no primeiro dia em que coloquei os olhos nela.

Cautelosamente, levanto-me do sofá, sem acreditar que ela esteja realmente parada na minha frente ou que possa voltar para sempre.

Não vou muito longe, preciso me sentar no braço do sofá, porque se eu chegar mais perto dela, não vou conseguir me impedir de beijá-la, e preciso da confirmação de que ela está aqui para ficar.

— O que você está fazendo *aqui*, Mills? — Há muita esperança em meu tom, mas preciso ouvir isso dela.

Ela coloca as taças de champanhe em uma mesa próxima, mexendo as mãos nervosamente. Miller não é uma mulher nervosa, mas os momentos sentimentais estão fora de sua zona de conforto.

Ela passa entre minhas pernas abertas e eu seguro suas mãos nas minhas, tirando aquele tique nervoso. Mas agora minhas mãos estão tremendo, porque finalmente estou tocando a mulher que me convenci de que nunca mais conseguiria abraçar.

Miller exala com um sorriso nos lábios. — Você disse que era minha escolha se eu quisesse corresponder às expectativas, e eu quero. Mas agora, as únicas expectativas com as quais vou me preocupar são aquelas que estabeleci para mim mesma. E as únicas expectativas que tenho para mim mesma são ser feliz e correr atrás das coisas que quero.

— E o que você quer, baby?

O termo carinhoso sai da minha língua tão facilmente, como se não tivesse passado quase duas semanas desde a última vez que a chamei assim. Mas, na minha opinião, não importa há quanto tempo não a vejo ou falo com ela. Poderíamos ter passado anos e eu ainda a teria reivindicado como minha assim que ela decidisse que queria ser.

Ela mantém contato visual constante, tão corajosa e ousada ao mesmo tempo que é vulnerável. — Quero abrir minha própria confeitaria e dar aulas lá algumas vezes por semana. Quero assistir ao maior número possível de seus jogos. Quero acordar com você todas as manhãs. Quero morar perto do meu pai. Quero ler

histórias para o Max todas as noites antes de dormir. Quero me esforçar ao máximo para ser quem ele precisa que eu seja. Quero ser a pessoa que fará cupcakes para ele em seu primeiro aniversário na escola e em todos os aniversários que ele fizer depois disso. Quero ter mais bebês com você, porque você é um pai incrível. Mas, acima de tudo, quero ser feliz e vocês dois me fazem feliz, Kai. E espero que eu também faça vocês felizes.

As palavras saem de sua boca, como se ela tivesse passado todo o trajeto até aqui ensaiando e precisando dizê-las.

São palavras que eu ansiava por ouvir. Uma parte de mim sempre esperou que ela as sentisse, mas tenho sonhado com o dia em que ela pudesse expressá-las em voz alta.

Ela aperta minhas mãos. — Mas o que *você* quer?

Ela realmente precisa perguntar? É a mesma coisa que eu queria há duas semanas. A mesma coisa que eu quis durante todo o verão.

— Você. Só você. Eu quero tudo com você, Miller.

Seu sorriso radiante está de volta. — Só para avisar antes de você realmente tomar sua decisão final, estou sem teto, desempregada e minha van já passou do prazo para uma troca de óleo.

Rindo, eu a puxo para mim. — Posso resolver isso.

Ela se inclina sobre mim, mas antes que eu possa beijá-la, ela para com as mãos em cada lado do meu rosto. — E eu amo você.

Meus olhos se voltam para os dela.

— Eu amo muito você, Kai. Nada sobre eu ter ido embora foi por sua causa. Eu preciso que você saiba disso. Você é mais que suficiente, mais do que eu poderia ter sonhado. Amei você antes de partir, e amo Max e nunca senti tanto ao mesmo tempo, tenho quase certeza de que meu coração vai falhar em breve. Tenho apenas vinte e seis anos, Malakai. É muito cedo.

Com a mão segurando sua mandíbula, eu a puxo para baixo. — Não se preocupe, Mills. Irei muito antes de você, por causa da minha idade avançada e tudo mais.

— Isso seria melhor — ela sussurra contra mim, sua testa apoiada na minha. — Porque se eu for primeiro e você conhecer outra pessoa, prometo que voltarei e a assombrarei.

— Fico feliz em saber que seu ciúme vai além do túmulo, baby. Agora, por favor, cale a boca e me beije.

Com a palma da mão em concha em sua bochecha, passo meus dedos por seus cabelos e puxo seus lábios nos meus.

É como se cada parte que faltava na minha vida fosse totalmente remontada nesse momento. Tudo que eu quis para minha vida, para a vida do meu filho, está embrulhado nesta mulher que amo. Essa mulher que pensei ter perdido.

Ela faz o mais doce gemido de alívio e eu abro minha boca, levando-a mais fundo antes que nossas línguas se enrosquem, lenta e comedidamente, como se nós dois estivéssemos sonhando com esse momento nas últimas duas semanas.

A metade inferior de Miller derrete em mim, bem na base dos meus quadris, e eu uso a outra mão para curvar em torno de sua bunda, mantendo-nos pressionados.

Ela desliza as mãos sobre meus ombros enquanto nos beijamos e tocamos e lembramos um ao outro que estamos aqui, no mesmo lugar, sem prazo de validade para nosso tempo juntos.

Nós temos para sempre.

Eu me afasto apenas um pouco, precisando dizer algo a ela. — Eu amo você.

Ela sorri em meus lábios. — Eu amo você.

— Mmm — eu murmuro. — Você provavelmente deveria dizer isso de novo.

— Eu amo você, Malakai, e amo seu filho.

Porra, é isso que basta.

Com a cabeça inclinada para trás, olho para o teto, respirando fundo.

Ela passa a palma da mão sobre minha nuca, recuperando minha atenção. — Quando fui embora, ainda não tinha me dado conta de que o que estava perseguindo não era mais meu sonho, mas assim que cheguei lá, eu soube. Agora tenho um novo sonho. Você e Max são meu sonho.

Posso sentir meu peito se expandir, como se precisasse abrir espaço para todo o amor da minha vida. Nunca aquele garoto solitário de quinze anos pensou que estaria cercado de tanto apoio. Tanto amor.

Amor que eu não sentia antes – dela, do pai dela, do meu irmão, da minha equipe e dos meus amigos. Tenho esse enorme sistema de apoio sustentando a mim e a meu filho. Tenho a família que sempre desejei.

— Miller. — Envolvendo meus braços em volta de sua cintura, eu a mantenho perto. — Sentimos sua falta antes mesmo de nos conhecermos.

Ela se inclina para me beijar enquanto eu me sento na beira do sofá com ela entre minhas pernas.

Por muito tempo, eu me senti um pouco arrasado por tentar ser o suficiente para todos os outros. Mas assim que essa mulher entrou na minha vida, ela me fez perceber que não sou apenas suficiente para Max, mas também sou suficiente para mim mesmo. E agora eu sei, sem sombra de dúvida, que sou o suficiente para Miller também.

— Que festa lá fora — diz ela, apontando para a porta dos fundos. — Por que você não está dançando?

Meus olhos acompanham cada centímetro de seu rosto, deleitando-me com a certeza de que terei o privilégio de vê-lo todos os dias pelo resto da minha vida. — Porque eu só quero dançar com você.

Ela se inclina para trás como se estivesse pronta para nos juntarmos aos nossos amigos, mas eu a puxo para meu colo, deixando-a saber que preciso de mais alguns momentos só com ela.

Pego a revista do sofá.

— Você apresentou uma sobremesa para minha mãe.

— Você acha que ela teria gostado?

— Ela teria adorado. — Minha atenção volta para ela. — E você.

— Garota fofa na capa, você não acha?

— Fofa? — eu zombo. — Como você ousa chamá-la de fofa. — Folheio as páginas e encontro o artigo dela. — Isso significa muito para mim, Mills.

Ela sorri de uma forma que é tão sexy, tão sedutora, tudo que posso pensar é tirá-la daqui e arrancá-la desse vestido pecaminosamente apertado e deixar meu corpo dizer a ela o quanto senti sua falta.

— E você está deslumbrante esta noite.

— Desculpe, eu me atrasei — diz ela. — Eu esperava encontrar você em casa antes da cerimônia, mas a viagem demorou muito mais do que eu esperava. Peguei trânsito em Nebraska. Quem pega trânsito em Nebraska? — Ela brinca com o cabelo da minha nuca. — Fiz a entrevista na segunda-feira, mas tive que ficar em Los Angeles para o fotógrafo tirar novas fotos e Violet conseguiu me dar uma cópia antecipada antes de eu partir. Eu queria surpreender você com isso.

— Esta é a melhor surpresa que eu poderia ter pedido, mas até que ponto Violet me odeia?

Ela balança a cabeça de um lado para o outro. — Ela não está feliz por perder sua cliente mais bem paga, mas está feliz por mim. Ela aparentemente teve suas suspeitas durante todo o verão.

— E seus contratos?

— O único que estava firmado era com a Maven e ela o rescindiu na hora quando eu disse que queria partir.

Não consigo conter meu sorriso. — Isso é realmente o que você quer?

Eu sei que é, mas foda-se se não gosto de ouvi-la dizer isso.

— É isso que eu quero. Esta vida juntos. Nós três. Você me mantém com os pés no chão, Kai, e eu vou mantê-lo selvagem.

Concordo com a cabeça antes de selar com um beijo. — Combinado.

Ouve-se uma batida na porta dos fundos da casa e nós dois nos viramos e encontramos Isaiah, Zanders, Stevie, Ryan, Indy e Rio com os rostos pressionados contra o vidro, observando-nos.

— Jesus, porra — eu exalo enquanto Miller acena para eles. — Todos eles sabiam?

— Só Indy. Eu não poderia comparecer ao casamento de alguém sem confirmar presença.

— Mamãe! — Max chama do outro lado do vidro, e quando olhamos para trás, Ryan o levantou pelo braço para ter uma boa visão.

Seus olhos azuis estão arregalados de excitação, olhando diretamente para a mulher que ele e eu amamos tanto. Ele bate no vidro como se isso fosse ajudá-lo a chegar até ela.

— Max está aqui? — Miller pergunta com um suspiro.

Ele bate palmas de excitação. — Mamãe! Mamãe!

Miller encosta a testa na minha, olhos fechados de alívio, falando baixinho. — Hoje foi um bom dia.

Houve tantas vezes que eu disse isso neste verão com medo de que tudo acabasse, mas agora...

— Todos serão dias bons, Miller.

Eu a abraço, essa garota por quem estou perdidamente apaixonado, e só me apaixono ainda mais quando ela dá um beijo suave no canto da minha boca e sussurra: — Vamos pegar nosso garoto.

Com a mão dela na minha, eu a levo até a porta dos fundos, abrindo-a para deixá-la sair primeiro.

A pequena multidão está animada por vê-la, mas ela não hesita em ir direto até meu filho, e assim como no primeiro dia em que se conheceram, Max está ansioso para cair em seus braços, jogando-se do corpo de Ryan em sua direção.

— Oi, querido — Miller sussurra para ele, um pouco emocionada quando sua testa cai na dele. — Ah, como senti sua falta.

Ela salta levemente com ele, sem pressa. Nossos amigos lhes dão espaço, voltando para a pista de dança com um aperto no braço dela ou um aceno de reconhecimento em sua direção.

Ela sorri para todos, claramente ansiosa para recuperar o atraso, mas agora sua atenção está exclusivamente voltada para meu filho.

— Mamãe — Max sussurra, seus dedinhos traçando seu braço tatuado.

— Estou aqui, Bug, e prometo que não vou a lugar nenhum.

De pé na varanda dos fundos, eu me encosto em um pilar e os observo, tentando não chorar. Mas este momento é tudo para mim. Observo enquanto tudo se encaixa, quando nossa família se torna inteira. Como *não* me emocionar ao ver as duas pessoas que amo mais do que tudo, encontrarem o mesmo amor uma na outra?

Max não tem vocabulário para expressar o quanto sentiu falta dela, o quanto a ama, mas você pode ver isso na maneira como ele olha para ela, na maneira como ele se derrete em seu ombro para abraçá-la.

Ela é tudo para ele, da mesma forma que é para mim.

Miller balança com ele, dando beijos suaves em seu cabelo.

— Kai! Miller! — meu irmão grita da pista de dança, acenando para que entremos.

Os olhos brilhantes de Miller voltam para os meus.

— Você vem, Baseball Daddy?

Eu rio, mas preciso de um momento para me recompor, precisando deixar a compreensão ser absorvida. — Dê-me um segundo e já vou para lá.

Ela se inclina para beijar meus lábios antes que os dois desçam as escadas e se juntem aos nossos amigos na pista de dança. Com os casais se unindo e o espaço preenchido, Miller ajuda meu filho a colocar os pés dele sobre os dela. Segurando as mãos dele, ela começa a se mover, os dois dançando juntos.

Max está olhando para ela como se ela fosse seu mundo inteiro.

Esses dois, essa vida... não sei como tive tanta sorte que agora posso chamar esses dois de meus.

O medo que antes me consumia, de que Max não teria o suficiente, de que não se sentiria amado a menos que estivesse comigo, desapareceu. Ele tem muito amor em sua vida, e eu também.

Miller me vê por cima de seu ombro, com os olhos verdes felizes brilhando sob as luzes. Ela me leva para a pista de dança e, embora eu adore essa vista, não consigo me afastar deles.

Pego Max, segurando-o no meu quadril, antes de deslizar uma mão contra a parte inferior das costas de Miller. Puxando-a para junto de nós, ela passa um braço por cima do meu ombro e o outro por cima do meu filho, encostando a bochecha no meu peito enquanto dançamos juntos.

— Eu amo você — lembro a ela mais uma vez.

Ela sorri para mim, tão contente, tão em paz. — Eu amo você. — Miller

passa a mão suavemente pelo cabelo do meu Max, sua atenção se voltando para ele. — E eu amo você.

Com nossos amigos ao nosso redor, finalmente consegui minha família.

EPÍLOGO

Kai

Seis meses depois

— Max, que cor de calça você quer usar hoje? Vermelho, azul ou verde?

Meu filho está deitado de costas apenas com a fralda e uma camiseta que diz *"Two Wild"*[7] em negrito com letras pretas, olhando para as três seleções de calças que tenho em exibição.

— Vede!

— Boa escolha, meu rapaz.

— Mamãe, vede.

Enquanto ele se deita no chão, deslizo suas pernas por dentro da calça verde-oliva. — Você tem razão. Verde é a cor favorita da sua mãe, não é?

— Sim.

Embora ele esteja sentado em um lugar, e provavelmente será a única vez que ele estará assim hoje, aproveito a oportunidade para calçar suas meias e Vans xadrez.

— Quem você vai ver hoje, Bug?

— Mamãe.

Eu rio. — Sim, mas você pode vê-la todos os dias. Quem mais?

— Zaya.

— Sim, seu tio Isaiah estará aqui. E...

— Monny.

— Sim. Acho que o vovô Monty chegará a qualquer minuto. — Eu o levanto, colocando-o de pé, todo enfeitado para sua festa de segundo aniversário. — E por que todas as nossas pessoas favoritas estão vindo hoje?

O sorriso de Max se alarga quando ele usa as duas mãos para apontar para si mesmo.

— Por você! Porque é seu aniversário, hein? — Faço-lhe uma pequena cócega na barriga. — Quantos anos você faz hoje?

Meu filho levanta a mão, mostrando todos os cinco dedos.

— Você tem cinco anos?! Quando isso aconteceu?

Ele ri de si mesmo enquanto eu o ajudo a colocar três dedos para baixo. — Ou você tem dois?

— Dois!

E como diabos ele já tem dois anos?

Meu menino feliz com tanta energia, confiança e coragem. Ele está prosperando e eu não poderia estar mais grato.

— Devemos mostrar à mamãe sua roupa legal?

— Sim!

Eu me levanto do chão, deixando que ele coloque a mão na minha. — Acho que pode haver uma selva lá fora esperando por você.

Max olha para mim, olhos azuis arregalados e entusiasmados.

— Talvez até algumas girafas, elefantes e zebras.

Seu pequeno sorriso é tão docemente esperançoso enquanto ele fica de pé. Virando o corredor da sala, ele fica um pouco atrás da minha perna, usando-a para proteger os olhos. Paramos de andar e ele espia o rostinho, como se estivesse nervoso ao ver sua festa de aniversário.

Há infinitos balões em diferentes estampas de animais, folhas de palmeira espalhadas por toda parte. Banners estão pendurados em todas as superfícies planas e a decoração é finalizada com uma variedade de animais de brinquedo gigantes que você pode encontrar na selva.

Eu me agacho ao lado do meu filho, puxando-o entre minhas pernas. — O que você acha, Bug? Essa selva é para você?

Ele balança a cabeça com entusiasmo, mas se inclina para trás em mim, como se ainda não tivesse certeza se deveria sair.

Mas então ele vê Miller na mesa de sobremesas, reorganizando a interminável exibição que ela estava ocupada preparando.

— Mamãe! — Max sai do meu peito, correndo para fora para encontrar sua mãe.

Fico na porta dos fundos enquanto a vejo pegá-lo, apoiando-o no quadril.

Esta é a minha visão favorita – os dois.

— O que você acha da sua festa de aniversário, Bug? — Miller o balança no quadril. — Isso é tudo para você?

— Sim — diz Max, escondendo-se em seu ombro.

— Acho que deveríamos explorar.

Eu já sabia que eles eram próximos, mas esse vínculo só se fortaleceu desde que Miller se mudou oficialmente, há seis meses. Não se passou um dia sem que ela o beijasse antes de dormir ou estivesse comigo para acordá-lo de manhã.

O amor deles um pelo outro é tão evidente.

No mês passado, Max pegou um resfriado e, em vez de mim, a única pessoa que ele queria era sua mãe. Meu ego sofreu um pequeno golpe, mas ver sua confiança em relação à maternidade crescer valeu a pena.

Eu os sigo até o quintal enquanto Miller coloca Max de pé para que ele possa

brincar com o leão gigante de brinquedo sentado no chão ao lado da mesa de sobremesas.

— Isso parece incrível, querida. — Deslizo meus braços em volta de sua cintura por trás, com o queixo apoiado em seu ombro.

— Sim? Você acha que há balões suficientes? Tenho mais lá dentro que poderia encher.

Eu não saberia dizer onde ela colocaria mais balões. Há um arco de balão ao redor da mesa de sobremesas e bebidas. Sobre o cenário da foto. Você passa por um arco de balão na entrada da casa. Eu não consigo contar quantos balões gigantes dourados do número dois estão flutuando por aqui.

Eu rio. — Sim, provavelmente deveríamos trazer mais. Não tenho certeza se as pessoas vão entender que isso é uma festa de aniversário.

Ela me dá um tapa na coxa, mas eu pego sua mão e a levo aos meus lábios. — Está perfeito.

— Está mesmo? Quero que seja perfeito para ele.

Eu balanço com ela enquanto olhamos para nosso filho, que agora conseguiu sentar-se no leão de brinquedo como se fosse um cavalo.

— Tenho quase certeza de que este será o melhor dia da vida dele.

Meus olhos voltam para a mesa de sobremesas em que ela está trabalhando. Um bolo em camadas fica no meio, cada camada com uma estampa animal diferente. Cupcakes, brownies e minitortas também cercam a mesa, tudo feito com o tema safári.

— Estes parecem perfeitos, Mills. — Alcançando-a, coloco um mini brownie na boca. — Santo inferno — eu gemo.

— Kai — ela repreende com uma risada. — São para os convidados.

— Devíamos cancelar. Nós três podemos acabar com isso.

— Trabalhei muito duro com eles para não os compartilhar. — Ela se vira para a mesa para cobrir a pequena lacuna que fiz em seu prato de brownie antes de me encontrar por cima do ombro. — Mas sim, eles são bons?

Mesmo depois de todo esse tempo e de todo esse sucesso, ela ainda busca a aprovação das pessoas que ama, querendo que elas amem o que ela criou.

Eu me inclino sobre seu ombro para beijá-la. — Eles são incríveis. Todo mundo vai amá-los.

E quando digo todos, não me refiro apenas aos nossos amigos e familiares. Estou me referindo a toda Chicago.

Em outubro, Miller tornou-se proprietária de um pequeno prédio de tijolos na zona norte de Chicago. Ela passou os meses de inverno trabalhando arduamente para limpar o local e transformá-lo em sua própria padaria. A M's Patisserie está aberta há apenas seis semanas e ainda não conseguiu cumprir o horário comercial programado antes de esgotar seus produtos de panificação.

Violet, a agente de Miller, começou a trabalhar para divulgar o mais recente empreendimento da vencedora do prêmio James Beard. Ela foi mencionada em revistas de viagem e gastronomia. A mídia social de sua empresa já tem um número incrível de seguidores e, todas as manhãs, quando abre, é recebida por uma fila que dá a volta no quarteirão, tanto de moradores locais quanto de turistas ansiosos para experimentar suas criações.

Eu não ficaria surpreso se ela abrisse um segundo local até o final do ano, mas, por enquanto, ela está gostando de encontrar sucesso em algo que ama, algo com seu nome.

No entanto, ela ainda não admitiu quem dá nome à M's Patisserie.

Pode ser por causa de seu próprio nome ou por causa de Max, eu ou Monty. Mas quando perguntada, ela simplesmente diz que o nome é em homenagem a todas as suas pessoas favoritas.

A padaria tem uma sala nos fundos que serve como sala de aula de culinária. Às terças-feiras, ela ensina noções básicas de panificação, mas toda quinta-feira, ela apresenta um prato especial em seu cardápio. São os tipos de pratos que ela teria apresentado quando estava no mundo dos restaurantes sofisticados. Todas as quintas-feiras, antes do meio-dia, ela esgota o estoque e, na mesma noite, organiza uma aula e ensina as pessoas exatamente como fazer o prato.

Esse curso em particular já está reservado com três meses de antecedência.

Miller trabalha quatro dias por semana e confia os outros três à sua equipe. E todo dia que chega em casa do trabalho, ela está com um sorriso exausto, mas satisfeito. É a confirmação diária de que ela fez a escolha certa todos aqueles meses atrás, quando voltou para Chicago. Ela voltou não apenas por mim ou por Max, mas também por ela mesma.

Deslizando minha mão pela parte inferior de suas costas, eu a coloco em sua bunda. — Posso ajudar em alguma coisa?

— Acho que está tudo pronto.

Puxando-a, eu beijo sua têmpora. — Ele tem sorte de ter você, e eu também.

Ela olha para mim, olhos verdes jade tão cheios de felicidade. — Acho que todos temos sorte.

Nesse momento, Monty vira o corredor, entrando pelo portão lateral com uma sacola gigante de presentes em uma mão e uma caixa de cerveja na outra. Porque, apesar de ser o aniversário de uma criança de dois anos, todas as pessoas mais próximas do meu filho têm mais de vinte e um anos.

— Monny! — Max comemora ao vê-lo.

— Aí está meu aniversariante!

— Deixe-me ir ajudar seu pai.

Correndo, eu pego a cerveja de sua mão.

— Obrigado, Ace. Há mais no carro.

— Eu posso ir buscá-la.

— Eu vou com você — ele diz, lançando-me um olhar que me diz exatamente por que ele precisa voltar para o carro comigo.

Colocamos o presente na mesa de presentes e a cerveja na geladeira antes de voltarmos para o carro dele.

— Você a tem?

— Ansioso — ele ri. — Sim, eu tenho.

Monty tira do bolso uma pequena caixa de veludo laranja-ferrugem.

Algumas semanas depois que Miller se mudou para Chicago, fui ao apartamento de Monty e perguntei o que ele achava de eu pedir sua filha em casamento.

Ele chorou um pouco, principalmente de alegria, antes de tirar da caixa um anel que havia guardado com ele por mais de vinte anos. Era o anel com o qual ele ia pedir a mãe de Miller em casamento, mas nunca teve a chance de fazê-lo.

Quando ele perguntou se eu queria usá-lo, não houve um momento de hesitação quando eu lhe disse que sim. Esse anel não é apenas bonito e único, mas significará mais para ela do que qualquer anel que eu poderia comprar de um joalheiro.

Minhas mãos estão um pouco trêmulas de nervosismo quando o tiro das mãos dele, mas quando abro a tampa, uma calma avassaladora toma conta de mim, sabendo o quanto isso é certo, sabendo o quanto nossa família pertence a ela.

Fiquei tentado a pedi-la em casamento assim que ela voltou, mas com tantas mudanças na vida dela ao mesmo tempo, decidi esperar. Até hoje.

— É lindo, Monty.

— Vai ficar lindo nela. A mãe dela ficaria muito orgulhosa dela.

Olhando para cima, encontro Monty com olhos castanhos brilhantes, olhando para a caixa do anel em minhas mãos.

— Tem certeza de que concorda comigo usando isso?

— Tenho certeza. Significará muito mais vê-lo em seu dedo, em vez de ficar guardado naquela caixa por tanto tempo.

Passando um braço sobre ele, eu o puxo para um abraço. — Obrigado. Não apenas pelo anel, mas por... tudo.

Ele me abraça de volta. — Eu amo você, Kai, sabe disso. E eu amo seu filho.

— Seu neto, você quer dizer? — eu pergunto em tom de provocação.

— Juro por Deus, se você começar a me chamar de vovô no trabalho, vou chutar a sua bunda. Mas sim, eu também amo meu neto e estou feliz que você finalmente esteja oficializando tudo isso.

* * *

— Ao Max, que está fazendo dois anos. — Ryan estende sua cerveja para aplausos junto com a minha.

— Para Kai e Miller — corrige Zanders. — Por mantê-lo vivo.

— Sim, bem, temos um sistema de apoio muito bom por trás de nós.

O quintal está cheio de nossos amigos, incluindo a equipe e os funcionários da padaria de Miller. Só faltam os caras do time, principalmente meu irmão.

Todos os anos, antes do início da temporada, a equipe faz uma viagem junta. Gostam de dizer que é para criar laços quando, na verdade, é uma desculpa para passar alguns dias bêbados na piscina. Este ano eles escolheram Las Vegas e, embora Isaiah me implorasse para ir, tomei a decisão muito fácil de ficar em

casa com minha família.

Com a temporada começando em algumas semanas, quero passar o máximo de tempo possível em casa. Max e Miller não viajarão conosco este ano. Com os negócios de Miller decolando e Max envelhecendo, é hora de tirá-lo da minha agenda agitada.

Os dois, no entanto, irão se juntar a nós na estrada por uma ou duas noites todos os meses e isso parece um compromisso bom o suficiente até que eu possa ficar em casa em tempo integral com eles. E o escritório de Miller na padaria pode funcionar como uma sala de recreação para que Max possa passar algum tempo com ela lá. Entre nós dois e os amigos que se ofereceram para nos ajudar a preencher quaisquer lacunas em nossa agenda, não acho que Max algum dia precisará de outra babá em tempo integral.

Ryan olha ao redor da festa. — Miller está realmente assumindo esse novo papel de mãe, hein?

Eu a encontro sentada em um cobertor com Stevie e Indy, a bebê Taylor deitada de costas, Max observando sua nova amiga com adoração de cima.

O grupo está crescendo e estou animado por Max, pois ele não será mais o único garoto por aqui.

— Cara, ela adora. É incrível para mim que, apenas seis meses atrás, ela pensou que não seria boa nisso. Ela é natural, e toda vez que a vejo com Max, fico com a mais louca febre de bebê. — Eu balanço minha cabeça. — Eu quero tanto engravidá-la.

— Sim — Zanders concorda. — Ver Stevie ser mãe nos últimos quatro meses é realmente uma das coisas mais atraentes que já testemunhei.

Nós dois nos voltamos para Ryan, que está tentando reprimir o sorriso. Ele vai entender como nos sentimos em breve, porque acabaram de descobrir que Indy está grávida.

Ele me cutuca. — Quando você e Miller vão ter outro?

— Estou pronto, mas ela está tão ocupada com o trabalho e com tudo que combinamos que tentaríamos quando eu me aposentasse oficialmente.

— Pai que fica em casa. — Zanders acena em aprovação. — Parece incrível.

— Mal posso esperar.

A verdade é que, em teoria, Miller e eu vamos esperar, mas também não estamos fazendo muito para evitar que isso aconteça agora. Então, se formos atingidos por uma gravidez surpresa, não será uma grande surpresa. E não há uma pessoa no planeta que possa me fazer mudar de ideia. Vou me aposentar quando o bebê número dois chegar.

Um pouco de barulho vem de dentro da casa, e me viro e encontro toda a minha equipe finalmente aqui para se juntar à festa.

— Já volto — digo aos meus amigos. — Eu preciso ir ver como está meu irmão.

Dou as boas-vindas aos meus companheiros de equipe, apontando-lhes a direção das comidas e bebidas, antes de seguir para a entrada da frente, onde Cody, Travis e Isaiah parecem estar tendo uma conversa particular.

— O que está acontecendo? — eu pergunto, meu tom suspeito. — E por que vocês estão tão atrasados?

Os três se olham, comunicando-se silenciosamente.

— Seu irmão é um idiota — Travis finalmente diz.

— Trav, mas que diabos? — Isaiah lança a ele um olhar de advertência. — Concordamos em não dizer nada hoje.

Travis simplesmente encolhe os ombros.

— Não sei — Cody interrompe. — Acho que tudo isso é romântico.

— Não é romântico — Travis corrige. — Foi um erro de embriaguez. Um

erro muito estúpido e bêbado.

Confuso, minha atenção salta entre os três. — Do que diabos vocês estão falando?

Travis olha diretamente para meu irmão. — Só diga a ele.

Isaiah dá um sorriso tão forçado que fica claro que ele está tentando me convencer de que eu não deveria ficar bravo com ele.

Então, ele levanta a mão esquerda para que eu possa ver a aliança em seu dedo anelar.

— Que porra é essa?

— É uma aliança de casamento porque... surpresa! Eu me casei!

— Você, o quê?

— Eu me casei. Dei o nó. Dei o primeiro passo.

— Eu entendo o que significa se casar, Isaiah, mas com quem diabos você se casou?

— Oh, eu adoro essa parte! — Cody fala.

O sorriso de Isaiah é em partes tímido e emocionado. — Kennedy.

— Kennedy? — eu pergunto em descrença. — Kennedy Kay?

— Kennedy Rhodes desde ontem à noite, mas sim.

— Mas ela... — eu gaguejo. — Ela odeia você.

— Bem, veja isso. Acontece que depois de oito doses de tequila, ela não me odiava tanto assim.

Olho para trás, para os outros caras, esperando que alguém me diga que isso é uma grande piada, uma das brincadeiras estúpidas que eles gostam de fazer.

É evidente pelas suas expressões, não é uma brincadeira.

— Espere, o quê? Você está me dizendo que Kennedy foi para Las Vegas

com vocês? Ela nunca sai com a equipe.

— Ela estava lá por um motivo diferente. Nós nos encontramos na Strip.

— E vocês se casaram?

— Sim, nós dois ficamos um pouco surpresos com essa parte quando acordamos esta manhã também.

— Kennedy perderá o emprego por causa disso.

Isaiah balança rapidamente a cabeça. — Ela não vai.

— Vocês precisam anular isso e apenas rezar para que a gestão da equipe não descubra isso, porque se descobrirem, posso prometer que um de vocês será demitido e todos nós sabemos que esse alguém não será você. — Balanço minha cabeça em descrença. — Presumo que ela não venha mais à festa.

— Provavelmente, não.

— Não sei o que é mais inacreditável — Cody ri. — Que a Kennedy tenha se casado com você ou que o maldito Dean Cartwright seja agora seu cunhado.

— Ah, *foda-se*.

— Kai! — Miller grita do quintal, com a mão de Max na dela. — Você está pronto para o bolo?

Volto-me para meu irmão. — Tire a porra do anel antes de cantar “Parabéns” para o seu sobrinho. Miller não pode descobrir isso hoje. Estou propondo casamento esta noite e a última coisa que preciso é que meu irmão roube a atenção dela por causa de um erro de embriaguez.

— Erro parece grave — ele rebate. — Gosto do termo *acidente feliz*.

— É assim que Kennedy está chamando?

— Oh, não. Ela definitivamente chamou isso de um grande erro.

Miller coloca Max em uma cadeira com seu bolo de aniversário na mesa à sua frente. Ele tem um sorriso adoravelmente fofo no rosto, bochechas rosadas

por toda a atenção. Acendo a vela para ele e certifico-me de que ele esteja a uma distância suficiente enquanto todos os nossos amigos no quintal começam a cantar *"Parabéns"* para ele.

Envolvo meus braços em volta dos ombros de Miller por trás, segurando-a enquanto cantamos para nosso filho. Ele está tão feliz, seus olhos azuis examinando a multidão para ver todos que o amam.

Quando chega a hora, pedimos que ele apague a vela, mas ele precisa de uma ajudinha, então seu tio entra para soprá-la com ele e, quando eles finalmente tiram a vela, Max se senta direito e bate palmas, incentivando a multidão para bater palmas com ele.

Miller ri em meus braços e eu a puxo para mais perto.

Inclinando-me, beijo a pele sob sua orelha. — Você e eu, Mills, estamos indo bem.

Ela encontra meu antebraço e me segura. — Sim, estamos, não estamos?

* * *

Depois que a festa termina e apenas nossos amigos mais próximos permanecem, deixamos Max abrir alguns presentes enquanto nos sentamos em círculo e o observamos fazer suas coisas no centro. Miller está enrolada no meu colo com uma taça de vinho na mão no final de mais um de nossos dias bons.

— Uau! — Max exclama enquanto tira um pequeno trem de madeira da sacola de presentes que Monty trouxe. — Dois!

Cada presente que ele abriu foi revelado com um 'uau' e ainda não envelheceu.

— Comprei para você um trem inteiro — explica Monty. — Seu pai e eu vamos arrumar isso no seu quarto amanhã.

Max fica de joelhos, empurrando o trem no chão, fazendo barulhos *choo-choo* o tempo todo.

— Parece que há mais um presente — diz Isaiah, erguendo o pequeno saco de presentes.

Os nervos tomam conta instantaneamente e sinto meu corpo tenso.

Miller olha para mim por cima do ombro, confusa. — Você está bem?

— Sim — eu exalo, mexendo-me na cadeira, tentando descobrir como vou tirá-la casualmente do meu colo para que eu possa me ajoelhar.

Isaiah olha ao redor da sacola. — Mas não tenho certeza de quem é.

Parece uma boa deixa. — Deixe-me ver. — Eu tiro Miller do meu colo e coloco na cadeira. Pegando a sacola do meu irmão, olho dentro, fingindo que não tenho ideia do que é isso.

— Max, venha aqui por um segundo.

Ele deixa o trem para trás e vem até mim.

Eu o seguro perto, mostrando-lhe o interior da sacola antes de sussurrar: — Esta é para sua mãe. Você pode dar a ela para mim?

Em uma missão com um sorriso, Max leva a sacola direto para Miller, segurando-a para ela. — Mamãe, você.

— Para mim? — ela pergunta a ele. — Mas é seu aniversário. Por que *estou ganhando* um presente?

Seu olhar confuso encontra o meu, mas eu simplesmente dou de ombros.

— Você vai me ajudar a abri-lo, certo? — ela pergunta, e Max acena com a cabeça antes de subir em seu colo.

Miller coloca a taça de vinho na mesa e segura a sacola no colo para que Max sinta que está ajudando.

Faço contato visual rápido com meu irmão e Monty, os dois obviamente

entusiasmados, enquanto me aproximo de minhas duas pessoas favoritas.

— O que você acha que é isso? — Miller pergunta a Max com uma voz estridente, sem entender o que está na sacola.

Isso até que seus dedos roçam a caixa de veludo e seus olhos se voltam para mim. — Não.

Eu rio. — Você já está dizendo não? Eu nem perguntei.

— Malakai. — Ela inclina a cabeça, o lábio se projetando.

— O que é? — Indy pergunta atrás de mim.

Miller puxa a pequena caixa assim que eu me ajoelho.

— Isso aí! — Ryan comemora.

— Miller Montgomery — começo, mas ela me interrompe antes que eu possa continuar.

Ela aponta para a lágrima que já está caindo em seu rosto. — Eu odeio você por isso.

— Realmente não seria uma proposta adequada para nós sem você me dizer o quanto me odeia, hein?

Ela dá aquela risada aguada e eu cuidadosamente tiro a caixa de sua mão.

— Miller Montgomery...

— Sim! A resposta é *sim*.

— Ok — eu rio. — Obrigado pelo voto de confiança, mas ainda preciso divulgar isso.

Ela abraça nosso filho contra o peito, o queixo apoiado na cabeça dele enquanto faço este pequeno discurso para os dois.

— Eu queria perguntar a você assim que você voltou, mas estava tentando lhe dar espaço para crescer nesta nova vida sem exigir muito de você. Mas não

posso esperar mais. Não há mais ninguém com quem eu queira criá-lo e, espero, com mais alguns bebês. Você é minha amiga mais próxima e a pessoa com quem mais me divirto. Amo você, Miller, e estou com muita inveja de que Max possa chamar você de mãe, porque eu realmente gostaria de ter a oportunidade de chamar você de minha esposa.

Ela dá uma risada sufocada.

Abro a caixa e os olhos de Miller se voltam para seu pai quando ela vê o anel, sabendo claramente sua intenção original.

Com suas lágrimas caindo mais rápido agora, sua atenção volta para mim, onde estou ajoelhado na frente dela. — O que você me diz, Mills? Você quer se casar comigo? — Olho para Max. — *Conosco?*

Todo o meu mundo está olhando para mim, esta família pela qual ansiava, *sonhava*, e nós três nunca nos sentimos mais completos do que quando ela respira fundo, sorri para mim e simplesmente diz: — *Sim*.

Fim.

Notas

[← 1]

Referência a ambos os punhos ocupados, e sendo um dia de semana.

[←2]

Babá gostosa.

[←3]

Dois dos melhores jogadores de beisebol da história.

[←4]

Em inglês, a palavra *‘come’* pode ter vários significados, incluindo vir, chegar e gozar.

[←5]

O AARP card é um cartão de membro emitido pela AARP (American Association of Retired Persons). Está disponível para pessoas com 50 anos ou mais e oferece uma variedade de benefícios.

[←6]

Termo usado como um leve insulto, já que se diz que um boomer é alguém, mais velho que você, que fala mal da geração mais jovem.

[← 7]

Uma referência à idade e ao comportamento da criança, dois selvagem.